
BABI LACERDA
CASTIDADE

CASTIDADE

BABI LACERDA

Dedico esse livro aos meus demônios internos, aprisionados no meu coração. Cada vez que eles saem para brincar, deixo escapar o que há de melhor em mim. Sou refém de cada um, se eu me livrasse deles, perderia meus anjos.



“O Diabo é muito otimista, se pensa
que pode piorar as pessoas”
Karl Kraus

Playlist ▶



DIREITOS RESERVADOS:

Copyright ©

Babi Lacerda

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

DESIGN DE CAPA: Tenório

EDIÇÃO: Paula Leite

REVISÃO: Flávia Neves

DIAGRAMAÇÃO: Babi Lacerda

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nota da revisora:

O texto aqui apresentado foi corrigido de acordo com o novo acordo ortográfico da norma culta, porém por se tratar de uma história fictícia, a narrativa apresenta em determinados trechos a linguagem informal.

Nota da autora:

Este livro não é para pessoas religiosas que não conseguem separar a ficção da realidade. As próximas páginas estão repletas de críticas contra a Igreja Católica e ao fanatismo, além de muitas blasfêmias. Fora isso, há uma porção de gatilhos, como tortura, violência psicológica e física, sacrifícios, abusos, suicídio e tráfico de mulheres. Algumas cenas são bem explícitas e desconfortáveis para muitos.

Vale lembrar, que um dos POV's desse livro, é do Diabo, logo, há distorções daquilo que muitos acreditam ser a verdade absoluta. Ressalto que não é uma história hot, mas possuí cenas de sexo explícito, além de uma tensão gostosa, cheia de química, entre esse casal inusitado.

Se você chegou até aqui, sedenta por um Monster Love, preciso informar que apesar de a história se enquadrar no gênero, o protagonista não assume uma forma monstruosa em momento algum, ele permanece como humano do início ao fim.

Esse é um Romance Sobrenatural, uma Fantasia leve Urbana. Não se engane com o começo mais "floreado", ao longo das páginas, o clima começa a pesar de forma sutil e quando perceber, estará imersa em uma atmosfera densa e com cheiro alcalino tão familiar infiltrado nas suas narinas.

Boa leitura e bem-vindas à Abadia de Santa Luzia.

Amém, irmãs?

Com carinho e uma dose de loucura,
Babi Lacerda

Sinopse:

“Dentro da Sua Justiça, Deus destituiu Lúcifer, lançando-o em densas trevas.”

Padre Caleb é tão belo quanto a luz da manhã, sedutor e dono de um sorriso lascivo, capaz de roubar o fôlego de qualquer um. Quando Ester, uma jovem voluntária, criada dentro dos dogmas da Igreja Católica, chega na misteriosa Abadia de Santa Luzia, o padre fareja o cheiro da sua castidade.

Ester só não contava que estava entrando em uma rede maligna, onde sua virgindade seria vendida em um leilão organizado por um dos Arcebispos. Padre Caleb, para protegê-la, faz a maior oferta, comprando a pureza da jovem. Mas ele não é exatamente quem todo mundo imagina que seja.

Um Dark Romance sobrenatural. Um amor entre Lúcifer e uma religiosa fervorosa.

“E no meio de todo aquele caos, o único que veio me salvar foi o meu anjo...”

Sumário

Playlist
Direitos Reservados:
Nota da revisora:
Nota da autora:
Sinopse:
Prólogo
Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Epílogo
Fim
Agradecimentos

Minhas outras obras
Sobre a autora
Redes Sociais

Prólogo

Vivíamos um tempo secular. A sociedade como um todo havia mergulhado no individualismo. Ritos e tradições legitimadas pelo sagrado se tornavam algo cada vez mais banal.

Em um mundo profano, repleto de maçãs podres, ela reluziu. Quando o meu fruto proibido pisou na Abadia de Santa Luzia, as chamas do inferno se tornaram azuis. Eu estava diante de uma combustão completa.

A inocência escorria pelos poros daquela pele pálida, tão imaculada que lembrava uma estátua de mármore. Inspirei, tentando absorver cada partícula que flutuava pelo ar, carregando o aroma afrodisíaco da sua pureza.

O sangue corria mais rápido pelas minhas veias, fazendo meu coração trotar. Cabelos amarelos como o Sol e olhos castanhos esverdeados ou verdes acastanhados, tudo dependia da luz refletida em seu rosto assustado.

Quando ela me pediu a benção, em meio ao caos que a Abadia enfrentava naquele momento, pela primeira vez demorei para responder.

Nunca foi tão difícil proferir as palavras corriqueiras. Como eu poderia direcionar a benção de Deus para aquela doce tentação? De alguma maneira, eu sabia que a bela jovem diante de mim, era intocada. Muitas meninas virgens passaram por aquela Abadia, mas nenhuma me deixou tão intrigado quanto ela.

Desejei voltar ao tempo e poder acender as fogueiras da inquisição.

Tudo iria queimar.

Capítulo 01

CALEB - 2017

Eu mal conseguia manter meus olhos abertos. Após doze horas de voo, aterrissei no Brasil junto com o nascer do Sol. O colarinho clerical facilitava as idas e vindas pelas alfândegas. Driblei a multidão, arrastando minha única mala, até chegar ao ponto final do desembarque.

Assim que reconheci o homem que me aguardava, acenei, caminhando em sua direção.

— Sua bênção, padre. — Ele beijou o dorso da minha mão, uma prática mais antiquada. Fiz o sinal da cruz em sua testa.

— Deus te abençoe, meu filho.

— Vamos, tem um carro nos esperando.

Cruzamos o aeroporto em silêncio. Pessoas iam e vinham, apressadas. Senhoras juntavam as mãos como se fossem rezar quando seus olhos aquosos se encontravam com o colarinho branco. Eu retribuía, com um sorriso fechado e um aceno de cabeça.

Quanta heresia.

Respirei aliviado assim que entramos no Commander e o ar-condicionado potente aos poucos resfriou meu corpo. O clima brasileiro era terrível, poucos minutos dentro do país e eu já estava sentindo falta da Colômbia.

— Que descansar um pouco, padre Caleb?

— Não é necessário, vamos aos negócios, quanto antes resolvermos, mais rápido eu volto pro meu rebanho. — Não era para soar engraçado, mas o homem soltou uma risada áspera, tossindo em seguida. — Quantas estão intactas?

— Três.

Suspirei, o trânsito caótico de São Paulo era irritante, o carro deslizava poucos metros pelo asfalto quente e logo freava de novo, sumindo entre caminhões e motoqueiros acelerados, desafiando os corredores enquanto equilibravam suas próprias vidas entre as buzinas infernais.

— São poucas, estão ficando cada vez mais escassas pelo jeito — comentei, pensativo. — O lado bom é que dá pra faturar mais, quanto mais raro, mais valioso se torna.

— Gosto da sua visão, padre Caleb.

— Apenas verbalizei o que o seu coração sussurrou. — Olhamos um para o outro, voltando a atenção para o trânsito em seguida.

Cerca de uma hora depois, entramos no estacionamento de um grande prédio comercial, aquele monte de curvas que nos separava do último andar, revirou meu estômago. Me sentia zonzo quando enfim o carro parou.

Descemos, Saul, um dos cabeças de todo esquema no Brasil, nos aguardava próximo ao parapeito. O ar quente e pegajoso trouxe algumas gotas indesejadas de suor na minha testa.

— Caleb.

— Saul.

Apertamos as mãos. Se tratava de um lote especial, uma das mercadorias foi encomendada pelo presidente da Colômbia e sua principal exigência era que eu cuidasse pessoalmente dos detalhes. Apesar de preferir me manter nas sombras da minha igreja, não existia a menor possiblidade de recusar a generosa oferta.

Conversamos um pouco sobre o carregamento que aconteceria no dia seguinte à noite. Saul nos convidou para um café da manhã, com direito a expressos martinis, bolos macios e pães variados. Como eu já previa, passei o dia com ele.

Almoço, mais reuniões, um descanso rápido no quarto de hóspedes do apartamento de Saul, e no final da tarde, a parada obrigatória no Shangrilá. Àquela altura, eu já havia me trocado e estava sem o colarinho.

O lugar era um verdadeiro inferninho, escondido em um dos becos da cidade que nunca dormia. A típica meia-luz vermelha que aos poucos ganhava um tom mais arroxeado e assim sucessivamente. Um palco espelhado, sem a manutenção devida e, homens em busca de carne fresca.

Mulheres. Aquela sem dúvida era a mais perfeita criação do Senhor, mas brasileiras e colombianas faziam parte de suas obras-primas. Quentes, carregavam uma doçura perigosa em seus semblantes. Donas de um poder de sedução único. Talvez fosse culpa dos quadris tão bem desenhados e suas bundas redondas convidativas.

Whisky. Seios lindos tão próximos ao meu rosto. Mais whisky. Uma dança sensual no meu colo. Duas. Três. Meia garrafa de whisky. Uma garrafa de whisky.

— Preciso ir! — Cocei os olhos, sentindo os efeitos do álcool.

— Nem pensar, Caleb! Você nem se divertiu com uma delas. — Saul apontou para as garotas seminuas.

— Não tô no clima. — Me sentia cansado e nervoso, eu pertencia ao submundo há séculos, mas era impossível não sentir a tensão fervendo em cada célula.

— Vamos, eu te levo. — Ele arrematou o líquido ocre em uma golada só, dando um tapa na mesa em seguida.

— Não precisa, pego um Uber e vou pro seu apartamento, prometo me comportar — brinquei.

— Tem certeza? — Saul jogou a chave para mim. Confirmei. — Deixa a porta destrancada, só vou me entreter mais um pouco e daqui a pouco chego.

Dei uma piscada e saí. O Uber não demorou muito.

A vida era muito irônica. Tudo aconteceu rápido demais. A freada brusca, o grito do motorista e minha cabeça estilhaçando o vidro da janela de trás.

O efeito borboleta.

O peteleco na primeira peça do dominó chamado vida.

Capítulo 02

ESTER – BRASIL

2017

— Mana! Mana! Acorda. — Chacoalhei o braço fino de Raquel.

Me sentia aflita, tentando segurar o choro. Não sabia o que estava acontecendo, mas era grave.

— O que foi? Que horas são? — Minha irmã bocejou, se sentando na cama, ainda de olhos fechados.

— É a polícia, mana! Querem falar com alguém maior de idade...

— O quê? — Raquel despertou, levantando apressada, um pouco confusa. Enfiou uma calça jeans e desceu as escadas do nosso pequeno sobrado comigo logo atrás.

As luzes vermelhas e azuis corriam pelas paredes da garagem através das frestas do portão. Quando Raquel abriu, comecei a arfar.

— Senhorita Raquel Rodrigues? — O policial jovem olhou para minha irmã e depois para mim, que colapsava em câmera lenta. — Podemos entrar, por favor? — Observei que havia mais alguém com ele.

— O que tá acontecendo? Minha irmã é uma ótima pessoa, vai na igreja, logo será missionária, o quê...? — O desespero escorria por cada palavra. A policial feminina que o acompanhava segurou minhas mãos, acalmando meus gestos.

— Calma, por favor. Qual seu nome?

— Ester — respondi com os olhos úmidos. — O que...?

— Meninas, houve um acidente envolvendo seus pais...

— Um acidente? Como assim? Eles tinham ido na reunião de casais da igreja, acidentes não acontecem com pessoas de Deus, como assim? — elevei a voz sem querer.

Os dois se entreolharam com pesar.

— Nós sentimos muito...

Raquel desabou, batendo os joelhos contra o chão frio da garagem. O choro parecia preso, seu corpo tremia de um jeito assustador.

— Mana! Mana! — Me desvencilhei da policial e me ajoelhei na sua frente. — Mana! — Segurei seu rosto apático. — Respira! Respira! — Minha irmã ergueu as mãos na altura dos seios, com as palmas viradas para cima.

A notícia foi como uma adaga perfurando meu coração, sem pressa. A ponta fria rasgando minha pele, dilacerando músculos, gordura, nervos, até cravar na carne pulsante. Ao mesmo tempo, agradeci por ela estar viva, diante de mim.

Eu acho que não saberia viver sem a minha mana apesar de tudo.

— Ester, lembra do que o padre disse? — Raquel esboçou um sorriso opaco. — Eles tiveram apenas a vida transformada, é a caminhada ao encontro da eternidade, acabou o tempo e espaço... não podemos ser egoístas...

— Tá... — Respirei fundo, tentando soterrar o choro no fundo na garganta. — E o que eu faço com essa dor? — Abaixei a cabeça, foi inevitável, rompi em lágrimas.

— Jesus vai nos confortar, maninha. Tenha fé, não esmoreça...

Apesar de eu frequentar a igreja, a nossa comunidade, e ser temente a Deus, minha fé era fraca, diferente de Raquel, que fazia até os momentos mais trágicos parecerem tão fáceis.

— Raquel, Ester, vocês possuem algum parente próximo? Avós, tios? — O policial perguntou. Me levantei, enquanto minha irmã permaneceu do mesmo jeito. Eu sabia que ela estava rezando.

— Nosso único tio vive nas ruas, usuário de drogas... nossa avó materna está no estágio final do Alzheimer, em uma clínica, somos uma família pequena, senhor — respondi.

Fui sincera em partes. De fato não se tratava de uma família grande, mas a verdade é que papai e mamãe preferiam manter um contato mais íntimo e mais familiar, apenas com os membros da igreja e da comunidade Coração cheio de Graça. Havia uma segregação violenta da parte deles.

— Como foi? — Raquel saiu do transe, chamando nossa atenção. — Como foi o acidente?

— Um Uber passou o semáforo vermelho, ao invés de frear, ele acelerou, não havia indícios de álcool ou qualquer entorpecente, tudo indica cansaço, jornada exaustiva de trabalho... — A policial explicou.

— O motorista...?

— Tá em estado grave e o passageiro não corre perigo. Querem uma carona? Sei que é um momento delicado, mas vão precisar cuidar de muitos detalhes chatos, infelizmente.

— Não, obrigada — Raquel recusou educadamente. — Vou ligar pro irmão José da nossa igreja, ele vai nos auxiliar.

Capítulo 03

CALEB – TERRA SANTA

DIAS ATUAIS

A igreja estava cheia. Nem o calor atípico espantava os malditos fiéis da missa de domingo. Por baixo da batina, sentia o suor deslizando. Talvez aquele clima odioso fosse um castigo de Deus.

Alisei a capa de couro da Bíblia, erguendo o olhar para as pessoas amontoadas nos bancos. Como era fácil manipular através do medo. Bíblia Sagrada, uma das armas mais poderosas do mundo. Sorri ao pensar naquilo.

Amélia, ocupava a segunda fileira. Lábios carnudos tingidos de rosa, o crucifixo serpenteava seu pescoço fino, enquanto a cruz se perdia dentro do decote entre os seios redondos. Ninguém ao lado dela, algo comum.

Sua presença sempre repelia os hipócritas.

— Povo amado de Deus, o tema da liturgia de hoje é a missão de ajudar a construir o reino dos céus, iniciemos essa celebração, cantando. — Um dos ministros anunciou.

Pensei em fugir do planejamento e inspirado em Amélia, falar sobre Maria Madalena, mas da última vez que fiz aquilo, as beatas mais velhas ficaram incontroláveis, assim como a minha vontade de sacar um arma e meter um tiro entre os olhos de cada uma delas.

Limpei a garganta e tomei um gole de água. Amélia deu uma piscada lenta, junto com um sorriso discreto, quase imperceptível.

— Padre. — Um dos acólitos me tirou da nuvem de pensamentos.

— Sejam todos bem-vindos à Abadia de Santa Luzia, quem sempre está aqui, quem nos visita pela primeira vez, sintam-se todos acolhidos. Estamos reunidos em nome do Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Amém!

— Amém! — As pessoas bradaram.

Após anos seguindo os ritos, as missas saiam de forma automática, quando me dava conta, já estava no último amém. No final, sobrava algumas ovelhas querendo puxar meu saco, mas eu tinha a minha preferida.

— Sua benção, padre — Amélia pediu sob os olhares julgadores das poucas mulheres que ainda estavam por ali.

— Deus abençoe, minha filha. — Nossos olhares conversaram, ela sabia exatamente o que precisava fazer. Puxei seu braço com discrição, a trazendo para mais perto. — Me espere na sacristia, não devo demorar.

Fiz o social com as mais senhoras e me despedi, indo ao encontro de Amélia. Antes de abrir a porta, verifiquei se não havia ninguém olhando e entrei.

— O que é tão urgente a ponto de vir desfilar esse traseiro, domingo de manhã na missa? — Tirei a estola, a pendurando no devido lugar. Não via a hora de me livrar de todo aquele aparamento.

— Padre, as meninas que chegaram... — Amélia pegou um maço de cigarros na bolsa, dei alguns passos apressados, tirando de sua mão.

— Tá louca?

Ela bufou e esboçou uma risada sarcástica em seguida.

— Hipócrita de merda! — Amélia pegou de volta os cigarros e guardou. — Elas são jovens demais... as últimas eram maiores de vinte quatro... mas essas...

— Continuam sendo maiores, é isso que importa. — Limpei o suor da testa. — Mais alguma coisa?

— Caleb, a mais velha tem dezenove com carinha de quinze!

— Os clientes preferem, se quiser pode deixar sua sugestão na caixinha quando sair, agora vai, preciso descansar.

Amélia saiu afundando os pés no chão, quando a porta bateu, me arrependi de não ter pedido um cigarro para ela. Eu não fumava mais, mas às vezes aquela merda funcionava como um calmante cancerígeno. Me livrei da batina, trajando uma roupa mais fresca, atravessei o pátio da Abadia de Santa Luzia, desesperado para entrar na casa paroquial e tomar um banho frio.

Assim que abri a porta, senti sua presença, apesar da penumbra, reconheci o cheiro.

— Arcebispo Miguel — cumprimentei, fechando a porta logo atrás de mim.

— Padre Caleb, a missa foi mais extensa hoje?

— Não. — Puxei a camisa social pela cabeça, sem abrir os botões. — Fiéis carentes querendo conversar. Toma alguma coisa?

— Conhaque.

— Alguém te viu entrar? — perguntei, indo até a cozinha. Abri um dos armários suspenso, peguei os copos, a garrafa e acrescentei dois dedos da bebida em cada um. Eu me arrependeria depois.

Conhaque e clima quente não era a melhor combinação. Voltei para a pequena sala e o servi. Viramos ao mesmo tempo. Senti a garganta rasgando, apertei os olhos e soltei um grito abafado.

— Não, ninguém! Sabe que sou cuidadoso. — Miguel se levantou, pensativo. — Amélia tá me irritando, faltou pouco para eu não costurar aquela boca suja dela.

— Ela falou comigo. — Respirei fundo. A cicatriz no meu antebraço esquerdo, mesmo após cinco anos do acidente, de vez em quando ainda coçava. — Acho a preocupação dela válida, Arcebispo. — Miguel se virou bruscamente, me encarando. Fiz o mesmo. — Existe um acordo, sabe disso.

Ele engoliu em seco, mirando o fundo dos meus olhos negros.

Dei alguns passos, alcançando o controle do ar-condicionado jogado no sofá. Ajustei a temperatura e coloquei o maldito para funcionar.

— E está sendo cumprido, padre. — Peguei a folha de papel que ele me ofereceu. — Mais tarde, depois da missa da noite, nos encontramos lá embaixo pro leilão, há três maçãzinhas nessa leva.

Conferi a pequena lista, dando um peteleco na folha. Miguel assentiu e saiu pelos fundos, do mesmo jeito que entrou. Maçãzinha significava garota virgem e muito dinheiro na conta. Evitávamos usar a Internet, quando não havia escapatória, criávamos “listas de compras” para a diocese, tal qual uma dona de casa. As operações seguiam um padrão arcaico e muito mais seguro.

A Igreja Católica fingia que mantinha os olhos atentos quando se tratava de tráfico de mulheres, uma bela cortina de fumaça, perfeita para tirar o foco dos mais de trezentos e cinquenta mil casos de agressões sexuais contra menores.

Vivíamos uma eterna tragédia grega moderna. No fundo, nosso principal objetivo era sempre o mesmo: virar outra pessoa. Nem sempre no sentido literal.

Padre Caleb. El Dragón. Eu era os dois e não era nenhum. A minha missão dentro da instituição era muito maior.

Eu possuía algo único. Nem o Papa foi merecedor de tamanho poder.

Como dizia dona Lourdes, eu era um garoto especial.

Capítulo 04

ESTER – BRASIL

Eu estava no último semestre de Teologia, me formaria jovem, vinte e um anos. Cruzei o campus da universidade sem pressa, reconheci os passos atrás de mim.

João.

— Diga que vai comigo na festa hoje, por favor! — Ele juntou as duas mãos, como se fosse rezar. O sorriso maroto exibia os dentes não tão alinhados, porém, charmosos e brancos.

— Você sabe que eu não vou, já são quatro anos de convivência, seu bobo. — Revirei os olhos com humor.

— Só um pouco. — João me abraçou pelo ombro. — Você prometeu que no final do curso, você iria e ainda provaria alguma bebida alcóolica!

— Ai que saco! — Bufei. — Eu provei cerveja aquele dia na sua casa, nem vem! — Dei um empurrão de leve no corpo dele com o meu.

— Aquilo não conta, você mal bebeu e o pouco que enfiou na boca, cuspiu! Passo na sua casa às nove! Carona?

Aceitei. João era um amigo querido, os irmãos da comunidade não aprovavam a nossa amizade, não consideravam adequado uma moça como eu, andar com um mundano. Palavras da irmã Sara.

Tentava seguir firme na minha fé, mas desde a morte dos meus pais, algumas coisas mudaram dentro de mim. Pequenas rachaduras se ramificaram no meu coração e muitos questionamentos intrusos bombardeavam meu cérebro.

Ainda assim, me mantive dentro dos ensinamentos. Raquel gostaria que fosse assim. Mamãe e papai também. Meu temor a Deus passou a ser doloroso, era mais medo do que apenas servir ao Senhor por amor.

O trajeto até em casa foi rápido, eu morava perto da Pontifícia. João saiu apressado com seu carro moderno, precisava buscar a irmã mais nova na aula de piano.

Fiquei parada na frente da minha casa, não era sempre que aquilo acontecia, mas em alguns dias aleatórios, meu peito pesava, ainda doía abrir a porta e não ser recebida pelo aroma de um bolo simples ou da cebola fritando no azeite, enquanto Ruth, minha mãe, cantarolava um dos seus infinitos hinos católicos.

Puxei o ar pelo nariz e soltei pela boca, enfiando a chave na fechadura. Conferi a caixa de correio e meu coração agitou. Era uma carta de Raquel. Entrei rápido, soltando a mochila no chão da sala e rasguei o envelope com cuidado.

Maninha,

Estou muito orgulhosa de você, sei que os últimos anos não foram fáceis, mas sua dedicação na faculdade enchem meu coração de alegria. Quem diria, está prestes a se formar e com as melhores notas. Eu sempre soube que você chegaria longe.

Ester, continue firme nos propósitos de Deus, espero que esteja limpa e casta, lembre-se, sua pureza só deverá ser entregue ao seu esposo, pois se trata de algo que transcende o biológico. Corpo e alma.

Maninha, estou indo para Moçambique, uma das missionárias adoeceu e vou cobri-la, me sinto feliz e ansiosa por isso, espero que a Arquidiocese de Nampula me escolha para ficar por lá depois desse período. Vou esperar sua resposta, pode enviar nesse mesmo endereço, ficarei por aqui mais algumas semanas.

Beijos e que Deus te abençoe, querida Ester.

Com amor,

Raquel

Pressionei a carta contra o peito. Vasculhei a envelope e chorei ao ver a foto. Minha irmã exibia um sorriso genuíno, a felicidade refletida no seu belo rosto, me atingiu. Contornei os longos cabelos negros, como se ela pudesse sentir meu carinho.

Raquel seguiu seu chamado, se casou com Cristo. Sentia saudades dela, mas também um certo alívio estranho, que me trazia culpa, por não estar

sob o peso do seu radicalismo.

— Oi pai, oi mãe — falei para o porta retrato que exibia os dois de noivos. Beijei as pontas dos dedos e pressionei de leve o acrílico.

Fui para a cozinha pegar uma das marmitas congeladas e enfiei no microondas. Imersa no som do eletrodoméstico, desliguei a mente por alguns segundos, sendo tragada para a realidade quando o apito incessante soou.

Eu tinha por volta de meia-hora para almoçar, tomar um banho rápido e me trocar, antes que Sara, uma das membras da igreja chegasse. Era dia de trabalho voluntário, se é que eu podia chamar assim. Muitas vezes, me sentia obrigada, porém, não contestava, fazia um esforço genuíno para ser grata.

Quando meus pais morreram, herdamos uma boa poupança e três salas comerciais, o aluguel delas garantia comida na mesa, dízimo em dia, contas e mensalidade da faculdade pagas, ainda que com uma bela bolsa que conquistei, e vez ou outra, poucos luxos. Afinal, dona Ruth fazia questão de não nos deixar esquecer dos Provérbios 11:24: invista em pessoas, generosidade dá lucro de amor e gratidão.

Sempre que meus olhos brilhavam, cobiçando um vestido novo, ou um tênis mais moderno, sua voz ecoava dentro de mim. Me sentia fútil, quase uma pecadora mortal.

Nossa casa era própria. O senhor Euclides, meu pai, foi um engenheiro muito conhecido, tínhamos uma vida bem confortável. Ele deixou tudo pronto antes de partir, talvez sua fixação pelos números sempre exatos, tivesse contribuído.

Raquel na época era maior de idade, esperou eu completar dezoito e só então, começou a se envolver cada vez mais com as missões. Seu trabalho

iniciou na própria igreja, avançou para hospitais locais, até estrear as peregrinações. Foi uma maneira de me preparar também.

Engoli a comida, refresquei o corpo e assim que coloquei o pé no último degrau da escada, ouvi a buzina do carro de Sara. Apressei os passos, odiava deixar as pessoas esperando.

— Oi, Ester! Tá com cheiro de banho fresco. — Ela inspirou quando entrei. Eu não sabia se gostava dela. — Preparada pra colocar literalmente a mão na massa?

— Claro, ansiosa — menti. Quem poderia estar animada por passar parte da sexta-feira batendo massas para a tarde de bolos no sábado?

— Que bom! E como estão os preparativos pra formatura? — Sara esperou os carros passarem e saiu da vaga, aumentando a potência do ar-condicionado.

— Não vou pra festa, lembra? — respondi com um tom de lamento sem querer.

— Fico feliz por isso, mas há a solenidade, a missa, é a parte mais bonita... e o seu amigo, como é mesmo o nome dele? João?

Ela morria de medo que a gente se envolvesse, sua pergunta tinha outras intenções, no fundo, acho que Sara se esquecia de que eu já era uma adulta e devido aos acontecimentos, mais madura do que muitos jovens da minha idade.

— Não estamos namorando, se é isso que quer saber — respondi com um sorriso forçado, tentando parecer natural.

— Ester, eu não estava pensando nisso. — Sara ficou sem graça, o assunto morreu e um silêncio espinhoso preencheu o carro até chegarmos.

A família do João também era católica, mas não como a minha. Enquanto os pais do meu amigo performavam o típico casal do comercial de margarina e frequentavam as missas apenas aos domingos, em busca de parecerem algo que não eram, os meus levavam tudo muito a sério, especialmente a comunidade.

Era como se a minha família vivesse em outro século.

Cruzamos o pátio da paróquia e fomos para a cozinha. Logo na entrada, uma das irmãs me entregou a touca, luvas e um avental. A grande ilha no centro estava cheia de ingredientes para dezenas, ou centenas, de bolos.

Eu queria largar tudo para trás e ir passear no shopping, quem sabe assistir algum filme no meio da tarde, me entupindo de pipoca e refrigerante. Me repreendi no mesmo instante pelos pensamentos.

As horas passaram arrastadas, cheguei em casa perto das sete, Sara insistiu em me trazer, mas voltei de ônibus, queria ter a sensação de ser dona do meu nariz. Conferi o celular e tinha várias chamadas de João, mais algumas mensagens. Retornei, ele atendeu no terceiro toque.

— Tô viva, eu te falei que hoje era dia de fazer bolo...

— É, mas eu esqueci! Passo aí em duas horas, não adianta falar que tá cansada, até mais!

João não deu tempo de eu responder, desligou. A verdade é que eu não daria nenhuma desculpa, apesar de realmente me sentir cansada. Após uma vida inteira seguindo regras, o desejo de quebrá-las crescia como um mofo dentro de mim, aos poucos ganhava espaço.

Subi os degraus sentindo as pernas pesadas e me joguei na cama, antes de cochilar, programei o despertador para um pouco antes das oito. O sono veio com força e de repente, lá estava eu diante do belo homem sem rosto.

Contraditório, mas de alguma maneira, eu sabia que ele era dono de uma beleza única, inexplicável.

Aquele sonho vinha me perseguindo há semanas e causava reações no meu corpo das quais eu me envergonhava.

Mas eram boas. E pecaminosas.

Capítulo 05

CALEB – INFÂNCIA

Eu tinha quase dez anos. Lourdes, minha mãe, era a típica religiosa fervorosa. Nasci literalmente dentro da Igreja Católica, a bolsa rompeu durante a missa do Domingo de Páscoa, enquanto o Padre citava trechos sobre o sacrifício de Jesus.

Não deu tempo de correr para o hospital mais próximo, chamaram uma ambulância, mas apesar da dor descomunal que Lourdes sempre fazia questão de mencionar, eu cheguei rápido, no meio da sala da casa paroquial.

Os paramédicos só tiveram o trabalho de levarem mãe e filho ao hospital mais próximo, apenas por precaução.

Nada tirava da cabeça dela que aquilo era um sinal dos céus, já eu, tinha outras teorias. Um sinal? Sim. Dos céus? Não. Como todo bom filho de uma beata fanática, qualquer tempo livre que me sobrava, resumia a decorar a Bíblia, frequentar as aulas da igreja, ser coroinha e claro, realizar o grande sonho da mulher que me deu a luz: me tornar padre.

— Nem pensar, Caleb! A família daquele menino frequenta lugares que não são do Nosso Senhor! — Ela fez o sinal da cruz e beijou o crucifixo que carregava no pescoço.

— Mãe! — elevei a voz sem querer. — E daí que eles tem outra religião? Eu não vou deixar de frequentar a porcaria...

Não consegui concluir, o peso da sua mão fez a pele do meu rosto queimar. Me segurei em uma das cadeiras da cozinha para não cair.

— Nunca mais cometa uma blasfêmia dessas — Lourdes gritou e foi até a sala, voltando em seguida.

— Não mãe, não! Por favor! Me perdoe! — Ajoelhei aos seus pés, chorando.

— Eu sempre vou te perdoar, meu filho, mas não é pra mim que precisa pedir, é pra Ele. — Minha mãe apontou para cima com a chibata. — Vá, vinte chibatadas nas costas pela imundície que falou. Quanto antes fizer, antes terá o perdão do Nosso Salvador.

Lourdes me entregou o maldito acessório de tortura. Não havia como debater, muito menos escolha, enquanto minhas costas não ganhassem marcas vermelhas pulsantes, cortes pontuais pelo couro e o sangue vertesse, ela não me deixaria sair do quarto, não me alimentaria e muito menos me daria água.

— Sim senhora. — Peguei a chibata com as mãos trêmulas. Mirei o crucifixo em seu pescoço e por segundos, vislumbrei a bela cena. Eu atrás dela, estrangulando sua delicada garganta por onde saiam infindáveis versículos. A língua de fora e os olhos ameaçando saltar, decorados pelas veias finas ramificadas.

Senti uma paz momentânea difícil de descrever. Não era a primeira vez que aquele tipo de pensamento invadia minha mente e quanto mais o tempo passava, quanto mais eu mergulhava naquela piscina fria de sangue imaginária, menos eu me arrependia por desejar aquilo.

Me coloquei em pé e segui pelo corredor até o último quarto. Um lugar sagrado segundo ela, repleto de santos. Jesus, quase em tamanho real, pregado na cruz, parecia me encarar.

— Tá me julgando, irmão? — perguntei baixo, me livrando das roupas, sobrando apenas a cueca no meu corpo.

Parei em frente a cruz, munido da chibata, alisando as tiras de couro com os dedos. Ajoelhei no chão frio e sem tirar os olhos dos dele, dei a primeira açoitada nas costas. Prendi o grito, contraindo os músculos, mas um gemido abafado escapou por entre os lábios comprimidos.

Era mais ódio do que dor, ou um coquetel com uma dose de cada. A segunda foi com mais força e assim sucessivamente, até completar as vinte. Ouvi os malditos saltos baixos de Lourdes, a sombra pela soleira da porta confirmava que a desgraçada estava ali, ouvindo minha agonia.

Arrisco dizer que se regozijando com a dor do próprio filho.

O sal do suor em contato com as feridas, intensificava o ardor. Minha pele queimava, inflamando ainda mais o pouco que restava do meu coração. Ela entrou, trazendo a falsa piedade em seu olhar blasé.

— Tá arrependido, Caleb?

— Sim, senhora — menti. Abaixei a cabeça, ainda de joelhos.

— Levanta! Vá se lavar. — Lourdes estendeu a mão. E se eu a puxasse e triturasse seu crânio com a imagem da Virgem Maria? Agarrei seu braço, impulsionando o corpo para cima. — Caleb? — Olhei para ela. — Sabe que tudo isso é por um propósito maior, não sabe? Você é especial, meu filho.

— Sim, senhora.

— Você é mais forte do que pensa e mais poderoso do que possa sonhar. Seu pai — ela fez uma pausa, traçando o sinal da cruz — que Deus o tenha... não era qualquer homem.

Assenti. Não o conheci, as únicas imagens que eu tinha dele, estavam estampadas em minha mente, baseadas nas descrições dela. Havia algo não contado, eu podia sentir, mas questionar, dentro daquele inferno que Lourdes insistia em chamar de lar, nunca foi uma opção.

Me sentia zonzo, com passos cambaleantes, segui para o banheiro. Mesmo com a água fria, minhas costas pareciam em chamas, aos poucos fui me acostumando com a dor. Enquanto eu lavava as feridas, a ideia de ir para o Seminário Menor, de repente me pareceu confortável. Apesar da rigidez e das doutrinas, seria a oportunidade perfeita para me livrar de Lourdes antes que eu acabasse a matando.

Fui tomado por uma certeza. Estava convicto, me dedicaria mais nos meus afazeres dentro da igreja, seria excelente em tudo e em breve, um dos indicados para o seminário. Assumiria o papel do bom samaritano, dando falsos indícios do tal chamado de Deus. Seria fácil, eu sabia ser bem persuasivo.

Meu coração galopou no peito. Podia sentir o sangue se agitando, percorrendo rápido pelas veias. Tive a sensação de ouvir perfeitamente todo o meu sistema trabalhando. Fiquei ofegante, fechei os olhos, tentando entender o que estava acontecendo, até que tudo se acalmou de novo.



— Caleb! Eu estava te esperando.

— Bispo Saul, é uma honra.

Saul era um dos bispos mais jovens do mundo. Dono de uma inteligência invejável. Fazia pouco mais de um ano que havia sido transferido do Brasil para a Colômbia, mas logo voltaria para sua terra natal.

— A honra é toda nossa. Esse é Miguel, o veja como um amigo, vem, vamos conhecer o lugar e sua acomodação.

Toda aquela recepção para um simples jovem aspirante a se tornar padre, era no mínimo intrigante para muitos, mas havia um propósito. Nossos olhares firmaram o acordo.

Caminhamos pelos corredores de pedra, lembrava um antigo castelo, a rusticidade possuía sua elegância. Grandes portas de madeira maciça davam um toque especial ao cenário.

Mil questionamentos saltavam no meu cérebro, porém, a voz de Lourdes perfurava meus ouvidos, mesmo distante, a filha da puta ainda permanecia

impregnada em todos os meus poros. Levaria um tempo para me livrar da praga.

E foi ali, tendo aquelas paredes cinzas e geladas como testemunhas, que eu matei pela primeira vez.

Capítulo 06

ESTER – BRASIL

Estava nervosa, troquei de roupas várias vezes, até cair na boa e velha calça jeans. Meus vestidos eram todos abaixo do joelho, mas depois que mamãe morreu e Raquel partiu, comprei algumas regatas, consideradas inapropriadas. Gostava de como elas evidenciavam meus seios, talvez fosse errado me sentir atraente, entretanto, trazia uma sensação boa.

João era sempre pontual. Chegou em casa no horário combinado.

— Uau, te vi poucas vezes assim. — Ele me olhou de um jeito diferente quando entrei no carro.

— Assim como? — Busquei as íris cinzas.

— Assim... ombros de fora, cabelos soltos, batom, e... — João limpou a garganta, seu olhar percorreu o decote da minha blusa justa. — Você tá linda, Ester. — Um suspiro nada discreto saiu por entre seus lábios.

Agradeci um pouco sem graça, ao mesmo tempo, senti algo diferente, gostoso, como se meu coração tivesse errado as batidas, ou descido para o estômago. Seguimos pela avenida principal e uns vinte minutos depois, estávamos na frente da república onde acontecia a festa.

Paralisei diante do cenário. Eu nunca tinha pisado em uma festa que não fosse as da igreja ou da comunidade. Parte de mim se arrependeu, mas a outra era devorada pela curiosidade.

— Ester? Tá tudo bem? — João perguntou, tirando o cinto de segurança.

— Não sei... — Eu mantive o meu, como se aquilo fosse me proteger daquele mundo novo diante dos meus olhos. — Parece tão errado...

— Jesus andou entre os pecadores, Ester... e outra, se julga melhor do que eles? — Meu amigo apontou para o portão cinza aberto com o queixo.

— Não! — O olhei assustada. — Claro que não, que horror pensar isso de mim. — João deu um sorriso ladino, aquele comentário me deixou frustrada.

Ele desceu, deu a volta e abriu minha porta.

— Se quiser voltar pra casa, posso pedir um Uber e espero com você. — Tirei o cinto e saí do carro, um pouco confusa. A música alta alcançou meus ouvidos e apesar de não conseguir entender boa parte da letra, algumas palavras obscenas soavam nítidas, fazendo minhas bochechas pegarem fogo.

— Não, não quero... — Inspirei. — Vamos, eu preciso descobrir o que pode ser tão divertido afinal. — Engoli em seco. João espalmou uma das mãos nas minhas costas, me conduzindo para dentro da chácara.

A piscina estava lotada, minha imaginação fértil e limitada montou um cenário no estilo dos filmes americanos de universidade que eu assistia escondida, soltei um riso nasalado ao pensar naquilo e constatar que as semelhanças eram mínimas.

Jovens bêbados, garotas desfilando com biquínis minúsculos, casais se beijando como se estivessem sozinhos em um quarto. Muita fumaça e uma mistura de odores que chegava a dar náuseas. Perfumes, cigarro, cerveja e carne assando.

— Ester? — Um dos alunos que cursava biologia se aproximou um pouco animado demais. Eu jamais imaginei que ele soubesse meu nome. — Ester, tá gostosa!

— Cara, não! — João repreendeu, o empurrando de leve. — Não!

— Saquei, saquei! Quer só pra você, malandro? — Ele explodiu em uma risada esganiçada. — Isso que eu chamo de ser paciente, *Jão!*

O rapaz se afastou, pendurando em outra garota de cabelos amarelos como os meus.

— O que eu perdi?

— Nada, é que você tá diferente, já disse... isso desperta esse monte de testosterona amontada... além do que... — João parou, com as mãos na cintura e balançou a cabeça. — Deixa pra lá, vem, vamos beber alguma coisa.

— Não! — gritei, agarrando um dos seus braços. — Além do que, o quê?

Senti os olhares em mim, não só dos homens, das moças também. Apesar da música alta, pude ouvir um burburinho se formando. Me senti vulnerável, exposta.

— Deixem ela em paz! — Samanta, uma colega da minha turma de Teologia veio em nossa direção com passos largos.

Samanta não tinha uma religião, abraçava todas e queria trabalhar em presídios depois de formada, levando conforto espiritual para os detentos. Uma semana estava na missa, na outra em um terreiro, e algumas vezes no ano, subia os montes para tomar Ayahuasca debaixo da luz da Lua.

Crucifixo e guias decoravam seu pescoço, enquanto a pulseira de turmalina negra enfeitava o punho.

— Ninguém fez nada, Samanta! — João revirou os olhos, ele estava estranho.

— Ótimo! Vem, Ester, vou preparar um suco de laranja bem gelado pra você.

Havia algo no ar, eu não pertencia àquele lugar. Tive vontade de sair correndo, entrar no primeiro ônibus e voltar para a segurança do meu lar, mas me deixei levar por Samanta, que carinhosamente, me puxava pela mão, driblando as pessoas.

— Tô um pouco confusa — falei próximo ao ouvido dela, elevando a voz por causa da música alta. Minha colega parou, me arrastando para um corredor menos barulhento.

— Ester... você sabe que as pessoas elaboram mil teorias sobre a sua... sobre você se guardar, nos dias de hoje isso é cada vez mais raro...

— Eu acho muito estranho a vida sexual de alguém, ou a falta dela, incomodar tanto os outros — ironizei.

Muita gente descobriu. Me abria com poucas pessoas na faculdade e mesmo assim, uma delas fez o favor de comentar com a amiga, que comentou com sei lá quem e assim por diante. Efeito dominó. Não vou dizer que o campus inteiro sabia sobre a minha virgindade, mas a maioria sim.

— É assim desde que o mundo é mundo, gata! — Samanta abriu o largo sorriso, sua marca registrada. — Ignore e aproveite a noite, o que importa é o que está em nossos corações, vamos!

Cruzamos o interior da casa. Fui me acostumando com a algazarra. Passamos por uma porta de vidro de correr e chegamos na parte externa dos fundos, o cheiro de churrasco era convidativo. O lugar contava com menos pessoas e consequentemente, menos barulho.

— Ester? — Marcos, o rapaz que conduzia a churrasqueira me olhou um pouco surpreso. Acenei e sorri. — Tá diferente, bela blusa. — Ele apontou, sem tirar os olhos dos meus seios.

Engoli em seco. Era estranho e ao mesmo tempo, bom. Marcos projetou um prato plástico com fatias de linguiças na minha direção. Peguei uma e enfiei na boca.

— Samanta — chamei. — Acho que eu gostaria de experimentar aquilo. — Mostrei o copo de uma das meninas. A bebida azul com gelo parecia ser gostosa.

— É forte, tem certeza? Estamos falando de vodca...

— Só um pouco, não vai fazer mal. — Marcos se meteu.

— Concordo, só um pouco não fará mal e ela prometeu. — João chegou sorrateiro e me abraçou pelo ombro. O cheiro de cerveja se misturava ao seu perfume marcante.

Samanta serviu quatro copos, me entregando um. De novo eu estava com aquela sensação de que tudo aquilo era errado demais e talvez, por esse motivo, é que parecia tão interessante. O cheiro era doce, quase inofensivo, levei o copo até os lábios e tomei um gole.

Uma forte ardência se espalhou pelo meu esôfago, junto com o adocicado prazeroso da bebida. Dei uma leve tossida discreta sob os olhares curiosos dos três.

— Não sei dizer se gostei... — Dei uma piscada um pouco mais demorada, tive a impressão de que o chão se movimentou devagar. Virei outro gole.

— Devagar, Ester — Samanta alertou. — Ao menos encha essa barriga. — Ela foi até a mesa, cortou um pão, colocou vinagrete, uma linguiça inteira e me entregou.

João arrematou o copo dele e foi se servir. Busquei um lugar para sentar e acabei em uma mureta que dividia a churrasqueira das mesas. Logo ele voltou, munido do copo azul e com um prato repleto de pão de alho.

— O que pensa em fazer depois de se formar? Vai ficar aqui em São Paulo mesmo? — João perguntou, empoleirando ao meu lado.

— Talvez me candidatar pra ser missionária, como a minha irmã, ao mesmo tempo, não sei se é isso de fato que eu quero... não sinto o tal chamado, aliás, como sabemos? — Dei uma mordida no lanche.

— Acho que apenas sabemos... eu não sou religioso como você, mas acredito que certas questões simplesmente gritem dentro de nós...

— Como é? — questionei.

— Como é o que?

— Levar a vida como quiser?

— Achei que você levasse a vida como quer...

Aquilo explodiu meu cérebro. Eu levava a vida como queria de fato? Virei mais um gole de vodca, apesar da ardência, desceu um pouco mais confortável. Enquanto meus pais eram vivos, seguir as doutrinas da igreja e permanecer na comunidade, era algo intrínseco, depois que ele morreram continuei no automático.

Mergulhamos em um silêncio incômodo. Um casal próximo a nós trocava beijos quentes, a mão do rapaz se perdia na bunda da moça de cabelos cacheados. Encarei sem perceber aquele momento íntimo, as línguas que vez ou outra, escapavam de suas bocas inchadas.

Senti as mesmas reações que sentia quando sonhava com ele, o homem sem rosto.

Capítulo 07

ESTER – BRASIL

Eu estava zonza.

— Preciso ir ao banheiro, tô estranha. — Segurei o braço de João. A música alta começava a me incomodar.

Ele desceu da mureta, me ajudando a fazer o mesmo. Samanta apareceu.

— Tá tudo bem? — Ela me olhou um pouco assustada.

— Só quero molhar o rosto. — Cambaleei de leve.

— Eu levo ela. — João se prontificou.

Cruzamos a sala. Estava quente, sentia o suor escorrendo pela minha testa. Fiquei presa em um aglomerado de gente, sendo arrastada por eles, como se minhas pernas não tivessem vontade própria.

João segurou mais forte na minha mão, me puxando, até chegarmos no fim da fila do banheiro.

— Eu não devia ter bebido. — Encostei na parede, o ar parecia não chegar aos pulmões.

— Daqui a pouco você acostuma, boba! — João riu. Não tive forças para responder que eu não iria me acostumar com aquilo. Era contra os meus princípios.

Bons minutos se passaram até que chegou minha vez. Molhei os punhos, nuca e o rosto com cuidado, apesar de não estar maquiada como a maioria das meninas, eu usava lápis e rímel de marca duvidosa nos olhos, não queria borrá-los. Abri a porta, me sentindo um pouco melhor.

— Eu vou pedir um Uber, quero ir pra casa... — falei receosa. Para minha surpresa, João não me condenou com o olhar.

— Vamos ficar só mais um pouco, ai eu te levo, meia-hora, o que me diz? — Saímos da porta para liberar passagem.

— Não, eu vou, fica em paz. — Peguei meu celular. — Peço um Uber e chego rapidinho.

— Você venceu, vamos! — Ele segurou minha mão.

— Não, não quero estragar sua noite, só espera comigo lá fora.

— Essa festa não tá tão boa assim, relaxa! Podemos passar em algum lugar, pegar algo pra comer e assistir um filme, topa?

Concordei com a cabeça, já havíamos feito programas do tipo outras vezes. Fomos para o carro, assim que entrei e João ligou o ar-condicionado,

me senti no paraíso. Mandei uma mensagem para Samanta, avisando que estávamos indo embora, queria ter dito pessoalmente, mas meu corpo parecia pesar toneladas.

Fechei os olhos e só acordei quando chegamos em casa. A julgar pelas sacolas de lanches e a caixinha de cerveja, João passou em mais de um lugar, enquanto eu permaneci apagada. Não pude deixar de pensar que aquilo poderia teria acontecido no Uber e sabe-se Deus qual seria o meu destino.

Senti um mal estar ao imaginar aquele cenário perturbador. Meu amigo pegou a chave da minha mão quando percebeu que eu estava com dificuldade para acertar a fechadura. Entramos, ele foi direto para cozinha.

— Vou tomar um banho frio, já venho, você é de casa, sabe onde estão as coisas. — Tampei a boca, soltando um arroto discreto. Meu estômago não estava legal.

— Não tenha pressa, Ester — ele respondeu com carinho, enquanto enfiava as cervejas na geladeira.

Subi as escadas e com movimentos letárgicos, tirei as roupas, me enfiando debaixo da ducha. Soltei um grito abafado com o impacto da água gelada contra minha pele. Aos poucos tudo se acalmava de novo.

Enquanto me trocava, olhei para minha cama, arrependida por ter topado assistir filme com João, ao mesmo tempo, aliviada por estar em casa e me sentindo melhor. Enfiei um vestido solto e leve, voltando para sala.

— Se sente melhor? — ele perguntou, jogado no sofá com uma long neck nas mãos.

— Sim, bastante, um pouco lenta ainda. — Dei um sorriso sem graça, me sentando ao seu lado. O cheiro da cerveja me fez torcer o nariz.

— Então, come alguma coisa. — João apontou para o saco marrom em cima da mesa de centro. Encolhi quando sua mão tocou minhas costas, afagando a região devagar.

Escorreguei até o chão, me sentando entre a mesa de centro e o sofá. A náusea tinha se transformado em uma fome atípica. Devorei o lanche e as batatas, enquanto João apenas me olhava de um jeito diferente.

Algo começou a me incomodar.

— Não vai comer o seu? — perguntei, tentando dissolver aquele clima estranho que talvez fosse apenas coisa da minha cabeça.

— Agora não... — Ele se posicionou atrás de mim, encaixando minhas costas entre suas pernas. As mãos pesaram nos meus ombros. — Tá tensa, o que foi?

— Nada... — sussurrei.

Fechei os olhos, eu não sabia decifrar o que realmente me deixava desconfortável. O toque em si? Ou o fato de eu estar gostando daquilo? Não pedi para que ele parasse, apesar do sentimento dúbio. João era bonito, tinha um charme único e seu perfume forte lembrava couro misturado com banho fresco.

Os dedos deslizaram pelas minhas omoplatas, as contornando, até descerem um pouco mais, quase alcançando o início dos meus seios.

— Para... — pedi baixo, pendendo a cabeça contra o seu joelho. João fez o que eu pedi, mas se manteve no mesmo lugar, acariciando meus cabelos.

— Desculpa...

— Não precisa se desculpar... — O encarei, quase sendo tragada pelas íris cinzas, seus olhos tinham cor de tempestade.

— Acho melhor eu ir embora, Ester, você tá segura, alimentada e é isso que importa. — Ele se levantou com cuidado.

— Não, espera! — Segurei seu braço, impulsionando meu corpo para cima, mas me manter em pé estava difícil. — Esquece a questão da religião, se qualquer coisa acontecesse, poderíamos estragar nossa amizade, sabe disso... — Cocei os olhos, minha voz saia levemente arrastada.

Meu corpo voltou a ficar mais pesado.

— Você tem razão... — João correu os olhos para a minha boca e suspirou.

— Fica aqui comigo... — Encarei a foto dos meus pais e me veio uma vontade repentina de chorar. Sempre ouvi dizer que o álcool poderia nos deixar melancólicos, potencializar nossos monstros.

João virou a cabeça, procurando o que havia me deixado daquele jeito, quando entendeu, me abraçou forte e eu desabei, salpicando sua camisa cara com as lágrimas. Quando enfim fui me acalmando, sentei no sofá de novo, ele pegou outra cerveja e escolheu um filme qualquer na televisão da sala.

Meus olhos pesaram e eu apaguei.



— Ester! Ester! — Os gritos de Sara, mesmo distantes, me despertaram.

Abri as pálpebras com dificuldade, tive a sensação de que centenas de alfinetes foram cravados na minha cabeça. Eu estava entre o encosto e o corpo de João. O ronco dele ao pé do meu ouvido me fez levantar rápido.

— Meu Deus! Meu Deus! — Bati as mãos nas laterais do corpo, verificando se eu estava de calcinha. Me recriminei por ter cogitado algo do tipo, mas naquela confusão de pensamentos, demorei para encaixar as cenas da noite passada no lugar.

— Ester! Abre esse portão!

Fui até o lavabo, os resquícios de maquiagem borrada que não saiu por completo no banho e o vestido de alças, seriam motivos suficientes para Sara me condenar. Joguei uma água no rosto, tentando arrancar os pelotes de rímel. A mulher continuava gritando. Corri para a garagem.

— Meu Deus, o que aconteceu? — perguntei assustada.

— Quem está com você? — Ela espichou o pescoço. O carro do João bloqueava a minha garagem, mas Sara não se lembraria do modelo do veículo dele. — Ester, eu te fiz uma pergunta!

— Escuta, você não é a minha mãe! — confrontei.

— É, não sou, se fosse pra se entregar antes do casamento, ao menos escolhesse um rapaz decente, que não espalhasse foto de vocês dois dormindo, tenha um bom dia, Ester!

Sara saiu batendo os pés, eu ainda estava assimilando aquela informação. Voltei rápido para dentro e procurei meu celular pela casa, mas não encontrei. Meus ossos tremiam. João parecia morto. Seis garrafas vazias de cerveja e uma de vodca pela metade decoravam a mesa de centro da sala.

Enchi um copo com água e joguei na cara dele, dando uns tapas de leve.

— Acorda — gritei. — Acorda!

— Ei... ei...

— O que você fez??

— Calma! Calma! Eu posso explicar... — Sua voz pastosa me irritou.

— O que você fez? — Fui para cima, estapeando seus ombros.

Não me reconheci naquele momento, mas eu sabia que aquele homem em quem tanto confiei, de alguma maneira, tinha acabado com a minha reputação.

Capítulo 08

CALEB – TERRA SANTA

Acordei antes do despertador. Zeus, meu doberman, me encarava, sentado ao lado da cama.

— Bom dia, garotão! — Afaguei sua cabeça. A cor preta predominava, o deixando mais imponente e brilhoso.

Outro sonho com a garota de vestido rendado branco salpicado de sangue. Cocei os olhos, bocejando e me levantei, deixando o lençol de cetim chumbo escorregar pela minha pele.

Eu estava na minha casa no alto da colina, caminhei até a janela inteiriça de vidro, vislumbrando a vista panorâmica de Terra Santa. Me sentia letárgico, uma vida dupla podia ser extenuante. Na teoria, segundas-feiras seriam meu dia de folga, mas na prática, não era bem assim que funcionava. Meus pensamentos foram interrompidos pelo som do celular vibrando na mesa de cabeceira. Fui até lá.

Amélia.

— Espero que seja urgente pra me ligar tão cedo.

— Estou com três meninas doentes, não tem como elas irem pra festa, Caleb. — Amélia tossiu, me fazendo afastar o aparelho da orelha.

— Passe elas no médico, cancelar tá fora de cogitação, sabe muito bem disso.

— Caleb...

Desliguei e fui para o banho. Ouvi o tilintar das louças na cozinha, todos os meus sentidos eram mais apurados, como os de um cachorro. Maria preparava o café da manhã.

Fresco e de roupas limpas, chamei Zeus com um assovio e fomos comer.

— Bom dia. — Minha funcionária cumprimentou.

— Bom dia! — Inspirei o aroma de café, ovos mexidos e bolo.

— Como se sente hoje, padre? — ela perguntou, enquanto servia a vasilha do Zeus.

— Cansado. — Sentei à mesa, salivei quando Maria colocou o prato na minha frente. — Acha que Deus vem exercendo o Antigo Testamento de novo?

Maria parou, me encarando, entre abriu a boca, mas demorou para formular um comentário.

— Não... quer dizer... talvez... me diga o senhor...

— Minhas opiniões podem ser controversas. — Esbocei um sorriso ladino.

— Você é todo controverso, padre. — Ela arqueou as sobrancelhas e virou de costas, organizando as louças na pia.

Antes de dar a primeira garfada, fiz minha prece em silêncio, agradecendo pela comida e tomei meu café da manhã. A história de Amélia retumbava na minha mente, voltei para o quarto e coloquei uma roupa mais adequada. Jeans escuro, tênis e camiseta básica.

— Maria, não esquece de passear com o Zeus daqui a pouco! — falei antes de sair.

— Claro! Deixou o dinheiro pro mercado?

— Não. — Tirei a carteira do bolso e joguei o cartão na mesa. — Pega leve, lindinha — brinquei.

— Só sigo a sua lista, padre! — Ela deu de ombros e piscou. Retribui, saindo em seguida.

Atravessei o grande jardim até chegar na garagem onde ficava meu Phantom preto. Eu quase não o usava por motivos óbvios. Entrei, dando partida no botão e segui ao encontro de Amélia.

A estrada estreita que ladeava a colina em espiral era deserta e o acesso restrito. No final dela, antes de desemboscar na cidade, havia uma guarita. Tudo milimetricamente pensado. Quando aproximei da cancela, bastaram dois toques na buzina para ela abrir.

Peguei a avenida principal e logo cheguei em um dos bairros periféricos, chegando ao meu destino final. Em um dos becos perdidos pela Terra Santa,

ficava o Coyote Bar. Entrei pela paralela que dava nos fundos, estacionando o carro ali.

Não precisei apertar o botão do interfone, Amélia abriu a porta pesada de ferro, como se estivesse me esperando.

— Sentiu o cheiro? — Segurei seu queixo, dando um tranco de leve na sua cabeça.

— Você é previsível, Caleb. — Ela não parecia nada bem.

— Cuidado, não conte tanto com a sorte. — Amélia abriu passagem e entramos.

O estreito corredor contava com vários quartos, no final ficava a sala dela. Um escritório capenga. O silêncio pairava no ar, ainda era bem cedo, as meninas certamente dormiam.

— Se quiser podemos conversar no salão, não tem ninguém lá.

Assenti e fomos para o bar. Ela se sentou no balcão e eu em uma das banquetas que margeavam a pedra de granito.

— Já levou as garotas ao médico?

— O que você acha que ele pode fazer? É uma gripe forte! Não se cura desse jeito, que inferno, Caleb!

— Injeção! Aliás, tome uma também...

— Já tomamos... não precisa cancelar, eu só tô pedindo pra você adiar essa porcaria de festa!

— Amélia! — Bati com as duas mãos no balcão, levantando. — Não existe essa possibilidade, elas foram leiloadas, e quer saber? É muita coincidência que justo essas meninas estejam doentes, tá tentando me enganar? — Me aproximei dela, mantendo o tom de voz passivo.

— Não... não... — Seus lábios tremiam discretamente. — Elas estão enfiadas no antigo camarim, é um cubículo, dividindo a merda de um pinico, comendo mal, o que você queria? É desumano demais! — ela gritou, tossindo em seguida. Me afastei, com medo de pegar seja lá o que fosse.

— A vida é desumana. — Bufei. — Me deixe vê-las. Por que não estão em um quarto normal?

— Eu achei que... — Amélia franziu as sobrancelhas. — Achei que era ordem sua, quando Miguel mandou que as colocasse onde estão, pensei que...

— Sádico filho de uma puta... — xinguei baixo. — Me deixa vê-las.

Se elas estivessem tão deploráveis quanto Amélia, eu precisaria contornar a situação. Pior, realmente seria necessário adiar. Os compradores não aceitariam aquilo tão fácil. Ela desceu do balcão, a segui. Subimos no palco e fomos para a parte de trás, onde ficavam alguns camarins e dois quartos.

Quando Amélia abriu a porta, o cheiro de urina fez meu estômago revirar.

— Puta que pariu! — Foi automático, tampei o nariz.

— É disso que eu tô falando, padre. — Havia desdém na última palavra.

As três garotas me olharam assustadas. Jovens, sujas e visivelmente doentes. Que merda. Tirei o celular do bolso, eu precisava falar com o Arcebispo.

Assim que ele atendeu, fui direto ao ponto.

— Miguel, temos dois problemas e a culpa é só sua. — Me afastei de Amélia, relatando sobre a condição de saúde delas.

— Que inferno!

— Não vai ter jeito, vamos precisar remanejar a data, eles pagaram por mercadorias sem avarias, concorda?

— Vão querer bônus, tá ciente, não?

Soltei um riso nasalado.

— O bônus maior é o fato de que ninguém não vai expô-los.

— Caleb!

— Miguel, quem governa na Terra Santa sou eu, sabe disso. Por que mandou colocar as meninas naquele cubículo?

— Ah, que porra! Sei lá, Caleb! São só meninas burras! Por que se importa tanto? — O tom irônico me encheu de raiva.

— Resolva o problema da festa, Miguel! E não me provoque — ameacei.

Sua respiração pesou do outro lado da linha.

— Eu vou resolver esse problema.

— Ótimo.

— Dois dias.

— Dois dias.

Desliguei. Amélia me encarava com um semblante vitorioso irritante. Grudei na sua garganta, a arremessando contra a parede.

— Se eu descobrir que tá me enganando, juro que arranco seus olhos, Amélia! — Pressionei um pouco mais seu pescoço, enquanto ela tentava tirar minha mão dali, implorando por oxigênio.

— N... não... — Quando seu rosto ficou vermelho, soltei. A desgraçada puxou o ar, tossindo de um jeito nojento. — Não tô... porra, não tô te

enganando, seu maldito!

— Você ouviu! Dois dias. — Apontei o dedo em riste na sua cara e sai.

Não demoraria muito para o meu celular explodir em chamadas dos figurões que aguardavam ansiosos para brincarem com suas novas bonecas.

Capítulo 09

ESTER – BRASIL

Abri os olhos e não levantei. A terça-feira veio carregada, assim como o céu cinza que parecia uma enorme placa de cimento sobre nossas cabeças. Naquela fatídica noite que nunca deveria ter existido, depois que eu apaguei no sofá, João continuou bebendo.

Quando a madrugada chegou, chapado, ele se deitou ao meu lado e achou que seria uma boa ideia tirar uma foto nossa para postar em um dos grupos da faculdade.

João não disse nada, apenas enviou o retrato, e como diziam: uma imagem valia mais do que mil palavras, ainda que não fosse nada do que

parecesse. Eu era virgem, mas não era burra.

Cabelos molhados, vestido solto e meu braço por cima do peito dele bastaram para que a fofoca rendesse e tomasse proporções devastadoras para mim.

“João traçou a virgem”, “Jão comeu a santa Ester”, “Com certeza os dois já trepavam há tempos” e assim por diante. Aquilo não se limitou entre os alunos da faculdade, o que acabou sendo o maior dos meus problemas.

Fofoca e internet eram uma combinação bombástica.

A notícia se espalhou como rastilho de pólvora, chegando à igreja que eu frequentava, consequentemente, alcançou a comunidade também. Parte dos estudantes, que apareciam aos domingos nas missas, apesar de não seguirem a Palavra, se acharam no direito de julgar e fomentar toda a falsa situação.

Meu, até então, melhor amigo, se ajoelhou aos meus pés, alegando que não sabia o que passou pela sua cabeça, mas eu sabia. João era homem e, mulheres virgens ainda mexiam com o imaginário deles, havia um fetiche misturado com a romantização vazia em cima da questão, no fundo, ele quis sim insinuar que foi o meu primeiro.

Não acho que foi de caso pensado, talvez eu fosse aquela que ainda tentava ver o lado bom das pessoas, apesar das circunstâncias. Apenas o mandei embora. Quando a confiança, o elo mais forte de qualquer relação, se rompia, era impossível as coisas voltarem a ser como eram.

Não coloquei o nariz na rua naquele final de semana e pela primeira vez, desde que eu nasci, não fui para a igreja.

Enclausurada na minha casa, desejei que Raquel estivesse comigo, chorei de saudades dos meus pais, imaginando que se eles ainda fossem

vivos, aquilo não teria acontecido e por fim, entre filmes, pedidos de comida pelo aplicativo e mensagens irritantes que não paravam de chegar no meu celular, escrevi uma longa carta para a minha irmã.

Eu não precisava mais ir à faculdade, minhas notas estavam fechadas, o que me afligia era a igreja. A campainha me fez levantar contra minha vontade. Abri o portão com a certeza de que era a Sara, mas fui surpreendida por Samanta.

— Ester, você tá bem? — Naquela manhã, ela optou por uma versão mais hippie.

— Tô, eu não sei na verdade... — Dei de ombros. — Entra.

Abri espaço para Samanta passar e fomos para dentro. Ela conhecia o caminho, já tinha vindo poucas vezes em casa.

— Nossa, você mantém tudo tão organizado...

— Eu tento... — Sorri sem força. — Vou fazer café, já comeu alguma coisa?

— Não, acordei e vim direto pra cá, te mandei mensagem, mas deduzi que tá evitando olhar o celular — Samanta falou um pouco sem jeito.

— É, tô.

Ela colocou o mochila cheia de botons em uma das cadeiras e se sentou.

— Senti sua falta na aula, quase apareci ontem, mas te dei mais um dia. Não fique bancando a fortona, tá tudo bem chorar e se sentir magoada com o João.

Eu estava de costas, enchendo a caneca de água. Meus olhos arderam e sem querer funguei o nariz.

— Bom, é aquela porcaria de frase clichê, né? Decepção dói porque geralmente vem de quem menos esperamos. — Soltei o ar pela boca com

força. — O que mais me preocupa é a igreja, Samanta. Eu sei que pra você posso falar sem ser julgada.

— Ester, você não fez nada e ainda que tivesse caído em tentação, sei lá, Jesus sempre irá te acolher.

Acendi a boca do fogão e ajeitei o coador com o pó.

— Disse bem, Jesus, as pessoas nem sempre, isso me leva a questionar...

— Esterzinha, mas se trata de você com Jesus e não com as pessoas, concorda? Você não se guarda por causa do fulano ou da cicrana, é um pacto seu com o Senhor!

Aquelas palavras foram um afago na alma. Fui até Samanta e a abracei apertado. Sem saber, ela arrancou o peso que eu vinha carregando no peito. De repente, todos meus questionamentos, foram respondidos.

Eu estava me perdendo, mirando nas pessoas, quando na verdade, meu principal foco, sempre foi e sempre deveria ser Jesus Cristo.

— Obrigada, Deus te usou nessa manhã, eu não tenho dúvidas — falei baixo, próximo ao seu ouvido.

— Fico feliz, Ester. — Samanta retribuiu o abraço. — Pronta pra enfrentar a faculdade? — Ela abriu o sorriso largo.

— Não, ainda não. Quero me confessar. Você entende? — Suspirei.

— Não, não entendo, mas respeito, sabe disso.

— Eu sei.

Tomamos o café da manhã juntas, conversamos sobre amenidades, evitando tocar no assunto. Assim que Samanta saiu, passei uma água no corpo, vesti algo propício e fui para o ponto de ônibus. Poderia ir caminhando, mas seriam quarenta minutos mais ou menos e o calor não dava trégua, apesar do horário.

Morava no Cambuci, Zona Central de São Paulo, apesar da aglomeração natural intrínseca ao lugar, para os padrões da grande metrópole, não foi tão difícil pegar o coletivo. Passava das nove da manhã, isso já aliviava um pouco. Sentei no corredor e fui rezando em pensamentos.

Imersa na minha conversa com Jesus, nem vi o tempo passar. Desci no ponto que ficava no mesmo quarteirão da paróquia e um tanto quanto hesitante, fui até lá.

Poucos funcionários e voluntários circulavam pelo pátio. Dois dos rapazes do grupo de louvor acenaram, retribui com um sorriso contido. Entrei no templo, fiz o sinal da cruz e caminhei pela nave, até me sentar em um dos bancos mais a frente.

O som da porta aos fundos batendo ecoou pelos vitrais. Padre Ramiro surgiu no altar e sorriu ao meu ver por cima dos seus óculos miúdos. Com passos firmes, porém calmos, ele veio até mim.

— Sua benção, padre. — Levantei e inclinei a cabeça.

— Deus te abençoe, minha filha. — Ramiro fez sinal para eu me sentar de novo e se acomodou ao meu lado. Apesar de senhor, ele possuía uma alma jovem. — Te esperei domingo, Ester.

— Eu sei, padre. Meu desculpe — respondi sem graça.

— Não é necessário pedir desculpas, apenas fiquei preocupado...

— Preciso me confessar, padre... — O interrompi, consultando o relógio delicado, que era da minha mãe, preso no meu punho. — Sei que não tá na hora, mas será que o senhor poderia...?

— Vamos, eu tenho um tempo e você provavelmente não matou ninguém, matou? — Arregalei os olhos, senhor Ramiro soltou uma risada

mais alta. Seu humor era um pouco agridoce, por fim, abri um sorriso sem graça.

Fomos para o confessionário. A pouca luz e a treliça escondia seu rosto, tornando o ato um pouco mais simples.

— Quando foi a última vez que confessou, filha?

— Menos de um mês, padre. — Respirei fundo. — Fui pela primeira vez em uma festa da universidade e eu bebi, padre...

— Ficou embriagada?

— Um pouco... — Ele mandou eu prosseguir, contei parte do ocorrido. — Padre... eu gostei quando o meu amigo massageou meus ombros, tive vontade de beijá-lo e de olhar para as partes desonestas do seu corpo...

— Resistiu?

— Sim, padre...

— Sua honra...?

— Permaneço esperando aquele que Jesus escolher para ser meu futuro esposo. — Houve um silêncio, meu coração se agitou. — Eu sonho com um homem, quase todas as noites e me envergonho pela manhã... ele não tem rosto, estou quase sempre sem roupas. — Minha voz saiu em um sussurro. — Suas mãos envolvem meus ombros, sobem pelos meus cabelos, os afastando. A barba áspera arranha a pele da minha nuca e então, o homem coloca um crucifixo no meu pescoço...

— Sejamos sinceros, Ester, vivemos uma época depravada, moças como você são raras, as tentações sempre existirão. Tem assistido muitos filmes? — Confirmei. — Muitos vídeos na Internet?

— Nem tantos, padre, procuro ter cuidado...

— Trinta dias sem televisão e sem redes sociais, minha filha, use o seu celular unicamente para mensagens essenciais durante esse período, antes de dormir, rezará vinte e cinco Pai-Nosso e vinte e cinco Ave-Maria, de joelhos. Mais alguma confissão, filha?

— Não, padre.

— Então podemos encerrar.

— Ó meu Jesus, que sois infinitamente bondoso e amável, perdoai-me por ter pecado e Vos ter ofendido e rogo que, com a Vossa graça, não me deixeis mais pecar. Amém — rezei o Ato de Contrição.

— Eu te absolvo de teus pecados em nome do Pai, mais, e do Filho e do Espírito Santo. Amém. — O padre me deu a fórmula da absolvição, agradeci e sai.

Caminhei devagar até a rua, me sentindo em partes, aliviada.

Mas o mofo estava lá, úmido, escuro, escalando um pouco mais as paredes do meu coração, embrenhando onde não devia.

De repente, a rua parecia vazia e um vento atípico arrastou folhas secas pela calçada de cimento. Engoli em seco, acelerando os passos.

Capítulo 10

ESTER – BRASIL

Fiquei uma semana sem aparecer na faculdade, Samanta passava em casa todos os dias, o que nos tornou mais próximas. Desconfio que o padre Ramiro conversou com a irmã Sara. Ela passou por cima da situação, me acolhendo de novo, contudo, eu ainda não sabia se gostava dela.

Sem televisão e sem redes sociais, me empenhei em escrever artigos acadêmicos usando meu conhecimento teológico. Em paralelo, mergulhei nas Escrituras Sagradas. Ainda não sabia o que fazer depois de formada.

Eu tinha consciência e gratidão pelo privilégio de não necessitar de um trabalho remunerado com urgência, no fundo, sabia que era um sinal de

Deus para que eu me dedicasse em ajudar o próximo.

Eu só precisava me livrar da mágoa que agia como um veneno lento dentro de mim.

Estranhei quando a campainha tocou no meio da tarde de um sábado abafado.

— Quem é? — perguntei pelo interfone.

— Sou eu, por favor, precisamos conversar...

Apertei o aparelho entre os dedos e puxei o ar pelo nariz. Encaixei na base grudada na parede, indo até o portão.

— Seja breve, por favor — pedi.

— Me deixa entrar, eu nem trouxe meu celular, juro. — João ergueu as mãos, como um bandido rendido pela polícia. — Pode conferir os bolsos, se quiser...

— Vai, entra! — Bufei. Eu sentia falta dele, sentimentos não evaporavam do dia para noite.

Sentei em uma das cadeiras de ferro fundido na garagem que ornava com a mesinha, deixando claro que ali era o limite. Eu não o deixaria pisar em casa de novo. João puxou a outra e fez o mesmo, sem graça.

— Ester eu só queria me desculpar pessoalmente, isso tá me matando, eu... — O encarei, ele estava perdido.

— O que passou pela sua cabeça? Seja sincero comigo. — Fui firme, mas meu coração murchava no peito.

— Eu... — João mirou o chão, inquieto. Esfregou o rosto algumas vezes, sem conseguir manter o olhar em mim. — Eu estava bêbado... talvez quisesse insinuar que...

— Que tínhamos transado — afirmei. — Eu achei que você fosse diferente da maioria, João, defendi você das acusações da Sara diversas vezes. — Me exaltei. — Mas até que sustentou bem sua máscara de bom moço, quatro anos, um bom número! Mais alguma coisa?

— Ester, porra! — Ele levantou, empurrando a cadeira com força com a parte de trás dos joelhos. — Eu vacilei uma vez! Uma única vez!

— Você mexeu com a minha honra — gritei. — Por mais que eu saiba que nada aconteceu, estão falando e isso é chato, doloroso, a minha castidade é importante pra mim e eu tô pouco me lixando se a sociedade atual não entende, dane-se, é algo que tem valor pra mim! Pra mim! — Bati no meu peito, sentindo a pele arder. — Faz parte da minha crença e não tô ferindo ninguém com ela!

— Calma! Calma! — João tentou se aproximar, mas eu o repeli e me afastei.

— Vai embora, se você quer as minhas desculpas, ótimo, eu desculpo, não por você, por mim, mas nossa amizade acabou, João!

— Eu já falei pra todo mundo que...

— Eu vi nos grupos, tá esperando o que? Um prêmio por ter desmentido?

— Ester, por favor!

— João, vai embora, me deixa em paz, daqui poucos meses você tá embarcando pra Europa, amizades de faculdade dificilmente duram e talvez eu siga os passos da minha irmã, só estamos adiantando as coisas.

Doeu verbalizar aquilo, mas no fundo, era assim que funcionava.

Ele me encarou com os olhos marejados, soterrando de vez meu coração.

— Talvez eu sempre tenha sido apaixonado por você...

— Que bela maneira de demonstrar... — respondi de prontidão, mas por dentro aquilo tinha me pegado de surpresa.

— E nem todas as amizades de faculdade acabam... enfim, obrigado pelo seu tempo, sinto muito mais uma vez...

João se dirigiu até o portão menor e saiu. Fiquei parada, tentando não chorar, mas assim que ouvi o seu carro arrancando, as lágrimas vieram com força. Fui até lá passar a chave e voltei para dentro de casa.

Tentei retomar meu artigo, foi impossível. Queria a Raquel comigo e me sentia egoísta por aquilo. Peguei meu terço, ajoelhei ao lado da cama e com os braços apoiados no colchão, comecei a rezar.



— Onde estou? — perguntei para o homem de costas de cabelos negros como a noite na beira do penhasco.

— Terra Santa — ele respondeu sem se virar. Sua voz potente roubou meu fôlego. Dei alguns passos em sua direção. — Não se aproxime, poderá se perder.

— Eu já estou perdida...

— Não. — Ouvi um riso nasalado baixo. — Ainda não.

O homem era alto, largo, não conseguia deduzir sua idade. Fui tomada por um calor, como se o chão pegasse fogo debaixo dos meus pés. A terra tremeu, me arremessando contra a superfície dura e quente.

— Me ajuda! — gritei, estendendo o braço. Fui ignorada, para ele, era como se nada estivesse acontecendo.

— Já olhou tempo demais para um abismo?

— Não... não... — O tremor veio com mais força, o suor escorria, queimando meus olhos. Tentei regular a respiração. — O abismo olha pra você de volta... — Lembrei da citação.

— Além do bem e do mal. Muito bem. E o que há além do bem e do mal?

Antes que eu pudesse responder, as nuvens cor de chumbo dominaram o céu com fúria, o tremor arremessou lascas de pedras pelos ares e fui tragada pela enorme fenda que se abriu como um zíper embaixo de mim.

Meus pulmões ardiam, eu berrava mais alto do que a força da natureza, mas o som não saia.



— Meu Deus! — Puxei o ar com força, levantando a cabeça do colchão em um rompante. Meu corpo pendeu para trás e esbarrei com as costas na

cadeira da escrivaninha, caindo de bunda no chão frio.

Terra Santa...

Capítulo 11

CALEB – TERRA SANTA

— Há quanto tempo não se confessa, filha?

— Sete meses, padre. — A voz aflita anunciava que provavelmente o pecado era considerado grave.

— Prossiga — pedi com gentileza.

— Padre?

— Sim.

— Qualquer que seja o meu pecado confessado, o senhor realmente não pode contar pra ninguém?

— Não, estamos sob o sigilo sacramental. — Olhei de relance pela treliça, ela usava um chapéu preto, cabeça baixa, não consegui reconhecer. — Coloque pra fora, irmã. — A curiosidade esgoelava dentro de mim.

— Meu marido... meu falecido marido...

— Que Deus o...

— Não, padre! — ela me interrompeu, alterada. — Deus não o tem, ele não é digno de estar ao lado do nosso Senhor.

— Não somos ninguém pra julgar algo assim, filha. — Quanta hipocrisia, na verdade era o que mais fazíamos, tanto ali dentro, quanto fora.

— Eu o matei, envenenei aquele desgr... perdão, padre. — A mulher levou a mão à boca. — Envenenei aquele monstro aos poucos, dia após dia, na noite em que eu percebi que ele estava muito mal, pedi pra que meu marido tomasse o remédio, sabe? Além de bater na minha cara, o infeliz era...

— Possuía disfunção erétil — afirmei, mas na minha cabeça eu só conseguia pensar que o cara era um brocha maldito.

— Isso. — O silêncio pairou, seguido de um suspiro mais alto. — Ele morreu e acharam que tinha sido o remédio, não foi durante o ato, mas eu fiz parecer que sim.

— Se arrepende? — A resposta demorou um pouco.

— Esse é meu outro pecado. Não me arrependo, agi em legítima defesa, mas a justiça jamais aceitaria, não me defendi de uma agressão atual, entende?

Sim, eu entendia e concordava com a mulher. Lembrei dela, do caso, principalmente dos hematomas frequentes no rosto dela, assim como lábios

feridos, um braço quebrado e os longos cabelos ondulados que do dia para noite, evaporaram, assumindo um corte bem rente.

— Se veio confessar, é porque de alguma forma isso tem te atormentado.

— Sim, padre, eu tirei a vida de outro ser humano, é perturbador.

— Teria coragem de fazer algo do tipo de novo?

— Não. Padre? — A encorajei a prosseguir. — Tenho outro pecado... — A mulher travou, respirou fundo e continuou. — Eu me sinto diferente perto do senhor, continuo vindo nas missas por sua causa, digo, pelas causas erradas...

No início, aquele tipo de confissão me pegava de surpresa, conforme o tempo foi passando, dependendo da pessoa, elas apenas me excitavam. Tabata não era a primeira e não seria a última. Estaria mentindo se dissesse que não fiquei tentado em chamá-la para dentro do confessionário. Fazia um tempo razoável que eu não afundava os dedos em uma boceta quente e molhada.

— Não deve alimentar esses pensamentos — falei no automático.

— Padre... meu corpo reage ao senhor... eu queimo...e... meu Deus, me perdoe...

Puxei o ar com força pelo nariz. Era excitante ouvir aquilo.

— Mais alguma coisa? — perguntei sem demonstrar qualquer reação que pudesse me colocar em maus lençóis.

— Não, padre.

— Eu te absolvo de teus pecados em nome do Pai, mais, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

— Mas...? E a punição, padre Caleb? E o Ato de Contrição? — Tabata perguntou confusa.

— Não tem punição e não precisa rezar ato nenhum. — Consultei o relógio, ela era a última. — Só tenta não matar mais ninguém. — Levantei e saí sem olhar para trás.

Com passos apressados fui para a sacristia me livrar dos paramentos. A missa da noite seria celebrada por um padre forasteiro. Precisava resolver questões mais sérias. Cruzei o jardim da Abadia e entrei no maldito carro popular apertado.

— Que merda — praguejei quando vi as irmãs Vargas vindo na minha direção. A idade das duas juntas somava quase dois séculos.

— Sua benção, padre. — As senhoras pediram ao mesmo tempo.

— Deus as abençoe, irmãs.

— Padre, o nosso vizinho Antônio tá nas últimas, nunca reconheceu Jesus como seu único salvador, será que o senhor poderia fazer uma visita pra ele?

Que inferno...

— Claro, amanhã às onze. — Sorri, o semblante das solteironas indicava que não era aquela resposta que as duas esperavam, mas eu não podia adiar meu compromisso. Torci para o homem morrer na madrugada.

— Obrigada, padre Caleb.

Assenti com a cabeça, dei partida no Spark e fui para a casa de Theodoro. Faltando poucos metros, liguei, avisando que estava chegando, prontamente o grande portão chapado abriu e eu entrei no seu palacete. Segui pela trilha arborizada até avistar a bela casa.

Reconheci o carro de Amélia e do arcebispo Miguel.

— Caleb! — Theodoro veio me recepcionar no alpendre.

— Não quer a benção, doutor? — ironizei.

— Dispenso — ele rebateu, me olhando desconfiado. — Vamos entrar, precisamos resolver um problema dos grandes.

O acompanhei. Me senti em um centro cirúrgico, luzes frias, cheiro de álcool e o chão de granito que brilhava como nos filmes. Ouvi as vozes abafadas de Miguel e Amélia, cruzamos um arco imponente e entramos no escritório.

— Chegou quem faltava. — O Arcebispo se virou em sua cadeira, levantando o copo de whisky. Amélia me olhou por cima dos ombros.

— Podemos ir direto ao ponto? — Dobrei as mangas da camisa até a altura dos cotovelos, me aproximando. Theodoro me serviu a mesma bebida com gelo e se sentou. — Como foi?

— Overdose — Amélia respondeu. — Acho que foi de caso pensado.

— Suicídio então... — refleti em voz alta.

— Era a mais solicitada, dezoito anos, branca, loira de olhos azuis, já viu, né? — Miguel soltou um riso áspero. — Tem um lote novo chegando, carne fresca, deve ter uma dentro desse padrão no meio.

Bebi um gole do whisky, o deixando repousar na minha boca por um tempo.

— O que mais?

— Ela tinha muitas lacerações... — Theodoro parecia prender a respiração. — Lacerações severas, Caleb e...

— E isso não pode acontecer — Amélia interrompeu. — Não acho que foi suicídio, acho que a drogaram de propósito depois de rasgarem a Nina de um jeito tão brutal. — Ela levantou, brava.

— Os riscos existem, sabemos disso. — Engoli em seco.

— Não! — Amélia veio até mim com o dedo erguido. — Algumas são jogadas nesse fim de mundo contra a vontade, eu sei que boa parte aceitam, focam na grana, mas serem prostitutas não significa que podem ser estupradas.

Miguel permanecia calado.

— Quem foi?

— Não sabemos. — Theodoro também se levantou, completando os copos. — Noite agitada, Nina atendia muitos e o curioso é que o cara deixou o dinheiro por cima do corpo dela.

Franzi as sobrancelhas, pensativo. Seria um recado ou apenas uma afronta?

— Vamos fechar hoje, Caleb — Amélia anunciou com firmeza, sem desviar o olhar. — As meninas estão assustadas e tristes.

Olhei para o Miguel, esperando qualquer reação.

— Caleb, um dia só. — Ele suspirou. — Temos algumas chegando essa noite, vamos focar nisso, Amélia pode ajudar, já que não estará em serviço.

Ela revirou os olhos, mas sabia que não tinha escolha. Olhei para o médico, sua testa úmida me chamou a atenção.

— Alguma outro problema, Theodoro? — questionei.

— Eu preciso saber... — Ele arrematou o whisky, soltando um gemido em seguida. — Vocês não estão mexendo com menores de idade, estão? Eu não...

— Claro que não! — Me exaltei. — Nem eu compactuo com essa merda, o Arcebispo sabe muito bem disso, não sabe, Miguel?

— Claro. — A resposta veio seca.

De repente um som baixo nos atingiu. A caneta jogada em cima da mesa rolou devagar e os quadros tremeram. Movimentos discretos, quase imperceptíveis.

— Sentiram? — Amélia correu os olhos entre nós.

— É o segundo em poucos dias, mas não vai passar disso... — afirmei como se eu pudesse ter certeza.

Por instantes me peguei refletindo sobre o que as pessoas ordinárias pensam diante de um terremoto forte. Clamariam para o sagrado, mas se o Diabo oferecesse um lugar em seu helicóptero, ou avião, essas mesmas criaturas hipócritas, aceitariam.

Capítulo 12

ESTER – BRASIL

7 MESES DEPOIS

Eu poderia dizer que os últimos meses foram entediantes, mas seria injusto. Depois que me formei, me vi empenhada em escrever artigos para a revista Católica, ministrar aulas de catequese na igreja, orientar espiritualmente os novos irmãos que chegavam e de vez em quando, ir ao presídio com Samanta.

Raquel ficou um curto período em Moçambique, e fez uma surpresa no Natal, sua visita foi inusitada, mas no dia dois de janeiro, embarcou para a

Colômbia e meses depois, retornou para África.

— Aceita alguma bebida, senhorita? — A comissária de bordo perguntou.

— Suco, por favor. — Ela despejou o líquido no copo e me entregou, seguindo pelo corredor. — Estou com medo do que vamos encontrar lá. — Inclinei o corpo sobre o braço da cadeira.

— É um pouco impactante, Ester — Sara respondeu sem disfarçar a tristeza. — Já fui voluntária em 2010, Talcahuano, mais de quatrocentos mortos e uma comunidade chilena devastada, entretanto, apesar do triste contexto, é uma experiência que nos eleva espiritualmente.

Sara estendeu a mão, estávamos em fileiras opostas, retribui o gesto com carinho. Depois do que aconteceu entre eu e João, deixei ela se aproximar, abri um pouco mais meu coração. Compreendi suas camadas, junto com o fato de que éramos de gerações opostas.

Meu medo real era outro. Em poucas horas aterrissaríamos em Bogotá, para enfim chegarmos ao nosso destino final, Terra Santa. Apesar de ter passado meses, o sonho do chão abrindo e eu sendo engolida pelo inferno, se fazia mais vivo dentro de mim, como se tivesse sido premonitório.

Outros vieram depois daquele, porém, se tornaram espaçados e mais nebulosos.

Terra Santa foi uma das cidades atingidas por um terremoto de grande escala, mas a Abadia de Santa Luzia roubou a atenção das mídias. Ela ficava localizada no epicentro de tudo, entretanto, se manteve intacta, enquanto um vasto perímetro ao seu redor se transformou em ruínas.

Um arrepio repentino ouriçou meus pelos.

Era intrigante. Eu estava obcecada por aquela igreja.

O avião comercial pousou no único aeroporto que continuava operando, logo, o número de pessoas era assustador.

Voos cancelados, remanejados, discussões e semblantes abatidos. Um cenário caótico. Entre muito empurra-empurra e burocracias que pareciam não ter fim, conseguimos entrar no ônibus que nos levaria ao nosso destino.

A cidade ficava a três horas de Bogotá. Rodamos parte do trajeto pelo asfalto, até o motorista entrar na estrada de terra batida. Fomos parados por um bloqueio policial, porém, Sara com sua voz suave e seu estereótipo da boa beata, despertou complacência nos homens, fomos liberados sem grandes dificuldades.

A paisagem árida, aos poucos, foi tomada pelos rastros da destruição. Meu coração pesava a cada metro, tive a sensação de estar com uma bola de concreto enterrada na garganta, dificultando a respiração. Carros e caminhões militares, ruínas, ambulâncias, entulhos e uma fileira de corpos cobertos por sacos pretos e lençóis improvisados.

Muita coisa extemporânea, assim como a comida servida em grandes panelas no meio da rua.

A freada do ônibus foi brusca, me despertando da hipnose.

— Vai precisar ser forte, Ester — Sara comentou, mas seu semblante demonstrava medo.

— Eu sei — balbuciei, me colocando em pé. — Ninguém mais vai descer aqui? — questionei baixo.

— Não, os outros seguirão para pontos mais necessitados.

Assenti, mesmo estranhando. O ônibus não estava com sua capacidade máxima, porém, contei por cima pelo menos vinte pessoas.

Caminhando pelo estreito corredor do veículo, me dei conta de que estávamos diante da Abadia. Totalmente intacta. Pessoas ajoelhadas no seu jardim rezavam fervorosamente. Desci o último degrau e fiquei vislumbrada com sua arquitetura gótica.

Lindos vitrais formando um conjunto harmônico com as abóbadas ogivais.

— Sejam bem-vindas. — Um homem na casa dos cinquenta anos nos recepcionou.

— Arcebispo Miguel? — Sara perguntou.

— Isso mesmo. — Ela prontamente inclinou a cabeça, pedindo a benção. Fiz o mesmo. Miguel respondeu seguindo a tradição. — Vamos entrar, a Abadia virou um abrigo, qualquer ajuda se faz necessária nesse momento.

— Li que são mais de trezentos desaparecidos — comentei enquanto cruzávamos o caminho de pedras.

— Infelizmente alguns já foram localizados... sem vida. — O Arcebispo suspirou resignado. — Por favor, deixem que eu cuido disso. — O homem gentil pegou nossa bagagem, não era muita coisa, ficaríamos sessenta dias a princípio.

A porta estava aberta. Reparei melhor nos belíssimos vitrais, ainda impressionada por estarem inteiros. Os bancos empilhados em um canto, abriam espaço para os inúmeros colchões, sacolas de roupas e alguns brinquedos espalhados.

Sorri para a garotinha com os braços estendidos na minha direção. A inocência das crianças era sagrada.

— Não encontramos os pais ainda, está sendo cuidada por todos. — Miguel se aproximou. — Vou pedir para alguém levar suas coisas,

reservamos um quarto na casa paroquial para vocês. Precisamos coletar os nomes, número de documentos daqueles que lembrarem, endereço, onde trabalhavam, todas as informações possíveis. — Ele limpou a testa. — Ali tem alguns papéis e pranchetas, voltamos aos anos oitenta.

Nós três forçamos um sorriso.

— Certo. — Sara estava abalada, arrisco dizer que mais do que eu.

A gritaria do lado de fora me fez saltar no lugar.

— Salvem minha mulher! Salvem minha mulher! — O jovem rapaz chorava, carregando sua esposa ensanguentada nos braços.

O instinto nos fez correr até ele. Duas moças surgiram, munidas de luvas e máscara, deduzi que eram médicas ou enfermeiras.

— Vem! Vem! — Uma delas fez sinal até o presbitério. Fiquei paralisada, sentindo os ossos tremerem. — Moça, vamos precisar de ajuda! — A outra me encarou com seus grandes olhos aflitos. Sacodi a cabeça e fui.

A mesa servia de maca. Quando o pobre marido colocou o corpo da esposa ali, ficou claro que ela já estava sem vida. O corte profundo em seu abdômen parecia respirar.

As duas se entreolharam, tampei a boca, segurando o grito e dei alguns passos para trás, esbarrando em alguém.

— Você vai se acostumar rápido com isso, infelizmente. Os próximos dias serão tristes.

O timbre daquela voz parecia um trovão discreto, daqueles que ameaçam explodir em um som ensurdecedor, mas mantinha suas ondas acústicas modestas. Potente, firme e audaz. Me virei rápido, imersa no cheiro herbáceo.

Um padre. Um padre bonito demais. Um padre dono de uma composição impossível de ignorar. Pedi perdão para Deus em pensamento.

— Desculpe, padre — pedi, tentando me lembrar como respirava. — Digo, sua benção, padre. — Juntei as mãos, abaixando um pouco a cabeça, antes que eu pegasse a dele, algo que eu não costumava fazer, mas era como se meu sangue fosse de aço e ele um imã gigante.

— Deus te abençoe, minha filha.

Ergui o olhar e me perdi no labirinto das suas íris negras. Presa, tentando me guiar pela completa escuridão. Parecia um reencontro, foi como entrar em choque térmico. Eu flutuava em uma eterna madrugada solitária, mas de repente, os gritos me trouxeram de volta para a cruel realidade.

Pessoas feridas, clamando por socorro, ou em busca dos seus entes queridos, entravam desesperadas na Abadia. O marido chorava debruçado no corpo sem vida da esposa que parecia me encarar com seus olhos estáticos e secos.

— Eu acho que não consigo... — Puxei o ar com força. Sara segurava a cabeça de um homem, enquanto uma das moças colocava o braço dele no lugar.

— Claro que você consegue. — O padre sorriu, parecia alheio ao caos. — A propósito, eu sou o Caleb, e você...?

— Ester... Ester Rodrigues.

— Bem-vinda à Terra Santa, Ester Rodrigues.

Capítulo 13

CALEB – TERRA SANTA

Fazia três dias que o terremoto destruiu parte da cidade. Era a natureza se vingando dos malditos Homens. Eu não tinha com o que me preocupar quando se tratava de mim, mas muita coisa estava em jogo.

Quando o primeiro tremor mais forte veio, orientei Amélia a pegar as meninas e se alojarem no porão da Abadia. Não podia correr riscos, era o cenário perfeito para alguma mais espertinha sobreviver e fugir, colocando todo o negócio abaixo.

Amélia foi rápida, cerca de uma hora depois que ela chegou, o prostíbulo foi abaixo de vez. Em meio ao caos inicial, perdemos cinco garotas.

Eu estava no subsolo da igreja quando meus instintos apurados avisaram que as voluntárias brasileiras haviam chegado. Farejei o ar, o leve aroma de pureza me fez sorrir. Subi sorrateiro e me mantive nas sombras de uma das Santas de gesso, observando o fruto proibido de cabelos dourados.

Assustada, perdida, desestabilizada. Fui recepcioná-la.

Ester Rodrigues...

— Bem-vinda à Terra Santa, Ester Rodrigues.

Mergulhei naquele par de olhos pequenos, mas perigosos.

— Obrigada, padre. — Ela olhou em volta. — Vou coletar os nomes conforme o Arcebispo pediu...

— Claro, se precisar de mim, estarei por aqui. — Coloquei uma mão em seu ombro, sentindo toda a energia daquele ser angelical. Ester prendeu a respiração discretamente, assentiu e com passos hesitantes, foi ao encontro dos outros voluntários locais que acenavam.

— Uma bela jovem. — Miguel se prostou ao meu lado. — Não a achou familiar? — Virei o pescoço rápido na sua direção.

— Não... teria motivo pra isso?

— Não sei... tive a sensação. — Ele a observava de um jeito misterioso. — Talvez seja coisa da minha cabeça, a garota é padrão, loirinha, magra, branca.

— Com certeza é isso. — Suspirei. — Vou voltar lá pra baixo. — Bati a mão no molho de chaves preso na minha calça, conferindo e saí.

Com cautela, subi no presbitério e me esgueirei pelas paredes. As pessoas estavam distraídas demais tentando sobreviver ou ajudar os que ainda se mantinham vivos, mas todo cuidado se fazia necessário.

Atravessei a grande porta de madeira maciça, fechando devagar, segui pelo corredor estreito e enfiei a chave na fechadura da segunda porta que dava na escadaria em espiral.

Amélia veio na minha direção assim que entrei.

— Caleb, precisamos tirá-las daqui, é arriscado demais. — Seus olhos faiscavam.

— Não sei se notou que a Abadia é praticamente o único prédio em pé num raio de nove quilômetros, então, não fala merda. — Dei dois tapinhas de leve no rosto dela.

Olhei para as três jaulas. Três meninas em uma e duas nas outras.

— Aquelas são as novatas? — Virei o pescoço de Amélia, apontando com o queixo. Ela confirmou, seus olhos refletiam medo. Os choramingos baixos perfuravam meus tímpanos.

Poderiam gritar o quanto quisessem, ninguém ouviria, o porão foi projetado com cuidado, pensando nas festas que aconteciam ali com frequência.

— Calem a boca! — Cocei os olhos, tentando me controlar. — Vocês deveriam ser gratas, gratas! — Coloquei as mãos na cintura, balançando a cabeça e me aproximei. — Centenas de mortos e desaparecidos, nós estamos cuidando de vocês!

— Seu monstro! Monstro! — Uma das garota recém chegada, quase enfiou ao rosto entre as barras e cuspiu na minha cara.

Meu riso veio lento, baixo, até escalonar. Limpei aquela nojeira com força. A filha da puta me olhava assustada, mas não recuou. Agarrei sua garganta pelo vão, puxando o corpo contra as grades de ferro.

Sentia os batimentos cardíacos pulsando contra a palma da minha mão, pressionei um pouco mais.

— Eu poderia te matar agora — murmurei com o maxilar travado.

— Então mata, padre — ela respondeu com dificuldade, mas não baixou a guarda.

— Não... não, não, não... pra você seria uma dádiva, não vou te dar esse gostinho — cochichei em seu ouvido, sentindo a frieza do ferro contra meu rosto. — Vai ter que trabalhar muito, lindinha — debochei.

As porradas na porta me fizeram soltá-la. Amélia me olhou apavorada. Fiz sinal para que ficasse quieta, encostando o dedo em riste contra os lábios. Fui até lá e abri uma fresta, respirei aliviado quando vi que era Miguel.

— Puta merda, não faça mais isso — repreendi.

— Não tô com a chave, padre. — Ele deu de ombros e entrou. — Escuta, não podemos parar os negócios aqui, os cassinos vão precisar de um tempo pra se refazerem. — Miguel não disfarçava o nervosismo.

— Usa a cabeça, foda-se que ficarão parados, sabemos bem o quanto eles têm em caixa, fora o seguro, vão continuar pagando mês a mês, ou a gente embarga as obras, simples.

— Como é bom ser amigo do Diabo...

— O Diabo não é amigo de ninguém, Arcebispo. — Pisquei. — Vamos esperar uns dias, não sabemos se todos estão vivos ainda, vou manter as meninas aqui e pensar no que faço. — Abri a porta.

— Caleb, onde vai? — Amélia abriu os braços.

— É hora de ser padre! Alguém conseguiu contactar o Theodoro?

— Internado — ela respondeu em meio a tosse seca de Miguel. — Achei um pouco estranho, o bairro dele não foi tão atingido...

— Talvez estivesse em outra região — comentei, olhando para cima, imaginando aquele monte de maltrapilhos ocupando minha Abadia. — Vou voltar pra lá, mantenham elas aqui, precisamos criar uma senha pra essa maldita porta.

— Duas batidas e um assovio — ele sugeriu.

— Ótimo.

Virei as costas e subi as escadas, conforme eu avançava, os lamentos ficavam mais altos. Antes de performar o padre, fechei os olhos, inspirei fundo e me embrenhei na multidão.

— Padre, alguém precisa buscar água no caminhão pipa. — Uma das fiéis que era enfermeira veio esbaforida. — O abastecimento vai ser cortado pra tentarem arrumar.

— Eu vou, só preciso da camionete. — Ela bateu a mão no bolso do peito, em seguida nos das calças e tirou a chave, me entregando. — O furgão da igreja tá carregado com mantimentos, por falar nisso, alguém precisa fazer a distribuição, por favor!

— Eu vou, padre. — Balancei a cabeça, agradecendo.

Conforme eu caminhava até a saída, meus olhos caíram em Ester. A jovem parecia mais esperta, empenhada com sua prancheta a tiracolo. Me aproximei, atraído por aquele semblante pueril.

— Padre! — Ela deu um sorriso contido, os lábios bem desenhados parecia uma obra divina de fato.

— Vamos comigo buscar água? — Chacoalhei as chaves. — Pelo visto, a ONU aprovou o envio de ajuda humanitária...

— Talvez eu precise falar com... — Ester espichou o pescoço. — Acho que não devo ir sem falar com a Sara.

— Ela é sua mãe? Ainda que fosse, você é maior de idade, senão não estaria aqui. — Ergui seu queixo com a ponta dos dedos. — Você quer — enfatizei — ir comigo, ou não? Ninguém tá te obrigando.

— Quero. — Saiu em um sussurro.

— Então vamos! — Dei um sorriso de canto, a reverenciando para que fosse na frente.

Um pouco deslocada, Ester me olhava de relance por cima do ombro. Senti minhas entranhas esquentarem. Podia ouvir o pulsar acelerado do seu coração. Seria a minha presença ou toda a desgraça que nos rodeava?

A Ranger cor de merda exibia alguns amassados na lataria, acionei o alarme e abri a porta para Ester, estendendo a mão para ajudá-la a subir no estribo. Ela titubeou um pouco, por fim, cedeu.

Foi um toque breve, mas o suficiente para que eu desejasse mais. Meu corpo reagiu diferente. Ester era uma maçãzinha apetitosa, com um brilho único.

— Desculpe, padre... você deve estar achando que sou uma abobada, só tô um pouco tensa, minha rotina sempre foi pacata. — Ela puxou o cinto de segurança, travando.

— Pode me chamar de Caleb. — Dei partida, pisando devagar no pedal, as ruas estavam uma bagunça.

— Não, não. — Ester me olhou com as sobrancelhas juntas. — O senhor é uma autoridade, padre, não conseguiria te chamar pelo nome, desculpe.

Não respondi de imediato, um desejo violento de corromper aquele anjo, se alastrava pelas minhas veias. Tão jovem, tão linda e tão fervorosa, aquela

era uma combinação rara nos dias atuais.

Será que a tua fé é maior do que tudo, Ester?

— Como você preferir, senhorita Rodrigues.

Capítulo 14

ESTER – TERRA SANTA

Queria afastar o sentimento de arrependimento que assolava meu peito. Me voluntariar foi uma tentativa de sair do tédio e quem sabe me reconectar com Deus. Eu era fluente em espanhol, um dos requisitos, então, não pensei duas vezes, mas a televisão não nos preparava para a realidade.

O cheiro ocre suspenso no ar, murmúrios, choros e pessoas agonizando. Era claustrofóbico. Ali, dentro da camionete com o padre, desejei que ele dirigisse para bem longe daquele apocalipse.

— Quanto tempo será que vão levar pra reconstruir tudo isso? — Juntei as mãos no meu colo.

— Estão ventilando uns três anos, vão priorizar mercados, moradias populares, é o protocolo.

— Acredita que foi Deus quem manteve a Abadia intacta? — perguntei receosa, com medo de que o questionamento soasse como uma afronta.

— Claro, Ester... — Fiquei intrigada, não parecia uma resposta sincera, foi como se Caleb tivesse escondido o que realmente pensou. — Mas se preferir, podemos buscar a resposta científica. — Ele me olhou de soslaio.

Aquilo era um teste?

— Não acredito que exista. — Limpei a garganta.

— Primeira vez que saí do Brasil? — Caleb desconversou e ligou o ar-condicionado do veículo, trazendo alívio.

— Segunda, mas a primeira vez foi algo em família. — Inspirei, sentindo a saudade inflamar. — Fomos para a Disney, depois disso, meu pai passou a investir em imóveis, então nos contentávamos em ir pra praia, às vezes algum estado mais longe, mas sempre dentro do país. — Tampei a boca. — Desculpe, acho que o nervosismo tá me deixando falante.

— Não tem problema algum... — Após quase quarenta minutos, paramos em uma fila de carros. — Falar sobre isso te abalou? — Soltei um riso sonoro, histérico.

— Perdi meus pais há cinco anos, ainda dói bastante — confessei.

— Ficou sozinha no mundo? — Caleb apoiou a mão no meu encosto de cabeça. A cicatriz em seu braço chamou minha atenção.

— Tenho uma irmã, missionária, tá na África, tirando ela, pode-se dizer que sim, sou sozinha no mundo... não que seja algo do qual me orgulhe. — Tentei fazer uma piada medíocre com a minha própria desgraça.

— E ficou ressentida com Deus? — O encarei, ressabiada. O olhar negro e brilhante me desestabilizou, desviei, voltando minha atenção para o carro na nossa frente.

— Não... — falei baixo.

— Não precisa mentir...

— Isso é uma confissão?

— Não.

— Então não há sigilo, nesse caso, prefiro ficar em silêncio sobre esse assunto, padre.

— Desculpe, só estava tentando te conhecer um pouco melhor, Ester.

Um militar bateu no vidro, pedindo os documentos. Caleb não estava trajando nada que indicasse que era um líder religioso — o que me causava estranheza —, mas não foi necessário, assim que o guarda bateu os olhos nele, deve tê-lo reconhecido.

— Eu que peço desculpas... não quis ser grosseira.

— Gostaria de se confessar com um padre estrangeiro, que não sabe nada sobre sua rotina, não te viu nascer, não te batizou e que provavelmente em poucos dias, você mal se lembrará da minha existência? — E foi naquele sorriso mais aberto que eu me embrenhei um pouco mais no seu labirinto misterioso. — Pode ser uma experiência e tanto, sem amarras, sem receios...

Meu coração acelerou. Eu não estava entendendo mais nada. Quis desviar o olhar dos lábios sorridentes, mas era hipnotizante. Esquadrinhei a sombra da barba, o furo sutil no queixo. Apesar do magnetismo e da beleza incomum, eu já estive diante de homens mais belos e nunca me senti daquele jeito.

— Parece uma proposta interessante...

Tentadora...

— Quando quiser, basta me procurar, senhorita Rodrigues.

— Vou... vou pensar...

Um outro militar, munido com seu fuzil, deu um soco de leve no capô, sinalizando para que andássemos. Sobressaltei no banco, com a respiração um pouco oscilante.

Não era a beleza de Caleb, havia algo nele, algo inexplicável, uma energia intensa, capaz de embaralhar os pensamentos. Tive a sensação que aquele homem entrou na minha mente.

Me calei, absorta em preces. Caleb estacionou rente ao caminhão e desceu, preenchendo alguns papéis. Três tambores foram colocados na caçamba, em seguida a mangueira que encheria um por vez.

— Você tá bem? — ele perguntou, apoiado na janela do motorista.

— Tô... isso parece cena de filme de guerra...

— Ainda não estamos em guerra, precisamos torcer pra não faltar comida e água, isso sim seria uma desgraça.

Me assustei com o linguajar e não consegui disfarçar.

— Não me assuste, padre — pedi, sentindo os olhos arderem.

— Enquanto estiver aqui, não deixarei que nada te aconteça, Ester.

Engoli em seco. Suas palavras me trouxeram um breve conforto. Pensei na minha casa, na cama macia, nos lençóis limpos e na ducha relaxante. Fechei os olhos, entrelacei os dedos e rezei com todo meu coração.

Demorou até que a gente retornasse. Quase não conversamos durante a volta, Caleb parecia ocupado demais com o celular, apesar de estar

dirigindo. Seu semblante mudou.

— Aconteceu alguma coisa, padre? — Arrisquei perguntar.

— Nada de novo, aos poucos vamos descobrindo as vítimas, conhecidos, membros da igreja, isso chateia. — Ele suspirou alto.

— Sinto muito...

Caleb me entregou um sorriso tenso. O padre estacionou nos fundos da Abadia, assim que descemos, Sara veio correndo, aflita.

— Ester, pelo amor de Deus! — Ela me abraçou com força. — Não faça mais isso, eu entrei em pânico, achando que algo tinha acontecido com você!

— Ela estava comigo. — O padre a encarou, seu tom soou levemente ameaçador, inibindo Sara. — Ester é adulta, capaz de se cuidar, não acha?

— O senhor não nos conhece, padre...

— Tem razão, não conheço, mas não é necessário pra saber que essa super proteção pode ser um pouco sufocante. Com licença, preciso descarregar os tambores.

Eu e Sara ficamos nos encarando, atônitas. Caleb havia sido rude.

— Qual é o problema desse padre? — ela cochichou, o observando se afastar.

— Ele disse que perdeu mais membros da igreja, talvez só não esteja em um momento bom. — Refleti. — Eles são humanos também...

— É... você tem razão, é muita pressão e muita coisa ruim acontecendo, mas por favor, não saia mais sem me avisar. — Sara segurou meu rosto e beijou minha testa.

— Desculpe...

— Tá tudo bem, vamos pra dentro, separar mantimentos e ajudar com o almoço. — Demos os braços, reparei que Caleb e o Arcebispo conversavam em um canto mais escuro. O padre parecia bem irritado.

Quando seus olhos caíram em mim, um frio atípico dominou meu abdômen. Acelerei os passos, quase arrastando Sara comigo.

A Abadia de Santa Luzia começava a parecer um pouco misteriosa demais.

Capítulo 15

CALEB – TERRA SANTA

— E como você sugere que a gente tire as meninas daqui sem que alguém veja, Miguel? — perguntei baixo, rangendo os dentes.

— Caleb, precisamos rodar o caixa, o cassino Bellagio disse que não vai pagar nada enquanto estiver parado!

— E você aceitou isso? Assim? Tá ficando mole? — Abri os braços, queria pegar Miguel pelo pescoço. — Não somos nós que dependemos

deles, é o contrário. — Me controlei para não gritar. — Eu vou resolver isso.

Ester me observava, seu cheiro pairava no ar e aquilo me desconcentrava. A encarei, mesmo de longe.

— Deixa que eu resolvo, calma Caleb!

— Calma? Você tá parecendo uma criança assustada, caralho! — Dei um tapa na parede, me recompondo em seguida.

— Ela valeria uma boa grana — Miguel disse, seguindo o meu olhar.

— Não. — Fui seco. — Tá louco? Ester é voluntária, a igreja dela sabe que a garota tá aqui. Pior, com certeza essa moça faz parte de alguma comunidade católica, a coisa ali é meio radical demais.

Não deixava de ser verdade, mas aquela era a minha menor preocupação. O comentário dele me incomodou.

— Você pode ser o líder da Terra Santa, mas não é o único nesse negócio, padre — ele desdenhou. — A jovem poderia sofrer um trágico acidente e ser dada como morta, pronto, a igreja dela choraria e a gente encheria os bolsos.

— Eu já falei que não. — Me aproximei um pouco mais, o olhando de cima, fechei as pálpebras por segundos e as abri. — Eu não sou apenas o líder da Terra Santa, sabe muito bem disso. Estamos entendidos?

— Si-sim... sim, mestre — Miguel gaguejou.

— Ótimo. Essa madrugada vamos tirar as cinco meninas, elas irão para a cabana, acho que podemos usar como medida temporária.

— A cabana que fica no seu quintal? — ele satirizou. Confirmei. — A colina... aquela região é considerada um lugar maldito, com todo respeito...

Rompi em uma gargalhada exagerada.

— Olhe ao redor, Arcebispo, o mundo é um lugar maldito! Nos vemos às três da manhã lá embaixo, vou usar o furgão da igreja pra não levantar suspeitas.

Miguel balbuciou alguma coisa que não entendi, virei as costas e saí. Guiado pelo cheiro de comida que vinha da cozinha que ficava do lado oposto da Abadia, junto com as salas de catequese, fui até lá. Ester picava cenouras com agilidade.

— Isso tá bem cheiroso — comentei, me aproximando das grandes panelas. — Temos mantimentos pra quantos dias?

— Depende, padre. — Ofélia, uma das fiéis, respondeu. — Muita gente vai procurar a Abadia pra comer, bendita hora que a diocese autorizou essa cozinha pros eventos. — Ela juntou as mãos, agradecendo. *Diocese? Sei.* — Acho que pra uns cinco dias.

Concordei com a cabeça e entreguei um sorriso fechado. Passei pela bancada, até chegar na ilha central, onde estava Ester. Parei ao seu lado, encostando o quadril na pedra fria, ela desconcentrou, quase cortando o dedo e soltou a faca, como se o utensílio estivesse fervendo.

— Padre Caleb, posso ajudar?

— Já tá ajudando, senhorita Rodrigues. — Peguei uma maçã do cesto, dando uma sonora mordida. — Você e a senhora ali são parentes?

— Não, Sara é apenas uma amiga próxima. — Ela voltou a cortar os legumes, um pouco mais devagar, ressabiada.

— Não tem amigos da sua idade? — Dei outra mordida, sentindo o sulco escorrer pelo queixo. — Quantos anos tem? Vinte?

— Vinte e um. — O olhar que tanto me encantava, travou em mim. — Tenho... não muitos, sabe como é, a faculdade acaba e as amizades

também...

— Acabam? Ou você se afastou? — Me aproximei um pouco mais. A tal senhora que chegou com Ester me encarava.

— Talvez tenha sido os dois, padre. — Ester olhou no fundo dos meus olhos, até minha boca úmida chamar sua atenção.

— Quer uma maçã, Ester? Ou quem sabe, uma mordida? — Projetei a fruta para perto dela, mantendo um sorriso discreto nos lábios.

As íris verdes escuras lembravam uma tigresa, ainda que adormecida até então.

— Não, obrigada, padre Caleb...

— Ester! Vamos, agiliza! — A bruxa se aproximou. Aquela mulher não me agradava. Sua alma fedia.

— Desculpe, Sara.

Desencostei, sem pressa. Abocanhei a fruta mais uma vez e interrompi a tarefa da senhorita Rodrigues, segurando com delicadeza seu punho.

— Sara, Sara. — Suspirei. — Lá, na sua igreja, talvez você tenha uma certa autoridade, mas aqui, na minha Abadia, não. — Sorri de forma irônica. — Qual o seu real interesse na Ester?

— Padre, o senhor tá interpretando errado. — Minha doce tentação balbuciou apreensiva. Arrastei o polegar pela pele macia do seu braço. Senti a região esquentar, enquanto o coração puro palpitava um pouco mais rápido.

— Nervosa? — cochichei no seu ouvido, sem tirar os olhos de Sara.

— Não... — A voz saiu estrangulada.

— Então, Sara, ainda não me respondeu. — Tirei a mão de Ester, antes que eu fosse além do que deveria.

— Apenas cuido dela, padre. Uma comunidade é pra isso também! — A resposta veio em um grunhido, eu estava certo sobre a comunidade. Pobre Ester. — Ela perdeu os pais muito nova, a irmã é missionária... eu cuido e protejo, o senhor tem algum problema com isso?

— Digamos que sua história não me convence. — Dei alguns passos, parando ao seu lado. — E eu vou descobrir — falei baixo e saí.

O que eu temia aconteceu, repórteres em peso cercavam a Abadia. A notícia da igreja intocada ganhava cada vez mais forças nas redes. Físicos e matemáticos buscavam explicações racionais, enquanto religiosos acreditavam no verdadeiro milagre.

— Padre! Padre! — Uma jornalista enfiou o microfone na minha cara. — O senhor acredita que Deus protegeu esse prédio por um motivo maior?

Não foi Deus, sua idiota...

— Claro, Deus sempre tem um propósito maior em tudo que faz. — Olhei para a câmera, buscando meu melhor ângulo.

— E o senhor vai celebrar uma missa pelas vidas que foram ceifadas com essa enorme tragédia?

— Com certeza, a prioridade agora é acolher e cuidar, mas quando as coisas acalmarem, irei celebrar como mereciam.

— Padre, por favor, deixe uma mensagem de esperança...

Esperança? As pessoas ainda tinham isso?

— Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque Tu estás comigo, a Tua vara e Teu cajado me consolam — citei parte do salmo vinte e três.

Tão batido, tão entediante, mas que surtia uma comoção ridícula em muitos.

— Amém. — Os repórteres ao meu redor responderam em coro.

Pedi licença e fui até o caminhão da Cruz Vermelha que acabava de estacionar. Recepcionei os voluntários usando a cordialidade que se espera de um padre. Eu já havia sido informado que eles montariam uma base na área externa da Abadia.

Miguel apareceu.

— Tá ficando complicado com tanta gente em cima — ele comentou preocupado.

— Vai dar tudo certo, eu vou refazer essa cidade, Arcebispo.

Miguel me encarou com um sorriso discreto. Era uma luta entre o bem e o mal, eu deixava o barbudo lá de cima bravo e como prêmio, Ele mandava lembrancinhas. *Papai* era assim, temperamental.

Mas havia um pequeno detalhe: diante da ruína e do desespero, as pessoas se tornavam famintas por esperança. Eu usaria as escrituras sagradas como a verdadeira arma que elas eram, apontando para os corações e mentes enfraquecidos pelo desespero.

Capítulo 16

ESTER – TERRA SANTA

No final do dia eu me sentia exausta. Servimos dezenas de pratos de comida. Meu corpo ainda reclamava da longa viagem. Eu só queria um banho e cama. O poder de adaptação do ser humano era algo realmente incrível. Em poucas horas, todo aquele cenário já não me atingia como quando cheguei.

Lavei as mãos e fui até Sara, que desde que Caleb a reprendeu, se manteve mais calada.

— Ei, tá tudo bem?

— Não sei, Ester... — ela lamentou, com os olhos marejados. — Acho que eu não gosto desse padre, ele estava sem o colarinho romano. — Sara tampou a boca com uma das mãos, arregalando os olhos. Dei um riso discreto. — E que Deus me perdoe, mas deveria ser proibido sacerdotes... — Sara limpou a garganta.

— Charmosos? — soltei.

— Ester, pare! — Um pouco constrangida, ela tirou o avental com o nome da Abadia bordado. — Andou reparando também? — Os olhos afiados se fixaram em mim.

— Não me condene, não sou cega e nem a senhora — provoquei. — E o Papa deu uma flexibilizada sobre as vestes, Sara...

— Mas o colarinho não deve ser tirado, é a aliança dele com Jesus! — ela repreendeu. — Ester, Ester, vamos pros nossos aposentos, trate de rezar.

Demos os braços e saímos da cozinha. A noite estava fresca e o céu exibia uma infinidade de estrelas.

— Sara? — Ela me olhou. — Por que nunca mais se casou? Digo, você ficou viúva jovem e poderia... desculpe, não tenho nada com isso — falei sem graça.

— Foi uma escolha minha, querida. Eu sei que Deus permite, que o laço matrimonial se extingue com a morte do cônjuge, mas eu quis viver a minha castidade. Leopoldo foi meu único homem e pretendo manter assim.

Continuamos pelo caminho de pedras, o jardim da Abadia era lindo, arbustos bem aparados e árvores frondosas se erguiam de forma estratégica. A vontade de perguntar se ela não sentia falta de ter alguém, dos carinhos e intimidades, pinicava dentro de mim.

— Ester! Sara! — Ofélia, a moça simpática que descobri ser enfermeira, nos chamou, acenando com o braço erguido. Fomos até lá. — Preparamos a bacia e a caneca, voltamos para 1800. — Um riso opaco decorou seu rosto cansado.

Era o óbvio, ainda assim, me pegou de surpresa. A julgar pela expressão de Sara, ela também estava perplexa. Foi então que senti sua presença. Caleb tinha a sutileza de um gato, se esgueirando pelos cantos mais escuros.

— Deus seja louvado por estarmos no verão ainda. — O padre juntou as mãos.

Notei os cabelos úmidos e as roupas limpas, mas o que realmente me chamou a atenção foi o colarinho romano por baixo da camisa social preta, como se ele tivesse ouvido nossa conversa.

Sara me olhou de canto, surpresa, com certeza pensou o mesmo que eu. Senti vontade de rir.

— Precisa de mais alguma coisa, padre? — ela questionou um pouco ríspida.

— Sempre preciso, mas não agora.

Caleb era enigmático.

— Então, com a sua licença, Ester e eu vamos entrar, precisamos de uma boa noite de sono.

— Preciso falar com Ester, fique à vontade, Sara, tome seu banho. Ofélia, ajude a irmã, por favor. — O sarcasmo escorria por cada sílaba quando ele a chamou de irmã.

Ela relutou um pouco, as sobrancelhas franzidas acentuavam um pouco mais suas marcas de expressão. Ofélia apoiou a mão nas costas de Sara, a

conduzindo para dentro com carinho. Caleb sorria para mim. Será que aquele homem fazia ideia do quanto seu olhar atravessava minha alma?

— O que gostaria de falar comigo, padre? — O cheiro de dama-da-noite veio com força pelo ar.

— Daqui alguns dias, quero realizar uma missa, poderia me ajudar?

— Eu? Por que eu? — Era um convite inusitado.

— Estou com poucas pessoas, infelizmente alguns dos ministros não sobreviveram, é uma tentativa de trazer esperança e consolar os corações daqueles que perderam seus entes queridos. — Caleb puxou o lábio inferior entre os dedos.

Seu perfume um pouco mais amadeirado e herbáceo, se misturava ao da flor, me embriagando.

— Posso, claro. Onde estava, padre? — A pergunta saiu sem pensar.

— É sempre curiosa, Ester? — Seus olhos percorreram meu rosto, demorando um pouco mais quando encontraram meus lábios.

— Desculpe, não sei por...

— Pare de se desculpar por ser você mesma, senhorita Rodrigues. — Ele deu uma piscadela que refletiu no meu estômago. Puxei o ar pelo nariz. — Eu estava em reunião com o Arcebispo, é possível que o Bispo passe por aqui, dei algumas entrevistas, conversei com o pessoal da Cruz Vermelha, rezei com um grupo desesperado... quer mais alguma informação?

— Não, não... eu vou entrar, tomar meu banho e dormir, padre, estou cansada. — Caleb pegou meu punho com cuidado, virando a palma da minha mão para cima.

— Nervosa? — Seu dedo seguiu as linhas, traçando caminhos aleatórios. Meus pulmões congelaram, abri a boca, mas eu não consegui falar. — Sua

mão tá suada. — Ele ergueu um pouco o queixo. — Sua testa também.

— Tá abafado... — Soltei o ar pela boca. Caleb prendeu minha mão entre as deles. Eram grandes, o toque morno e aveludado irradiou pelo meu corpo. Meu coração não aguentaria aqueles solavancos. — O clima aqui é...

— É quente, eu sei, costumava ser mais ameno que no Brasil, mas vivemos novos tempos.

— Já esteve no Brasil? — Senti uma vontade enxerida de pressionar os dedos na lateral da mão dele e me deixei vencer por ela.

— Já. — Seu semblante mudou. Caleb aos poucos me soltou. Lamentei, sentindo o peso da culpa me atingir como uma flecha. — Poucas vezes... vá descansar.

— Sim, padre — respondi baixo e passei por ele, indo para a casa paroquial a poucos metros.

Dei duas batidas na porta, Ofélia atendeu de pijamas e Sara ainda estava enrolada em uma toalha desgastada, revirando a mala.

— Deixei os canecões no banheiro, Ester — Ofélia disse, apontando para o corredor. — Segunda porta.

— Obrigada.

Abri minha bolsa, peguei o pijama e os itens de higiene. Lembrei do celular, completamente sem bateria. Não me importei, ninguém importante me ligaria ou mandaria mensagens.

— Eu deveria ter feito isso... — Sara lamentou, apontando para as roupas. Não respondi, fui para o banheiro.

A luz amarelada mal iluminava os azulejos que pareciam pastilhas de chocolate. A canecas estavam dentro do boxe, comecei a me despir, quando tirei a calcinha, notei o pecado entre minhas pernas.

A mancha discreta e o cheiro um pouco mais forte me fizeram comprimir os lábios. Senti a umidade quando rocei uma coxa na outra sem querer. Pensei em rezar, mas não me sentia digna.

Apoiei as mãos na pia, alongando as costas. Fechei as pálpebras e só conseguia vislumbrar o par de olhos negros do Caleb. Levei a mão que ele tocou ao nariz, tentando inspirar algum resquício do seu perfume.

O que você tá fazendo, Ester?

Abri os olhos, assustada, tive a sensação de não estar sozinha. Uma risada carregada de tensão escapou. Inspirei e expirei algumas vezes. Meus mamilos arrepiados começaram a me incomodar. Olhei para o vaso sanitário e como se algo poderoso me guiasse, coloquei um pé na borda.

Meu cheiro atingiu minha narinas. Aos poucos escorreguei uma das mãos por entre os seios, alcançando meus pelos pubianos.

— Meu Deus... — Desviei o olhar do espelho. — Estão melados... — falei comigo mesma.

Aquilo era bom. Errado, mas muito bom. Desci mais um pouco, sentindo os grandes lábios carnudos. Meus dedos deslizavam fácil. Eu queria enfiá-los dentro de mim, e apesar de eu saber que aquele gesto não romperia meu hímen, meu inconsciente usava essa falsa narrativa como desculpa.

Tirei a mão rápido.

— Perdão, Senhor! Perdão! — Dei alguns passos para trás, esbarrando na parede fria atrás de mim.

Fiquei presa no meu reflexo alguns minutos, até que me enfiei no boxe e joguei uma das canecas com água fria na cabeça.

Eu estava queimando, meu corpo formigava, conforme eu me tocava para tomar banho, me sentia imersa em uma nuvem, como se minha pele

estivesse mais sensível. Soltei um gemido abafado quando lavei os seios.

— O que tá acontecendo? O que tá acontecendo?

Esfreguei as coxas com força uma na outra, ensaboei a mão e lavei entre as pernas.

— Isso é muito bom... — Toquei de leve meu clitóris. Estava rígido. — Não posso... não posso...

Aquilo precisava parar, eu estava prestes a perder o controle. Comecei a rezar enquanto finalizava o banho.

Sai do banheiro me sentindo imunda.

Capítulo 17

CALEB – TERRA SANTA

Sua temperatura elevada, o cheiro de fêmea, o coração que acelerava quando estava perto de mim, e os espasmos involuntários, quase imperceptíveis dos músculos de seu rosto angelical, mexiam comigo, mas era outra coisa que me intrigava mais.

Havia uma névoa envolvendo Ester, algo não contado. Assim que ela entrou, voltei para a Abadia e desci até o porão, carregando uma mala.

— Caleb, porra, que demora! — Amélia reclamou, como sempre. — O que é isso? O corpo de alguém picotado?

Eu ri.

— Gosto desse humor ácido — brinquei. — Trouxe roupas menos chamativas e sujas pra colocar nelas, se alguém nos flagrar saindo, vamos dizer que só estamos transferindo algumas pessoas de lugar. — Coloquei a bolsa na mesa de madeira empoeirada e abri o zíper. — Notícias do Theodoro?

— Não corre riscos, mas ficará internado por enquanto — ela respondeu.

— Cadê o Miguel? — questionei, estranhando. Amélia começou a separar as peças de roupas.

— Disse que tinha assuntos pra resolver, mas que estaria aqui no horário combinado.

Assuntos? Quais assuntos? Imaginei que talvez tivesse voltado ao Bellagio sozinho. Isso me preocupou, aqueles caras eram sanguinários quando queriam. Se matassem Miguel, eu precisaria encontrar alguém para colocar no seu lugar e ensinar toda a dinâmica. Um saco.

— Oriente suas meninas a se trocarem. — Tirei o pacote com as vendas. — Todas de olhos vendados depois que estiverem na van.

— Certo. — Amélia ameaçou falar algo, mas voltou atrás, me intrigando.

— O que foi? Fala.

— Miguel... ele, ele levou uma delas... não quis dar explicações e disse que depois se entendia com você...

Aquilo me intrigou, mas não podia perder o foco. Mais tarde eu conversaria com o Arcebispo. Amélia foi até uma das jaulas, ordenando que as jovens trocassem de roupa. Me retirei, precisava ligar para Maria, minha funcionária de confiança.

Fui ao jardim, me embrenhando entre as árvores. Verifiquei se não havia ninguém por ali e tirei o celular do bolso.

— Maria, fez o que eu pedi? — perguntei baixo, sempre atento ao redor.

— Claro, padre, a cabana tá pronta.

— Ótimo. — Tive a sensação de estar sendo observado. Desliguei, me virando. Não havia ninguém. Apurei meus sentidos, tentando sentir ou ouvir algo diferente. Nada.

O relógio marcava meia-noite e dez, fui para a estação da Cruz Vermelha, rezar pelos enfermos ali presentes. Precisava me distrair até às três. Era divertido ser visto como um deus, principalmente pelas mais senhoras.

Alguns caminhões do exército passaram apressados, carregados de mantimentos e cobertores, devagar, tudo ia silenciando um pouco mais. Pedi licença para uma das médicas que praticamente estava dormindo em pé e me dirigi para o pátio ao lado das salas.

O furgão preto com o nome da Abadia plotado em branco me aguardava. Esperei para dar a partida, atento ao retrovisor, quando algum veículo passasse, fazendo barulho, eu ligaria o motor.

Ouvi passos do lado de fora, o que me impediu de levar um susto quando o policial bateu no vidro. Abri a janela e sorri.

— Boa noite, padre. Aconteceu alguma coisa?

— Muitas coisas, não? — brinquei. — Boa noite.

Ele deu um riso sem graça.

— O senhor vai pra onde?

— Não consigo dormir, estou indo pro ginásio, rezar pelas pessoas, levar conforto espiritual para àqueles que perderam seus entes, nada demais.

— Que Deus faz algo assim, padre? — O policial apontou para a cidade.

— Talvez tenha sido o Diabo, já se perguntou isso?

— Aprendi que não cai uma folha da árvore se Deus não permitir, mesmo que tenha sido uma traquinagem do inimigo, Ele permitiu, não acha? — O homem apoiou os braços na janela do furgão, me encarando com um sorriso vitorioso.

— É a maneira que o Pai tem de testar nossa fé, um pouco controversa, eu sei, mas não devemos questionar.

— Autoritário... enfim, padre, será que o senhor poderia levar algumas caixas de medicamentos e cobertores pro ginásio? São doações de alguns locais. Não cabem na viatura.

Que merda.

— Claro, sem dúvidas, onde estão?

— No posto da Cruz Vermelha, achei que a doutora tinha te informado.

— Ela tá exausta, deve ter esquecido, eu vou até lá carregar. — Dei partida.

— Eu te acompanho.

Abri um sorriso, enquanto por dentro eu o amaldiçoava. Encostei o carro e com a ajuda do policial que aparentemente não acreditava em Deus, colocamos na parte de trás do furgão.

— Pronto, só vou verificar se fechei a sacristia e levo até lá.

— Precisa de escolta, padre?

Não, preciso que você me deixe em paz, inferno...

— Não, tá tranquilo, pode correr atrás dos bandidos, apesar de não ter sobrado muito o que roubar...

Ele explodiu em uma risada áspera

— Gosto do seu humor, padre Caleb. — A mão pesada afundou no meu ombro. — Obrigado.

Finalmente o filho da puta entrou na viatura e saiu devagar. O relógio marcava três e vinte, eu estava atrasado. Esperei um pouco, contornei a Abadia, estacionando nos fundos e desci as escadas apressado.

— Caleb, que inferno! — Amélia arrancava peles morta em volta dos dedos.

— Tive um contratempo. Prontas? — Ela confirmou, abrindo a jaula com agora, quatro meninas, a que Miguel levou ainda estava me intrigando. — Qualquer gracinha, vocês sabem, não sabem? Se encontrarão com Deus mais rápido, se é que Ele vai querer vocês nos reinos dos céus — ironizei.

— Talvez fosse melhor assim. — Uma delas me encarou com ódio. Levei a mão para o cós de trás e saquei a arma, encostando na lateral da sua cabeça.

— Prefere? — Todas gritaram e se jogaram ao chão, menos ela, que começou a chorar em silêncio. — Prefere? — gritei, enterrando um pouco mais o cano na sua têmpora. — Um, dois...

— Não... por favor... — Seu corpo tremia, a garota fechou os olhos com força.

— Caleb! — Amélia berrou. — Caleb, agora não! Não é o momento, para!

Respirei fundo e guardei a arma, encostando a boca no ouvido da infeliz.

— Mais uma reclamação e eu te mato, boneca — debochei. — Anda! Em fila, vamos subir! Eu vou na frente.

Seguimos pela escadaria, pé ante pé. Antes de abrir a porta que daria para a rua, pedi silêncio, concentrando nos sons de fora. Tudo parecia quieto. Miguel não tinha aparecido. Filho da puta.

O furgão estava estacionado com a parte de trás virada para a porta. Puxei a alavanca, abrindo. As caixas ocupavam um espaço considerável, mas elas caberiam ali.

Amélia entrou para distribuir as vendas, depois que cada uma colocou, foram algemadas com as mãos para trás. Fechei, conferindo se estava trancado e entrei na parte da frente.

Logo ela abriu a porta do passageiro, se sentando ao meu lado.

— Você sabe de mais alguma coisa sobre o Miguel? — perguntei antes de dar partida, alisando o volante.

— Claro que não, Caleb, eu não sei de quase nada nessa merda!

De novo tive a sensação de estar sendo observado. Olhei pelo retrovisor lateral. Eu não estava errado daquela vez.

— Mas que droga! — Dei um soco no painel e desci. Fui me aproximando dela com passos lentos. O som dos pedregulhos ecoavam pela madrugada.

Ester estava parada ao lado de uma das macieiras. Mesmo usando um pijama de senhora, ela continuava sendo a mulher mais linda que conheci em toda minha existência. A cor branca da sua roupa de dormir, me atiçava ainda mais.

— Padre... eu perdi o sono...

— E achou uma boa ideia dar uma volta? — Suspirei.

O quanto ela tinha visto?

— Ouvi uma criança chorando na Abadia, pensei que eu poderia ajudar... não sabia se ela estava com a mãe, ou sozinha... eu... — Ester espichou o pescoço, segui seu olhar curioso.

O reflexo de Amélia no retrovisor chamou sua atenção.

— Então, o que tá fazendo aqui fora?

— A batida da porta me deixou curiosa, me perdoe, padre. — Ester abaixou a cabeça. — Quem é a moça?

— Amélia, ela me pediu ajuda, quer ir pra outro lugar e vou levar medicamentos até o ginásio.

— Posso ir com vocês? — O olhar incisivo parecia querer desvendar minha alma. Se eu tivesse uma, Ester teria conseguido.

— Não, não pode. Preciso de você descansada pra amanhã.

— Mas... por favor, eu tô entediada...

— Ester! Pra dentro, agora, depois conversamos.

Fechei os olhos, sabia que não podia abri-los, caso contrário, aquele anjo sumiria para sempre. Ouvi seus pés contra as pedras. Ester correu e eu acabava de ganhar mais uma preocupação.

Capítulo 18

ESTER – TERRA SANTA

Meu coração batia na garganta. Antes de entrar na casa paroquial, regulei a respiração. Algo acontecia dentro de mim, padre Caleb congestionava meus pensamentos.

Abri a porta com cautela e na ponta dos pés, voltei para o quarto bucólico. Encarei Jesus preso em sua cruz, entre as duas camas de solteiro. Sara dormia pesado, roncando baixo. Fui até a janela e puxei um pouco a cortina de voal branca.

O furgão ainda estava lá, com as lanternas acessas, mas logo saiu. Olhei para a Abadia, mergulhada na escuridão. Apenas dois dos inúmeros vitrais

refletiam uma luz suave, talvez por causa das crianças que ali dormiam.

— Perdeu o sono?

— Meu Deus! — Soltei um grito, tampando a boca e me sentei na cama. O estrado rangeu. — Sara, caramba...

— Desculpe, não quis te assustar. — Ela se levantou. — Preciso de água, quer alguma coisa? — Neguei, agradecendo.

Voltei para a janela.

— Mas o quê...? — Cerrei os olhos. Aquele era o Arcebispo e ele parecia bêbado a julgar pelos passos cambaleantes.

E se ele estiver passando mal?

Mordi o lábio inferior, aflita.

— O que tanto olha por essa janela, querida? — Mais uma vez Sara me assustou. — Ester, você tá bem? Parece nervosa.

— Acho que é cansaço, um pouco tensa com tudo... — Virei o pescoço na sua direção, quando olhei de novo, Miguel havia sumido. — Vou tentar dormir.

Deitei, puxando o lençol até a cintura. A moça no furgão não saia da minha cabeça.

Quem era ela?



Eu estava no mais profundo sono quando Ofélia nos acordou às cinco. Meus olhos arenosos mal abriam. Queria tomar um banho, mas logo pela manhã ainda era bem fresco e não tive coragem de jogar água fria no corpo, lavei apenas o rosto.

Vesti uma calça jeans escura, coturnos e uma camiseta branca um pouco solta. Os cabelos rebeldes disfarcei com um coque fofo no topo da cabeça e fomos para a cozinha. A fila já estava dando a volta no jardim.

— Sara, pode nos ajudar lá dentro? — Ofélia apontou para a Abadia. — Estamos com mais voluntárias locais pra cozinha hoje.

Ela não gostou muito, trocamos olhares, por fim, Sara a acompanhou. Discretamente procurei por Caleb e Miguel, estranhei a ausência dos dois. Assumi meu posto atrás do balcão improvisado e comecei a servir as pessoas.

— Não pode me dar mais leite, tia? — A menina de uns nove anos perguntou.

— Meu amor, a tia precisa distribuir para as outras crianças também, prometo que se sobrar, eu te dou mais um pouquinho, tudo bem?

Seus pequenos olhos brilharam e ela agradeceu. Aquilo partia meu coração, mas imaginar que os outros pequenos pudessem ficar sem,

também. Olhei para a grande despensa e fui lá conferir quais itens tínhamos.

Ouvi quando a porta bateu enquanto eu contava as caixas de leite em uma das prateleiras. Reconheci o cheiro. Meu sangue ganhou mais velocidade dentro das veias.

— E se todas as crianças te pedirem um pouquinho mais de leite, Ester? — A voz forte sussurrou no meu ouvido.

Caleb estava tão próximo que eu podia sentir seu calor.

— Não pensei nisso...

— Talvez seja o sono atrasado, se ficasse quietinha dormindo, ao invés de xeretar pela Abadia, estaria mais atenta, não acha?

Torci para que aquele tremor fosse apenas o meu corpo reagindo ao hálito morno resvalando na pele da minha nuca e não outro terremoto.

— Eu não fui xeretar, padre. — Reuni forças e me virei, o encarando. — Afinal, o que teria pra xeretar aqui? A não ser que esconda algum segredo — desafiei.

— Todos nós carregamos segredos, eu tenho os meus e os dos fiéis, por falar nisso, pensou na minha proposta? Quer se confessar?

Caleb não se afastou.

— Onde você dorme? — Ele franziu as sobrancelhas e coçou a sombra da barba.

— Na cama, Ester! — A risada sarcástica me irritou, Caleb percebeu. — Padres podem ter suas casas, tenho a minha, às vezes fico na paroquial, às vezes não, agora me diz.

O padre apoiou as duas mãos nas prateleiras, me encurralando. Inspirou o ar, como se quisesse absorver cada partícula do meu cheiro só para ele e

fechou os olhos. Meu peito subia e descia rápido.

— O que foi? — Caleb continuava de olhos fechados. Foram três suspiros pesados.

— O que você viu ontem, Ester?

— Abra os olhos! — O ambiente ficou mais quente, um vento repentino e inexplicável bagunçou os fios soltos dos meus cabelos. — Padre! O que tá acontecendo? Socorro! Socorro! — Tentei gritar, mas minha voz colou na garganta.

A mão grande e forte tampou minha boca com força. Primeiro veio o susto, depois uma onda de prazer. O toque bruto, porém, delicado. Seu cheiro viciante e a pele morna e macia em contato com meus lábios, amoleceram minhas pernas.

— Tá com medo daquele que pode te proteger de qualquer coisa? Vou te soltar, não grita e me responda... O que você viu ontem...? — Ele tirou a mão devagar.

— Me deixa ver seus olhos, Caleb — pedi baixo, ofegante. O padre se afastou. — Me deixa ver os seus olhos! O que tá acontecendo?

— Ester, que porra! — Assustei, mas não o suficiente para sair correndo dali. Ele parecia agonizar em dor, seus músculos estavam contraídos.

Caleb puxou o ar pelo nariz e soltou pela boca, até que finalmente, abriu os olhos devagar.

Pareciam mais escuros e no lugar do brilho de sempre, me deparei com íris opacas. Eu podia jurar que havia duas brasas pequeninas ali, apagando aos poucos.

— Responda, Ester! O que você viu ontem?

— Nada! Nada! Meu Deus, qual é o seu problema? Eu só vi você e a tal Amélia saindo no meio da madrugada dentro do furgão e sim, padre, eu achei estranho, é isso que queria saber?

Quando me dei conta, estava perto dele de novo. Caleb me olhava de cima, não conseguia decifrá-lo, mas queria com todas as minhas forças.

— Acha estranho eu ajudar alguém e levar remédios pra centenas de pessoas? Ou tá julgando a Amélia, Ester? — Eu estava. Mais uma vez o peso da culpa pesou no meu peito. — Ela é uma prostituta, por isso quis ir pra outro lugar, por causa de pessoas como você!

Caleb apontou o dedo para mim e teve o mesmo efeito de um tapa na minha cara, talvez pior.

— Acho que não sou digna de estar aqui, eu não sei onde estava com a cabeça, vou voltar pro Brasil...

Dei alguns passos para trás e sai da despensa, correndo em direção da casa paroquial. Aquele lugar abalava minhas estruturas, mexia comigo de uma maneira sinistra. Quase arranquei a porta e fechei com a mesma força, escorregando minhas costas pela madeira maciça.

— Ester, abre! — Caleb bateu sem dó, sacodindo meu corpo. — Ester!

Minha carne latejava, quanto mais eu ficava perto dele, mas eu me tornava dependente da sua presença, como se fosse uma droga de alto poder viciante. Tudo estava errado e confuso. Seria a tal química que todos falavam? Meus hormônios agindo de forma tardia? Aquilo precisava parar.

Levantei em um rompante e abri a porcaria da porta.

— O que você quer?

— Te decifrar... — O padre entrou e eu não podia impedir, era a casa dele. No fundo, eu não queria impedir. Caleb fechou a porta com uma

delicadeza inusitada, passou a chave e encostou nela, sem tirar os olhos de mim. — Você é uma represa prestes a explodir, sua barragem tá trincada, minando água, Ester, sabe disso.

— Você não me conhece, faz menos de vinte e quatro horas que pisei nesse lugar, não ouse...

— Falar a verdade? — O sorriso capaz de derreter meu coração e gelar meu estômago, bagunçou qualquer raciocínio. — Me responda, senhorita Rodrigues, quando foi a última vez que fez algo por vontade própria?

Meus olhos se abriram mais, para muitos seria uma pergunta simples, mas fui nocauteada. Minha mente virou uma máquina do tempo, percorrendo as memórias. Meus lábios se entreabriam, mas não havia resposta.

— Não sei... — Me dei por vencida. — Não sei, talvez... talvez nunca!

— Se confesse comigo, Ester...

— Ainda não me sinto pronta, padre...

Capítulo 19

CALEB – TERRA SANTA

— Ótimo, então, se quiser voltar pro seu país de merda, vá, corra de volta pro seu conforto, pra sua vidinha pacata, vai! — Me exaltei. No mesmo instante, veio o arrependimento, eu não queria que Ester fosse embora.

Ela deu um longo suspiro, mirando o chão.

— Eu ainda tô ressentida com Deus. — Demorei um pouco para entender, até me lembrar da nossa primeira conversa. — Ele permitiu que meus pais morressem ao mesmo tempo, jovens, então sim, meu rancor tá aqui e parece que impregnou, me envenenando dia após dia! — Quando ela

ergueu a cabeça, os olhos marejados fizeram meu coração pesar, era a dor na sua forma líquida. — Minha irmã... — Ester limpou as lágrimas com força. — A fé dela é inabalável, Raquel enfrenta lugares precários em nome do seu amor por Deus, sempre com um sorriso no rosto e tem hora que isso me irrita tanto, padre! Como alguém consegue realmente amar o próximo daquele jeito?

— Você tá se condenando à toa, aceitar as vontades de Deus que são contrárias às nossas, é muito difícil, Ester. — Dei alguns passos na sua direção. — Amar o próximo não deve ser levado no sentido tão literal assim...

Ester mudou o olhar, estava confusa, intrigada.

— Você é um padre, não deveria... — Ela comprimiu os lábios, se auto interrompendo.

— Antes de padre eu sou um homem...

Ou quase isso...

— Preciso ficar sozinha, por favor...

— Claro. — Me aproximei um pouco mais, atraído pelo cheiro natural da sua pele, tentando responder a pergunta que ricocheteava na minha mente. Diante daqueles sentimentos que me inundavam, eu tinha quase certeza de que era ela. — Se for voltar pro Brasil, apenas se despeça antes, eu ficaria muito chateado se fosse embora sem falar tchau. — Coloquei uma mecha de cabelo solto dela atrás da orelha, observando a lágrima que escorria com lentidão.

No ímpeto, beijei sua bochecha, absorvendo o sabor salgado, imerso na maciez da pele morna. Ester estava excitada, seu cheiro vinha de encontrou ao meu nariz e apesar da camiseta um pouco mais solta, os mamilos

enrijecidos marcavam o tecido, como se fossem rasgá-lo, me convidando para um banquete onde nenhum outro jamais esteve.

Virei as costas e sai rápido. A imagem daquela mulher nua me causou o início de uma ereção. Bati a porta e desci os três degraus da pequena escada da varanda. A víbora me observava, parada ao lado da Abadia. Sara.

Caminhei até ela.

— Bom dia, Sara — cumprimentei. — Quer me falar alguma coisa? Ou só está admirando?

— Essa sua insolência deveria ser denunciada na diocese, Caleb. — A mulher era durona. — Fique longe da Ester, já reparei como olha pra ela! — Sara desencostou da parede de pedras, alinhando a coluna.

— E como ela — enfatizei — olha pra mim, já reparou também? — Arqueei as sobrancelhas, exibindo um sorriso ladino.

Os olhos flácidos faiscaram, sua fúria era quase palpável.

— Vou falar com o Arcebispo, isso é uma desonra, você não é digno...

— E você, é? Sinto o peso dos seus pecados, Sara. E em breve, vou descobrir um por um, você não faz ideia com quem está lidando. — Miguel surgiu entre os arbustos, caminhando devagar até nós. — Arcebispo! — Ergui o braço. — Sara quer falar com o senhor!

A mulher perdeu a cor. Ouvi o coração podre esmurrando sua caixa torácica.

— Sara, querida Sara, pode falar. — Miguel parou, cruzando os braços atrás do corpo.

— Não se acanhe, irmã, prefere que eu me retire? — Coloquei a mão no seu ombro, empurrando um pouco para baixo.

— Eu só... — Duas engolidas em seco, enquanto o nervosismo se alastrava pelas suas veias. — Eu... eu queria dizer que terminei de coletar os dados dos que estão aqui, arcebispo.

— Muito bom, isso vai ajudar bastante. — Miguel olhou rapidamente para mim. — Com a Cruz Vermelha operando, Ofélia tá mais sossegada, peguem a camionete dela e vão buscar os mantimentos na base.

Sara pensou em questionar, mas saiu afundando os pés no cimento batido.

— Onde você estava? — questionei.

— Fui na casa do Antonie Bellagio, levei uma das meninas de presente...

— Espera, espera! O cara não quer nos pagar e você ainda leva uma das garotas assim? Miguel! — Abri os braços.

— Caleb, me deixa terminar! — ele falou entredentes. — Antonie tem seus fetiches, a única maneira de ele continuar pagando a nossa parte, era essa, situações extremas sempre exigem medidas mais drásticas, é só uma menina, não cria caso!

Três senhoras e dois homens passaram por nós, carregando alguns lençóis, acenamos com um sorriso.

— Certo, certo. Precisamos do caixa rodando. — Olhei para a casa paroquial, Ester aparentemente ainda estava lá, remoendo nossa breve conversa.

— Qual é o problema com a Sara?

— Não gosto dela, a mulher disse que iria me denunciar pra você. — Rimos ao mesmo tempo. — Levanta a ficha dessa cobra velha, conversa com o padre da igreja onde ela frequenta, algo me diz que tem muita sujeira aí.

— Você não deveria saber? Digo...

— Miguel, faltou em quantas aulas de catequese? Não sou onipresente, apenas ando pela Terra, esqueceu? — Refleti um pouco sobre a pergunta dele. — Ou melhor, deixa comigo, tenho a pessoa certa pra descobrir. — Soltei um riso nasalado.

— Um dos seus anjinhos? — ele brincou.

— É, eu diria que uma anja, muito bonita e sedutora. — Pisquei.



Nos últimos cinco dias, me mantive afastado da Abadia, percorrendo pelos locais que abrigavam as vítimas. Precisava ficar longe de Ester por um tempo até ter certeza dos fatos. Amélia cuidava das meninas na cabana, aquilo virou uma colônia de férias, contudo, as coisas corriam conforme o esperado.

Na manhã seguinte, iria celebrar a missa.

Eu estava no escritório ao lado da sacristia, organizando os ritos. Farejei o ar, sabia que era ela. Ester deu duas batidas contidas na porta aberta.

— Senhorita Rodrigues, posso ajudar? — perguntei sem levantar os olhos.

— Andou ausente, padre. — Sua voz estava mais firme.

— Muitas obrigações. — Continuei concentrado nos papéis. Ouvi o barulho emborrachado do seu calçado contra o chão. — Achei que tivesse ido embora, Rodrigues.

— Me pediu pra não ir sem me despedir, então, eu obedeci, padre.

Seu tom mais aveludado e com um resquício de provocação funcionou como um anzol, fisgando meu olhar. Ester usava uma saia na altura dos joelhos e uma blusa preta mais justa de mangas curtas. Ela contornou minha mesa e se sentou no tampo de madeira, cruzando as pernas.

— Obedeceu? Eu gosto dessa palavra, sabia?

— Eu prefiro o ato... — Franzi as sobrancelhas, algo havia mudado.

— O que você quer, senhorita Rodrigues?

— Me confessar, padre Caleb...

Capítulo 20

ESTER – TERRA SANTA

Senti falta de Caleb, suas aparições foram rápidas. A minha existência passou a ser insignificante para ele e aquilo doeu. Fazia dias que não rezava com o coração. Ou fazia anos? Antes das refeições juntava as mãos e fechava os olhos, agradecia no automático, mas meus pensamentos tinham dono e não era Deus.

O tempo parecia suspenso no ar em alguns momentos. Em outros, acelerava, como uma centrífuga. De repente, era como se eu o conhecesse há anos, décadas. Havia algo na atmosfera. Um torpor viciante.

A ideia de abrir meu coração ganhava força. Ele tinha razão, Caleb não me conhecia, logo eu voltaria para o Brasil e qualquer coisa que eu dissesse no confessionário, estaria sob sigilo.

Mas, eu queria mais. Eu precisava de mais.

— Assim, do nada? — Ele recostou na cadeira, tombando um pouco para trás. Pela primeira vez reparei nos músculos marcados pela camisa mais justa.

— Do nada? Faz dias que plantou a semente, ela só está geminando, padre. — Sorri, o surpreendendo. — Teria um tempo agora?

— São quase dez horas da noite, cadê sua babá? — Caleb se levantou. Parecia mais alto, imponente e como sempre, cheiroso.

— Foi servir comida com a Ofélia, o número de pessoas em situação de rua aumentou e os pontos estão lotados... — Dei de ombros.

— E a boa Ester não foi amar o próximo? — ele provocou.

— Depende do ponto de vista, padre...

— Vamos! — O padre apontou para a porta com a cabeça. — O confessionário fica do outro lado do presbitério, no final do outro corredor.

Seus passos eram suaves, provavelmente não queria despertar a atenção dos que ainda estavam acordados. Ele entrou e se sentou, era um confessionário grande, nobre, de madeira maciça, ajoelhei no degrau do lado de fora.

— Quando foi a última vez que se confessou, Ester?

— Uns seis meses, padre... — Respirei fundo.

— Fique à vontade. — Caleb limpou a garganta, se remexendo.

— Eu não sei exatamente quem eu sou, flerto com as coisas mundanas, apenas obedeço a Deus, mesmo com raiva Dele, obediência por medo — confessei, sentindo um alívio no peso que eu carregava.

— Quais coisas mundanas?

— Beber, ir pra uma casa noturna e dançar até o dia clarear, encostar em um carrinho de lanche, comer hambúrguer como café da manhã, zonza pelo álcool, com os pés latejando...

— Isso é bem específico, Ester.

— Tem outra coisa que é bem específica, padre... — Me calei por alguns segundos, reunindo coragem, mas eu precisava deixar aquele sentimento extravasar. — Beijar na boca, saber qual é a sensação de ser invadida por uma língua. — Caleb soltou um suspiro curto. — Sentir meu corpo ser tocado onde jamais foi...

— Ester, isso... caramba. — Caleb perdeu o fio do raciocínio por alguns segundos. — Você tá afirmando que nunca esteve com um homem? Nunca... beijou alguém?

Apesar da penumbra, vi quando ele virou o rosto na minha direção. A luz fraca do único poste da rua, iluminava parte da sua face, exibindo as sombras dos pequenos losangos da treliça.

— Não, padre. Nunca. Sou intocada... mas sinto desejos...

— Prossiga... — Sua voz falhou, ele tossiu algumas vezes.

O ambiente esquentou de repente, levantei meus cabelos, fazendo um rabo de cavalo elevado.

— Por que devo me manter fiel ao Deus que levou meus pais, padre? Você sabe me dizer?

— Lembra da história de Sidrac, Misac e Abdênago?

— Foram jogados na fornalha por Nabucodonosor — respondi, esperando a conclusão.

— É assim que Deus faz, Ester... purificá-lo-ei como se purifica a prata, prová-lo-ei como se prova o ouro, o anjo não apagou as chamas da fornalha, nem os tirou de lá, mas esteve com os três na adversidade. O Pai testa a nossa fé...

— Sadismo...

— Muitos chamam de amor, o consideram misericordioso. O que deu em você? — Caleb estava intrigado.

— Talvez eu só esteja verbalizando os pensamentos que me perseguem há alguns anos. Entende, padre? Desde que meus pais morreram, segui na fé por medo, medo de ser punida, amaldiçoada, não era mais sobre amor...

— Você disse que fez faculdade, o que cursou?

— Teologia.

Caleb soltou uma risada áspera.

— Teologia bombardeia nossa mente, Ester, talvez seja reflexo do curso.

— E as reações do meu corpo quando tô perto de você? Também acha que tem relação com a faculdade, padre? — provoquei.

Aquela confissão, que não passava de um desabafo, intensificou a chama dentro do meu peito, quanto mais eu falava em voz alta sobre meus pensamentos e sentimentos, mais viva eu me sentia.

Pela primeira vez, entrei em contato com o meu âmago, derramava aos poucos a essência da Ester pós acidente, aquela sensação era viciante, consequentemente, perigosa.

— Quer me contar quais reações? — Caleb inclinou o corpo para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, bagunçando os próprios cabelos. Meus

olhos não desgrudavam da sua sombra.

Levantei, sentindo o peso do seu olhar em mim e parei em frente da porta estilo balcão. As grades me lembravam um presídio ou quem sabe os portões do inferno.

Caleb encostou de novo, ficamos nos encarando.

— Posso entrar, padre?

— Isso faz parte da sua confissão? — Confirmei, ele demorou um pouco, mas abriu a portinhola com um chute de leve.

Estava mais quente ali dentro, me mantive em pé, nossos joelhos roçaram, Caleb afastou um pouco as pernas, abrindo mais espaço para mim. O padre parecia um rei naquela cadeira imponente.

Aquele olhar penetrante me fazia pulsar por inteira.

— Durante um bom tempo, eu sonhei com um homem sem rosto, padre. Mesmo sem ver sua face me sentia atraída por ele, e eu acordava com o pecado entre as pernas, o mesmo pecado de quando segurou minha mão e beijou meu rosto... — Dei um passo, sentindo a cadeira encostar nas minhas pernas. Não tive coragem de externar que no fundo, acreditava ser ele que invadia meu sonhos.

— Sua biologia não deveria ser um pecado, Ester...

— Essa é uma das reações do meu corpo, padre...

— Continue...

— Como eu faço isso parar? — sussurrei, mordendo o lábio inferior. — Quer sentir, padre?

— Ester... seria um caminho sem volta...

— Quando se está perdida, não há pra onde voltar, eu só quero me encontrar...

— Isso pode te levar pro inferno... — Havia um tom de chacota na sua observação.

— Se você estiver comigo, talvez não seja tão assustador assim...

Caleb me virou de costa com uma agilidade impressionante e me colocou sentada no seu colo, afastando minhas pernas. Meu cheiro invadiu o confessionário. A barba áspera roçou na lateral do meu pescoço, sentia como se eu fosse colapsar.

Era idêntico aos meus sonhos.

— Você realmente quer que isso pare? — O hálito morno atingiu minha orelha.

Perdi o fôlego quando sua mão envolveu minha garganta, não pelo gesto, pela sensação. Ele pressionou devagar, enquanto com a outra alisava uma das minhas coxas por baixo da saia longa. Caleb puxou um pouco o tecido. Os dedos massageavam cada vez mais pra cima.

— Não sei, padre... — gemi sem querer.

— Eu aposto que você vai mudar de ideia, senhorita Rodrigues. — Ele mordiscou meu lóbulo, enquanto percorria a parte interna da minha coxa, até tocar a virilha. — Você veio se confessar sem calcinha, sua diaba...

Caleb lambeu minha orelha no mesmo instante em que encheu a mão com a minha carne. Eu quis gritar, aquilo era indescritível. Seus dedos subiam e desciam pela minha fenda lambuzada, um gemido mais alto escapou e Caleb tampou minha boca.

Senti sua ereção contra minha bunda, mas ele parecia focado apenas em me apresentar um mundo novo. Um mundo cheio de luxúria e prazeres

intensos, a julgar pela explosão de sentimentos que me bombardeavam naquele momento.

Meu coração trepidava, perdi o controle sobre meu corpo, como se eu estivesse possuída por uma outra Ester, abri mais pernas, sentindo a necessidade de ter aqueles dedos ágeis e grandes dentro de mim.

— Isso aqui é um bálsamo... você tá tão molhada, Ester... eu vou tirar a mão da sua boca, seja silenciosa, minha pequena tigresa... — Sua voz estava mais rouca. — Nunca se tocou? — Caleb roçava a barba com mais força no meu pescoço.

Ardia e eu precisava de mais. Meu corpo estava faminto por aquela bomba de prazer.

Tombei a cabeça no ombro dele, negando. Ele me penetrou com o dedo, fazendo minha coluna curvar um pouco, abri a boca, mas engoli o gemido, a outra mão apertava minha cintura e aos poucos subia, até alcançar um dos meus seios.

Como aquilo poderia ser pecado se era tão delicioso? O padre intensificou os gestos, afundando e saindo de dentro de mim em um ritmo que me alucinava.

— Eu vou pro inferno? — perguntei com dificuldade, ofegante.

— Não... — Ele mordeu minha orelha de leve, contornando com a ponta da língua. Tão morna. Tão macia. — Você já está nele...

Antes que eu pudesse responder, Caleb começou a massagear meu clitóris, ao mesmo tempo, decorava meu pescoço com beijos demorados.

Desejei estar bem longe dali, em um lugar onde eu pudesse me contorcer e gritar como a mulher cheia de tesão que eu havia me tornado naquele momento.

Grudei as mãos nos braços fortes dele, remexendo meu corpo contra a ereção tão sólida.

Minha garganta secou, eu iria explodir. Ele enfiou a mão por baixo da minha blusa, prendendo um dos meus mamilos entre os dedos e eu me derramei toda. Comprimi os lábios com força, enquanto todos os meus músculos contraiam.

De repente, aquela fusão afrodisíaca dissipou, restando uma sensação ímpar de relaxamento e alguns espasmos.

— Em algum momento, desejou que isso parasse, senhorita Rodrigues? — Ele me abraçou com um dos braços, virando meu rosto na sua direção.

— Não...

Caleb cheirou a mão que estava entre minhas pernas e depois chupou os dedos.

— Sabe de uma coisa? Isso aqui tem cheiro e sabor de uma mulher gostosa e das mais safadas, Ester. E sabe o que me deixa mais louco? Esse corpo até então intocado... — O padre começou a me alisar, sem poupar, quase fundindo-se a mim. — Essa boceta que deve ser apertada ainda. — Ele gemeu, mordiscando meu ombro. — Tem mais alguma confissão?

— Acho que nada mais que eu tenha pensado, seja tão grave quanto o que acabou de acontecer...

— Eu garanto que isso ainda não é grave, tigresa... Tá arrependida?

— Esse é o problema... não...

— Aaaah, Ester... eu posso te corromper por completo se quiser... mas vamos esperar...

— O que?

— Talvez você ainda experimente uma ressaca moral... enquanto isso, vou te embriagar um pouco mais...

Suas duas mãos foram de encontro aos meus seios, apenas gemi baixo.

Eu queria gozar de novo e foi o que Caleb fez.

Capítulo 21

CALEB – TERRA SANTA

Desde a primeira vez que a vi, eu sabia que Ester se renderia ao profano. Existia uma fera adormecida dentro daquela mulher e algo me dizia que a bela personificação de Lilith de cabelos loiros, escondia mais segredos.

Ela me deu todos os sinais, ainda assim, mantive o controle. Ester quis ser invadida pela minha escuridão, praticamente implorou. Meu corpo todo pulsava, seus gemidos abafados ainda ressoavam dentro de mim.

Queria lambuzá-la com a minha porra, mas primeiro eu precisava deixa-la viciada. Foi fácil proporcionar um segundo orgasmo.

— Seus seios são tão firmes... — rosnei ao pé do seu ouvido, os apertando com mais força. — Eu preciso te tirar daqui...

— Não, padre... — Ester remexeu a bunda, se esfregando em mim com desespero. Meu celular vibrou no bolso.

— Eu tenho que atender — lamentei.

Ela desencostou do meu corpo, deitei o rosto nas suas costas.

— Quer que eu saia?

— Preciso...

Aquele horário só podia ser Miguel ou Amélia. Ester saiu com cautela do confessionário. Atendi e disse que retornava mais tarde. Fui atrás dela.

— O que vai acontecer agora? — Suas mãos delicadas repousaram no meu peito, despertando um pouco mais minhas emoções.

— Quer rezar o ato de contrição, senhorita Rodrigues? — satirizei. Ester suspirou alto e deu um sorriso malicioso, revirando os olhos.

— Serei punida, padre?

— Com certeza, Ester. — Segurei seu rosto entre as mãos.

— Me beija... me ensina... — ela pediu, ansiosa.

— Aqui não... — Contornei seus lábios com o polegar. — Eu vou te ensinar o que quiser, mas não hoje, não aqui...

— Padre? — A língua rosada umedeceu os lábios. — Não sou a primeira... Por que não larga a batina?

— Esse é um assunto pra outro dia... ser a primeira pode ser relativo, tigresa. — Beijei sua testa. — Preciso conversar com o Arcebispo, boa noite, senhorita Rodrigues.

— Boa noite, padre Caleb...

Deixá-la foi difícil. Atravessei a Abadia até chegar ao jardim. As coisas andavam um pouco mais calmas, a ajuda humanitária da ONU e de países vizinhos, junto com vários voluntários, aos poucos colocava parte da Terra Santa nos eixos, enquanto eu perdia o controle do meu.

Com o celular em mãos, retornei a ligação.

— O que foi?

— Antonie Bellagio tá aqui, Caleb, disse que quer falar com você. — Senti a tensão na voz da Maria. Aquilo não era um bom sinal.

— Coloque ele na linha.

— Benção, padre! — O timbre rouco, de quem fumava demais, me causou nojo.

— Não machuque ninguém, vamos nos encontrar em outro lugar, Bellagio.

— Não. — O desgraçado deu um tiro. Maria gritou. — Venha pra casa e me arrume outra garota, a que o Miguel me deu se matou, não se fazem mais capangas como antigamente, Caleb. Dois minutos... e meus homens não deram conta de vigiar a vadia — ele lamentou com falsidade.

— Antonie, você não pode... — Outro tiro. — Seu maldito! — Ele gargalhou.

Eu poderia acabar com aquilo tudo, quebrar Antonie no meio como se fosse um galho seco, contudo, eu não podia me mostrar ainda, esse nunca foi o plano. Deus tinha seus fiéis usando o medo. Se não fosse feita a Sua vontade, queimariam no inferno.

Jurava amor aos filhos, mas permita que eles sofressem. Os expulsava quando não seguiam Suas regras. Uma piada.

Minha missão pessoal era outra. Ser idolatrado por transformar a Terra, o segundo inferno onde vivíamos, em um lugar melhor. E agora, existia Ester. Se eu assumisse a minha verdadeira identidade, poderia ser dizimado, preso por mais centenas de anos.

— Estou te esperando, padre.

Ligação encerrada. Com passos rápidos fui até o furgão e subi a colina com o pé enfiado no acelerador. Bellagio era um dos nossos, isso lhe garantia acesso sem permissão pela guarita no início da encosta.

Freei bruscamente e desci, batendo a porta.

— Essa merda de furgão não combina com você! — Antonie fumava seu charuto em uma das espreguiçadeiras na beira da piscina. — Você não cansa de levar essa vida dupla?

— Canso. — Caminhei até ele devagar, controlando o ódio que inflamava dentro de mim. — Você sabe que eu poderia te destruir, não sabe? Cadê o meu cachorro?

— Claro que sei, mas você teria que se revelar e por mais poderoso que seja, sabe que tem uma coleirinha quando se trata da Terra. — Bellagio baforou a fumaça para cima. — Papai te bota de castigo, se for ousado demais.

— Cadê o Zeus? — Meus dentes rangiam.

— Calma, eu jamais faria alguma coisa contra um bichinho inocente, ele tá dormindo, daqui algumas horas vai despertar. — Apesar do tom sereno, ainda continuava sendo afiado.

— O que você quer? — Parei ao seu lado.

— Apenas outra garota, mas dessa vez, quero entrar na cabana e escolher, quanto vale a vida da bela Maria? — Antonie levantou, ajeitando

o cinto. Ele lembrava o Al Pacino, porém, mais alto. — Veja. — O maldito apontou para a parede de vidro da sala.

Maria estava amarrada em uma cadeira, um dos capangas dele apontava uma arma na sua cabeça.

— Você sabe quanto vale cada menina?

— Ah, Caleb, por favor, você tem milhões guardados e ainda tá me extorquindo com o cassino, mas tô aqui, sem reclamar. — Ele abriu os braços. — Vou continuar pagando, só quero um mimosinho. Sabe que as trato bem.

— Ótimo, cuide direito dela, isso não é loja de conveniência... Aliás, foi um dos seus que matou a Nina?

— Assim você me ofende, Caleb. Abre o olho com seu Arcebispo, a garota que chegou em casa, estava com o rabo bem machucado.

Liguei os pontos. Miguel havia sumido na primeira noite em que transportamos as meninas.

— Certo, vamos entrar, mas antes, solte a Maria.

Antonie fez sinal para o brutamontes, ele abaixou a arma e começou a desamarrar os punhos e tornozelos dela. Pude ler em seus lábios um “obrigada”, inclinei a cabeça discretamente. Fomos para a cabana, conforme caminhávamos pela trilha, senti cheiro de cigarro.

Amélia.

Ela estava sentada em uma pedra, fumando.

— Bellagio, que visita inusitada, como anda a agiotagem?

— Amélia, sempre tão doce. — Antonie levou uma mão ao peito. — Que feio usar esse termo, apenas faço empréstimos para pobres criaturas idiotas.

— Quanta bondade, depois os mata e ganha suas almas — ela satirizou. Aquele comentário dúbio me deu vontade de rir. — Theodoro já tá em casa, Caleb.

— Ótimo. Bellagio vai levar uma delas — comentei. Amélia apenas me olhou perplexa, mas não questionou.

Caminhamos mais um pouco até finalmente chegarmos na cabana, escondida entre grandes árvores. Risadas e música alta podiam ser ouvidas do alpendre. Destranquei a porta e todas se calaram.

— Uma de vocês vai com o senhor Antonie — anunciei.

Três levantaram o braço. Antonie era disputado por causa do seu fetiche. Quem não queria ser uma dominadora? Rolei os olhos pelo lugar, a cabana não era pequena, parecia de fato uma colônia de férias, mulheres tagarelando, trajando baby dolls sensuais.

Foi quando uma moça me chamou atenção. Sentada na cadeira da cozinha, rezando com um terço nas mãos. Seu pijama destoava das outras, a camisola longa de malha e bem fechada, tampava todo seu corpo. Não havia reparado nela até então.

— Uma joia rara pelo jeito. — Bellagio parou ao meu lado. Ele se aproximou dela, mas a jovem continuou rezando, trêmula, alheia ao que acontecia. — Acho que é você, doçura.

Ela ergueu a cabeça, olhou para o Antonie e em seguida para mim. Senti algo estranho.

— Um Arcebispo e agora um padre? — A garota se agitou, levantando. Não tinha me dado conta de que usava o colarinho ainda. O som do impacto da cadeira contra o chão fez as outras gritarem. — Vocês vão queimar no inferno, vocês são uns monstros!

— Calma! — A segurei pelos braços, chacoalhando. — Calma!

— Se vocês querem uma mulher pura, eu não sou mais. — Os olhos molhados se agitaram. — O Arcebispo me estuprou, roubou a minha virgindade! Arrancou de mim toda minha dignidade, profanou o meu corpo, vocês são uns demônios! — ela berrava, salivando.

— Já chega! — gritei, dando um tranco no seu corpo. Cerrei os olhos, havia algo nela que me incomodava.

Senti o perfume doce de Amélia.

— Você estará melhor com o Bellagio. — Ela olhou para mim e depois para a moça. — Não precisará mais encarar o Arcebispo, querida.

A jovem de cabelos negros ficou apática depois do surto, arrumou as poucas coisas e acompanhou Bellagio sem demonstrar resistência, se dando por vencida. Aquela pobre mulher, definitivamente não fazia o perfil que Bellagio buscava.

Eu precisava me encontrar com Miguel.

Capítulo 22

CALEB – TERRA SANTA

— Miguel! — Esmurrei a porta do apartamento dele. — Miguel! — berrei tentando controlar o meu verdadeiro eu. — Sei que tá aí!

Ele morava em um prédio próximo à rodovia, aquela região foi uma das poucas que quase não foram afetadas. O filho da puta abriu, trajando um roupão preto. Ele fedia a whisky e cigarros.

— O que aconteceu? São quase três da manhã.

Agarrei aquele desgraçado pela garganta, arrastando seu corpo pesado para dentro. Os olhos inchados saltaram.

— O que você anda fazendo com as meninas, seu filho da puta?

Miguel não conseguia responder, apenas se debatia, tentando arrancar minha mão do seu pescoço, quando seu rosto ficou vermelho e os movimentos letárgicos, soltei.

Ele cambaleou, tossindo de um jeito assustador, escorando nos móveis, até se jogar no grande sofá marrom. Agarrei a gola do roupão e o puxei, acertando um soco na sua cara.

— Você quebrou meu nariz! — O infeliz gritava, tentando conter o sangue.

— Me fala o que você anda fazendo com as meninas, ou eu juro que vou te matar!

A risada começou baixa e foi ecoando aos poucos pelas paredes.

— Quanta hipocrisia, Caleb! — Ele passou o antebraço no nariz, deixando um rastro de sangue pela pele. — Aquelas vagabundas foram feitas pra isso, o que tá acontecendo? — Miguel se levantou. — Nós traficamos mulheres, o que você queria?

Fechei os olhos, sentindo o calor crescer e os abri, o fazendo recuar.

— Miguel, Miguel, eu nunca faço nada, já deveria saber disso. — Soltei um riso sarcástico. — Que culpa tenho eu, se vocês deixam o coração podre aberto pra eu entrar?

— Caleb... calma... — O Arcebispo gaguejou.

— Ainda tô calmo, mas me diz, o que anda aprontando? Você tá indo além do combinado, me responda, sem mentir, matou a Nina? Anda estuprando as meninas? — Dei alguns passos, me aproximando da janela.

— Escuta, vamos conversar. — O suor minava no seu rosto ensebado. — Elas são estupradas de todo jeito, você sabe... eu só, eu ando preparando...

às vezes me divertindo um pouco, não tenho como...

— Uma delas era virgem, você sabe o quanto vale uma virgem e mesmo assim, se achou no direito de pegar pra você. — Olhei para Terra Santa do alto do décimo quarto andar. — A menina que levou pro Bellagio se matou, e sabe o que eu acho? Foi por sua causa, Antonie disse que ela estava muito machucada e você não me respondeu sobre a Nina...

— Isso tá tão contraditório... — Miguel deu um riso frouxo, tenso.

— Não, não está. — Inspirei com força, controlando o monstro. — Elas chegam pra trabalhar, há regras, Amélia é bem rígida, cuida delas como uma mãe, muitas inclusive já estavam na profissão antes de caírem aqui... só que o assunto não são as garotas. — Voltei o olhar para Miguel. — Há regras entre nós e você não tá seguindo. E digo mais! — Apontei o dedo na sua cara. — Eu sou traiçoeiro, sabe muito bem disso.

— Eu deixei o dinheiro da Nina... porra, Caleb, foi sem querer, eu sou doente, ela era tão nova e... perdi o controle!

Virei um safanão na cara de pau do Arcebispo, o derrubando.

— Então deixe o dinheiro da que se matou e da moça que você roubou a virgindade, tem até o final do dia de hoje.

— Caleb, me dê uma semana, eu imploro... — Ele gemeu, tentando se levantar. — Perdi uma grana jogando... por favor, até o final da semana...

— Dê seus pulos, tem até sexta oito da noite pro dinheiro estar na conta.

Fechei os olhos de novo, respirei fundo e os abri, saindo daquele apartamento solitário.

Entrei no furgão e Esther invadiu meus pensamentos. Precisava tocá-la de novo, a vontade de conhecer seu sabor aumentava, uma louca necessidade de descobrir do que aquela doce tentação era feita.

Minha mente ordenava para que eu fosse para casa, mas quando dei por mim, estava na Abadia.

Abri a porta da casa paroquial com cuidado. A madeira rangeu assim que atravessei a soleira. Fiquei imóvel, apurando meus sentidos. Me concentrei, eu não deixaria Ofélia e Sara acordarem. Devagar, fui para o corredor, farejando o ar até encontrar minha tigresa.

Girei a maçaneta lentamente. Sara dormia virada para a parede na cama de solteiro e Esther de bruços. Aquela bunda empinada me deixou duro. Me aproximei, acompanhando os movimentos da respiração dela. Precisaria ser rápido. Observei mais um pouco e debrucei, tampando sua boca com força.

Ela grudou no meu braço, se debatendo, tentando gritar.

— Shiu, sou eu — sussurrei no seu ouvido, trazendo um efeito calmante imediato. — Vem comigo...

— Caleb... — Ester murmurou.

— Quietinha... vem... — Segurei sua mão, a puxando.

Saímos com cuidado da casa paroquial, a conduzi para a parte de trás do furgão.

— E se a Sara acordar? — Esther perguntou, se ajeitando no chão duro.

— Tá na hora de romper esse medo da Sara, senhorita Rodrigues. — Me ajoelhei ao seu lado, preso na beleza dela.

— Não tenho mais medo, eu só não saberia que desculpa dar...

— Perdi o sono e fui dar uma volta parece uma boa opção... — Meus olhos varreram seu corpo. — Ainda quer aprender outras coisas, Esther? — Ela mirou minha boca, engolindo em seco. Me sentei ao seu lado, batendo nas minhas pernas. — Senta aqui, de frente comigo...

Esther não respondeu de imediato, eu podia sentir a tensão exacerbada dominando seu corpo, aos poucos ela foi se aproximando e se encaixou no meu colo, me presenteando com o calor prazeroso que exalava do meio de suas pernas.

— Padre, eu ainda quero me guardar... — As mãos sempre delicadas agarraram meus ombros, me remexi de propósito, roçando minha ereção contra a boceta dela.

— Não tô falando de sexo, Esther... — Contornei seus lábios com o polegar, gostava de senti-los. Eram macios, carnudos. — Mas, não vou mentir... — Prendi seu rosto entre as mãos. — Não consigo parar de pensar na sua boceta... — Seu rosto pálido corou e ela desviou o olhar. — Tem problema com essa palavra? Olha pra mim!

— Tenho, não se desconstrói algo do dia pra noite, padre... — Senti a vibração da sua voz diferente, Esther estava excitada. — Mas ao mesmo tempo, quando a ouço embalada no seu timbre, sinto aquilo...

— Tesão? — Escorreguei as mãos pelos seus braços, driblando o meu desejo selvagem.

— É...

— Então fala, minha tigresa... fala pra mim, o que você sente? — Abocanhei o pescoço fino, dando uma leve chupada. Ela soltou um suspiro misturado com gemido. — Fala, deliciosa...

— Sinto... sinto... tesão, padre... quero te beijar, só que meu hálito não tá dos melhores...

— Eu não me importo... — Segurei sua cintura com força, massageando, passei a mão por baixo da blusa do pijama.

Tocar sua pele me tirava do eixo, dissolvia quaisquer sentidos que ainda me restavam, despertando meu lado primitivo e obsceno. Era cada vez mais difícil controlar aquela avalanche de sensações, assim como meus desejos obscuros.

— Tem alguma dica? — O sorriso trêmulo a deixava mais tentadora.

— É instintivo, se entrega... siga meu ritmo até encontrar o seu e eles se alinharem... — Deixei meu tesão escorrer por cada sílaba.

Minhas mãos se enterraram entre o elástico do shorts e a pele, descendo até sua bunda. Ela era tão gostosa. Esther fechou os olhos, encostando a testa na minha, beijei o canto da sua boca devagar, roubando um suspiro abafado.

— Me beija, pelo amor de Deus, é como se eu precisasse...

— Não coloque Deus no meio disso... — satirizei.

Levei as mãos até seu rosto de novo, segurando com firmeza e enfiei a língua entre seus lábios entreabertos, ela demorou um pouco para fazer o mesmo e quando o fez, ainda de maneira tímida, mini explosões se espalharam pelo meu corpo.

Saboreei sua boca, explorando cada centímetro. A certeza de ser o primeiro, me deixava mais alucinado.

Quando Esther foi pegando o ritmo, aumentei a intensidade. Sua língua morna e macia, aos poucos amolecia um pouco mais, ganhando um atrevimento delicioso, enquanto ela rebolava sutilmente no meu pau. Interrompi o beijo por alguns segundos.

— Sabe como isso pode ficar melhor? — falei ofegante.

— Como? — ela respondeu quase sem ar.

Enfiei a mão entre suas pernas, puxando a calcinha de lado. Gemi quando toquei sua boceta molhada. Esther mordeu o lábio inferior, gemendo também.

Grudei minha boca na dela com mais loucura, deixando minha língua invadir seu espaço com agressividade. Ela se perdeu, enquanto eu fodia aquela boceta com os dedos. Senti as unhas cravando nos meus ombros, o que me fez sorrir por dentro.

Esther repetia meus gestos, preenchendo minha boca com volúpia, naquele momento não parecia uma garota inexperiente, subi um dos dedos, alcançando o clitóris, enquanto profanava aqueles lábios, sugando todo o sabor da pureza, até que ela ficasse com gosto de mulher insaciável.

— Caleb, isso é bom... — Ela afastou um pouco, olhando para baixo com a boca entreaberta, se remexendo com mais safadeza.

Como era linda a transição, vê-la desabrochando, enterrando a Ester inocente e deixando a mulher insaciável assumir o lugar.

— Sim, isso é uma das melhores coisas, mas nada se compara com você gozando pro padre, Esther... — Agarrei seus cabelos, a trazendo para perto e beijei de novo sua boca, com força.

Um beijo molhado, frenético. Eu não me importava quando ela se perdia, era ainda mais prazeroso. Moldaria aquele anjo à minha semelhança. Esther seria forjada apenas para mim, me satisfazendo por completo.

Capítulo 23

ESTER – TERRA SANTA

Não havia mais gravidade. O primeiro impacto da sua língua se acomodando na minha boca, me causou estranheza, mas bastaram poucos segundos para eu me entregar e ser inundada por desejos desconhecidos.

— Vamos sair daqui... — Caleb rosnou. — Deixa eu te fazer gozar de outro jeito, Ester...

— Como? — gemi, me sentindo um pouco mais dele do que cinco minutos atrás.

— Do jeito que os católicos chamam de antinatural...

Caleb segurava meu rosto com força, ofegando mais do que eu. Nossas bocas sensíveis quase se tocavam. Desci as mãos pelo seu peito e os batimentos acelerados me surpreenderam.

— Seu coração...

— Acho que você ressuscitou ele...

— Não precisa usar esse artifício pra tentar transar comigo, conheço como os homens trabalham. — Olhei no fundo dos seus olhos. — Já disse, sou virgem, não idiota.

— Que visão feia da minha pessoa, Ester. — A maneira como Caleb me encarava era diferente, ia além da superfície. — Ah... se você soubesse...

— Soubesse o que? — Acariciei seu rosto, gostava de sentir a aspereza da região da barba, era tão másculo. Ele fechou os olhos, os apertando.

— Esquece, foi apenas um pensamento aleatório que escapou em voz alta. — O suspiro veio forte, saudoso. — Se eu quisesse só te comer, já teria feito. — Franzi as sobrancelhas.

— Contra minha vontade? — Minha pergunta saiu amarga, temendo a resposta.

— Jamais faria algo assim...

— Abre os olhos... — pedi.

— Não... não, Ester... esquece o que eu falei, vamos sair daqui...

— Abre os olhos, Caleb! — Grudei as duas mãos no seu rosto, sacodindo. — Tem algo errado com você, eu sei que tem, eu senti desde o primeiro momento, abre os olhos! — elevei o tom de voz.

— Não fala assim comigo! — ele gritou de volta e quando suas pálpebras se abriram, perdi o ar.

Sai do colo dele, me arrastando pelo assoalho do furgão. Ele agarrou um dos meus tornozelos, me puxando de volta.

— Para! Para! Eu fiz o que você mandou, calma, porra! — Caleb me puxou com facilidade, eu estava presa em um abraço nada amistoso, quase sufocando. A mão pesada calou minha boca. Eu não conseguia respirar direito. — Shiu! Shiu!

O furgão ficou mais quente, eu não sabia qual dos corações batia mais acelerado, o meu, ou o dele. Comecei a transpirar excessivamente. Eu não estava louca, eu vi as íris vermelhas como sangue, refletindo uma luz alaranjada, como se fossem duas chamas. Tentei me desvencilhar mais uma vez, mesmo sendo uma atitude estúpida.

Aquele homem era grande e de repente, assumiu uma força que eu não imaginei que fosse capaz. Mesmo ofegante, empapada de suor e com os batimentos fora de controle, fui relaxando o corpo. Se Caleb quisesse me matar, já teria feito.

— Precisamos conversar... — Aquela voz era uma tormenta. Balancei a cabeça concordando. — Sem gritar.

Caleb me soltou, fiquei imóvel um tempo, sem coragem de encará-lo. Olhei para a porta traseira, reparando que estava apenas encostada. O calor aumentou, meus sentimentos entraram em conflito.

— O que acabou de acontecer aqui? — perguntei com a voz trêmula.

— É complexo... nada mudou... — Virei a cabeça devagar, os olhos vermelhos rutilo ainda estavam ali, faiscando.

— Tudo mudou... *o que* é você? — Voltei a ofegar, tomada pelo desespero.

— Eu... — Foi naquele momento que engatinhei rápido até a parte de trás, Caleb foi rápido, me agarrou pelos cabelos. — Para! Para! Eu não quero te machucar, porra! — Consegui dar dois chutes na porta, berrando, no terceiro, abriu.

— Solta ela, agora! — Sara gritou. — Solta a Ester, seu pervertido!

O padre, ou o que quer que ele fosse, obedeceu, me causando estranheza. Sara me puxou rápido. Caleb permaneceu de joelhos no furgão, com os olhos fechados e abriu os braços, murmurando em outro dialeto, como se estivesse rezando.

Agarrei Sara, presa naquela cena.

— O que tá acontecendo? O que tá acontecendo? — eu perguntava, aflita. Ali fora, eu só desejava voltar para dentro do maldito veículo e me enfiar nos braços de Caleb, ao mesmo tempo, estava apavorada.

Eu nunca tinha me sentido tão perdida.

— Eu não sei, Ester, mas nós vamos embora dessa terra maldita! Ele te machucou? — Sara me arrastou pelo braço, caminhando rápido até a casa paroquial. Aquela pergunta não era tão simples. — Ele te machucou, Ester? Responda! — Ela parou, me segurando pelos ombros.

Nunca. Caleb nunca me machucou, nada do que aconteceu foi contra minha vontade, então, por que eu me sentia ferida? A voz de Sara perfurava meus tímpanos como uma agulha de tricô.

Eu queria correr de volta para ele, ao mesmo tempo, precisava digerir, entender. De repente, toda a raiva acumulada ao longos dos últimos anos, explodiu.

— Não... não, Sara, eu entrei ali porque eu quis, Caleb me fez gozar mais de uma...

O tapa veio com força, meu rosto queimou, enquanto tudo em mim inflamava, por pouco não perdi o equilíbrio.

— E eu achando que só ele não prestava! Imunda! Imunda!

Meus pulmões ardiam, fiquei ofegante. O sol começava a nascer, trazendo a sombra familiar refletida nos pedregulhos. Arcebispo.

— O que tá acontecendo aqui? — Continuei olhando para o chão, sem perder o furgão do meu foco. Meu rosto ardia.

— Aquele homem, o qual você chama de padre, molestou a Ester! — Sara apontou o dedo na cara dele. — Minha nossa, o que aconteceu com o seu... nariz?

Olhei de relance para ele.

— Um acidente doméstico.

— É mentira — gritei. — É mentira! — O encarei com os olhos marejados.

Foi quando Caleb desceu do furgão. Imponente, magnético. Seus passos firmes eram confiantes.

— Posso participar da reunião? — Ele abriu um amplo sorriso, exibindo os dentes brancos e alinhados, roubando qualquer sentimento contraditório que de alguma maneira, tentava nascer no meu coração.

— Você é um dissimulado. — Sara travou o maxilar.

— O que é essa raiva toda, Sara? Saudades de trepar com o padre Ramiro?

Levei as duas mãos na boca. Ela arregalou os olhos, sua fisionomia foi mudando, como uma criança quando é pega fazendo algo que não deve. O Arcebispo parecia se divertir com aquilo.

— Seu cretino de merda, não venha inventar absurdos só pra tentar livrar a sua barra!

Assustei com o linguajar O desespero arrancou a máscara de mulher forte na fé. A versão da pobre viúva que escolheu se casar com Cristo após o marido falecer, estava se desfazendo. Sua reação me levava a crer que Caleb dizia a verdade.

— Sara, Sara... se você soubesse tudo o que o dinheiro pode comprar... aliás, seu lado esquerdo possui um melhor ângulo. — O tom debochado dele me deu vontade de rir.

Eu não me reconhecia mais.

— Arcebispo, faça alguma coisa! O senhor é o superior dele, esse homem indigno tá me ultrajando com mentiras! — Nunca havia visto aquela mulher com tanto ódio.

— Vamos tentar resolver isso sem chamar atenção, por favor. — Miguel, apesar de estar acima na hierarquia, parecia ser subordinado ao Caleb.

Parecia ter medo.

As pessoas começaram a nos encarar, tentando de alguma maneira, ouvir o que tanto conversávamos.

— Lembre-se, irmã. — Caleb a olhou de cima. — Deus conhece os nossos corações. Com licença.

— Padre! — Agarrei seu braço.

— Agora não, Ester, talvez nem depois, eu acho que você e sua companheira, deveriam voltar pro Brasil. Tenho uma missa pra celebrar.

Aquelas palavras foram como um punhal rasgando meu coração.

— Não! — gritei, chorando. — Eu vou te ajudar, lembra?

— Não quero mais sua ajuda, arrume suas coisas, Ester.

Caleb puxou o braço com brutalidade, fixou o olhar tão escuro quanto a madrugada em mim e saiu, como se nada tivesse acontecido. Miguel foi atrás dele. Sara me olhava com nojo e vergonha. Ela se afastou, indo para a casa paroquial.

Fiquei ali, entre as macieiras, me sentindo dilacerada. Olhei para a Abadia de Santa Luzia, o prédio parecia respirar, como se fosse um ser vivo. Aquele lugar penetrava na nossa alma e revirava com maestria os pensamentos.

Capítulo 24

CALEB – TERRA SANTA

— Caleb, o que você fez? — Miguel parecia um cachorro carente atrás de mim. — Caleb!

— Arcebispo, cala a merda da boca um pouco, me deixa colocar os pensamentos no lugar, que inferno! — falei entredentes, enquanto caminhava até a sacristia.

O filha da puta continuou na minha cola, ele não desistiria tão fácil. Eu estava com raiva, com vontade de destruir o pouco que restou da Terra Santa, aniquilar parte da humanidade e sumir daquele lugar, mas o que já não era tão simples, ficou ainda mais complicado.

Ester... minha doce Ester...

— Você comeu aquela garota? Pegou a virgenzinha só pra você também, padre? É isso?

— Miguel! — Apoiei as mãos na mesa, acalmando a fera interna. — Não me provoca, eu não posso te matar, mas eu posso te transformar em um inválido, então me dá um tempo, caralho! — gritei.

Respirei fundo. O Arcebispo manteve distância, encostado em um canto da sala, apenas me observando.

— Então vamos pensar na Sara, ela viu o que não devia, digo... sobre você?

— Não... acho que não... só a Ester... livre-se das duas, Miguel. Mande elas de volta pro Brasil, cale a boca da Sara com isso. — Abri a gaveta e joguei algumas fotos em cima da mesa. — Vou encaminhar os áudios que tenho.

— Então... é verdade?

— É, claro. Ramiro gosta mesmo das mais jovens, diria que até demais, mas Sara herdou um bom patrimônio do marido morto, até um carro pro padre ela comprou, enfim, quero que se foda, apenas faça o que mandei.

Eu sempre soube que havia algo de errado com aquela cobra velha, achei que fosse direcionado à Ester, mas me enganei em partes.

— Caleb. — Ele se aproximou apreensivo. — Ester poderia... você sabe, ela é virgem ainda, não é?

Meu sangue voltou a se agitar. Eu odiava ser tão poderoso e ao mesmo tempo, limitado.

— Não, não é mais — menti. — Nós nos envolvemos, mande as duas de volta, agora me deixe sozinho.

O Arcebispo assentiu e saiu, tive dúvidas se ele acreditou no que eu disse. Peguei o celular e liguei para Amélia.

— Caleb, o que foi?

— Como estão as coisas por aí?

— Normal, nada de novo, apenas aguardando suas ordens.

— Fique de olho nelas, se o Arcebispo aparecer por aí, me mande mensagem.

Encerrei a chamada, queria um banho, boas horas de sono, mas antes, precisava celebrar a porcaria da missa e depois, ver alguém.



Assim que entrei no furgão, fui nocauteado pelo cheiro de Ester que ainda permeava pelo ar. Encostei a testa no volante, suspirando. Não conseguia me concentrar, tudo estava uma bagunça dentro de mim.

Dei partida e saí sem olhar para trás, vencendo a vontade de correr atrás dela, tentar explicar o inexplicável e roubá-la para mim.

Devagar, as ruas ganhavam um pouco mais de movimento, os mutirões para reconstruir casas e estabelecimentos, andavam a todo vapor. Embiquei o furgão, apertando o botão preto do interfone. O portão abriu. Avancei os

bons metros pelo caminho interno. Cibele, irmã de Theodoro, estava ao lado da bela fonte.

— Padre Caleb? Que honra. — Ela me recepcionou assim que desci do carro, parecia cansada. — Entra, o Theo tá lá em cima, mas tá acordado. Acha que alguém te viu entrar?

— Não, creio que não, tive cuidado. — A cumprimentei.

— Como estão as coisas na Abadia? Deve ser uma loucura, eu queria ajudar, mas precisei cuidar do meu irmão e...

— Relaxa, Cibele, tá tudo sob controle, logo a igreja será desocupada e as coisas voltarão ao normal.

A quem eu queria enganar?

— Minha nossa, sua benção padre. — Ela inclinou a cabeça com um meio sorriso irônico.

— Engraçadinha... — Soltei um riso curto.

Contornei o carro, a seguindo até a porta da sala.

— Pode subir, o senhor é de casa. — Cibele apontou para a escada, meneei a cabeça e fui para o quarto do médico.

— Toc-toc! — Dei duas batidas na porta aberta.

— Quem ta aí?

Senti medo em sua voz, aquilo não fazia sentido.

— Sou eu, Theo, Caleb. — Caminhei devagar até perto da cama. — Theodoro, que porra...?

— Caleb... — ele gemeu, tentando erguer um pouco o corpo. — Veio terminar o serviço? Por que demorou tanto?

— Quê? — Fiquei confuso. — Amélia me disse que você estava internado, as coisas estão malucas.

— Não se faça de santo, padre... termina logo, me mata!

Theodoro vestia apenas uma samba canção, deixando evidente os hematomas severos, principalmente na região das costelas. Um dos olhos foi engolido pelo inchaço do rosto disforme.

— Eu não tô te entendendo, para de me acusar! Isso não foi o terremoto, o que aconteceu com você? — Elevei o tom de voz.

Theo me encarou por um tempo, logo desviou o olhar, procurando alguma arma em minhas mãos. As levantei, tentando ganhar a confiança dele de novo.

— Na verdade, padre, o terremoto me salvou... — O médico tentou rir, mas as dores não deixaram. — Eu preciso de proteção... — Outro gemido agonizante ecoou pelo quarto.

— Quem fez isso com você? E por quê?

— Prometa que vai dar um jeito de me proteger, Caleb! Eu, e a minha irmã. — Theo esticou o braço, tateando a mesa de cabeceira. Peguei o copo de água, o ajudando a tomar.

— Eu tiro vocês daqui agora se precisar, mas me fala o que aconteceu!

— Bellagio... Miguel... me escuta, eles estão mexendo com crianças... sempre deixei claro que eu estaria fora disso... os dois ofereceram uma grana alta, mas não sou tão sujo assim...

Meu corpo paralisou, toda minha engrenagem foi perdendo a força, abrindo espaço para um ódio violento, que impregnou no meu sangue como veneno.

— Por isso aquele maldito nunca mais me cobrou sobre as festas, os dois estão armando pelas minhas costas?

Theodoro confirmou com um aceno. Me afastei da cama, andando de um lado para o outro.

— Descobri no dia do terremoto, Miguel queria que eu desse pontos na vagina de um menina de treze anos, Caleb! Treze anos! — Ele começou a chorar. — Eu socorri a menina, mas deixei claro que estava fora! — Os soluços vieram alto.

— Theo! Se recomponha! — Grudei as mãos nas bordas da cômoda, esticando a coluna. — Onde? Como?

— Não sei ao certo, Caleb, mas os dois estão juntos nessa, entregando crianças pra velhos imundos!

Fechei os olhos, inspirando com força. Quando os abri, me encarei no reflexo do grande espelho acima da cômoda.

— Amélia sabe disso?

— Não, ela não pode pisar aqui em casa, Cibele e ela não se bicam, tive medo de falar sobre esse assunto por mensagem ou ligações, eu não sei de que lado ela está...

— Por que não me ligou? Porra, Theodoro!

— Caleb, eu não sei mais em quem confiar! — Ele reuniu forças e gritou.

Miguel e Bellagio me traírem não era uma surpresa, mas se Amélia estivesse enfiada naquilo, eu a mataria lentamente. Então, o pior pensamento perfurou meu cérebro.

Ester...

Eu tinha pedido para o traidor do Miguel as mandar de volta para o Brasil.

— Theodoro, eu preciso correr, vou pedir pra sua irmã reforçar a segurança e acionar o alarme, não sei se esses desgraçados estão me vigiando.

— Caleb, você prometeu que nos protegeria.

— E eu vou, confie em mim, ninguém vai conseguir entrar aqui, doutor.

Pisquei de forma lenta, revelando os olhos vermelhos. Theodoro esboçou um sorriso torto de gratidão.

Desci as escadas apressado, dei a ordem para que Cibele fechasse bem a casa e saí. Antes de pegar o furgão, olhei para a residência, profetizando em húngaro.

Eu precisava ser rápido.

Capítulo 25

CALEB – TERRA SANTA

Voltei para a Abadia, entrando acelerado.

— Ofélia! — gritei enquanto seguia na direção da casa paroquial, ignorando os olhares assustados. — Ofélia!

Abri a porta em um rompante, não tinha ninguém. Fui até o quarto onde Ester e a víbora ficaram alojadas. Nem sinal das malas.

— Merda! Merda! Merda! — Esmurrei a parede algumas vezes, até sentir minha mão latejar.

Corri para o lado de fora, aquele lugar parecia mais cheio, a julgar pela fila no refeitório, o jantar seria servido em breve. Entrei na cozinha chamando a atenção dos voluntários.

— Cadê a Ofélia? — perguntei para uma senhora.

— Foi ajudar nos atendimentos menos graves da Cruz Vermelha, padre.

Agradeci, indo para o jardim. Mais um pouco e meu coração explodiria. Acalmei os ânimos e liguei para o Miguel.

— Fala, Caleb, estava pensando em você. — Engoli em seco.

— Deu certo com a Sara e Ester?

— É sobre isso que precisamos conversar, a Sara eu despachei, mas Ester sumiu, tentamos achar a pestinha, só que parece que a menina...

— Como assim ela sumiu, Miguel? — Cocei os olhos com apenas uma mão. — Como você perdeu uma garota, Arcebispo? Se eu for na sua casa e...

— Para de ser idiota, Caleb — ele gritou. — Porra, parece que não confia em mim! Ester sumiu, sumiu! Sara parecia em coma, só que acordada, se é que me entende, não se importou muito com a jovem Rodrigues.

— Claro que não, Ester escutou sobre o segredinho sujo dela. — Suspirei alto. Eu não podia mudar meu comportamento ainda. — Vou tentar achar a desgraçadinha.

Não dei tempo de ele responder. Encerrei a chamada e percorri a Abadia, sem demonstrar o desespero que me possuía. Nem sinal da filha da puta. Queria arrancar aquele sentimento de dentro de mim, não me preocupar com ela, muito menos sentir a necessidade de tê-la por perto.

Sem saber para onde ir ou o que fazer, caminhei pelo jardim, até me sentar em um banco de concreto debaixo da maior macieira.

— Eu sei que está aí, provavelmente rindo da minha cara. — Peguei um pedregulho do chão e joguei contra os arbustos.

— Sempre rebelde, Caleb. — Rafael se sentou ao meu lado. — Não tô rindo, mas a jovem mexe tanto com você, que tá ofuscando seus outros tipos de visões, digamos assim, não tá farejando o óbvio.

— Onde ela está?

— Sabe que eu não posso te ajudar mais que isso, Caleb. — Rafael suspirou.

— Pra não perder o costume, só veio encher o saco — afirmei.

— Eu estou sempre ao redor. — Ele se levantou. — Cadê os seus sentidos super aguçados? Arruma essa confusão ai dentro, isso tá de atrapalhando. e prepare-se, tem muito por vir ainda. Até mais, Caleb.

Rafael sumiu com a mesma velocidade que apareceu. Anjo maldito e enxerido. Me coloquei em pé, apanhei uma maçã e me concentrei, seguindo os conselhos celestiais.

Murmúrios, lamentos, preces incessantes e então farejei.

— Eu não acredito... — Gargalhei, percorrendo os caminhos de cimento, enquanto jogava a fruta para o alto repetidas vezes. Quanto mais eu me aproximava do furgão, mais alto os batimentos dela se tornavam. Puxei as duas portas traseiras.

Lá estava a minha doce tentação, sentada no canto, encolhida. Ao seu lado uma coberta velha com cheiro de coisa guardada. Ester me encarou, com o queixo apoiado em um dos joelhos.

— Vai me matar?

— Hoje não — provoquei.

— Ótimo. Tá bravo?

— Um pouco, Ester. — Bufei. — Você bagunçou muito a minha vida. — Fechei as portas, dei a volta no carro e assumi o volante.

Ela pulou para o banco do passageiro.

— Pra onde vai me levar, padre? — Ester não parecia assustada. — Tô faminta, faz horas que tô aqui dentro...

— O que deu nessa sua cabeça oca de fugir?... Você podia estar dentro de um avião, voltando pro seu conforto, mas que merda, Ester! Você é uma idiota!

Ela riu e veio para cima de mim, beijando minha boca com fúria, ainda um pouco desajeitada, mas sem medo, sem pudores. A maciez da sua língua deslizando pela minha, tinha o poder de congelar o resto do mundo. O vestido marrom solto, brincava com o meu imaginário.

A afastei, esquadrinhando seu rosto e o sorriso misterioso magnético. De repente, Ester parecia mais madura, como se tivesse passado alguns anos.

— Não tá com medo de mim? — perguntei.

— Tô, padre, mas não há outro lugar no mundo, onde eu me sinta segura, como quando estou com você... contraditório, eu sei...

— Ah, Ester...

Infiltrei os dedos nos fios dourados acima da nuca e puxei minha tigresa, devorando seus lábios. Quanto mais eu me alimentava daquele anjo, mais insaciável eu me tornava.

— Eu quero você, Caleb. — Ela interrompeu o beijo, traçando um caminho pelo meu pescoço. — Meu corpo inflama na sua presença e dói quando fico longe.

Soltei um gemido rouco. Meu pau pressionava a calça jeans, incomodando.

— Ester, nós precisamos... — Gemi mais alto quando a língua molhada passeou pela minha orelha. — Ester! — Agarrei os dois braços dela. — Olha pra mim, para. Para!

— Achei que quisesse. — A entonação sensual me fez perder o foco por alguns segundos.

— Tem muita coisa acontecendo, vamos sair daqui primeiro.

Puta merda, como eu a queria, mas a pergunta que serpenteava minha mente era uma só: Ester aguentaria a minha real essência? Suportaria a verdade? Dei partida no carro, a única opção que me restava era levá-la para minha casa.



— Isso não é apenas uma casa, é cinematográfico... — Ester estava literalmente de boca aberta. Ela gritou quando desceu e Zeus surgiu sorrateiro. Com um único gesto, fiz meu cachorro se sentar.

— Ele não vai te machucar — afirmei. — Vamos entrar, vem, me acompanha.

Peguei sua mão, a trazendo comigo.

— Caleb, porque não me avisou que teríamos uma convidada? — Maria apareceu na sala. Ester percorria o ambiente com seus olhos curiosos, como uma criança descobrindo algo novo.

— Nem eu sabia, Maria, fui pego de surpresa por essa fujona. Essa é a Ester. — As duas deram as mãos. — E essa é a melhor governanta e amiga, digamos que ela me conhece muito bem.

— Eu posso te ajudar se precisar. — Ester sorriu.

— Muito gentil da sua parte, mas não será necessário, obrigada. Vieram pro jantar?

— Alimente a senhorita Rodrigues, tá cedo de certa forma, enquanto eu resolvo alguns assuntos. — Eu e Maria dialogamos através do olhar trocado. — Ester, obedeça, coma, se comporte e não saia da casa, espere eu voltar.

— Onde vai?

— Depois conversamos, fique com Maria, ela vai cuidar de você.

Assoviei, chamando Zeus para me fazer companhia pela pequena trilha que dava na cabana. Amélia estava sentada na cadeira de balanço do lado de fora e levantou assim que me viu.

— Você? Essas horas por aqui? O que aconteceu?

— O que você realmente sabe sobre o Theodoro? Quem te deu a notícia de que ele estava internado?

— O nome dele constava nas primeiras listas divulgadas, quando tudo acalmou, tentei falar com o Theo, só dava caixa postal, então fui buscar informações... o que aconteceu?

Os olhos irrequietos ansiavam por respostas.

— Miguel e Bellagio agiram pelas minhas costas. — Observei suas expressões. Amélia parecia genuinamente surpresa. — Aqueles merdas estão mexendo com crianças, adolescentes...

— Meu Deus. — Ela levou uma das mãos ao peito. — Meu Deus, Caleb, isso é...

— Inadmissível, eu sei.

— Por isso aquele filho da puta do Miguel anda sumido, sequer encheu o saco sobre as meninas estarem paradas, aliás, precisamos de grana...

— Aqui tem tudo que precisam. — Pressionei as têmporas. — Eu tenho que voltar, fique esperta, Amélia.

Ela assentiu. Era hora de contar uma pequena parte da minha história para Ester.

Capítulo 26

ESTER – TERRA SANTA

Àquela altura, eu me sentia exausta, física e emocionalmente.

— Fique à vontade, eu vou colocar os pratos na mesa, senhorita. — Maria era uma jovem senhora elegante, educada.

— Pode me chamar de Ester. — Sorri para ela, que sorriu de volta e se retirou.

Eu ainda estava impressionada com aquela casa, o bom gosto de Caleb exalava por cada peça, móvel e decoração. Artigos finos, caros. A porta

pivotante abriu, lá estava ele com seu cachorro ao lado e a minha humilde bolsa em uma das mãos.

— Onde estava?

— Vá tomar um banho, senhorita Rodrigues. — Caleb fez sinal para eu o acompanhar, ignorando por completo minha pergunta.

A escadaria sem corrimão era aflitiva, porém, bela, deixando o ambiente ainda mais ostentoso. O hall que antecedia o corredor no andar de cima, possuía uma claraboia, contei três portas antes de chegarmos na suíte principal.

As arandelas acenderam sozinhas quando entramos. Luzes quentes e amenas, trazendo aconchego.

— De onde vem seu dinheiro, padre? — perguntei sem medo. — Seu quarto tem o tamanho do andar debaixo da minha casa.

Caleb colocou minha mala em cima do recamier aos pés da cama.

— Depois de tudo, de onde vem o meu dinheiro é a sua maior preocupação?

— Temos que começar de algum lugar, não acha? — Me sentei na cama, o colchão era convidativo. Olhei por cima do ombro.

Caleb não respondeu, foi até a janela inteiriça, enfiou as mãos no bolso da calça jeans e soltou um longo suspiro.

— O que você realmente veio fazer aqui, senhorita Rodrigues?

Fechei os olhos, estávamos de costas um para o outro.

— Então é verdade? O Diabo não consegue ler nossos pensamentos? — Fui surpreendida pela risada alta.

— Se está tão convicta de que eu sou o Diabo, me responda, por qual motivo ainda tá aqui, Ester? O que te prende na Terra Santa? E não minta! Não pra mim!

Ouvi os passos vindo na minha direção. Ele agachou, escrutinando meu rosto, não era um olhar desejoso, Caleb tentava me ler. Engoli em seco, reunindo forças para manter a calma e meu coração batendo no ritmo normal.

— Já sonhei com esse lugar, quer dizer, com o nome dessa cidade... — falei uma meia-verdade. — O homem nos meus sonhos... acho que é você.

— Por que acha que sou eu? — Caleb se ajoelhou, arrastando as mãos pelas minhas pernas. — Ou será que se trata de um desejo de que seja eu, Ester?

Ele levantou um pouco a barra do meu vestido, os lábios quentes e molhados vieram de encontro com uma das minhas coxas, depois a outra.

— Para... — pedi em um gemido. — Nós precisamos... — Caleb ignorou, subindo um pouco mais, rosnando como um lobo prestes a devorar sua presa. — Precisamos conversar... para...

Afundei os dedos nos seus cabelos, inclinando um pouco as costas para trás. A mordida veio um pouco dolorida, seguida de uma chupada e ele continuou subindo. Suas mãos agarraram minha cintura.

— Seu cheiro, Ester... puta merda...

Lutei contra a vontade de abrir as pernas e deixá-lo fazer o que fosse comigo. Queria me derramar de novo, eu não sabia se estava viciada no prazer ou nele, talvez na junção das duas coisas: o prazer que Caleb me proporcionava com uma facilidade absurda.

— Para! — gritei, o empurrando. Ele caiu de bunda no chão e assim permaneceu, apoiando o corpo em um dos braços, com um sorriso sacana nos lábios. — Eu sou só isso? Um fetiche? — Sua fisionomia mudou.

— E eu? Sou só isso também? — Caleb foi se levantando devagar, voltando a se aproximar. — Um momento de rebeldia da doce e religiosa Ester? O cara proibido — ele fez sinal de aspas com os dedos no ar —, pra te mostrar como é bom gozar e depois você voltar pro Brasil, pra dar a boceta pra alguém mais jovem?

Dei um tapa forte no seu rosto, me assustando com minha própria reação. Levei as mãos na boca, aflita. O padre continuou com a cabeça virada, alisando a região e então ele fechou os olhos, trazendo um frio atípico na minha espinha, que logo se transformou em um calor insuportável.

— Nunca mais... — Caleb agarrou meus punhos, os olhos vermelhos brilhavam. Minha respiração pesou, queria desviar o olhar, mas era magnético, ao mesmo tempo, aterrador. Havia uma beleza sinistra naquilo. — Nunca mais me bata, sua cretina!

Puxei o ar pela boca, um pouco mais assustada. Ele praticamente jogou meus braços quando me soltou, virando de costas.

— Como pode pensar uma merda dessa? Eu fugi pra ficar aqui, seu maldito! — Levantei e dei um empurrão nas suas costas.

— Escuta aqui! — Caleb me agarrou pelos braços, me conduzindo com raiva até a parede, minhas costas bateram com força contra a superfície. — Não foi só por minha causa que ficou e eu vou descobrir, ninguém se apaixona em uma semana, Ester! — As íris vermelhas ganharam mais vivacidade.

Nossos hálitos se misturavam, assim como nossos cheiros. Um resto de perfume, misturado com o leve azedume acumulado após um dia quente e abafado.

E era tão bom, tão primitivo.

— Tem certeza, padre? — provoquei. — Você poderia ter me levado pro aeroporto, me enfiado em um avião, mas não, me trouxe pra sua casa misteriosa que com certeza foi comprada com dinheiro sujo!

— Tudo em mim é sujo, Ester. — Aquele sorriso diabólico amoleceu minhas pernas. — Vamos, continue, o que mais? Fala, coloca seus demônios pra fora, vou adorar brincar com eles!

Soltei uma risada alta.

— Você tá louco pra me beijar, padre...

— E você... — Caleb enfiou a mão por baixo da minha saia, afastando a calcinha. — Tá louca pra gozar, já que foder seria demais pra você... — Ele enfiou dois dedos dentro de mim.

A raiva pelo comentário se misturou ao tesão doloroso.

— Você é um filho da puta quando quer... — sussurrei. O palavrão saiu tão naturalmente. Seu gesto estava mais bruto, trazendo uma nova sensação em mim.

— Eu sou um filho da puta sempre, Ester... sempre... — Caleb alcançou meu clitóris, encostei a cabeça na parede, refém daquele prazer. Quando faltava pouco para eu gozar, ele tirou a mão.

— O quê...?

— Eu sou ótimo em ser filho da puta. — O padre se afastou. — Agora vai tomar banho. — Caleb apontou para a porta do banheiro. — Pode usar minha toalha, tá limpa. Te espero na sala de jantar.

— Você vai me deixar assim? Nós nem conversamos...

— Não precisa ficar assim. — Ele segurou meu queixo, como se fosse me beijar. — Você pode se masturbar sozinha, aproveita toda essa lubrificação e se vira, senhorita Rodrigues.

Como podia aquele sorriso vitorioso me irritar na mesma proporção que me deixava ainda mais louca por ele? Caleb saiu, e eu fiquei ali, cheia de tesão e ódio.

Capítulo 27

CALEB – TERRA SANTA

— Quem é a garota? — Maria foi direto ao ponto.

— É voluntária, era... não sei mais... — Inspirei o cheiro da carne assando. — Huuuum, patacones! — Roubei uma e ganhei um tapa ardido na mão.

— Caleb, no que mais você se enfiou? Não pode haver distrações, você precisa começar a erguer essa cidade, lembra? Apocalipse 13:3, ressureição de um reino morto — ela cochichou.

— Eu sei! Eu sei! Mas o profeta que deve me apontar como falso messias, tá me traindo — cochichei de volta. — E não posso matá-lo, sabe disso.

Contei toda a história.

— Disse bem, você — Maria enfatizou — você não pode matá-lo... — Nos encaramos, então, minha amiga e governanta foi se dando conta. — A jovem...é ela, não é?

— Sim...

A limpada de garganta vinda da porta nos calou, chamando a nossa atenção. Os cabelos molhados de Ester formavam duas manchas na camiseta cinza. Descalça e com uma legging preta, sua simplicidade a tornava mais bela

— Demorei?

— Não. — Eu e Maria respondemos ao mesmo tempo. Me aproximei da pequena adega climatizada e escolhi um vinho branco.

— Bebe, senhorita Rodrigues? Ou apenas na consagração da Eucaristia? Ou quem sabe, o vinho Canônico?

— Teu senso de humor é invejável, padre Caleb. — Ester andava mais afiada, aquilo me apetecia. — Eu bebo sim! — Observei suas expressões, era mentira, mas queria ver até onde ela seria capaz de ir.

Quem sabe o álcool não a fizesse soltar a língua. Servi três taças, deixando uma sobre o mármore da ilha central da cozinha para Maria, que finalizava suas iguarias. Com as outras duas em mãos e a garrafa, fui para a sala de jantar, chamando Ester com a cabeça.

— Precisamos reformular seu guarda-roupas se for ficar por aqui. — Puxei uma das cadeiras laterais para ela. A surpresa estampada no seu rosto

me fez rir. — Essa é a primeira pauta da nossa conversa, senhorita Rodrigues.

— Para de me chamar assim, padre — ela enfezou.

— Prefere... tigresa? — Modulei a voz, debruçando um pouco sobre a mesa, a desconcertando. — O que você vai fazer da sua vida, Ester?

— Eu ainda não quero ir embora.

— Ainda? Por quê? Vai tentar me converter. — Não resisti e rompi em uma gargalhada, enquanto ela permaneceu séria. — Qual o seu segredo, tigresa? — provoquei.

— Me conta um seu e eu penso em te contar um meu, padre.

Aos poucos ela ganhava uma confiança excitante, desafiadora, deixando a felina que habitava dentro dela emergir. Aquele jogo estava interessante e muito prazeroso. Recostei na cadeira, sem desviar o olhar e esbocei um sorriso discreto.

— Vamos ver o quanto pretende ficar por aqui mesmo. — Umedeci os lábios. — Já matei algumas pessoas.

Eu sabia que poderia perdê-la, porém, se aquele sentimento ainda sem nome fosse mútuo e sólido como o meu, Ester uma hora ou outra saberia, decidi arrancar o curativo de uma vez, deixando a ferida inflamada exposta.

Ela engoliu em seco, refletindo. Os músculos contraíram, seus batimentos aumentaram, mas para minha surpresa, logo voltaram ao normal.

— Quantas? — A pergunta saiu baixa.

— Mudaria alguma coisa? Uma ou uma dúzia não tira o peso do ato, não acha? — Maria entrou empurrando um carrinho com o jantar antes que

Ester pudesse responder. — Pode deixar que eu mesmo sirvo, não vai jantar com a gente? — Me dirigi à ela.

— Hoje não, padre, acho que vocês precisam conversar a sós, já separei um pouco pra mim antes de trazer. — Ela deu um apertão carinhoso no meu ombro e saiu.

Me levantei, pegando o prato de Ester.

— Gosta de patacones? Sei que o usual é servi-las como aperitivo, mas eu amo misturar com a refeição. — Ela balançou a cabeça, confirmando. Servi arroz, salada e um pedaço de carne, colocando na sua frente. — Maria cozinha que é uma maravilha...

— Por que as matou?

Soltei um riso nasalado, me posicionando atrás de sua cadeira. Abracei seus ombros e afastei os cabelos úmidos, inspirando o cheiro de banho, que misturado ao da sua pele, formava uma fusão irresistível. Ester deixou um suspiro escapar quando minha barba roçou seu pescoço.

— Duas foram legitima defesa, tigresa — sussurrei. — As outras me provocaram, resumindo, todas mereceram. — Desci as mãos até seus seios, os mamilos rígidos arrancaram de mim um gemido rouco. — Sua vez...

— Quando eu tinha uns quatorze anos, me apaixonei por um padre que assumiu a igreja onde eu frequentava. — Ela estava levemente ofegante. Continuei massageando seus seios, respirando contra sua orelha.

— Ele era jovem, Ester?

— Era, mas, velho pra uma menina... uns trinta anos, eu não tinha real noção, porém, sabia que a chegada daquele padre causou alvoroço, ele tinha uma beleza impossível de ignorar... — Passei as mãos por baixo da sua

blusa, a filha da puta não usava sutiã. — Assim como você... — ela gemeu gostoso.

— Fantasiava com ele?

— Era diferente, me via casada, idealizava que ele largaria a batina por mim, essas coisas...

— Romance proibido, gosta? — Apertei seus seios com mais força, beijando seu pescoço fino.

— Talvez eu goste... me conta outro segredo...

— Vamos jantar. — Tirei as mãos dela, endireitei a coluna e fiz meu prato, me sentando na cadeira da ponta de novo. Ester suspirou em lamento. Eu também lamentei, porém, me mantive impassível. — Pode rezar, agradecer pela comida.

— Quê? — Ester fez uma cara engraçada.

— Agradecer, oras, você deve estar acostumada, reze — ordenei e assim ela fez.

O silêncio pesou no ar, disputando apenas com o tilintar dos talheres e o som do vinho preenchendo as taças.

— Se arrepende? — Ester questionou limpando os cantos da boca.

— Do que? — Me fiz de desentendido. Ela revirou os olhos. — Ah, de ter matado pessoas? Não. Deveria?

— Sendo você, não sei... — Ester deu de ombros.

— Sendo eu, quem? — Segurei seu punho e a puxei, arrastando a cadeira junto.

— Lúcifer? Satanás? Diabo? Anjo caído? Como prefere, padre? — Me perdi no movimento de sua língua, seguido pelo sorriso debochado.

— Prefiro Caleb, meu nome. — Dei mais um tranco nela. — Agora eu acho melhor me contar o que você realmente tá fazendo aqui, sua reação não é natural — ordenei, sentindo meus dentes rangerem.

— Deus matou meus pais, quem sabe o Diabo não seja mais legal e me ajude a encontrar minha irmã!

Aquilo foi um soco no meio da minha cara, aos poucos fui soltando seu braço. Abri a boca, sem conseguir verbalizar meus pensamentos de imediato.

— Você... você me disse que sua irmã estava na África... — Levantei, minha mente virou um emaranhado de conjecturas. A garota que Bellagio levou relampejou dentro de mim.

— As pessoas mentem, padre...

— O que te faz pensar que eu poderia te ajudar com isso? — Esfreguei o rosto, andando de um lado para o outro como um bicho enjaulado.

— Termine seu jantar e eu te mostro. — Ester enfiou outra garfada na boca.

Eu tinha certeza que aquela superfície calma, escondia belos monstros nas profundezas.

— Perdi a fome. — Fui ríspido. Dentro de mim o tremor não me deixava raciocinar. Continuei vagando pela grande sala de jantar, enquanto ela comia calmamente, me deixando mais irritado.

— A Maria cozinha muito bem, padre...

Fui possuído pela raiva. Agarrei seu braço, a levantando e arrastando comigo.

— Chega, me mostre agora, começa a falar Ester, senão você vai entrar na lista de pessoas que já matei — esbravejei.

Farejei o medo minando pelos seus poros, ao mesmo tempo, fui sugado pelo verde escuro dos seus olhos assustados.

— Acho que é tarde demais, padre, você não me mataria...

— Não me desafie. — A carreguei comigo pela escadaria. Maria presenciou a cena, se mantendo calada. — Eu não sou confiável, sabe disso.

— Mas possuí uma parte humana...

— Não conte com isso, Ester.

Capítulo 28

ESTER – TERRA SANTA

Há muito tempo eu me sentia morta por dentro. As ameaças de Caleb me assustavam, não podia negar, mas não me restava mais forças, talvez, no fundo, nem vontade, de correr dali.

Aquele homem, o medo, a sensação de ser desejada e a busca pela minha irmã, vieram como um sopro de vida, uma centelha, despertando em mim a vontade de viver mais uma vez, porém, não como antes.

Aquele compilado de acontecimentos e sentimentos, trouxeram à tona uma parte minha que até mesmo eu, desconhecia.

Caleb praticamente me jogou dentro o quarto.

E então ele fechou os olhos, petrificando meus ossos. Eu seria consumida pelas íris de sangue que no fundo, me fascinavam.

— Me mostra! — Sua voz ganhou outro timbre. Suspirei, sentindo o calor familiar preencher o ambiente.

— Preciso da minha bolsa — falei. Ele a jogou para perto de mim. Abri o zíper lateral, tirando um envelope pequeno. — Aqui... — Estendi a mão.

— Tá tremendo... Por que tem tanto medo do único que pode te proteger, Ester?

— Me proteger? Você acabou de ameaçar a minha vida... — Caleb puxou o pacotinho.

— E você se mostrou indiferente, bem confiante de que eu não faria. Mentiu de novo? — Ele abriu o envelope, pegando a foto. Sua expressão ficou indecifrável.

Caleb vasculhava a imagem, de repente seus olhos voltaram ao normal, tive a impressão de que o homem diante de mim, mergulhou em outro plano, perdido nos confins dos próprios pensamentos. Daria a minha alma para saber o que se passava na sua cabeça.

— Pode me ajudar? — Arrisquei perguntar, dando alguns passos em sua direção. — É a última foto que recebi dela, depois disso perdi contato.

— Isso não quer dizer nada — ele respondeu após um tempo. — Você comentou que sua irmã esteve na Colômbia, é isso que essa porcaria diz, como sabe que ela não sumiu na África? Ou melhor, ela realmente sumiu? Ou é a sua carência falando mais alto?

Caleb me devolveu o retrato.

— É a Abadia atrás dela, para de se fazer de dissimulado! — gritei.

— E daí, Ester? Ela pode ter tirado a foto na frente da igreja, é uma construção bonita, ostensiva, muita gente faz isso! Você tá louca, louca!

Me sentei na cama, eu odiava ter que admitir, ainda que apenas para mim, que aquele raciocínio fazia sentido. Ao mesmo tempo, tudo parecia se encaixar com exatidão. O nome da cidade revelado em meus sonhos, a ausência de respostas da Raquel, o destino me trazendo para Terra Santa, a Abadia.

Não podia ser apenas coincidência. Podia?

— Eu acredito em intuição...

— Não seja ingênua, isso não existe, é só uma estrutura de processamento preditivo, intuição é papo... essa historinha que você criou é confortável, apesar de absurda. — Seu nervosismo estava diferente, me intrigando. — Muito melhor acreditar nisso do que na possibilidade da sua irmã estar cansada de você, ou ocupada demais pra lidar com seus melindres!

— Isso é cruel...

— Verdades são cruéis.

— Nessa região tem muito tráfico de mulheres!

Caleb puxou o ar com força e bufou.

— Em todo lugar tem. Vou pedir pra Maria arrumar um dos outros quartos pra você.

Ele se apressou para sair dali.

— Eu pensei que... — Caleb parou com a mão na maçaneta, de costas.

— Pensou o que? Que iríamos dormir de conchinha? — O deboche me atingiu.

— Maldito...

— Ester, isso é um elogio.

A risada áspera e sarcástica me deu vontade de avançar nele, entretanto, permaneci sentada, tentando alinhar aquela enxurrada de pensamentos contraditórios.

Não sei quanto tempo passou quando Maria entrou com um sorriso amigável no rosto.

— Vamos? Preparei o quarto da frente para a senhorita. — Ela estendeu a mão, abrindo e fechando os dedos. Forcei um sorriso para retribuir o dela e me rendi ao gesto carinhoso.

O outro cômodo não deixava nada a desejar, a não ser pela falta da janela inteiriça e a linda vista, mas a cama era tão macia quanto a dele. Maria me deixou à vontade, me encolhi em cima do colchão, abraçando os joelhos.

Esperei que Caleb fosse aparecer, mas não foi que aconteceu. O sono veio com força, minhas pálpebras pesaram e eu apaguei.



Acordei com o som de freada brusca. Levei alguns minutos para me situar. A brisa fresca embalava as cortinas que dançavam, abraçando o

abajur e escorregando. Desci da cama e fui até a janela, ressabiada. Com cuidado, espiei.

Caleb falava ao celular, o carro estacionado com certeza valia milhares de pesos. Mantive as costas grudadas na parede, apenas com a cabeça inclinada para observar mais e, quem sabe, ouvir alguma coisa.

Ele parecia irritado. Deu um tapa no teto do veículo e saiu apressado por entre os arbustos. Apesar das copas das árvores, podia jurar que havia um caminho dentro daquela mata.

Vesti meus coturnos e com cuidado, abri a porta, torcendo para estar destrancada. Forcei a maçaneta devagar.

— Isso! Isso! — comemorei baixo quando abriu.

O corredor escuro congelou minha espinha. O silêncio chegava a ser incômodo. Pé ante pé, fui deslizando apoiada na parede, agradeci por não ser chão de madeira. Desci as escadas, quanto mais perto da porta eu ficava, mais crescia a minha tensão.

Quando desci o último degrau, tampei a boca, engolindo o grito. O cachorro inteiro preto me encarava, sentado com uma postura invejável. Se ele me atacasse, não sobraria quase nada de mim. Senti o coração batendo na garganta. Respirei fundo, tentando não demonstrar medo, mesmo parecendo impossível.

Dei mais dois passos, o Doberman se manteve imóvel, me encarando. Arrisquei continuar caminhando com cautela, estiquei o braço, tentando agarrar na maçaneta, mas o cachorro deu um único latido, abafado.

— Shiu! Shiu! Por favor... — pedi baixo, batendo com o dedo em riste contra meus lábios.

A porta abriu e eu gritei.

— Perdeu o sono de novo, Ester?

Caleb surgiu literalmente do nada. Não ouvi seus passos, nenhum indício, mas lá estava ele, munido da sua imponência e sedução, intrínsecas a ele.

— Perdi... — murmurei.

— Zeus, amigão! — Caleb fez um som com a boca, o cachorro se posicionou ao seu lado. — *Ha el akar menni, öld meg* — ele sussurrou para o Zeus.

Aquele dialeto não me era estranho.

— O que você disse pra ele? Isso é...

— Húngaro. Tente sair de novo, e saberá o que eu disse, mas seria uma pena, Ester...

— Caleb, que merda! — Baguncei meus cabelos, controlando a vontade de arrancá-los. — Qual a ordem que deu pra esse bicho assustador?

— Se ela tentar sair, mate-a. — Ele estalou a língua, com aquele sorrisinho infernal.

Meu sangue parou de correr, eu suava frio, tudo parecia se movimentar em câmera lenta.

— Minha estadia aqui deixou de ser uma escolha? — perguntei segurando o choro.

— Você não tá facilitando... — Caleb falou com firmeza, mantendo a sensualidade maldita que compunha seu DNA. — Volta pro seu quarto. Amanhã vamos pra Bogotá fazer compras.

— *O que* é você?

Estávamos próximos, havia um resquício do perfume marcante. Senti o cheiro de menta vindo do seu hálito, fiquei presa na bala opaca que parecia um pedacinho de vidro deslizando de um lado para o outro na boca, sem pressa.

— Eu sou a justificativa perfeita para a maldade humana.

Capítulo 29

CALEB – TERRA SANTA

Eu ainda digeria o fato de que a jovem levada por Bellagio era irmã de Ester. O medo de que ela descobrisse tudo e me odiasse ao saber que a pobre missionária havia sido estuprada, jogando toda a culpa em mim, inflamava dentro do meu peito.

Levei a xereta de volta para o quarto e a tranquei lá dentro. Seria temporário. Fui para a parte externa, me deitando em uma das espreguiçadeiras, fugindo do campo de visão da janela de Ester.

Mandei uma mensagem para Amélia, solicitando sua presença. Meu corpo estava exausto, as informações ainda flutuavam na minha mente.

Eram tantos questionamentos, que aos poucos minhas pálpebras foram fechando.

— Acorda! — Amélia deu um chute de leve no pé da cadeira.

— Preciso da sua ajuda.

Relatei toda a história que havia acabado de descobrir sobre Ester e sua irmã.

— Bellagio jamais vai aceitar trocar e mesmo que aceitasse, o que você faria? A garota já te viu, vai te culpar, dissolvendo seu conto de fadas!

Suspirei, mirando as poucas estrelas. Amélia se deitou na espreguiçadeira do lado, colocando os braços atrás da cabeça.

— Temos que pegar os dois no flagra com o esquema das menores, a melhor opção seria matar o Bellagio...

— O quê? — Ela levantou o tronco, ficando sentada com as pernas abertas. — Caleb, pelo amor de Deus...

— Pelo amor de Deus não — brinquei, a fazendo rir. — Com Bellagio morto, teremos a Raquel de volta...

— Claro, genial, e depois?

— Depois é depois... uma coisa por vez, Amélia...

— Confia tanto assim nela? Eu acho muito estranho essa mudança de comportamento repentina, Caleb, por favor, não seja...

— Não foi repentina. — A olhei de canto. — A moça passou a vida inteira servindo a Deus, andando conforme as tais leis sagradas, obedecendo o cara — apontei para o céu —, e aos pais, de repente, a vida a torna órfã, a irmã segue seu caminho...

— No primeiro problema ela abandona a fé?

— Não se abandona aquilo que provavelmente nunca se teve de verdade... — Pisquei. — E eu sei ser muito sedutor, sabe disso. — Soltei uma risada mais alta.

— Você é um desgraçado, Caleb. — Amélia tentou se manter séria, mas falhou. — E Theodoro?

— Está seguro, porém, precisamos tirar ele e a irmã de lá...

— O que faremos com as meninas?

— Vamos precisar delas, eu vou reerguer essa cidade e toda cidade precisa de um *inferninho*, mês que vem tenho uma reunião com a diocese, Saul virá pra Colômbia.

— Padre. — Ela apoiou uma mão na minha coxa, sem malícia. — Do pouco que me contou, a bonequinha aí não vai aceitar esse outro lado da sua vida.

Desencostei, me sentando de frente com Amélia.

— O que eu, Caleb, fiz? — Fixamos o olhar. — Me responda, o que eu realmente fiz? As moças que eu abordei, já estavam nessa vida, ofereci algo além...

— Ter sido conivente com as atitudes do Miguel, com o leilão das virgens, te faz tão cruel quanto... — Ela deu um longo suspiro.

— Eu só estou presente, eles deixaram a porta aberta, é a minha natureza, a minha fonte de vida, me alimentar da maldade alheia... escuta — arrastei a bunda, chegando mais perto dela —, tudo isso acontece, porquê Ele permite, não é assim que tá no livrinho?

— Você faz parecer simples... confunde minha mente... — Amélia jogou os cabelos para trás.

— É simples. Deus te dá uma promessa falsa, o tal livre-arbítrio, mas se você escolher andar fora do que Ele quer, é punido, entende o sadismo por trás disso? Você pode olhar, mas não deve tocar. — Ela me encarava, concentrada. — Pode tocar, mas não pode provar. Ah, tudo bem, prove, mas não pode engolir... O Advogado do Diabo, ótimo filme por sinal! Bom... — Bati nas minhas coxas, levantando. — Te garanto que andar comigo é muito melhor.

— O que devo fazer?

— Apenas aguarde, eu vou dar uma voltinha. — Apertei seu ombro com carinho. — O jantar estava bom? — perguntei antes de me retirar.

— Ótimo, Maria é formidável. As meninas estão adorando essa temporada aqui!

— Eu imagino! Tá com a arma? — Amélia fez que sim. — Se precisar, use. Boa noite.

— Boa noite, padre.

Entrei em casa e desci para o subsolo. Bastou minha digital para o grande cofre abrir. Acariciei cada armamento ali presente, optando pela boa e velha Glock. Maria precisava de proteção extra. Antes de voltar para cima, peguei um fuzil, um homem precavido tinha mais chances de sair ileso de determinadas situações.

Eu não morria, mas meu corpo, apesar de possuir uma resistência superior, não era imortal.

No alto da escada, Zeus me aguardava, parecia uma estátua. Maria surgiu, vindo da cozinha.

— Uau, noite de diversão? — ela brincou.

— Espero que não, mas por via das dúvidas, fique com essa belezinha aqui. — Entreguei a Glock. — Você sabe muito bem como manusear.

— Ester?

— A mantenha trancada, aquela garota é bem enxerida. Zeus tem a ordem de matá-la se ela sair da casa, e...

— Você não gostaria que isso acontecesse. — Maria arqueou uma das sobrancelhas. — Retire a ordem.

— Ainda não.

— O que vai fazer, Caleb? — Ela olhou para o fuzil. — Você não tá pensando em colocar tudo a perder, está?

— Claro que não, só vou deixar no carro, eu preciso sondar o Miguel, confie em mim.

Beijei sua testa e saí. Enquanto descia a colina com o meu Phantom, liguei para o Arcebispo.

— Ocupado, Miguel?

— Não, claro que não, o que aconteceu? — Ele gaguejou.

— Ainda nada, me diga uma coisa, o quão corajoso alguém deve ser pra sei lá, pensar em me trair?

— Muito... seria meio...

— Incoerente, né? Vamos analisar, teoricamente eu não morro, o meu legado não pode ser roubado, é intransferível... seria um ato de loucura, não acha?

A respiração pesou do outro lado, um sorriso lento foi se formando na minha boca.

— Caleb, poderia ser mais claro?

— Tô desconfiado do Bellagio. — Joguei no ar. Eu não duvidava que os dois estivessem juntos e provavelmente, a ligação no viva voz.

— Bobeira, Caleb, acho que o terremoto e todo esse reboliço estão mexendo com você. — Miguel até tentou disfarçar a tensão, mas eu pude senti-la em cada sílaba.

— É, talvez — respondi baixo. A rua estava movimentada, fiquei um tempo estacionado, esperando o fluxo diminuir. — Ah, não esquece, ainda me deve dinheiro, Miguel.

— Eu vou pagar, Caleb. Eu vou pagar.

Encerrei a chamada e fui para a casa de Theodoro, confirmando minha teoria. Estacionei na rua paralela, com os faróis apagados.

Lá estava Bellagio e Miguel. Antonie gesticulava, limpando a testa de minuto em minuto, enquanto o Arcebispo, provavelmente pedia calma. Seria tão mais fácil matá-los. Àquela altura, eles já sabiam que eu estive ali. Pedi em voz alta para que o painel multimidia ligasse para Saul no Brasil.

— Caleb? Sua ligação me preocupa, tá tudo bem?

— Acho que deveríamos antecipar a reunião, Bispo. — Houve um breve silêncio.

— Daqui duas semanas eu consigo embarcar.

— Estou te esperando. Saul?

— Estou te ouvindo, Caleb.

— Talvez eu mate o Bellagio. — Ouvi quando ele soltou o ar com força pela boca.

— Ele tá brincando de Judas?

— Os dois, mas acho que Miguel vai voltar correndo pra mim...

Saul deu um riso áspero.

— Faça o que for necessário.

Chamada encerrada.

Capítulo 30

CALEB – TERRA SANTA

Observei quando os dois entraram no SUV preto e saíram. Esperei um tempo, resolvi dar uma volta no quarteirão, bem devagar, procurando indícios de que Miguel e Antonie estivessem escondidos em algum beco, só esperando, mas nem sinal.

Estacionei na esquina da rua de trás, onde havia um pequeno portão para entrada dos funcionários e percorri o curto caminho a pé até a casa de Theodoro, tocando o interfone.

— Quem é? — Cibele perguntou apreensiva.

— Sou eu, Caleb. — Minutos depois ouvi seus passos e as trancas sendo abertas. — Sei que o Theo tá bem machucado ainda, mas precisamos sair daqui.

— Pra onde vai nos levar, padre?

— Minha casa, tenho um subsolo com alguns cômodos e uma ótima governanta que cozinha muito bem. — Tentei descontrair. Cibele abriu espaço para que eu entrasse.

— Mas padre, aqui é o nosso canto e...

— Cibele! — Fechei o portão, passando a chave. — Miguel e Antonie estavam aqui na frente. — Seus olhos abriram mais. — Eles já sabem que passei por aqui, não temos tempo.

Ela concordou. Entramos, subi as escadas afobado e fui para o quarto de Theo.

— Caleb, porra! — O médico levou ao peito. — Não faz isso!

— Desculpe, mas não podemos ficar aqui, eu preciso que você levante, consegue andar? — perguntei, me aproximando da cama.

— Consigo, consigo, só não me peça pra correr — ele brincou.

Cibele apareceu na porta, um pouco perdida.

— Pegue algumas roupas — pedi. — Não muitas, depois a gente dá um jeito.

Ela saiu apressada, passei um braço de Theo pelo meu ombro, o ajudando a se levantar. Theodoro gemeu e contorceu o rosto, exprimindo sua agonia.

— Puta que pariu...

— Larga a mão de ser chorão, vamos, você consegue — incentivei. — O carro tá na rua paralela de trás, vamos descer e eu trago ele no portão.

Descer as escadas não foi tão simples, mas Theodoro passou por cima da dor, nada como ativar o instinto de sobrevivência nas pessoas. Busquei o Phantom e logo estávamos a caminho da minha casa.

Durante o trajeto, liguei para Maria e pedi para que deixasse dois quartos debaixo arrumados.

— Amélia está com você? — Theo perguntou baixo, olhei para Cibele pelo retrovisor, que só pela expressão, deixava claro o quanto realmente não gostava da Amélia.

— Está na cabana.

— Theodoro, faça-me o favor, aquela mulher é uma... — Sua irmã engoliu a palavra. — Ela não é pra você, são de mundos opostos!

— Vocês dois estão juntos? — perguntei surpreso. Ele apenas meneou a cabeça com descrição, fazendo Cibele bufar. Soltei uma gargalhada alta, irritando ainda mais a mulher. — Desculpa, é que de fato é um casal bem diferente...

O médico deu um sorriso fraco, gemendo a cada solavanco. Quando enfim chegamos, Maria os recebeu.

— Descansem, tenho coisas pra resolver, depois conversamos.

Eles agradeceram e Maria conduziu os irmãos gentilmente até seus novos aposentos temporários.

Assoviei, olhando para o alto da escada. Zeus apareceu, caminhando como um príncipe e se sentou, se mantendo lá em cima. Sorri.

— Bom garoto. — Fui subindo devagar, meu cachorro permaneceu estático, afaguei sua cabeça e segui para a porta do quarto de Ester. Dei

duas batidas. — Tá acordada?

Sem resposta. Bati um pouco mais forte. Nada. Tirei a chave do bolso, destrancando, pressionei a maçaneta para baixo com cuidado. Ela estava em um sono profundo, deitada ao contrário no colchão.

Parecia uma boneca, vestida com seu pijama de senhora, ainda assim, Ester conseguia ser sensual.

Rodeei a cama, observando cada respirar. A pele tão pálida me trazia uma estranha vontade de chorar e ao mesmo, idolatrá-la como uma rainha, quem sabe uma deusa. Ela se remexeu, percebi os olhos agitados por trás das pálpebras fechadas.

Estaria sonhando?

— Ester... — sussurrei. — Ester... — Corri os dedos pelos fios loiros. Ela abriu os olhos devagar.

— Padre... que horas são? — A mulher capaz de bagunçar a minha existência se sentou, sonolenta.

— É madrugada ainda, a melhor hora, só queria saber se está bem. — Quanto mais o tempo passava, mais difícil se tornava desviar o olhar dela.

— Tô bem, com sono, parece que não consigo descansar o suficiente — Ester reclamou.

— Adrenalina, você deve estar embriaga por ela... vou pro meu quarto, Zeus velará seu sono do lado de fora, não saia, é pro seu próprio bem...

Virei as costas e me dirigi até a porta.

— Caleb... — Olhei por cima do ombro. Ester estava em pé, suspirou fundo, esfregando uma mão na outra. — Eu...

Não a deixei concluir, com passos largos fui até minha doce perdição, a pegando em meus braços, colei meus lábios nos dela, já entre abertos,

prontos para me receber. Ester enfiou a língua na minha boca com urgência, ficando nas pontas dos pés. Suas mãos se entrelaçaram em volta do meu pescoço.

O sabor dela me alucinava, envolvi sua garganta com os dedos, estávamos ofegantes, bebendo os gemidos abafados um do outro. Um beijo molhado, obsceno e tão potente como uma droga de efeito rápido.

Fui surpreendido pelo toque na minha ereção, por cima da calça, subindo e descendo, um pouco tímida. Interrompi o momento.

— Precisamos descansar, amanhã vamos pra Bogotá — falei em um suspiro.

— Por que sempre para nas melhores horas? — ela perguntou ofegante, com a testa melada encostada na minha.

— Tenho medo de perder o controle... — Grudei a boca no seu ouvido. — Eu quero te foder, Ester. Quero ser o primeiro, eu torço pra que você sangre, só pra ver a mancha vermelha no meu pau e então você ser só minha, pelo resto da sua vida... — Ela amoleceu nos meus braços.

— Eu te quero, padre... mas tenho tanto medo ainda...

— Medo ou dúvidas? — Enfiei a mão por dentro do shorts do pijama dela, tocando a renda úmida da calcinha.

— Medo... — Ester soltou um gemido longo. — Seria vender a minha alma pro... — Eu ri baixo, acariciando sua boceta morna.

— Isso você já fez, tigresa... — Ela tirou minha mão e se afastou, com os olhos arregalados.

Rompi em uma gargalhada, me sentando no colchão.

— Ester, vem aqui... — Bati nas minhas pernas.

— Não... — A filha da mãe deu mais alguns passos para trás, chocando as costas na parede.

— Para de ser idiota, é brincadeira! — Abri os braços. — Não quero sua alma, isso é papinho, fábulas inventadas pelos cristãos pra tacar o terror em vocês... — Aos poucos seu corpo foi relaxando. — Mas eu quero sua carne, Esterzinha... — Pisquei, umedecendo os lábios.

— Eu vou pro inferno, não vou? — A pergunta veio apática, mas parecia séria, controlei a vontade de rir de novo.

— Se tem uma coisa que eu acho incrível no ser humano, é isso. — Ela me olhou confusa. — Já estamos no inferno, guerras, fome, angústias, suicídios, assassinos, estupradores, espécies sendo dizimadas e vocês temem um suposto lugar que pega fogo o dia inteiro...

— Há pessoas boas no mundo, Caleb...

— Há mesmo? Ou são apenas pessoas que temem perder a liberdade e possuem um autocontrole maior? Conseguindo driblar a vontade de matar, espancar...? E se não houvesse leis, Ester? O que acha que aconteceria?

— Eu... eu não sei... — Ela se aproximou. — O que aconteceria?

— Vocês seriam selvagens, mais do que já são, se matariam por uma simples vaga no estacionamento do shopping... — Suas mãos repousaram nos meus ombros.

— Onde você estava?

— Resolvendo problemas... — Envolvi sua cintura. — Eu odeio esse pijama. — Olhei para o corpo dela.

— Eu também...

Queria arrancá-lo, vislumbrar seu corpo nu. Respirei fundo.

— Logo mais daremos um jeito nisso...

Capítulo 31

ESTER – TERRA SANTA

Eu me sentia em dois lugares ao mesmo tempo. Uma linha imaginária que delimitava fronteiras. De um lado a vida santa, do outro, o Diabo me convidando para um novo mundo.

Meu cérebro fervia, mas não mais do que meu corpo.

— Posso te perguntar uma coisa? — Mirei os olhos sombrios e ao mesmo tempo brilhantes, era controverso, o jeito que Caleb me olhava, fazia eu me sentir no paraíso.

— Pode... — Os dedos apertaram mais minha cintura, aquilo me desconcertava.

— Por que é tão bom comigo?

— Sou bom ou sou gentil, Ester?

— Os dois...? — Segurei seu rosto entre as mãos, a textura áspera da sua barba que sempre estava por fazer, porém, muito bem alinhada, era um deleite.

Pela primeira vez, Caleb não fechou os olhos antes de eles se transformarem em duas esferas incandescentes. Puxei o ar com força quando a mudança veio devagar, consumindo o negrume de suas íris, trazendo a cor tão viva e quente.

— Precisamos descansar... — Ele tombou o rosto, aumentando o atrito entre sua pele e a palma da minha mão.

— Tá bravo? — Eu me perdi no seu olhar, hipnotizada por algo que se alguém me contasse, eu jamais acreditaria.

— Não... — O vermelho cintilou.

— Padre? — Subi as mãos, afundando meus dedos em seus cabelos macios. — Usa seus poderes pra me atrair?

A pergunta teve um impacto negativo. Caleb me empurrou, ficando em pé. A jugular saltada em seu pescoço pulsava tão forte quanto meu coração.

— Agora você me deixou bravo! — ele gritou, sua voz ficou mais potente. — Luto todos os dias pra não fazer isso, Ester! Se eu usasse qualquer poder como você tá imaginando, nós já teríamos transado e eu não estaria tão preocupado com...

Caleb se calou, a respiração pesada lembrava um leão rugindo. O calor atingiu meu corpo, colando meus fios no rosto. Queria perguntar qual era

sua preocupação, mas definitivamente, aquele se tornou um péssimo momento.

— Calma! — pedi elevando minha voz e reunindo mais coragem. — Não é todo dia que eu vejo... vejo... isso... — Apontei para ele, sentia como se meus ossos tivessem virado gelatina. — Poderia ser mais compreensivo.

De repente a temperatura voltou ao normal, assim como seus olhos.

— Desculpe...

Esperei por um beijo, um gesto de carinho que fosse, mas Caleb saiu com pressa, batendo a porta. Reconheci o som das unhas de Zeus contra o chão. Aos poucos me despi e tomei uma ducha fria, limpando o melado causado pelo suor.

Deixei o choro sair, se misturando com a água tão convidativa. Pensei nos meus pais, Raquel e até mesmo na Sara, uma grande mentirosa, interpretando por sabe-se lá quanto anos, uma personagem.

Tantas acusações, julgamentos e dedos apontados na minha cara vindos daquela hipócrita.

Sai do chuveiro, enrolei a toalha em volta do meu corpo e parei diante do meu reflexo.

— Que preço vou pagar por tudo isso? — perguntei para mim mesma, observando as pálpebras inchadas. — Existe de fato um preço? — divaguei.

Senti uma presença, virei rápido o pescoço, mas não havia nada. Voltei para o quarto, a sombra do Zeus era visível pela fresta da soleira da porta. Fui até lá e encostei meu ouvido. Fechei os olhos, acariciando a madeira morna.

— Eu sei que está aí... — Grudei meu corpo ali, como se fosse ele.

O silêncio momentâneo quase me fez recuar.

— Por que estava chorando?

— Sou uma mulher melindrosa — brinquei, arrancando uma risada abafada de Caleb. Foi quando me dei conta. — Como você sabia? — perguntei sem demonstrar surpresa.

— Meus sentidos são diferentes, Ester, não usei nenhum poder e nem estava te observando pelada, apesar de parecer tentador... — Movida pelo desespero, ou talvez alegria, eu gargalhei. Uma nítida gargalhada histérica. — Me diga, qual o motivo do seu choro? Quer ir embora? Você não tá presa...

— Abre a porta então... — Mais um silêncio incômodo, me fazendo questionar se aquilo de fato estava acontecendo ou se não passava de um sonho.

Dei um salto, me afastando, quando ouvi a chave girar na fechadura.

— Eu posso te colocar no primeiro voo para o Brasil.

Caleb roubou meu ar. Trajando apenas um cueca samba canção vermelha, fui pega de surpresa pelo físico que a batina e suas roupas casuais escondiam tão bem.

Exceto quando íamos em praias, eu nunca estive na presença de um homem quase sem roupa.

Reparei na tatuagem, uma frase em outro idioma, na altura das costelas esquerdas.

— O que tá escrito? — Apontei, louca para tocar a região.

— *Nem bízom azokban, akik pontosan tudják, mit akar tőlük Isten. Ez mindig egybeesik azzal, amit ők maguk akarnak* — ele falou sem desviar os olhos dos meus.

— Agora em espanhol, por favor...

— Não confio em gente que sabe exatamente o que Deus quer que elas façam, sempre coincide com seus próprios desejos. — Quanto mais tempo eu passava naquela cidade, ao lado de Caleb, mas eu questionava toda a vida que eu conhecia. — Susan Anthony, autora americana. E então, quer ir embora? Ao contrário do Todo Poderoso, não quero ninguém ao meu lado por medo ou coerção.

— Você se enganou quando disse que não estou presa, padre. — Diminui a distância entre nós, tocando a frase em sua pele. Levei a outra mão até as costelas do outro lado, o abraçando devagar.

Caleb se rendeu, envolvendo meu corpo. Zeus se remexeu, dando um latido estridente, mas seu dono, apenas com um apontar de dedo o fez deitar novamente. Nos encaixávamos com perfeição. Ele fungou no topo da minha cabeça, bagunçando os fios com a ponta do nariz.

— Se sente presa?

— Sim... estou presa a você...

— Você é uma menina ainda, isso não é justo... — Seus braços sólidos me apertaram mais.

— Eu não me importo, não quero voltar para aquela casa solitária, cheia de lembranças, muito menos pra igreja de um padre... — Engoli as palavras. Padre Ramiro era um mentiroso, mas eu estava naquele exato momento, agarrada a um sacerdote tão mentiroso quanto. — Você é mesmo um...

— Padre? — Caleb me afastou um pouco, vislumbrando meu rosto. Balancei a cabeça, na esperança que ele me dissesse que não. — Sou, Ester, fiz o seminário, cumpri o protocolo...

— Você tem mãe?

Ele riu, logo a risada se transformou em uma gargalhada, ecoando pelo corredor.

— Tinha, mas sim, nasci como qualquer ser humano nasce e quer saber o mais interessante? Dentro de uma igreja, no dia da Ressurreição de Cristo.

Por um breve instante cogitei aceitar sua oferta, voltar para o Brasil e fingir que tudo aquilo jamais aconteceu. Respirei fundo, silenciando a Ester de semanas atrás, ela precisava morrer.

— E cadê sua mãe, padre?

— Ela morreu. — Ele suspirou, mudando o semblante. — Dorme, Ester. — Os lábios mornos selaram minha testa. — Nos encontramos daqui poucas horas, você precisa de um dia divertido.

Caleb piscou e foi se afastando, andando de ré, deixando a minha porta aberta. Olhei para o Zeus e entendi que aquele cachorro me manteria mais presa do que uma simples tranca.

Quando ele se virou para entrar no seu quarto, levei as duas mãos na boca, segurando o grito. Caleb me olhou por cima do ombro.

— Lembre-se da ordem que dei ao Zeus, fique no quarto, vou confiar em você, senhorita Rodrigues.

— Padre...? Suas costas...

— Mais tarde, Ester. Mais tarde.

Caleb abriu a porta e entrou, antes de fechá-la, prendeu seu olhar no meu. Dei alguns passos adiante, mas Zeus se colocou sentado. Os olhos tão pretos quanto sua pelagem pesaram em mim, trazendo um calafrio na espinha.

— Eu não vou sair, cachorro bobo! — Ele se mantinha imóvel, como se fizesse parte da decoração. Estendi uma mão, meu coração acelerou de um

jeito insano.

O bicho continuava como uma estátua. Quando senti o respirar quente na ponta dos meus dedos, Zeus rosnou baixo.

— Você é como ele? — perguntei como se o Doberman fosse me responder. — Seus olhos mudam de cor? — Zeus continuava rosnando e eu continuava com o braço estendido, porém, suspenso no ar, com medo.

— Zeus é só um cachorro, Ester...

Dei um grito e ele latiu, mas Caleb fez o som com a boca e seu companheiro voltou a brincar de estátua.

— Puta que pariu, precisa me assustar sempre?

— Precisa ser sempre tão curiosa? — O padre encostou na porta com um ombro, cruzando os braços.

— Se pra você tudo isso é normal, pra mim não! Não é todo dia que eu esbarro com padre endiabrado em uma cidade chamada Terra Santa, que apareceu nos meus sonhos e que anda com um cérbero de uma cabeça só por aí, cuja ordem é me matar se eu sair, mas diz que eu não tô presa! — Abri os braços. — E também não é todo dia que eu fico excitada por esse anjo caído metido a sacerdote!

Caleb ria, como se eu fosse uma comediante.

— Você fica uma graça quando tá brava, tigresa... — ele provocou.

— Não vou cair nesse papinho, senhor demônio, então sim, eu fico bem curios...

Fui interrompida pela sua língua invadindo minha boca, as mãos desceram ligeiras pela minha bunda, me erguendo. Em um gesto automático, envolvi sua cintura com as pernas, o sentindo excitado. Abracei seus ombros, abrindo espaço para que Caleb me preenchesse.

Ofegantes e famintos, não nos beijamos, nos devoramos. Era como saltar de um precipício, com a certeza de que ele me salvaria quantas vezes fossem necessárias. Beijá-lo era o meu oásis particular, alinhava toda a minha estrutura fragilizada.

— Seja minha, Ester... — ele rosnou, me farejando. — Me deixa ser o primeiro...

— Teria que casar comigo, padre... largaria a batina? — ironizei.

— Se depois que souber de tudo, a proposta ainda estiver em pé, largaria...

Não sabia o que me assustou mais. Imaginar a podridão que certamente ele escondia debaixo do tapete, ou a ideia de me casar com um anjo. Ele me soltou, meu corpo todo lamentou em silêncio e foi para o quarto.

Fiz o mesmo, mas não consegui dormir.

Meus pensamentos eram reféns de Caleb.

Capítulo 32

CALEB - TERRA SANTA

— Insônia, Ester? — Puxei a cadeira para ela.

— Isso parece um café da manhã de hotel luxuoso. — Bocejei, salivando. — Não consegui dormir...

— Nota-se, mas vai precisar de energia hoje — falei animado. — A não ser que tenha decidido ir embora. — Alcancei um profiterole, enfiando na boca.

— Me conte tudo, padre e então eu decido de vez — ela respondeu com firmeza.

— É aí que temos um problema, Ester. — Coloquei a mão por cima do seu braço estendido na mesa. — Depois que eu te contar tudo, se você não quiser ficar por livre e espontânea vontade, eu precisarei te prender aqui, entende que é uma situação bem delicada? Então, ou fica por vontade e aguenta, ou vai de uma vez por todas...

— Se prometer me ajudar a encontrar Raquel, eu fico, tô preparada, padre.

— Caleb! Caleb! — Maria entrou esbaforida. — Miguel e Antonie estão aqui! — Levantei rápido.

— Ester, sobe e se enfia no quarto, só saia quando eu mandar.

— Mas, o quê...?

— Ester! — A puxei pelo braço. — Obedeça, agora! Zeus! — Assoviei, ele saiu do pé da escada e veio até mim. — *Vigyázzon rá!*

Pedi para que meu cachorro ficasse de olho nela. Maria a conduziu para o andar de cima. Quando as duas sumiram, Miguel e Antonie entraram, como se casa fosse deles.

— Caleb! — Bellagio abriu os braços. O abracei contra minha vontade. — Atrapalhamos alguma coisa?

— Não, a que devo a honra dessa visita tão cedo e sem um aviso prévio?

— Achei que não houvesse esse tipo de formalidade entre nós. — O Arcebispo franziu as sobrancelhas de forma irônica. — Estava acompanhado? — Ele apontou para o prato de Ester com o queixo.

— Sempre, Maria come comigo — respondi.

— É mesmo? — Bellagio foi até a cozinha. — Me parece que a bela Maria estava comendo aqui, nessa ilha, que por si só deve valer milhares de pesos.

O desgraçado tomou um gole do café da xícara dela e se serviu do bolo.

— O que vocês querem?

— Conversar, Caleb. — Miguel não conseguia esconder seu nervosismo. — Sabemos que esteve na casa do Theodoro, escuta, vamos ponderar os fatos.

Eu precisava ganhar tempo e ludibriar aqueles dois. Apontei para a cadeira, os convidando para se sentarem à mesa comigo, assim como Judas.

— E vocês tentaram matá-lo — afirmei. — Crianças estão fora de cogitação...

— Não use o argumento da inocência, Caleb — Bellagio interrompeu, recusando meu convite. — As virgens que vocês leiloam, teoricamente também são inocentes.

— É diferente e eu não leiloo nada. — Dei um soco na mesa.

— É um mercado muito mais lucrativo, a sociedade tá doente, crianças valem uma grana absurda, na sequência, vem os adolescentes! — Miguel puxou a cadeira, se acomodando. — E só depois as virgens, mesmo sendo cada vez mais raras, acredita?

O som do meu sangue correndo chegava a me incomodar, fechei os olhos e os abri em seguida, fazendo com que os dois se afastassem assustados.

— Bellagio, eu posso te matar, diferente do Miguel, que tem um contrato comigo. O Arcebispo aqui. — Levantei, segurando seu ombro com força, o fazendo gemer baixo. — Tem uma missão e agora, uma dívida...

Soltei Miguel e me aproximei de Antonie. O tapete felpudo fazia cócegas nos meus pés descalços

— Caleb, espera... — O suor vertia pelo seu rosto pálido. — Estamos falando de muito dinheiro, você vai precisar pra reerguer a cidade. — Soltei uma gargalhada. — Miguel, você disse que ele concordaria, porra.

— Eu achei que sim... — O Arcebispo deu um sorriso sarcástico.

Grudei na sua garganta com uma mão, erguendo o corpo de Antonie e o empurrei contra a parede. Ele gritou, perdendo o fôlego. Os últimos ruídos que antecediam a morte, soavam como uma melodia.

— Achou mesmo que podia enganar logo a mim? — Bellagio não conseguia responder, apenas se debatia, implorando com o olhar para que eu o soltasse. Formei uma pinça com os dedos da outra mão e encostei no seu peito. — Nunca ouvi um coração tão acelerado assim.

— Acab... acaba...

— Quer falar alguma coisa? — ironizei, afrouxando o apertão no pescoço.

— Acaba logo com isso, seu desgraçado! — Antonie conseguiu gritar, ele era duro na queda.

Afundei os dedos contra sua pele, rasgando aos poucos, o sangue veio tímido, morno e espesso. Seus berros fizeram Zeus latir no andar de cima, tateei o esterno, o quebrando com facilidade e agarrei o músculo pulsante. Era tenro, sólido.

— Agora o seu coração é meu, querido Antonie.

O líquido vermelho pingava no chão tão limpo, empoçando aos poucos, respingando nos meus pés. Bellagio não tinha mais força para gritar, seus músculos ainda sofriam espasmos, enquanto o órgão latejava entre meus dedos. Dei um puxão, estourando os ossos das costelas, pequenos fragmentos voaram em mim.

Soltei o corpo morto, ele desmoronou contra o piso. O coração ainda dava suas últimas batidas sôfregas na palma da minha mão, desligando. Era lindo. Fui invadido por uma vontade incontrolável e então, cravei os dentes, arrancando um naco e cuspi.

Miguel me encarava sem piscar, paralisado em sua cadeira.

— Arrisco dizer que bem temperadinho e cozido em uma panela de pressão, isso aqui deve ficar uma delícia, Arcebispo! — Eu estava ofegante, excitado.

— Caleb... será que agora que eu te entreguei o Bellagio, você poderia... reconsiderar a minha dívida? — Ele permanecia em choque.

— Não, Arcebispo, pra não dizer que sou um cara mau, eu vou prorrogar, ganhou mais duas semanas, mas esquecer? Não, eu jamais esqueço algo assim, é como pactos, concorda? — Caminhei até ele e joguei o coração na sua frente.

Miguel fechou os olhos e virou o rosto, fazendo cara de asco.

— Não me obrigue a comer isso, eu imploro...

Ri alto.

— Claro que não, imbecil! Preciso de mais um favor! — Fechei de novo os olhos, sentindo a agitação se esvair, os abrindo. — A garota que Bellagio levou, quero ela de volta — falei baixo, próximo ao ouvido dele.

Miguel virou a cabeça lentamente, me encarando, assustado.

— Isso é impossível, Caleb...

Alcancei uma faca pequena de serra e enfiei na sua mão, a prendendo na mesa, o Arcebispo urrou.

— Por quê?

— Filho da puta! Filho da puta!

— Por que, caralho? — gritei.

— Ele a vendeu! Ele a vendeu! — Miguel puxou a faca, fazendo uma careta horrível e enrolou um guardanapo de pano em volta do corte.

— Como assim ele a vendeu? — Meus olho voltaram a ficar vermelhos e um sutil tremor pôde ser sentido.

— Não sei! Porra, era dele, sei lá, Bellagio disse que fez um ótimo negócio, que vendeu acima do valor de mercado, eu não sei direito e muito menos pra quem!

Agarrei seu rosto, mirando o fundo dos seus olhos desesperados. Parecia ser verdade. Soltei com raiva. Ele gemeu mais uma vez. Farejei o ar.

Ester!

Olhei para o alto da escada e pude ver os pés delicados correndo no sentido do corredor que dava para os quartos. O Arcebispo acompanhou meus movimentos.

— Vai embora, Miguel. — Puxei o ar com força, acalmando a tempestade de fogo que se formava dentro de mim.

— A fujona tá aqui, não tá?

— Isso não é da sua conta — respondi seco, tentando limpar o sangue da minha boca, mão e braço com um guardanapo.

— Você não deve ter distrações, sabe disso...

— Eu também não deveria ter traidores!

— Porra, foi tudo armado, Caleb!

— Não, não foi, você só voltou atrás por medo depois que eu te liguei, se Bellagio pudesse te proteger de alguma maneira, você não o teria entregado,

para de ser hipócrita, Miguel!

— De toda forma. — O Arcebispo levantou. — Tá preparado pra vê-la envelhecer?

Ignorei a pergunta.

— Tente achar alguma pista da garota, eu preciso dela. — Ele abriu a boca, mas não o deixei falar. — Não interessa os motivos, apenas a encontre.

Miguel assentiu e se retirou. Maria surgiu.

— Você não vai conseguir tirar todo esse sangue assim, precisa lavar.

— Não te vi descer — comentei.

— Eu sou discreta. — Ela sorriu. — Você tirou a ordem do Zeus? Ester saiu do quarto...

Suspirei alto.

— Não, a ordem é pra ela não sair da casa... ainda assim, corajosa essa menina. — Soltei um riso nasalado, jogando o pano com raiva na mesa. — Vou me resolver com ela.

— Seja paciente. — Maria tocou meu braço com carinho.

— Quase sempre eu sou. — Pisquei.

Subi as escadas devagar, assoviando. Zeus veio cabisbaixo, como se soubesse que vacilou comigo, porém, ele fez o que eu mandei, ficou de olho na desgraçadinha, se ela tivesse descido, provavelmente, Zeus teria latido.

— Esteeeeeer! — Segui pelo corredor, arrastando as pontas dos dedos na parede. — Esterzinhaaaaaaa! — A porta estava aberta, entrei devagar, seu cheiro único vinha debaixo da cama. — Esqueceu o que eu falei sobre os

meus sentidos, tigresa? — Seu coração estava a ponto de implodir. Agachei. — Bu! — Ela gritou, agarrei seu braço e perna, a puxando.

— Não me mate! Não me mate!

— Como você ainda pode pensar algo assim?

Capítulo 33

ESTER – TERRA SANTA

Eu estava doente. Era a única justificativa que eu encontrava.

Tinha acabado de presenciar um coração em cima da mesa, Caleb esfaqueando a mão do Arcebispo e um corpo caído em uma poça de sangue, provavelmente o mesmo que decorava seu rosto, e apesar de tudo, cada vez que aquele homem me olhava, minha única vontade era correr para os seus braços.

— Por que tem sangue na sua boca? — Continue deitada no chão, ofegante. Ele permaneceu de joelhos ao meu lado.

— Por que foi bancar a detetive de novo?

— Que inferno! — Bati os pés no chão, tampando meu rosto, o choro era de raiva. Raiva de mim por me sentir daquele jeito.

— É, é um inferno — ele provocou, me deixando mais brava.

— Eu tenho vontade de arrancar esse sorrisinho seu no soco!

— Hum, agressiva, cuidado que eu gosto, Ester... — O maldito deu aquela piscada que desarranjava qualquer lógica.

— O que acabou de acontecer? Chega de mistério, chega de suspense, eu tô exausta! — Apoiei os cotovelos no chão, dando impulso no meu corpo para me sentar.

Caleb bufou, olhando para cima com as mãos apoiadas nas coxas.

— Vamos tomar banho, trocar de roupa e eu conto no caminho, temos bons quilômetros até Bogotá.

Mesmo contrariada, assenti, ele se levantou, estendendo a mão manchada de vermelho para mim.

— Padre? — Caleb me olhou, esperando. — Você é imortal?

Na ocasião, quando corri, não voltei para o quarto de imediato, continuei no corredor. De tudo que eu havia presenciado, a pergunta do Arcebispo era o que mais latejava dentro de mim.

Tá preparado pra vê-la envelhecer?

— Em partes sim, mas os seres humanos em breve vão tomar o meu lugar — ele brincou, porém, seu tom soou melancólico.

— Então será sempre um quarentão charmoso?

— Trinta e sete anos pra ser mais exato... mas, se estiver comigo, posso trocar de corpo. — A promessa parecia séria, seus olhos não mudaram de

cor, mas cintilaram de um jeito encantador.

Aquilo era poético, profundo e insano. Em vários momentos acreditei que eu estava presa em um dos meus sonhos, com medo de que em uma manhã qualquer, eu abrisse os olhos e Caleb tivesse desaparecido.

Por outro lado, em raras ocasiões, seria mais fácil se tudo não passasse do meu imaginário. E se eu estivesse no carro dos meus pais no dia do acidente e agora lutasse contra um coma? Era uma pergunta recorrente que eu fazia para mim mesma.

Apenas sorri diante da declaração velada. Era muita informação para processar. Caleb se retirou e eu fui para o banho. O que haviam vendido que o padre queria tanto?



— Eu gosto dessa saia em você, te deixa sexy, Ester.

Ele me esperava no pé da escada. Sempre gentil, Caleb ofereceu a mão para que eu descesse o último degrau. Observei cada detalhe, o jeans mais claro, o sapato social despojado e uma camisa bordô que caia com perfeição em seu corpo.

— É a única mais jovial, apesar de longa.

— Tenho boas recordações dela... a usou no dia que se confessou comigo — ele provocou, me desestabilizando.

— Que bom que reparou, padre — provoquei de volta, sendo fisgada pelo cheiro afrodisíaco que sua pele exalava.

De braços dados, fomos para o lado de fora. O carro, assim como a casa, parecia saído de uma tela de cinema.

Esbanjando sua cordialidade, Caleb abiu a porta para mim. Aquele homem jogava sujo, seus golpes eram baixos demais. Ele deu a partida, mas o motor era tão silencioso, que só notei por causa do painel exagerado que acendeu.

— Que tal Highway to Hell? AC/DC?

— Engraçadinho. — Revirei os olhos, mas não adiantou, a voz incomum e única de Brian Johson invadiu o carro. — Estou pronta pra ouvir sua história. — Joguei os cabelos para o lado, olhando para frente.

— Ok, promessa é promessa, mas antes, coloque seu cinto.

Fiz o que ele pediu, Caleb acelerou, se mantendo em silêncio, fui paciente, quando caímos na avenida que ficava na entrada da colina, o padre deu um longo suspiro.

— Você sabe que se tentar pular do carro, vai se machucar, né?

— Não seja besta. — Eu ri. — Já vi você com os olhos vermelhos, jogando um coração na mesa, metendo a faca no Miguel, ouvi sua confissão sobre ter matado sei lá quantas pessoas, vi suas cicatrizes... — Me arrependi na mesma hora, porém, Caleb se mostrou indiferente. — Por que diabos você acha que eu iria ser louca pra me atirar de um carro em movimento?

— Eu matei a minha mãe.

Tentei engolir em seco, mas a saliva virou uma bola de areia cheia de espinhos.

— Foi ela que te machucou?

— Foi ela que me obrigou a me machucar em nome do Cristo dela, talvez seja essa semelhança entre nós que me atraia tanto, entre outras coisas, claro...

— Minha mãe jamais me feriu assim. — O encarei, observando sua expressão, percorri os olhos pelo braço, as curvas dos músculos pareciam querer estourar a camisa.

— Fisicamente não, mas somos filhos de duas mulheres extremamente religiosas, que no final das contas, achavam que estavam nos protegendo, no meu caso, uma das maiores ironias. — Caleb soltou um riso abafado, curto. — Quantas vezes você quis fazer algo banal e foi proibida?

Após tantos anos refletindo sobre aquele assunto, eu tinha uma lista avantajada na minha mente.

— Várias...

— Vivia em uma espécie de cárcere, imagino que tinha conforto, uma boa casa, bom colégio, mas me conta, Ester, se sentia livre?

— Você sabe que não e o assunto em pauta aqui não sou eu... como matou sua mãe?

— Asfixiada com um crucifixo.

O estômago sumiu e senti minha pressão despencando, a frieza me atingiu como uma estalactite, cravando em meu peito. Meu cérebro formou a cena sem pedir licença, por alguns segundos era como se *eu* estivesse sendo enforcada.

— Isso é perturbador... — balbuciei.

— Perturbador era viver com ela... nunca pensou em matar a sua mãe?

— Para... — Pressionei o estômago.

— Pensou ou não pensou?

— Todo adolescente pensa, mas é só da boca pra fora, pelo amor de Deus, abre o vidro, preciso de ar... por favor...

— Deus não, Ester. — Caleb deslizou os lábios um pelo outro. — No livrinho diz que pensou, pecou, então...

— Chega! — gritei.

— Eu mal comecei a falar e já tá assim? Lembra do que eu disse? Depois que eu te contar tudo, ir embora não será mais uma opção...

— O que pode ser pior do que matar a própria mãe? — elevei a voz.

Caleb acionou o botão do vidro, inspirei aquela rajada de vento bem-vinda. Fechei os olhos e fui surpreendida pelo toque na minha perna. Relutei um pouco, mas repousei minha mão por cima da dele.

— Eu jamais te machucaria, tigresa...

Aquelas palavras acariciaram meu coração. Se aquilo fosse uma doença, eu definitivamente não queria me curar.

— Promete? — perguntei ainda de olhos fechados.

— Olha pra mim... — Ele pegou meu queixo, puxando minha cabeça com carinho. Abri as pálpebras, me deparando com a vermelhidão fascinante que dividia a atenção entre eu e a estrada. — Eu prometo.

E por algum motivo que transcendia qualquer entendimento, eu tive certeza da sua sinceridade.

Anjos não mentiriam.

Capítulo 34

CALEB – TERRA SANTA

Encostei o carro, preocupado com sua reação. Ester parecia mais relaxada, ainda assim, eu sabia que seus sentimentos estavam em conflito. Decidi despejar de uma vez.

— Me escuta. —Tirei seu cinto para deixá-la mais confortável. — Você deve saber que existe muita sujeira dentro da igreja, seja ela católica ou qualquer outra.

— Sim, eu sei... digo... ouço falar, vejo notícias...

— Eu estou no meio dessa sujeira...

— Isso eu já imaginava, mas... me fala que você não é um... minha nossa...

— Um? — Arqueei as sobrancelhas, já prevendo a resposta.

— Pedófilo... desculpa, é que...

— Não, claro que não. — Escondi a irritação, conseguia compreender suas aflições. — Mas isso acontece muito, Ester. — Dei um longo suspiro. — Vou começar pelo óbvio, desde o início, vem! Vamos caminhar pela mata. — Apontei para o lado de fora. — Tem um rio que passa mais adiante, tomar um ar vai ser bom pra você.

— E o carro? Estamos na estrada — ela questionou confusa.

— Ninguém vai mexer, vamos. — Saí do Phantom e dei a volta, abrindo sua porta. Estendi a mão, Ester aceitou a gentileza e entrelacei nossos dedos.

Era confortável, aquela mulher acalmava meu coração turbulento. Caminhamos em silêncio, até que o som das águas nos atingiu, junto com o frescor e o cheiro selvagem da natureza.

Sentamos em um grande tronco caído, que formava uma banco natural de frente com o rio.

— Dependendo do que me disser, talvez eu me jogue ali. — Ela apontou para a correnteza. — Pelo barulho, deve ter uma grande queda mais adiante.

O comentário me pegou de surpresa, assim como o sorriso dela.

— Acho que alguém também tem um humor duvidoso — brinquei. — Eu não gostaria de molhar minha roupa, essa camisa custou caro.

— Por que eu, padre?

— Essa é uma pergunta muito pertinente, Ester. — Soltei o ar pela boca. — Eu também sonho — assumi. — Sonho com uma garota loira correndo

com seu vestido branco ensanguentado e eu acho que é você, sinto que é você. — Ela abriu a boca, a tampando em seguida com uma das mãos. — Nunca vi seu rosto, mas sei lá...

Não era a hora de jogar toda a verdade, escolhi parte dela.

— Eu entendo. — Sua outra mão tocou a minha. Fechei os olhos. — Essa cicatriz, também foi ela? — Ester dedilhou a marca no meu braço.

— Não, isso foi um acidente... preparada?

Ela balançou a cabeça, estava hesitante, mas sua curiosidade era maior que tudo. Prossegui.

— Eu sempre soube que havia algo diferente comigo, comecei a notar isso quando completei sete anos... os barulhos sempre soaram alto demais, não podia ser normal. — Fiz uma pausa. — Logo vieram os flashes, guerras, revoluções, inquisição, como se fossem memórias de algo que já vivi, um passado próximo, frescos na minha mente, pareciam recentes, consegue compreender?

— Consigo... Você deve ser protegido por pessoas... — Ester afirmou, apesar do tom de dúvida.

— Esquece os filmes, quando o ser humano se vê diante de perguntas sem uma resposta lógica, ele tende a criar sentido em cima daquilo, histórias, fábulas... mas é claro que grandes líderes souberam e me cercaram...

— Por isso sua mãe te obrigava a se machucar? Por ser...

— Talvez, ela nunca disse em voz alta, fazia questão de sempre me lembrar o quanto eu era especial, mas nunca, jamais, citou meu nome real, digamos assim.

— E seu pai? Quem é seu pai? É um... isso é muita loucura. — Ela começou a rir, externando um estado de histeria.

— É um político poderoso, mas cresci acreditando que ele estava morto, digamos que a dona Lourdes, minha mãe, procurou a igreja quando descobriu a gravidez. Meu pai deu uma casa pra ela, além de pagar um valor bom por mês, em troca do seu silêncio. Rejeitada, grávida, sofrendo por amor e decepcionada depois de acreditar na mesma mentira que a maioria dos homens casados contam pra suas amantes, ela encontrou amparo na religião e aquilo virou sua cabeça por completo.

— E preferiu te dizer que ele tinha morrido...

Soltei um riso alto.

— Lourdes preferiu criar essa história pra si mesma, repetiu tantas vezes, que acabou se tornando real na mente perturbada dela. — Fiz o sinal de aspas com os dedos. — Era mais fácil, além do que, evitava julgamentos, afinal, era a pobre viúva carregando um bebê em seu ventre...

— Como descobriu?

— Não é muito difícil arrancar as verdades de alguém quando seus olhos mudam de cor. Joguei um verde, disse que já sabia, mas queria ouvir da boca dela. — Me levantei, chegando um pouco mais perto do rio. Inspirei o ar úmido, absorvendo o cheiro prazeroso de terra. — Fui pro seminário Menor pra sair de casa, Saul, o bispo, veio me recepcionar, achei aquilo inusitado, teoricamente eu era só mais um garoto querendo ser padre.

— Querendo mesmo? — Ouvi seus passos leves por entre as folhas. Ester parou ao meu lado.

— Eu faria qualquer coisa pra sair das garras de Lourdes e assim como você, fui criado dentro da igreja que seguia uma dinâmica de comunidade.

— A olhei de cima. — Mas então, Saul me descobriu e fui eleito para algumas questões ilícitas. — Esfreguei o rosto com uma mão. — Extorsão, tráfico, apesar de fazer parte, eu apenas... eu apenas estou presente e ajudo, mas nenhuma ideia é minha propriamente dito. Complexo?

— Um pouco, nem tanto, diria que confuso... você seria o Anticristo?

— Um espírito do tempo eu acho mais bonito.

— É tudo muito diferente do que aprendi. — Ela deu um suspiro longo, resignada.

— O que você aprendeu não passa de histórias, Ester, uma maneira de manipular o povo, causar medo, pânico, dividir a sociedade.

— E não é isso que pretende fazer? Ainda que do seu jeito?

— Só pretendo libertar as pessoas...

— Mas então, você é milenar, como...? Você nasce, mas...

— De tempos em tempos, eu passo pelo ciclo, meu tempo é diferente... chego perdido, como se tivesse acordado de um coma, quando atinjo a infância, as lembranças antigas pipocam...

Mais um silêncio, eu já havia perdido as contas de quantas vezes as palavras morriam e eu podia ouvir seu cérebro trabalhando, tentando encaixar aquele monte de informação intrincada.

— Como o tal do Saul te descobriu?

— Existe um lugar no Vaticano onde eles monitoram todos os bebês, aquele que vem pra destruir, quando nasce, dispara um alarme — falei sério, segurando a risada diante dos olhos arregalados dela. — É mentira, Ester. — Gargalhei. — Você tinha que ver sua cara!

— Você é um idiota quando quer, Caleb. — Ester revirou os olhos, logo riu também.

— Eu matei um dos padres que ministrava no seminário, ele tentou estuprar o Pedro, o garoto que dividia o quarto comigo, os abusos já aconteciam há meses, toques indesejados, apalpadas, mas ele guardava pra si, até que um dia não aguentou... era um final de tarde, havia um rancho nos fundos do lugar, eu estava lendo na biblioteca, quando ouvi o som da corda trespassando uma viga e um coração que batia de um jeito assustador...

— Era longe? Digo... foram os seus sentidos que...?

— Foram, ninguém ouviria, corri pelos corredores, um pouco perdido, demorei pra associar que aquilo estava acontecendo no tal rancho, acalmei os ânimos, concentrado no som que vinha do coração, farejei e senti o cheiro de medo e dor... cheguei segundos depois que Pedro tinha chutado a cadeira, consegui salvá-lo. — O canto de um urutau ecoou entre as folhas, magnífico e melancólico. — Foi quando notei o vazio no seu olhar, o odor amargo da tristeza. O confrontei, ele me contou tudo, passei a observar o padre, uns quatro dias depois, estranhei a ausência do meu colega de quarto após o toque de recolher, me concentrei e mais uma vez, guiado pelo som dos batimentos e gritos abafados, os encontrei no banheiro.

— E como... como o matou?

— Quebrei seu pescoço, um único gesto. Pedro começou a berrar, Saul apareceu e viu a cena, mas também viu meus olhos mudando de cor... — Fiz sinal com a cabeça para voltarmos para o tronco que servia de banco. — Meu amigo entrou em choque, o Bispo me pediu pra levar o corpo do padre e arremessamos na escadaria, pronto, um trágico acidente, um tropeço, sei lá, seja como for, deu certo.

— E Pedro?

— Dois meses depois desistiu, foi embora, os anos passaram e eu soube que ele formou uma família.

— Pensa nisso? Em formar uma família?

O questionamento me pegou de surpresa. Quando eu olhava para Ester, a ideia vinha de forma automática, mas logo a realidade me atingia, deixando a razão assumir de novo. Eu não procriava.

— Não, colocar filhos nesse mundo é coisa de gente imbecil. — Fui surpreendido por um suspiro de alívio. — Não pensa nisso?

— Não mais, se é que algum dia pensei, sei lá, tudo era embutido em mim, não só em mim, as mulheres carregam essa obrigação. — Ela sinalizou as aspas com os dedos. — Casar, ser mãe... e dentro da igreja isso vem mais forte ainda, te atropelando como um trator, enfiando na nossa cabeça que esse é o correto, que nascemos pra isso e então, muitas de nós apenas seguimos o fluxo, desligam o nosso disjuntor, passamos a operar em meia fase.

— Até que algumas entram em curto-circuito... — comentei, admirando sua rebeldia tão necessária contra a sociedade. — O que você quer, Ester?

— Brilhar tanto quanto as chamas do inferno, padre.

Capítulo 35

ESTER – TERRA SANTA

Não fiz mais perguntas, eu não queria ouvir os detalhes mais sórdidos, já havia muita informação obscura nutrindo meu cérebro. Caleb me beijou de um jeito mais bruto, porém, rápido. Voltamos para o carro e fomos até Bogotá.

— Você tá ausente da Abadia, isso não gera comentários? — perguntei assim que entramos no estacionamento.

— Não, sempre que preciso me ausentar, digo que estou em reunião com a diocese, tenho as costas quentes, literalmente. — Ele riu. — Vamos

montar um guarda-roupa digno de rainha, em breve iremos em várias reinaugurações, vou levantar Terra Santa de novo. — Caleb piscou.

Entrei no conto de fadas, mesmo sabendo que seria temporário, mas eu não queria pensar em mais nada naquele momento, apenas aceitar os presentes, sem me fazer de falsa rogada. Ele deixou o carro com o manobrista, mostrando o quanto estava habituado com aquele estilo de vida.

Caleb segurou minha mão, arrancando um sorriso mais aberto de mim.

— E se encontrarmos alguém? — Pressionei meus dedos com força em volta dos dele.

— Não vamos.

— Como pode ter tanta certeza?

— Uso meus poderes de invisibilidade. — Reconheci a piada besta, o humor ácido aflorado. — Apenas confie em mim.

E contrariando qualquer resquício de sanidade que ainda pudesse restar dentro mim, foi o que eu fiz. Passamos por uma vitrine de sapatos luxuosos, um clássico Scarpin vermelho chamou minha atenção, mas o valor exibido na placa discreta me fez rir de nervoso.

Caleb apenas me puxou para dentro da loja.

— Não, isso é...

— Bom dia, posso ajudá-los? — A vendedora tão bem vestida e com uma maquiagem impecável perguntou com sua voz modulada.

— Minha namorada gostou daquele sapato ali. — Ele apontou. — Acho que número trinta e seis, certo tigresa?

Minha mente ainda estava processando a palavra namorada e o fato de ele ter me chamado de tigresa na frente de uma estranha, com uma naturalidade invejável.

— É... ou trinta e sete... — A moça pediu licença e eu me joguei em uma das cadeiras que certamente foi de alguma princesa do século passado. — Você viu o preço...?

— Não costumo olhar preços, tigresa. — Ele acariciou meu rosto. — Aliás, uma bela escolha, é um sapato sensual, clássico, se gostar, acho que deveria levar de outras cores também.

— Caleb... — falei surpresa, aquilo era muito surreal.

— Quero que traga a felina que habita em você pra fora.

Engoli em seco, a vendedora voltou com a caixa imponente. Tirei o meu tênis *Slip On* envergonhada. O padre se ajoelhou, me ajudando a calçar o Scarpin. A bainha ondulada se ajustou perfeitamente aos meus pés, apesar do salto agulha, aquele sapato possuía um conforto inusitado.

— Ficou perfeito — ela elogiou, enquanto eu me admirava no espelho. — É um Le Silla, não poderia ser diferente. Cem por cento couro de bezerro, desde o solado, forro e exterior. Gostou, senhorita?

— Couro de bez... — Fui interrompida por ele.

— Ester adorou, quais outras cores você tem?

— Preto, café e marsala, senhor.

— Ótimo, vamos levar. Agora seria interessante algo mais despojado, Ester...?

E meu dia seguiu assim, entrando em lojas exclusivas, pertencentes a uma fatia bem pequena da sociedade. Provando e desfilando para o padre as mais variadas roupas, bolsas, sapatos e jóias. Muitas jóias.

Cada vez que ficávamos perdidos com tantos pacotes, Caleb ia até o carro guardar e voltava. Na última peregrinação das sacolas, ele me convenceu a ir ao salão de beleza.

— Eu gosto do meu cabelo assim!

— Então apenas corte as pontas e hidrate. — Ele deu de ombros. Um quadro exibindo um corte mais repicado me fez mudar de ideia.

— Apesar que...

— Sim, é bonito também, faça o que quiser, mas faça, inclusive sobrancelhas, unhas, pés, encare como um renascimento.

— Isso vai demorar, podemos agendar pra outro dia e...

— Não tô com pressa, tirei o dia pra você, tigresa.

Perdi o ar por alguns segundos. Aquela avalanche de presentes era algo delicioso, mas não se tratava daquilo. O esmero, o tempo dedicado a mim, a paciência e as verdades cruas e sujas despejadas com cuidado, arrancadas debaixo do tapete e entregues de bandeja nas minhas mãos.

A soma de todos aqueles gestos, me deixavam cada vez mais apaixonada por aquele homem. Quanto mais eu o tinha, mais eu queria.

Caleb se sentou em uma das poltronas, sem tirar os belos olhos de mim. Rodeou o cabelereiro enquanto o rapaz finalizava o corte, sempre com um sorriso simpático no rosto. As mulheres não disfarçavam. Sedutor como o verdadeiro Diabo.

Me ajudou a escolher o esmalte e brincou algumas vezes com a manicure. Por um breve instante, lembrei do coração sobre a mesa, da facada na mão do Arcebispo e da sua boca suja de sangue.

Uma dualidade fascinante. Ali, trajando uma roupa de alfaiataria, perfumando os ambientes por onde passava, de cabelos alinhados e sorriso fácil, ninguém jamais diria que ele era um padre, ou um assassino, ou até mesmo um demônio.

— Como se sente? — Caleb perguntou após pagar.

— Renovada, bonita... é uma sensação boa, confesso... — Me olhei em um dos inúmeros espelhos, apaixonada pelo novo corte.

— Essa cor combina com você. — Ele pegou minha mão, analisando o esmalte vermelho tomate e depositou um beijo lento em cima dos meus dedos. — Fantástica.

— Agora tem uma mulher mais apresentável pra desfilar por aí, padre.

— Assim você machuca meu coração. — Caleb bateu no peito. — Isso é só sobre você, só pra você, olha. — Ele se posicionou atrás de mim, nosso reflexo daria uma foto perfeita. — O que você vê?

— Um casal — brinquei. Diante da sua expressão séria, puxei o ar pelo nariz. — Uma mulher... uma bela mulher...

— Isso, isso mesmo. — Sua boca veio próxima ao meu ouvido. — Uma mulher gostosa, tentadora, dona de si, que pode ser mais altiva. Uma mulher de seios lindos e lábios com sabor de luxúria. — Ele roçou o corpo no meu. — Um fruto proibido que eu tô louco pra devorar... e não ouse achar que fiz isso tudo em troca de sexo, fiz pra te mostrar que há muitas formas de vida além dos portões imaginários que sua família construiu ao seu redor.

— A vida com você é bem convidativa — murmurei.

— E eu garanto que pode ser muito divertida também. — Caleb lambeu minha orelha, sem pudores, pouco se importando com as pessoas ao redor, meus joelhos fraquejaram. — Vamos, tigresa.

Paramos para almoçar em um restaurante tão fino quanto ele, onde provei um Carré de carneiro, me sentindo a criatura mais hipócrita do mundo, após sentir pena do bezerro que morreu para que os sapatos fossem produzidos.

A exaustão abraçava meu corpo com força quando enfim paramos em uma loja de maquiagens e perfumes.

— Capriche nas suas escolhas, preciso retornar algumas ligações. — Seus lábios quentes selaram os meus e ele saiu, me deixando com a vendedora.

— Bom. — Olhei ao redor. — Preciso de dicas, eu nunca... — A vergonha me atingiu e abaixei um pouco a cabeça. — Nunca usei maquiagem de verdade, apenas um lápis, rímel e batons mais discretos...

— Sua beleza natural é uma dádiva de Deus! — *E o Diabo quer exaltá-la*, pensei. — Mas sempre podemos lapidar o que já é belo, me acompanhe, vamos escolher os melhores produtos e tons pra sua pele, vou te ensinar alguns truques, sairá daqui outra mulher.

A jovem me guiou com a mão nas minhas costas. Fui tomada pela empolgação, quanto mais eu me enfiava naquele mundo novo, mais apaixonada eu ficava.

Entre perguntas, risadas e um bate-papo despretensioso, a cestinha foi alimentada com muitos produtos. Notei olhares surpresos sobre mim.

— Espero me lembrar pra que serve cada um — brinquei, tentando localizar Caleb.

— Claro que vai, maquiagem é treino. E agora vamos fazer a sua! Mais *clean* ou algo meio fatal pro seu namorado?

Respirei fundo, era prazeroso ouvir a palavra namorado.

— Algo selvagem, sexy — respondi, sentindo as bochechas queimarem.

— Deixa comigo! — Ela piscou, ajustando o apoio de cabeça e virando a cadeira de costas para o espelho. Um tempo razoável depois, algumas caras

e bocas e alguns abrir e fechar de olhos, a moça finalizou. — Não olhe ainda, mantenha esses lindos olhos fechados.

Então senti o cheiro dele invadindo o espaço, revirando os meus sentidos.

— Uau! Uau! — Como eu amava o tom da sua voz. — Você transformou um anjo em uma versão californiana da Lilith — Caleb brincou, porém, senti a ênfase, o peso e a realidade das suas palavras, um código só nosso. — Quem é você? — Segurei a mão estendida.

— Eva. — Pisquei, dando continuidade naquele jogo sensual.

— Seja bem-vinda ao meu Éden, Eva. E renda-se ao proibido.

Soltei uma risada mais alta. Caleb se dirigiu ao caixa. A vontade de me entregar por completo devorava minhas entranhas. Meu corpo arrepiou. Ele era etérico. Me agarrei na teoria de que o padre nada mais era do que um anjo.

O meu anjo. O meu salvador. E desejei com todas as minhas células, que aquele sentimento fosse perene.

Capítulo 36

CALEB - TERRA SANTA

— Estou pensando, aceitei seu dinheiro sujo, isso me torna cúmplice — Ester falou antes de eu dar partida no carro.

— Te incomoda?

— Bem menos do que deveria. — Ela deu um sorriso discreto. — Sabe o que eu acho, padre?

— Não, mas vou adorar que compartilhe. — Sua beleza saltava aos olhos, o que já era perfeito, ficou mais fascinante após uma bela maquiagem.

— Ninguém recusaria algo assim, quem diz isso, é porquê nunca teve a oportunidade, mas minha atração por você não tem nada a ver com dinheiro, que fique muito claro.

Dei um sorriso aberto, apreciando sua verdadeira essência.

— Eu sei disso. — Embrenhei os dedos pelos seus cabelos, estavam mais sedosos, o cheiro dominou o carro. — Agora me responda, depois de saber de quase tudo, você ficaria ou iria embora?

Os olhos verdes caíram nos meus, como duas estrelas.

— Supondo que eu ainda tivesse a opção de ir embora... — Meu coração pesou, batendo mais rápido. — Eu ficaria, padre... a aura que reveste o proibido é irresistível, esse sentimento de liberdade, segurança e uma certa independência, possuem um sabor viciante demais.

— O ser humano é programado pra sentir a necessidade do novo, achar novas maneiras de se expressar e sentir, o que foge das regras, traz adrenalina, um composto químico que nos causa euforia e eu prometo te alimentar com ela todos os dias.

Umedeci os lábios, resistindo à vontade de beijá-la, aquele batom escuro, vermelho como uma maçã saborosa, ficou tão perfeito nela, que não tive coragem de tirar.

Ester acabou pegando no sono antes mesmo de eu entrar na rodovia. Me concentrei na estrada, mas minha mente não dava trégua.



— Você chegou no momento certo, mestre. — Saul se virou para mim, após jogarmos o corpo do padre pela escadaria. — Sua atitude me intriga, matou um, pra ajudar outro, se importou com Pedro.

— Os tempos mudaram, Bispo, eu não estou aqui pra dizimar a Terra ou causar o Armagedon, vocês mesmos já estão bem empenhados nisso, eu nem sei direito o que eu sou... — Dei de ombros, admirando o corpo do padre espatifado no grande hall de entrada.

— Zeitgeist. Animus Operandi, aprendeu na Teologia, certo?

— Anticristo, apenas uma maneira mais difícil de falar. — Revirei os olhos, mas no fundo eu sabia onde ele queria chegar.

— A palavra Anticristo tem uma força maior, é mais assustadora, perfeita. Você não veio pra rivalizar abertamente com os valores de Cristo. — O encarei, atento, concordando por dentro. — Seu papel é apenas usurpar a figura Dele, deturpar Seus ensinamentos e valores, resumindo, pregar o anti-evangelho em nome do Evangelho e do próprio Jesus. — Saul abriu os braços e dobrou os lábios para baixo. — Simples, não acha?

— Até demais, apesar de gostar da figura assustadora que os filmes mostram, além de ser bem mais eficaz com aquele bando de idiotas. — Suspirei. — A religião é o ópio do povo!

— Aposto que esteve ao lado de Hitler, Tomás de Torquemada, Papa Gregório IX, Harry Truman...?

— São como flashes, às vezes mais nítidos, às vezes mais nebulosos, mas parecem bem recentes...

— Eu sei, eu sei. — Saul colocou as duas mãos nos meus ombros e esboçou um sorriso fraternal.

— E o que eu devo fazer afinal? Tá difícil competir com alguns deles.

Saul gargalhou, chacoalhando seu corpo.

— O ótimo trabalho que vem fazendo há séculos, liberte as pessoas. Eles são uma projeção sua, ué! Suas crias. — Ele fez o sinal de aspas. — Qual de nós dois vai gritar e fingir desespero? — O Bispo apontou para o corpo do padre morto com a cabeça.

— Você, eu teoricamente não poderia estar fora do meu quarto, espere eu sumir e faça seu teatro. — Fechei os olhos e os abri, revelando as íris vermelhas. — Boa sorte, Bispo.



Olhei para Ester, a imaginando velha. Vivi romances breves e tórridos, paixonites com prazo de validade, mas aquela mulher era diferente.

Vivíamos o mesmo espaço de tempo, filhos de mães problemáticas, dono dos sonhos um do outro e almas tão distintas, porém, feitas da mesma matéria, eu não tinha dúvidas.

— Pelo jeito essa cabecinha tá fervilhando. — A voz doce e sonolenta me despertou.

— Um pouco. — Me ajeitei no banco. — Eu precisarei ficar ausente, Ester, digo, vou estar ao redor, mas preciso colocar Terra Santa em pé e isso vai demandar tempo nesse início.

— E eu? O que eu faço?

— Viva uma vida de princesa, aquela casa tem piscina, sauna, academia, vá na biblioteca, descanse, pode passear com Zeus também. — Arqueei as sobrancelhas.

— Não vou te ver?

— Claro que vai, aparecerei sempre que possível, até porque, sentirei saudades. — Coloquei a mão na sua perna, apertando. — Maria cuidará muito bem de você, não estou indo embora, só que meus horários serão diferentes e tenho a Abadia pra tocar, prometo que é temporário.

Ester não pareceu muito contente, nem eu estava, mas aquilo não podia ser adiado. Chegamos em casa exaustos, um polvo refogado nos aguardava.

— Qual sua comida preferida? — ela perguntou um pouco mais animada.

— Não sei, nunca pensei nisso. — Cortei um pedaço do tentáculo, refletindo. — Arepas, gosto muito de arepas, mas nada como uma carne vermelha mal passada, daquelas que deixam um rastro de sangue no prato, colorindo até o arroz, aquele sulco saboroso, mas precisa ser uma carne boa, de primeira.

— Metido! — Ester me deu um novo sorriso e deveria ser considerado a oitava maravilha do mundo.

— E você? Isso é um encontro? É assim que fazem, não é? — Servi mais um pouco do vinho branco.

— Não, é só eu querendo saber mais do Caleb. — Ela suspirou. — Eu sou muito fã de pizza de aliche. Cor preferida?

— Atualmente é o verde dos seus olhos e você?

Ester engasgou com o vinho, suas bochechas ficaram um pouco mais coradas e ela riu, não com descaso, era um riso alegre, sonoro.

— Se eu disser que é o vermelho dos seus olhos, vai ficar muito brega?

— Vai, mas dizem que a paixão é brega.

Limpei a garganta, ficamos nos encarando um tempo e voltamos a comer em silêncio. Maria entrou sorrateira quando acabamos.

— Ester, querida, eu preciso conversar com o Caleb a sós, você se importaria?

— Não, claro que não.

Ela arrematou o vinho e se levantou, fiz o mesmo. Selei sua boca com um beijo leve.

— Descanse. Depois levo suas compras. Zeus vai te acompanhar. — Assoviei, chamando meu cachorro. — *Légy a barátja, de ne hagyd, hogy elhagyja a határunkat.*

— O que disse? Zeus não entende espanhol? — Ester questionou.

— Entende, mas eu gosto do Húngaro, recomendo que aprenda, terá tempo pra isso. — Beijei sua testa. — Apenas pedi pra ele ser seu amigo e te guardar dentro do nosso perímetro. Boa noite, Ester.

— Boa noite, Caleb. — Ela me olhou um pouco frustrada e saiu, subindo as escadas com Zeus ao seu lado.

Voltei a me sentar, apontando para a cadeira. Maria fez o mesmo.

— Diga. — Apoiei os braços na mesa.

— A paixão é sublime — ela afirmou. Travei o olhar no dela. — Encontrou sua parceira, logo, é hora de elegê-la, precisamos do ritual. Ester precisa se comprometer com a devoção a você, já contou isso pra ela?

— Não — respondi irritado. — Tem que ser aos poucos, não posso simplesmente falar pra uma garota que até dias atrás vivia o catolicismo com fervor, que pra estar comigo de vez, vai precisar sacrificar um animal, derramar sangue... porra! — Dei um soco na mesa, sentindo o calor se alastrar.

— Calma. — Maria acariciou meu braço, aos poucos meus olhos voltaram ao normal. — É bonito te ver assim, sabia? — Ela sorriu. — Mas me preocupa.

— Não precisa...

Expliquei que eu iria seguir o plano de reerguer Terra Santa e que Ester ficaria sob seus cuidados.

— Restrinja a distância, converse com Zeus, sua princesinha do mal é bem curiosa, encontrar a cabana seria fácil pra ela.

— Farei isso. Mais alguma coisa?

Maria negou. Pedi licença e sai, precisava falar com Amélia e depois com Theodoro. Tínhamos muita coisa para fazer.

Capítulo 37

ESTER – TERRA SANTA

Os últimos vinte e sete dias foram diferentes. Em partes eu estava vivendo o sonho de muitas mulheres. Passei a morar em uma mansão, qualquer coisa que eu quisesse comer, era literalmente só pedir. Piscina, sauna, academia e um cachorro satânico que me protegia, mas também me mataria se fosse necessário.

— Maria? — Ela se virou, seu sorriso era maternal, foi fácil me apegar, até mais do que deveria. — Quantas já estiveram aqui? — Me sentei em uma das banquetas que margeavam a ilhada cozinha.

— Nunca perguntou isso pra ele? — Neguei com a cabeça.

— Você é a primeira, Ester.

E ser a primeira pode ser relativo, tigresa...

A voz de Caleb ecoou no meu coração.

— Mas...

— Ester. — Maria se aproximou, puxou a outra banqueta e se sentou ao meu lado. Eu achava curioso o fato de ela não usar uniforme, pelo contrário, suas roupas eram sempre elegantes e muito limpas. — Claro que o padre Caleb já se deitou com outras. — Entreabri a boca, Maria verbalizou meus pensamentos, como se tivesse lido. — Mas isso aqui... — Ela apertou o próprio antebraço. — É só carne. Nada mais, nada menos, somos um belo filé, começamos a apodrecer em vida, pouco importa.

— Caleb só me trouxe por causa das circunstâncias. — No fundo não era bem naquilo que eu acreditava, mas talvez, estivesse buscando uma confirmação.

— Nem você crê nisso. — Abri mais os olhos. Maria podia ler mentes? — Ele poderia ter te despachado, matado, lei... — Ela parou, limpando a garganta. — Levado pra outro ponto que ainda precisa de voluntários, são muitas alternativas, mas Caleb escolheu a mais ousada. — Nos encaramos um tempo. — O passeio também foi só por causa das circunstâncias? Por favor. — Seu sorriso era hipnótico.

— O conhece há muito tempo? — No fundo eu sabia que era uma pergunta idiota.

— Muito, muito mesmo, mais do que possa contar. Olha só... — Maria se levantou, voltando a ficar mais séria, ainda assim, seu semblante me trazia só sensações boas. — Estar com o padre, vai requerer algumas coisas da sua parte. — Ela respirou fundo. — Nas igrejas passamos pelo batismo,

digo, vocês passam, ainda que bebês e sem poder de escolha, digamos que pra conectar vocês dois, dentro daquilo que nós cremos, também precisa de uma espécie de batismo...

Meu estômago contorceu. Soltei um riso nasalado.

— Preciso matar um bode e beber seu sangue? — brinquei, mas Maria permaneceu séria, me fazendo engolir em seco.

— Mais ou menos isso.

E lá estava eu, sem saber como fechar a boca, com o coração quase parando e tentando balbuciar algo entendível.

— Um pacto?

— O batismo também é, qual o espanto? É um compromisso que você firma com a Chefia de cima. — Ela apontou para o teto.

— Maria, Maria! — Reconheci a voz que abalava meus ossos, o timbre que me acendia por completo. Desci da banqueta e me joguei em seus braços, fazia dias que não o via.

Caleb me abraçou com força, dissipando a ideia assustadora sobre o bode e seu sangue. Encaixando minhas peças soltas.

— Não gosto desse ritmo de trabalho, padre. — Beijei seus lábios devagar, ele retribuiu, ameaçando me invadir com sua língua, mas logo se afastou, me deixando com o sabor agridoce de quero mais.

— Eu também não, mas logo tudo acalmará, passei pra te ver, tenho que sair daqui a pouco. — Caleb beijou a testa da Maria e roubou uma batata assada. — Huuuum, sempre muito bom. Vamos jantar juntos?

Foi o que fizemos, tendo como companhia sua governanta misteriosa e Zeus, sempre prostado onde eu estivesse.

— Tenho acompanhado as notícias — comentei. — O povo tá te colocando em um altar.

Caleb e Maria riram com o trocadilho que saiu sem querer. No final das contas, acabei rindo também.

— Você ainda não viu nada... — Seus olhos ameaçaram mudar de cor, mas não foi tão intenso, porém, cintilaram, refletindo uma beleza tão magnífica quanto a galáxia.

O celular dele tocou. Caleb pediu licença e se retirou. Maria começou a tirar a mesa, fui ajudá-la, mas ela nunca deixava eu fazer nada naquele sentido. Caminhei até a escada, com Zeus ao meu lado e me sentei no segundo degrau.

— Miguel, porra, você ainda me deve, não vou te emprestar grana nem fodendo. — Apesar de sua voz estar abafada, conseguia ouvir com clareza. — Não, eu não perdoo dívidas, já deveria saber! — Um murro na parede me fez saltar no lugar.

Olhei para a cozinha, Maria parecia concentrada, me esgueirei pelo curto corredor do andar de baixo, me aproximando um pouco mais da porta do escritório de Caleb. Ele estava irritado e começou a falar em húngaro.

Um barulho chamou minha atenção, Maria carregava uma bandeja, levando comida. Ela parou diante da parede, franzi as sobrancelhas sem entender. Precisei tampar a boca. Era uma porta muito bem camuflada.

— Pra quem é essa comida, Zeus? — cochichei, como se ele pudesse responder, porém, o desgraçado fofo latiu, silenciando Caleb.

Não deu tempo de eu correr.

— Ester!? — Ele arreganhou a porta. Acenei com uma mão. — Conhece a história da pousada? Do viajante que parou pra dormir e o dono o alertou

sobre os gritos na madrugada que costumavam ocorrer ali? Deixando claro que tudo ficaria bem se ele se mantivesse no seu quarto e não fosse xereta?

— Não... — falei baixo, sentindo uma esfera espessa preencher minha garganta.

— Pois é, o rapaz foi esperto e ouviu os conselhos do dono da pousada, e acabou sendo o único sobrevivente. O filho do homem tinha algumas condições mentais e de madrugada saia gritando, não só isso, matava quem cruzasse seu caminho. É uma parábola, mas acho que você entendeu muito bem. — Ele deu alguns passos na minha direção, sempre imponente e sedutor.

— Eu estou ao seu lado há mais de um mês, talvez devesse confiar em mim e dividir sua vida comigo — falei com firmeza. — Esse lugar é lindo, mas do que adianta? Fico presa aqui, não sei de nada. E aquele monte de roupa e maquiagem? Pra quê? Pra vegetar nessa colina ao lado de Maria e Zeus? — afrontei, verbalizando meus sentimentos.

Caleb se manteve calado, escrutinando meu rosto, alcançando minha alma, como sempre fazia.

— Você sabe muitas coisas, mas eu só posso te deixar entrar por completo, depois que consumarmos a sua fidelidade e isso incluí não só o ritual que Maria mencionou, mas sua entrega carnal também — ele falou calmamente. — Não te sinto preparada pra isso e não quero forçar.

Touché. Caleb tinha me quebrado ao meio sem sequer encostar um dedo em mim.

— Então é verdade? Eu preciso...?

— Sim, precisa. — Ele deu mais alguns passos, diminuindo a distância entre nós. — Mais alguma coisa, Ester?

A mão pesada embrenhou pelos meus cabelos acima da nuca, o tranco sensual no meu pescoço me fez suspirar. Umedeci os lábios, faminta por um beijo dele. Meu corpo desligou quando sua língua preencheu minha boca. Aquele homem conseguia equilibrar a brutalidade e a sutileza de um jeito que me deixava sempre mais dependente daquilo.

Eu não tinha outros parâmetros, não conhecia outros beijos, mas a cada toque, olhar e reações do meu corpo, a certeza de que ele era excepcional, palpitava no meu peito, apagando qualquer dúvida.

Caleb me alimentava com uma confiança absurda de que apenas ele, somente ele, me bastava pelo resto da vida. Abracei seus ombros, deslizando minha língua pela dele. Engoli seus gemidos roucos e abafados, queria me embriagar.

Não havia mais chão debaixo dos meus pés, o torpor de toda aquela fusão de emoções me deixava leve e molhada.

— Me sinto pronta. — Interrompi o beijo. — Quero ser sua por completo... — murmurei.

— Eu poderia te arrastar pro quarto e te foder bem gostoso, Ester, mas apesar da vontade absurda. — Caleb arrumou sua ereção. — Quero que seja memorável e preciso do seu batismo. — Ele fez aspas com os dedos.

— Então você... você não poderia ter transado comigo antes? É isso? — perguntei confusa.

— Poderia, mas seria apenas isso... você não seria a minha eleita, compreende?

— Acho que sim... — Franzi as sobrancelhas, um pouco confusa. — Quando me elegeu?

— No momento em que coloquei os olhos em você e senti o cheiro de pureza. — Ele farejou perto de mim. — Ainda sinto, mas já tá desaparecendo, dando lugar ao cheiro de minha mulher.

— Mas você sempre deu a entender que...

— Que transaria com você se você quisesse? — Confirmei. — Sim, o que há de errado nisso? Precisava te instigar e nunca se esqueça quem eu sou, tigresa.

Caleb enfiou a mão entre minhas pernas por cima do shorts branco que eu usava. Me desmanchei, amolecendo em seus braços. Ele abriu o botão e desceu o zíper, os dedos percorreram pelo espaço entre o elástico da calcinha e minha pele, alcançando a carne úmida.

Afundei a cabeça em seu peito. Caleb me virou de costas. O som aquoso o fez gemer mais alto no meu ouvido. Afastei mais pernas quando ele começou a me penetrar, primeiro com dois dedos, depois com três.

— Caleb... — gemi, me contorcendo. A boca faminta decorava meus pescoço com beijos sonoros e molhados, eu amava aquela ardência que sua barba trazia na minha pele.

— Fala que quer ser minha, Ester... fala...

— Eu quero... — Puxei o ar, tentando respirar com calma. — Quero ser sua... — Gemi mais alto quando ele pressionou meu clitóris, massageando.

— Fala que quer dar a boceta pra mim... mas eu quero que use a palavra, tigresa... — Caleb amortecia os trancos do meu corpo. Meu coração bombeava em um ritmo alucinante. — Fala, gostosa... — O hálito quente contra minha orelha era um bálsamo.

— Eu quero dar a... eu quero dar a boceta pra você, padre, quero que me foda até eu ficar dolorida e sabe do que mais? — Meus gemidos saiam cada

vez mais altos. — Eu também espero sangrar só pra ter uma sensação maior de selar o nosso pacto.

As últimas palavras falharam, meu corpo enrijeceu e eu gritei, me esquecendo completamente que estávamos no meio do corredor. Zeus soltou um latido baixo, rouco, enquanto eu gozava na ponta dos dedos do meu padre. Do meu anjo.

Capítulo 38

ESTER – TERRA SANTA

— Me dê mais alguns dias e eu vou cuidar de você — Caleb sussurrou no meu ouvido, me soltando aos poucos.

Ele me virou de frente de novo e enfiou os dedos lambuzados na minha boca, bruto, obsceno, e quanto mais ele revelava seu lado selvagem, mais eu me afundava naquela piscina de luxúria, questionando quais seriam os meus limites.

Meu instinto gritou, chupei seus dedos com o olhar travado no dele. A boca carnuda entre aberta me fez sorrir de forma maliciosa.

— Padre?

— Por que me chama assim? Faz parte do seu fetiche? — Dei de ombros perante o sorriso confuso dele.

— Quem mora embaixo da casa?

Caleb revirou os olhos e bufou.

— Depois eu te explico, Ester, por favor, para de brincar de detetive, eu preciso que você sossegue, vá pro seu quarto.

— E minha irmã? Será que teria um tempo pra tentar achá-la? Qualquer pista que fosse, por favor. — Sua expressão mudou, a áurea mais leve foi tomada por uma sombra que me causou estranheza.

— Eu já disse que você tá obcecada pela ideia de que... — Caleb colocou as mãos na cintura, comprimindo os lábios. — Ok, eu vou ver o que faço, Raquel Rodrigues, certo?

Balancei a cabeça, sem conseguir conter as lágrimas. Peguei suas mãos e as beijei, emocionada. Os olhos de Caleb mudaram de cor.

— O que foi?

— Nada, nada... suba, Ester. — Ele puxou as mãos, um pouco transtornado. Senti uma pontada no peito, um alerta.

Voltei pelo corredor com Zeus ao meu lado, subimos as escadas e fomos para o quarto.

— Você deve saber mais do que eu. — Afaguei sua cabeça, o cachorro lambeu o próprio focinho.

Passei uma ducha no corpo e deitei, contrariando minhas expectativas, peguei rápido no sono.

Despertei com o uivo do vento. A cortina dançava pelo quarto com violência. Levantei e fui fechar a janela, o breu dominava lá fora, assim como o silêncio fúnebre. Zeus se prostou sentado, sempre me encarando, como um algoz.

Nas pontas dos pés, fui até a porta e abri devagar, para o meu espanto, vi a porta do quarto de Caleb aberta, o cômodo estava mergulhado na escuridão. Lembrei da parábola da pousada, ainda assim, minha curiosidade aguçada sempre se sobrepunha ao meu juízo.

Zeus veio junto comigo, sorrateiro como um gato, igual ao seu dono. As arandelas do corredor emitiam uma luz fraca, amarelada. Caminhei até lá, com a certeza de que o encontraria dormindo, mas a cama estava arrumada. O único vestígio dele era o cheiro excêntrico do seu perfume.

Decidi voltar para o meu quarto, porém, fui guiada pelo meu instinto para o andar de baixo. Abajures estrategicamente colocados, refletiam aconchego, assim como o aroma da casa, lembrava um shopping center.

Foi quando Zeus ergueu as orelhas, rosnando baixo. Meu coração foi parar na garganta. Desci alguns degraus. Um feixe de luz no corredor debaixo, parecia uma lanterna. Continuei, minha boca estava seca, quando pisei no tapete felpudo, ouvi barulhos vindos do escritório de Caleb.

Seria a Maria? Ou talvez o próprio Caleb? Me aproximei, a respiração quente de Zeus nas minhas pernas me trazia um pouco de segurança. A porta estava apenas encostada. Meus batimentos cardíacos aceleram e o suor começou a verter na minha testa. Ouvi passos e de repente, veio o silêncio.

Fechei os olhos, espalmei a mão na porta e fui abrindo. Algo gelado tocou minha testa. Abri as pálpebras, me deparando com uma mulher, a reconheci depois de alguns segundos.

Amélia.

— Não atire... não atire... — Ela estava tão assustada quanto eu. Zeus latiu, mas não a atacou, me levando a crer que os dois se conheciam.

— Ester? — Amélia perguntou baixo, com o maxilar travado, rangendo os dentes.

— Isso... isso... — Levantei as mãos. Ela tirou a arma da minha cabeça, soltando um riso áspero.

— Então é você a princesinha do Caleb! Droga! — Amélia me puxou para dentro e fechou a porta. Parecia nervosa.

Reparei em alguns papéis revirados. Meu corpo tremia e respirar se tornou difícil.

— O que você...? — Olhei ao redor. — O que tá procurando?

— Merda! Merda! Merda! — Amélia andava de um lado para o outro, esfregando o rosto. A arma sacodia na sua mão, reluzindo o cano cromado.

Eu estava confusa. Caleb havia dito que ela era uma prostituta, o que aquela mulher fazia ali?

— Você é a Amélia — falei um pouco hesitante.

— Ester, você está cega! — Ela veio até mim com passos largos e agarrou meus braços. — Por que quer estar no meio disso? Volta pra sua casa, eu posso te ajudar!

— Não! — Me desvencilhei dela. — Não...

— Para de ser burra, não tem nada de bom aqui, você tá enfiando a sua vida em um verdadeiro inferno, Ester, presta atenção!

— Não, Amélia! Não! — Tampei os ouvidos. Zeus começou a latir alto. — Você tá traindo o Caleb?

— Não! Não! Cala a boca! — Amélia gritou com Zeus, mas não adiantou. — Eu posso achar sua irmã!

A porta abriu e Caleb surgiu. Fomos tomadas por um calor intenso, seus olhos nunca faiscaram tanto quanto naquele momento. Com passos firmes, porém lentos, ele entrou, com o olhar fixo em Amélia.

— Que decepção!

— Não! — gritei quando ele acertou um tapa no rosto dela, a derrubando.

Caleb a levantou pelos cabelos.

— Você tem cinco minutos pra me dar uma explicação muito condizente, ou eu vou te matar, Amélia.

— Não, não, não! — Corri para a porta, mas ela bateu com força, com o susto, caí de bunda no chão. Zeus veio lamber minha cara.

— Sua curiosidade serviu pra alguma coisa, Ester — ele falou com ironia. — Anda, Amélia, começa a falar! — O grito estremeceu todos os meus ossos. O lustre balançou, ou talvez fosse só a minha imaginação.

— Eu tô procurando a minha filha! — ela berrou. — Minha filha... eu só quero a minha filha... — Amélia caiu em um choro que parecia entalado há anos.

Caleb pareceu confuso. Me arrastei até um canto do escritório, encolhendo meu corpo.

— Filha? — ele perguntou, usando o tom normal.

— Me escuta, por favor, por favor... me deixa contar tudo, antes de pensar em me matar, eu imploro... — O padre olhou para mim. As lágrimas escorriam desenfreadas pelo meu rosto.

— A deixe falar, por favor... — pedi amedrontada. Caleb a soltou com força, deu a volta na mesa, tirou uma garrafa, mais três copos da gaveta e, se sentou, servindo.

— Sentem-se. — Ele apontou para as duas cadeiras com um sorriso sarcástico, senti como se houvesse um bicho pegajoso e frio escalando minha coluna, vértebra por vértebra.

Amélia se levantou com dificuldade e me deu a mão, puxando meu corpo para cima. Caleb fez o som com a boca, chamando Zeus, que se colocou ao lado dele.

— Talvez eu deva subir... — falei quase perdendo o pouco de fôlego que me restava.

— Não, senhorita Rodrigues, agora vai arcar com as consequências das suas atitudes. — Ele apontou de novo para a cadeira, mas seu foco era a Amélia. — Cinco minutos! — Caleb acionou o cronômetro do relógio.

— Eu sou uma policial infiltrada. — Achei que ele fosse levantar a mesa e jogar nela, mas o padre se manteve impassível. — Era na verdade, eu entrei na operação por motivos pessoais, algo não permitido, porém, todo mundo sabe que basta molhar a mão certa e as coisas acontecem.

Meu coração tinha parado.

— Beba! — Caleb empurrou os copos na nossa direção. — E prossiga.

— Só queria encontrar Amanda, ela sumiu aos treze anos, fui mãe muito jovem, essa região estava na mira, mas de repente, saiu do foco, a polícia decidiu que desmancharia tudo, que era a rota errada, eu bati o pé, dizendo que não abandonaria o caso...o Tenente que fez vista grossa, permitindo que eu me infiltrasse, disse que tudo bem, mas eu estaria sozinha, por minha

conta e risco... sem ajuda, sem vínculos, eu precisaria desaparecer, então me deram como morta...

— O amor de uma mãe é lindo mesmo — Caleb falou, não consegui decifrar se havia ironia ou se era um lamento, devido ao seu histórico.

— E caso eu a encontrasse, jamais poderia voltar pro Canadá, eu precisaria ter uma nova vida, sem nunca mencionar o caso... entrei no personagem, já não sabia mais quem eu era, me apaixonei por Theodoro, aprendi a gostar de você... eu quero que a polícia se foda, quero que os outros pais se fodam, eu só queria a minha filha... isso me torna uma pessoa tão horrível quanto qualquer um de vocês.

Amélia soltou o ar pela boca, parecia alguém tirando um peso enorme das costas. E era.

— Interessante — ele balbuciou, tomando um gole generoso. — E o que estava buscando aqui, Amélia? — Notei uma troca de olhares entre os dois.

— Alguma pista do Theodoro, sei que são colegas, depois do terremoto não tive mais contato, me desculpe.

Quem diabos era Theodoro?

— Eu posso te ajudar com isso, mas nunca mais invada o meu espaço sem ser convidada. — Apesar do tom baixo, a ameaça saltava em cada palavra. — Ester, suba, eu e você conversamos depois.

— Mas... mas...

— Eu disse, suba!

Virei a minha bebida, fazendo uma careta quando aquela merda rasgou meu esôfago e levantei apressada, sentindo falta de Zeus.

— Pode deixar ele comigo? — Arrisquei perguntar antes de cruzar a porta.

Caleb gargalhou, falou alguma coisa em húngaro e Zeus me acompanhou. Temi pela vida de Amélia, mas algo me dizia que ele não a mataria.

Torci para estar certa.

Capítulo 39

CALEB – TERRA SANTA

Amélia parecia aliviada. Virou sua bebida de uma vez só, batendo o copo na mesa.

— Se for me matar, posso pedir que seja rápido? Um tiro na testa? Ou quebrar o meu pescoço?

Soltei um riso sonoro, completando nossos copos.

— Não vou te matar ainda, aliás, obrigado por ter mentido, achei que entregaria tudo para Ester, algo no estilo “não tenho mais nada a perder, ele vai acabar com a minha vida, mas antes, acabo com a dele.”

— Por quê? Perdê-la seria acabar com a sua vida? Tá nesse nível, padre? — ela debochou, me fazendo refletir. Franzi as sobrancelhas, pensativo.

— Claro que não, foi modo de dizer — afirmei sem ter certeza das minhas palavras. — Sei que tá dizendo a verdade, seu coração não se agitou, sua circulação continuou serena, mas pelo visto, suas habilidades policiais são fracas. — Recostei na cadeira, fazendo as molas rangerem. — Mas tentou convencer Ester a se mandar daqui, isso me magoou Amélia.

— Caleb, porra, se você pensar friamente, essa menina...

— Quieta. — Respirei fundo. — Eu sei, mas sou egoísta e dei algumas oportunidades pra ela ir embora, incentivei, só que Ester não quer, quem sou eu pra insistir?

— Conte a verdade sobre a irmã dela e ai você verá se Ester fica ou some — Amélia provocou, gostava da sua ousadia, apesar de irritante.

— Não me desafie, não faça isso. — Fechei os olhos e os abri, Amélia engoliu em seco, agarrando com mais força nos braços da cadeira. — O que buscava aqui afinal? Pistas da Amanda?

Ela confirmou, arrematando a bebida de novo e deu um sorriso opaco, triste.

— Preciso aceitar que Amanda deve estar morta, Caleb. Enterrá-la se for o caso, prefiro a pior verdade do que continuar nesse limbo de incertezas. — Seus olhos encheram, Amélia se fazia de durona, era durona, mas todo mundo tinha seu limite. — Nunca encontrei um rastro sequer, acredito que ela foi pra muito longe. Talvez Brasil, lá a coisa é intensa também. Por anos tive esperança de reconhecê-la em algumas das meninas que chegavam, mas isso foi acabando... eu fui me perdendo, criando raízes aqui... o que eu poderia fazer? Rodar o mundo? Com que dinheiro?

Ali eu entendi com perfeição o porquê Amélia cuidava daquelas garotas como uma leoa, apesar de tudo. As regras bem rígidas, a preocupação, a revolta quando alguém as machucava além das feridas de suas almas.

— Bom, será que consegue achar a irmã da Ester? — Deslizei um lábio no outro, a encarando. — Posso arrumar um carro discreto, um celular descartável só pra isso, consigo recursos que quem sabe não te levem até Amanda também? Mesmo que seja pra descobrir que sua filha... — Limpei a garganta. — Ainda que as notícias não sejam boas, se é que tem como serem boas, ao menos você terá paz...

— Farei uma lista do que preciso... — Sua voz embargou, seus olhos refletiram um brilho que eu nunca presenciei. Ela não precisou me agradecer, sua gratidão era palpável. — Posso ir?

— Não quer ver o Theo? — Levantei, apontando para baixo.

— Ele tá no inferno? — Ela brincou um pouco sem graça.

— Todos nós estamos. Fique aqui, a irmã dele veio junto, vou virar o cupido agora, viu só? Ainda não perdi minhas habilidades de anjo. — Pisquei, arrancando uma risada mais alta dela.

Desci e chamei o Theo. Os dois conseguiam se ver pouco, Cibele não dava trégua. O conduzi para o meu escritório.

— Trepem no chão, não quero correr o risco de encontrar fluídos alheios na minha mesa. Vou sair com o carro, Ester com certeza tá acordada, direi que fui te levar embora.

Amélia apenas assentiu, fechei a porta e me dirigi para a parte externa, agradecendo mentalmente por deixado o Phantom na frente, longe do alcance da janela de Ester. Apesar de silencioso, aquela desgraçadinha era esperta, abri os vidros e aumentei o som de propósito, saindo em seguida.

Peguei o caminho para o hotel onde Saul estava hospedado.

— Vim falar com o Bispo, Saul Morgado. — A moça da recepção abriu um sorriso cheio de malícia.

— Padre Caleb, que honra, o senhor tem feito tanto pela Terra Santa.

— É o que Jesus faria, apenas tento seguir seus passos. — Ela tirou o telefone do gancho, logo autorizou minha subida.

— Ele está na cobertura, padre.

Agradeci. Cruzei o suntuoso saguão e peguei o elevador, a música entediante me fez bocejar. Quando desci, a porta já estava aberta. Dei duas batidinhas sonoras, entrando.

— Caleb, grande mestre. — Saul abriu os braços, me recebendo com o carinho fraternal de sempre, apesar de não ser tão mais velho do que eu. — Você é incrível, Terra Santa te enaltece, seu nome tá circulando mais do que o nome do messias.

— Dinheiro e falsas promessas movem os idiotas. — Fui até a janela, eu adorava lugares com vistas excepcionais. — Ester aceitou ser a minha donzela — brinquei.

— Isso é ótimo, vai causar empatia e empatia é fraqueza, tudo que queremos são pessoas fracas.

— Não confio muito, muitos vão me condenar por ter largado a batina por amor, não acha? — Saul serviu dois copos com Gin, me entregando um.

— Vamos ver, como um padre pode orientar famílias, casamentos, filhos, se ele mesmo não vivencia isso? Pastores casam, possuem família e são idolatrados, ninguém vai tirar a Abadia de você, sabe disso. Tudo vai mudar, porém, certas coisas permanecerão. — Travamos o olhar um no outro.

— Quero que você me aponte como o novo messias, Miguel precisa morrer — falei sem rodeios.

— Uma coisa por vez. — Saul não escondeu a surpresa, porém, se manteve calmo. — Faça Ester sua mulher, isso te dará mais prestígio, além do que, pela foto que me mostrou, ela é linda, segue o padrão de beleza, virgem, perdeu a fé, é a garota perfeita.

— Miguel é Judas. — Ignorei seu comentário sobre Ester.

— Caleb... Miguel faz parte da mudança, foi escolhido, não é tão...

— É simples sim, eu li os documentos, se ele morrer, você me elege — falei irritado, o interrompendo.

— Você não pode matá-lo, sabe disso. — Saul tomou um gole do Gin, pensativo. — Nem eu posso, senão perdemos tudo.

— Seria uma pena então se outra pessoa o fizesse...

— Bom, é arriscado, mas seria a única alternativa... — ele advertiu.

— Confie em mim. — Tomei metade do meu copo. — Amanhã, precisamos alinhar algumas questões, tá na hora de faltar energia nos hospitais maiores, principalmente na UTI Neonatal.

— O que você pretende? Não vai matar...

— Não seja estúpido! Eu vou salvar esses bebês! Faça-se a luz! — Gargalhamos juntos. — Não existe criatura mais grata do que uma mãe quando alguém salva a prole dela. Vou precisar das famílias ao meu lado.

— Uma ótima estratégia. — Saul balançou a cabeça, orgulhoso. — Então, vamos gerar o caos de madrugada, um apagão, mergulhar Terra Santa na escuridão, os hospitais contam com geradores, vamos até o limite e *voilá,* o grande padre Caleb salvará todo mundo.

Ele abriu os braços de frente com a grande janela, eufórico.

— Imaginar que esse bando de idiota acredita mesmo nas trombetas chatas e um homem descendo dos céus. — Cruzamos os braços ao mesmo tempo, parecia ensaiado.

— Por isso estão na merda.

Senti minhas células se agitarem. Não havia nada tão mirabolante por trás daquilo, era unicamente a busca pelo poder supremo, ser idolatrado como um deus, como o melhor.

Afinal, já dizia o grande teólogo John Stott: o poder é mais tóxico do que o álcool e vicia mais do que as drogas. Além do que, sempre foi uma característica da história humana, desde que o mundo é mundo.

Quem em sã consciência, negaria ter poder sobre a humanidade?

Capítulo 40

ESTER – TERRA SANTA

Tinha algo maior acontecendo, eu podia sentir. A troca de olhares entre Caleb e Amélia me causou ciúmes, mas também um outro tipo de incômodo. Zeus me encarava, como se esperasse um petisco.

— Eu queria que você falasse, do que adianta ser o cachorro do Diabo e não ter poderes mágicos? — Bufei, rindo de mim mesma. Foi quando ouvi vozes femininas vindo do andar de baixo. Alguém gritava.

E lá fui eu, me embrenhar pelo corredor com cuidado, com Zeus sempre na minha cola.

— Cibele, ele já é bem grandinho, por favor, volte lá pra baixo. — Era a voz de Maria, porém, não havia nada no meu campo de visão.

— Amélia não presta. — A outra mulher gritou. Tampei minha boca para não gritar junto.

— Theodoro também não! — Maria se impôs.

As duas continuaram discutindo, mas a gritaria foi ficando mais longe, até que uma porta bateu com força e o silêncio predominou, logo ouvi os saltos de Maria contra o piso de mármore. As luzes da sala diminuíram e mais uma vez, a quietude se instalou.

Eu estava voltando para o meu quarto, quando um gemido abafado ecoou nos meus ouvidos. Zeus choramingou. Meu coração contraiu, seria Caleb transando com alguém? Vencida pelo ciúmes que impregnava nas minhas veias como um ácido, desci as escadas com firmeza, sem medo.

Os gemidos ficaram mais intensos e vinham do escritório. Fui dominada pelo ódio, era a primeira vez que o sentia com tanta potência. Abri a porta com força. Amélia rebolava em cima de um homem, suada, enquanto ele a puxava para baixo, levantando os quadris.

Os dois olharam para mim assustados.

— Meu Deus, me desculpem! Me desculpem!

Fechei a porta e sai correndo, eu precisava de ar fresco. O que Amélia fazia ali ainda? Para onde Caleb tinha ido? Aquilo parecia uma teia de mentiras sem fim e eu estava presa nela, prestes a ser devorada por um aranha enorme.

Zeus corria ao meu lado, quando dei por mim, estava na beira da piscina, tentando regular a minha respiração oscilante. O Doberman começou a latir, bravo, logo rosnou, intercalando. Olhei mais adiante, os faróis me cegaram.

Aquele carro já estava ali, caso contrário, eu teria ouvido o barulho.

— Não é o Caleb, né? Você não age assim com ele — falei, entrando em pânico. Pressionei os olhos, em uma tentativa de reconhecer a silhueta da pessoa que desceu do veículo.

— Ester, que surpresa!

Era o Arcebispo, eu congelei, não consegui responder. Fui dando passos para trás. Zeus ficou na posição de ataque, porém, Miguel falou algo em húngaro, o paralisando.

Maldito.

— Ester, pra dentro! — Maria gritou, caminhando rápido até mim. — Ester!

Miguel sacou uma arma e deu um tiro para cima, nós gritamos. Eu me encolhi com as mãos nos ouvidos.

— Ninguém vai entrar, ou eu juro que atiro nas duas — ele anunciou com calma, vindo sem pressa na nossa direção. — Cadê o padre? — Senti o deboche no seu tom. Miguel parecia embriagado.

— Ele deu uma saída — Maria respondeu com firmeza. Ela não demonstrava medo. — O que você quer, Arcebispo?

— Caleb tá me aporrinhando a vida, o cara tem mais dinheiro do que pode gastar pelos próximos cem anos e quer que eu pague uma dívida mínima, então, eu vim tentar acertar esse assunto.

— Com um arma? — Tomei coragem e questionei.

— Aprendi com ele a ser um homem precavido. Senhorita Ester, você vem comigo.

— Não! — Maria entrou na minha frente, exatamente como uma mãe faria. — Vai embora daqui, Miguel, ou você vai se arrepender pelo resto da

sua vida de merda! — Ela sacou uma arma preta, apontando para o Arcebispo.

O desgraçado começou a rir, mirando a dele em Maria.

— Não atire! — Saí de trás dela, tomando sua frente. — Por favor, não atire na Maria — implorei.

— Que gracinha vocês duas, nada como um útero seco, hein? Canalizou sua energia materna nos outros. — A risada áspera me deu nojo. — Então, eu vou fazer Uni-Duni-Tê. — Ele apontou o revólver para o Zeus e depois voltou para mim. — Vem comigo e tudo ficará bem, Ester.

Meu fiel companheiro começou a rosnar, mas parecia preso em algum feitiço. Movida pelo instinto de sobrevivência, fiz o mesmo barulho que Caleb fazia com a boca. Zeus correu e avançou no Arcebispo, o derrubando.

Outro tiro ecoou. Gritei, fechando os olhos, temendo abrir e encontrar o cachorro que eu já considerava meu, morto, mas Zeus continuava mordendo Miguel, que berrava, tentando se desvencilhar.

— Ester, corre! — Maria mandou.

O Arcebispo chutou Zeus para longe, o pobre choramingou.

— Maria, entra comigo. — Agarrei seu braço, mas outro tiro rasgou o ar e ela foi desmoronando no chão em câmera lenta. — Não! Não! — Me ajoelhei ao seu lado, colocando a mão no ferimento um pouco abaixo do ombro. — Maria, por favor! Por favor!

— Ester, atire... — Ela tentava tatear a arma caída ao seu lado. — Atire... — O Arcebispo pisou na mão dela, chutando a arma para longe. Minha amiga gritou baixo, contorcendo o rosto.

— Se o Caleb chegar logo, ela não vai morrer — ele falou com desdém.

Ergui os olhos, com ódio. Zeus havia dilacerado parte do seu braço, o sangue pingava lentamente, manchando a camisa cinza que o filho da puta usava.

— Zeus! — chamei, mas meu cachorro permaneceu deitado, chorando. — Zeus, neném, por favor...

— Levanta, sua vagabunda! — Miguel me puxou pelos cabelos, o couro da minha cabeça latejou. — Eu mandei vir comigo por bem, mas você quis o caos, tudo isso aqui é culpa sua, Ester!

— Me solta! Me solta! — gritei, cravando as unhas no ferimento do seu braço. Ele urrou, me dando um tapa no rosto. O gosto alcalino do sangue preencheu minha boca. — Eu não vou com você! — falei um pouco letárgica, sentindo os efeitos da bofetada.

— Já tá indo, boneca — Miguel debochou. Tentei me debater mais um pouco, mas além de ele ter me acertado um soco no estômago, o Arcebispo também era muito mais forte do que eu.

Fui jogada no banco de trás do carro.

— O Caleb... ele vai...

Então veio uma dor lancinante, Miguel acertou minha testa com o cabo da arma e tudo ficou escuro.



A água gelada me atingiu com força, fazendo meu corpo doer em partes que eu sequer sonhava que existiam.

— Acorda, Bela Adormecida!

Eu não conseguia respirar, estava me afogando. Tentei correr, mas as correntes presas nos meus calcanhares e punhos me fizeram esborrachar no chão.

— Para... para... — Comecei a tossir, achei que ali seria o meu fim, porém, o jato cessou.

— Você é meu amuleto da sorte, Ester. Eu fui lá realmente achando que encontraria o Caleb, mas quando percebi que o idiota não estava, resolvi trazer um belo souvenir comigo. — Miguel se aproximou, eu estava só de calcinha e sutiã. Me encolhi, um misto de pavor e vergonha.

— Liga pra ele — pedi chorando. — Caleb vai perdoar a dívida...

— Que presunçosa, será mesmo que você vale a dívida que tenho com ele? — O Arcebispo agachou na minha frente, umedecendo os lábios de um jeito repulsivo.

— Se não acreditasse nisso, não teria me sequestrado — elevei o tom, o encarando.

— É, você até que é esperta, não se trata apenas de seios bonitos e uma bunda que dá vontade de comer, acho que tô entendendo porque Caleb se apaixonou. — Sua mão segurou meu queixo com força. — Confesse pro Arcebispo, como é trepar com o Diabo?

— Nós nunca trepamos, seu imundo! — Cuspi na cara dele, o tapa veio com mais violência. Senti o anel rasgando minha bochecha.

— Não cuspa em mim, sua cadela! — O chute nas minhas pernas me fez chorar alto. — Nunca treparam então? — Ele pareceu surpreso, se levantando. Miguel andava de um lado para o outro, pensativo. O curativo malfeito no seu braço exibia uma mancha vermelha. — É o nosso dia de sorte, estava louco pra te foder Ester, mas não vai rolar, tenho planos maiores pra você, boneca!

Comecei a tremer, apavorada pela ideia de que eu estava prestes a ser estuprada e aterrorizada com os tais planos maiores.

— Me deixe ir embora, Caleb vai esquecer a dívida... — pedi sem força, entre um soluço e outro.

— Sou ambicioso. — Miguel soltou um riso curto. — O padre realmente tá na sua, hein? Todo esse tempo sem te comer? Caralho, Ester, você deve ser uma joia preciosa, me deixou até curioso.

— O que vai fazer comigo? — perguntei temendo a resposta. Ele se aproximou de novo, enfiando a mão entre minhas pernas. Me debati, mas fui estapeada no rosto. — Isso aqui, sem uso, vale muito dinheiro.

— Tira a mão de mim! — Meu choro ecoava pelas paredes úmidas e mofadas. — Tira a mão de mim!

O Arcebispo fez o que pedi, chupou dois dedos e afastou minha calcinha, rasgando parte dela. Meu corpo desligou, fome, sede, dor e um sacerdote religioso machucando a minha vagina seca, enquanto me penetrava com seus dedos imundos.

— Sabe, Ester? Se eu esfregar seu grelo, você vai gozar, quer? — Não respondi, apertei as pernas uma contra a outra, mas ele as abriu com força. — Não faça mais isso, vagabunda, vai dizer que não é gostoso? Geme!

— Não! Não! Eu não te fiz nada — falei sem força, enquanto as lágrimas corriam pelas laterais do meu rosto.

— Vai gemer, mesmo que seja de ódio!

Miguel alcançou meu clitóris, eu jurava que nada aconteceria, que seria impossível, mas fiquei ofegante, sentindo a culpa e a raiva me consumir como fogo.

E o meu corpo reagiu. E eu gozei. E eu só desejei morrer.

— Caleb vai te matar... — balbuciei.

— Ele não pode, Ester. Sou blindado. Eu disse que iria gemer e gozar, vadiazinha!

A tortura ainda não tinha acabado. O Arcebispo tirou seu órgão para fora e se masturbou, sujando meu rosto com sêmen. Gargalhou, chutou meu estômago e saiu, me deixando no escuro.

Comecei a cantarolar baixinho, inerte.

Deus permitiu. Escolhi o caminho contrário e Ele me mandou um castigo. Um tirano. Definitivamente, não era esse tipo de Pai que eu queria.

Capítulo 41

CALEB – TERRA SANTA

O cheiro de sangue me atingiu pouco antes de chegar em casa. Acelerei. Desci do carro quase tropeçando.

— Não! Não! Zeus! — Agachei perto dele, meu cachorro ainda respirava.

— Caleb! A Maria! — Amélia veio correndo, chorando, mal conseguia falar. — A Maria...

— O que aconteceu aqui, porra? Cadê a Maria? Ester? Theodoro??? — Olhei para ele, o médico sempre mantinha a calma.

— Caleb, a Maria tá no hospital, em cirurgia, Zeus precisa ir pra um veterinário, não encontramos nenhum que viesse buscá-lo, ele fraturou as costelas e Ester...

— Ester sumiu! — Amélia gritou. — Ouvimos tiros, mas demoramos pra entender que não era você... — Ela estava surtando.

Meu coração esmurrava a caixa toráxica. Tudo ficou alto demais, a engrenagem do meu corpo, o barulho da natureza, as meninas conversando na cabana e a respiração falha de Zeus.

— Quem levou a minha Ester? Quem fez isso? — gritei, sentindo o calor de uma maneira mais intensa. As águas da piscina se agitaram. Mirei a mancha vermelha no piso áspero.

— Não vimos, e Maria estava inconsciente quando chamamos a ambulância, mas você tem câmeras, precisa puxar nas câmeras. — Theodoro jogou os cabelos para trás, aflito.

— Levem Zeus pro hospital veterinário 24 horas. — Joguei a chave do carro para ele.

— Eu não sei usar essa chave. — Theodoro estava prestes a explodir.

— É só se aproximar do carro com ela e tem um botão pra dar partida, vai! Vai! — falei irritado, entrando apressado.

Corri até a central das câmeras, mas eu já estava desconfiado, só precisava confirmar. Sentei na frente das telas, voltando as gravações com cuidado. Judas. Gritei de ódio e saí.

Quando cruzei o corredor, Cibele apareceu.

— Não é um bom momento. — A repeli com a mão.

— Só vim oferecer ajuda com as meninas, Caleb... elas estão sozinhas...

Puxei o ar com força. Ela tinha razão. As garotas continuavam ali, na colônia de férias, eu tinha outras urgências, não poderia simplesmente inaugurar um puteiro. Isso não era prioridade mais. Lembrei do apagão, já não sabia se seria uma boa ideia naquele momento.

— Desculpe, você sabe onde fica a cabana?

— É só me mostrar o caminho, fico lá até Amélia voltar... — Enruguei a testa.

— Cansei de brigar, Caleb, se não pode com o inimigo, junte-se a ele, não é assim? — Cibele deu um sorriso pálido.

— É. — *Ou mate-o.* Acompanhei Cibele até o início da trilha. — Só seguir por aqui, não tem erro, é uma caminhada boa, mas logo verá a cabana. — Ela assentiu, se retirando. — Ei! — chamei. A irmã de Theo se virou, erguendo as mãos, confusa. — Obrigado.

Cibele apenas sorriu e continuou. Voltei para dentro e antes de ligar para o Miguel, optei por falar com Saul. Fiz a chamada.

— Já tá com saudades? — ele brincou, mas eu não tinha força pra rir. — O que aconteceu, Caleb?

— Miguel. — Contei a história. Um breve silêncio se formou. — Se ele quisesse o perdão da dívida, acho que já teria entrado em contato comigo, não?

— Acabou de acontecer, calma.

Aquelas palavras trouxeram um efeito contrário em mim.

— Para de me mandar ter calma, caralho — gritei. — Tem o rabo preso com esse filha da puta, é isso? — Saul balbuciou algumas palavras incompreensíveis. — Se quer tanto ser o próximo Papa, eu acho melhor você pular de vez pro meu lado, bispo — enfatizei.

— O que você sugere? Me diz?

— Me ajude a achar esse desgraçado.

— Não vou te decepcionar.

— Eu acho bom, Saul.

— Continuamos com o plano do apagão?

Fiquei pensativo. Hesitei um pouco, havia vantagens e desvantagens perante a mudança do cenário.

— Sim... funciono melhor no escuro... — respondi sem grandes certezas se de fato seria o momento certo.

Encerrei a chamada. Fui para o lado de fora, contornei a casa até chegar na garagem lateral onde ficavam mais alguns brinquedinhos, todos com os vidros devidamente pretos. Escolhi o jipe com tração e voltei para a cidade.

Me sentia perdido. Miguel não estaria no seu apartamento, porém, por ser o lugar menos óbvio, arrisquei, precisava esgotar as possibilidades. Minha mente fervilhava. Me arrependi de ter dito a ele que eu e Ester já havíamos transado, aquele desgraçado iria estuprá-la.

A cena veio com força, assim como a ira. Me sentia colérico, se eu cruzasse com aquele estrume, não saberia me controlar, eu o mataria. Só eu sabia a proporção dos meus afetos por Ester. Aqueles sentimentos conflituosos pareciam piche correndo pelas minhas veias.

— Desgraçado! Desgraçado! Desgraçado! — Esmurrei o volante.

Rodei um tempo, absorto, não conseguia pensar direito. Automaticamente me vi na rua do prédio do Miguel, estacionei na paralela. Mesmo desacreditado, desci e fui até lá.

— Padre Caleb. — O porteiro sorriu. — O Arcebispo não tá.

— Poxa, que pena, ele disse pra onde iria? — Reuni forças e sorri de volta.

— Não, ele costuma ser bem reservado, desculpe.

— Sem problemas. — Mentira, eu estava com todos os problemas. — Obrigado.

Caminhei até meu jipe ruminando, tentando encontrar qualquer fragmento de conversas passadas entre eu e ele que pudessem me entregar alguma pista. Meu celular tocou, fazendo meu coração acelerar, mas era a Amélia.

— Caleb, Zeus tá bem, fraturou duas costelas, por sorte não atingiu nenhum órgão, ficará em observação por três dias. — Respirei aliviado.

— Me passa os dados pra eu fazer o depósito, por favor. — Amélia fez o que eu pedi.

Encerramos a chamada e uma luz acendeu. Dinheiro comprava qualquer coisa, apesar da minoria, detentora das grandes fortunas como eu, embutir na cabeça dos pobres assalariados que não. Como eu amava o capitalismo, fazer parte da nata.

Entrei no carro e fui direto para a casa do delegado. O cara adorava uma jogatina, vivia devendo, se bobeasse, mais do que Miguel. Consultei o relógio que marcava quase meia-noite. A construção era bonita, porém, precisava de uma boa pintura.

Toquei o interfone. Nada. Enfiei o dedo com raiva, prolongando o barulho irritante. Uma luz no andar de cima iluminou a janela.

— Quem é? — A voz de quem tinha acabado de acordar soou no aparelho.

— Padre Caleb, é urgente.

Ouvi ele encaixando o gancho e logo a chave girando na fechadura com pressa.

— Padre? — O delegado Luís me olhou assustado. Olhou para dentro da casa e saiu, fechando o portão atrás. — O que aconteceu?

— Vai acontecer. Não farei rodeios, delegado, eu preciso da sua ajuda e você precisa da minha — afirmei.

— Eu? Eu não preciso de nada... não tô entendendo...

— Alguns milhões de pesos acho que pagaria sua dívida com o Royale e ainda sobraria uma quantia pra pintar essa casa, isso tá decadente, você é o delegado de Terra Santa. Esse carro... — Apontei para a garagem. — Não combina com sua posição. — Luís me olhava intrigado, mudo. — Levar sua bela esposa pra uma segunda lua-de-mel, pagar um dia de salão pra ela, roupas novas, aqueles mimos que mantém a chama acessa. O que me diz?

— Isso é uma pegadinha? Você é um padre...eu realmente tô confuso...

— Não, sem pegadinhas, eu preciso de um grande favor que deve permanecer em sigilo e tô aqui, pronto pra pagar por ele e pelo seu silêncio.

— Padre... explique melhor... — Fechei os olhos e segurei seu ombro com uma mão, apertando. — Padre, me solta!

— Eu só quero te propor um pacto — falei com calma, abrindo as pálpebras em seguida. — Não grite, ou eu arranco o seu coração.

— Minha Nossa Senhora... — ele suplicou, trêmulo.

— Não, não coloque essa galera no meio, transfiro agora o dinheiro e posso te recompensar mensalmente se trabalhar pra mim.

Luís estava hipnotizado pelas minhas pupilas vermelhas, eu só precisava que o seu olhar se fixasse no meu por poucos segundos.

— Isso seria... corrupção? — O delegado finalmente me encarou.

— Que nome feio, prefiro... troca de favores...

— Seus olhos... meu Deus... meu Deus...

— Deus não, já disse! — falei irritado.

— Você é o... o que você...? — Luís ficou ofegante.

— Respira, eu sei que tá louco pra aceitar, com certeza já se ajoelhou na beira da cama, pedindo uma luz pro seu Deus, implorando, barganhando, e nada aconteceu, um silêncio ensurdecedor, afinal, é tudo no tempo Dele, enquanto isso, seus filhos sofrem, sofrem e sofrem e aquele tirano fica rindo da cara de vocês.... — lamentei de forma debochada.

Luís abriu e fechou a boca algumas vezes, parecia mais atraído pela ideia.

— Levaria minha alma, é isso? — Explodi em uma gargalhada.

— Hollywood e esses crentes me pagam! Claro que não, que baboseira! Delegado, qual seria a graça em ficar no suposto inferno que vocês tanto temem, cheio de almas sofrendo, enquanto eu fico só olhando? Que coisa entediante e sem nexo! *Hic et nunc.* Aqui e agora. É isso que importa.

— Tenho a opção de recusar?

— Claro, mas a galera do Royale vai vir atrás de você, e esses caras às vezes, preferem ferir quem mais amamos, do que a gente, eles nos deixam por último, pra que soframos pouco a pouco.

Luís tampou a boca com uma mão, aflito. Inspirando e expirando.

— O que você quer em troca?

— Pra começar vamos rastrear um celular. — Estendi a mão. Um pouco hesitante, ele a apertou. Aquele homem também seria útil para ajudar a localizar Amanda e Raquel. — Pacto firmado. Se me trair, delegado,

primeiro virei atrás da sua pequena, depois da sua senhora e por último, você. — Pisquei. — Entendido?

— S-sim...

— Relaxa, as coisas ao meu lado são bem mais divertidas, vamos entrar, você precisa assinar um termo de compromisso e eu vou transferir o seu dinheiro.

Grana comprava tudo e aqueles que diziam que não, apenas não tiveram a sorte de receberem uma proposta irrecusável na vida. Eu não diria que o ser humano é corrompível, eu diria que o ser humano tem um instinto de sobrevivência muito aguçado.

O papinho de que o espiritual devia ser mais importante do que os bens materiais, era muito lindo e conivente quando saia das bocas que viviam no alto de suas coberturas, desfilando de carros blindados, enquanto escolhiam o restaurante mais caro da cidade para um simples jantar em família em uma segunda-feira.

Dinheiro movia o mundo.

Dinheiro era sinônimo de felicidade.

Capítulo 42

CALEB – TERRA SANTA

Eu adorava ver o semblante do ser humano quando a conta bancária inflava, naquele momento, qualquer receio ou medo se esvaia e eu me tornava o melhor amigo. Alguns levavam dias para tomarem a decisão, ou fingiam, porém, quando a corda já estava no pescoço e o banquinho prestes a sumir de debaixo dos pés, batiam o martelo sem pensar.

O que seria pior? Um acordo milionário com o Diabo ou ver sua família sofrer nas mãos de homens que foram programados para torturar? Era uma decisão fácil, rápida e indolor.

— Bom, pra rastrear o celular, vou precisar do número, como não posso fazer isso sem um mandado, terá que esperar algumas horas — Luís falou receoso.

— Horas? Não, eu preciso disso agora. — Pressionei as têmporas. — Sem mandado.

— Eu sei, tô só dizendo que fazer isso por baixo dos panos, requer cautela. Padr... digo, Caleb...? — O olhei com desdém. — Tem alguns sites que podem ajudar, mas rastrear pelas torres, demanda mais tempo e preciso do computador da Inteligência, mesmo eu sendo o delegado, não posso invadir ali, porra!

Eu sabia de tudo aquilo, mas não era o que eu queria ouvir. Quanto mais o tempo passava, mais meu coração pesava.

— Vamos apelar pros sites por enquanto. — Luís levantou e voltou com seu notebook, passei o número, como eu já imaginava, aquela merda estava desligado. — E agora?

— Pelas torres consigo saber o local onde o aparelho foi desativado, se ele ligar de novo, vai aparecer também.

— Quanto tempo? — Luís assustou, começou a gaguejar. — Quanto tempo?

— Eu... logo pela manhã eu acho que...

Lembrei do apagão, peguei meu celular, precisava ligar para o Saul. Fiz a chamada e o filho da puta não atendia. Comecei a mandar mensagens. As malditas nem chegavam. Liguei mais uma vez e nada.

— Mas que merda — gritei.

— Shiu, shiu, se a Silvia acordar o que vamos dizer? — Luís levantou, desesperado.

— Eu preciso disso agora, agora!

Parecia sincronizado. As luzes se apagaram. Minha pulsação chegava a doer, tive a sensação de que eu iria explodir da forma mais literal que existisse, até meus pedaços decorarem as paredes sem graça e bolorentas daquela casa.

— Foi, foi você? — Luís perguntou incrédulo.

— Claro que não! — O idiota achou que meu nervosismo causou aquilo. Ele estava certo, fui eu, mas não como Luís estava imaginando. — Eu preciso sair, dê um jeito de conseguir isso pra mim, arrume um gerador. — Apontei o dedo na cara dele. — E não se esqueça do nosso combinado.

— Jamais... jamais... — Mais um pouco e Luís iria se mijar ali mesmo.

Sai apressado, quando entrei no carro, Saul retornou.

— Tudo como pediu!

— Por que não atendeu? — perguntei irritado. — Eu precisava de mais tempo — esbravejei.

— Caleb! Se recomponha! — O tom autoritário me deixou mais bravo, mas no fundo, ele tinha razão. — Agora tá feito, tome suas providências, sei que Ester é importante pra você, mas quando você mergulha na sua ira, fica cego e deixa passar o óbvio. — Recostei a cabeça no encosto, regulando a respiração. — Estou na busca de Miguel, de olho no circuito, se é que me entende.

— Certo — concordei.

— Vá pra casa, tome um banho, aquela região tem energia.

Saul desligou e eu me dirigi até o hospital. Como imaginei, o lugar estava uma verdadeira muvuca, mas ainda operando a base dos geradores. Estacionei três quadras para frente e desci, caminhando até lá.

— Padre, padre! — Uma moça me parou. — O que tá acontecendo?

Um apagão, sua burra!

— Eu já pedi pra averiguarem, por favor, mantenha a calma, não deve ser nada demais. — Abri um sorriso. Ela balançou a cabeça como um cachorrinho assustado.

Segui meu caminho, as recepcionistas estavam agitadas. Algumas partes do prédio contavam com meia-luz, uma maneira de economizar.

— Padre, por favor, reze por nós. — Uma delas agarrou minhas mãos.

— Calma, não é nada, daqui a pouco tudo volta ao normal. Confiem no Senhor, Ele jamais iria desamparar os doentes, não é mesmo? — Tive medo de deixar minha ironia evidente, mas pelo semblante das trouxas, acredito que fui convincente. — Eu gostaria de saber sobre a paciente Maria Rojas, ela deu entrada há algumas horas...

— Maria Rojas, sim, sim. Ela foi baleada, certo? — A de cabelo azul questionou. Confirmei. — Já saiu da cirurgia, perdeu um pouco de sangue, mas tá estável, padre, porém, não pode receber visitas ainda e mesmo que pudesse, ainda tá sob o efeito da anestesia.

— Certo. Apenas diga que eu estive aqui por favor.

— Claro.

Virei as costas e sai. Eu estava completamente sem rumo. Rodei a cidade escura, me concentrando nos meus instintos, mas era difícil. Vasculhei o porão da Abadia, mesmo achando que Miguel não seria tão estúpido, mas precisava descartar todas as possibilidades.

Fazia horas, quanta merda Ester poderia estar suportando. De repente veio a ideia de que Miguel pudesse tê-la matado. Uma pá de concreto foi

jogada no meu peito. Peguei a estrada, sem destino, só precisava de um lugar distante.

Encostei no acostamento, caminhei alguns metros e gritei até meus pulmões arderem.

— Tá me sacaneando? — Olhei para o céu. — Tá me punindo? Eu quero que esse seu reino de araque se foda! É isso? Pra punir aquele que te exaltava e quis ser como você, traz sofrimento pra sua filha? Sádico! Sádico! E se eu deixasse aquele monte de bebê à própria sorte? Salvaria? Hein? Hein?

Minha cabeça doía, a voz já começava a falhar. Um ardor chato se instalou na minha garganta.

— Salvaria merda nenhuma — falei sem forças.

— Tá nervoso? — Me joguei sentado no chão, rindo com histeria.

— Vá à merda Rafael! Anjo chato da porra!

— Você também é um anjo, para de ser cricri. — Ele se sentou do meu lado.

— E sou muito mais bonito do que você...

— Sabemos, todos sabem... Luz da Manhã... — Eu odiava seu deboche, tão intrínseco quanto o meu.

— Se não pode me ajudar, some, bate suas asas e sai voando, igual uma barata pegajosa, vai, se manda! Ou é como Ele? Gosta de tripudiar em cima da dor alheia?

— Isso é especialidade sua, Lucy!

— Não me chame por esse apelido ridículo! O que você quer?

— Já parou pra pensar que talvez, bem talvez, Ester tenha dito que ainda é virgem? — Fixei meu olhar em um ponto qualquer. Meu cérebro começou a trabalhar de uma maneira mais racional. — Você é muito inteligente, Caleb, mas quando deixa sua ira falar mais alto, não raciocina.

— Então, isso quer dizer que...

O maldito havia sumido. Levantei rápido e corri até o carro. Liguei para Saul. Por sorte, ele atendeu rápido.

— Eu acho que vai ter um leilão!

— Das maçãs?

— Da minha maçã. — Apesar de tudo, não conseguia deixar de pensar que por mais que Miguel não tivesse roubado a sua virgindade, havia outras formas de abuso e aquele desgraçado era sádico. — Quem do meio te deve favores?

— O senador de Bogotá. Vou pedir pra ele avisar assim que for anunciado.

— Ótimo. Ótimo. — Puxei o ar pela boca, soltando devagar. — Miguel é afoito, mas nem sempre é burro, entretanto, tá com pressa... — refleti em voz alta.

— Não se preocupe, se o desgraçado for por esse caminho, vai ser fácil pegá-lo na encruzilhada!

Só me restava ir para casa tentar dormir um pouco, mas não foi o que aconteceu. Dentro do box, enquanto a água morna lavava meu corpo, eu desabei. Não me lembrava quando foi a última vez que chorei tanto. O soluço alto ecoava pelas paredes úmidas.

— Eu vou fazer esse filho da puta implorar pra morrer...

Capítulo 43

ESTER – TERRA SANTA

Eu estava perdida no tempo. Deitada no chão frio, os cochilos iam e vinham. Cada vez que eu abria os olhos, mergulhava em um pesadelo. O ambiente parecia mais escuro, minha bexiga não aguentava mais, urinei no que restou da minha calcinha.

Ouvi passos e a porta abrindo. Um assovio ecoou pelo ambiente.

— Trouxe algo pra comer, preciso de você bem cuidada. — Miguel colocou uma bandeja ao meu lado. — Minha nossa, que fedor! Porca!

— Queria que eu fizesse xixi onde? No banheiro? — debochei.

— Petulante! — Ele segurou meu maxilar, virando meu pescoço para analisar o corte na bochecha. — Que merda, vou ter que cuidar disso aí pra cicatrizar mais rápido.

— O que vai fazer comigo? — perguntei sem esperança.

— Não seja ansiosa, agora coma. — Miguel pegou a metade do lanche frio, enfiando na minha boca, engasguei e meti um chute na canela dele, deduzindo que o Arcebispo não me deixaria marcada depois do comentário sobre o corte. Ele gritou, ergueu a mão, mas se conteve. — Cretinazinha de merda!

— Eu preciso de água...

— Como se diz, Ester? — Tudo naquele homem era repugnante, desde o tom de sua voz, até o som maldito de sua risada sarcástica.

— Por favor... — pedi contrariada.

O Arcebispo saiu, demorou um tempo até ele voltar com uma garrafa pequena, jogando em mim com força.

— Economiza, isso aqui não é supermercado não! Em poucos dias vamos dar um volta.

— Sabe de uma coisa? — Me coloquei em pé com dificuldade. — Você deve ter sérios problemas com sua mãe, com certeza foi o garotinho estranho na escola, rejeitado por todas as meninas que deviam ter nojo dessa sua cara sebenta. É valentão com as mulheres, e isso só prova que você não passa de um covarde de merda! — Apesar do breu, eu podia sentir seus olhos em mim, o ódio faiscando, me atingindo como farpas.

— Cala a boca, Ester! — Ele estava perdendo a paciência.

— Eu quero ver se vai manter toda essa coragem quando Caleb te achar, mas uma coisa eu preciso admitir, Arcebispo — Desdenhei o seu cargo. —

A sua ousadia é admirável, trair o próprio Diabo não é pra qualquer um e bem sabemos que ele é traiçoeiro, será mesmo que não pode te matar?

— Cala a merda da sua boca, sua vagabunda!

Miguel perdeu o controle e acertou um soco no meu nariz, bati com as costas na parede, escorregando até o chão de novo, enquanto o sangue vertia. Passei a língua, absorvendo um pouco do líquido vermelho e comecei a rir, apesar da dor insuportável.

— Sua maldita! Maldita! Porra!

— O que foi Arcebispo? Agora serão dois machucados pra você cuidar? — Franzi as sobrancelhas, debochando, fazendo cara de dó.

— Sabe o que eu devia fazer com você? — Ele me ergueu, agarrando minha garganta. — Te estuprar, rasgar sua boceta e quando ela estivesse bem dilacerada, arrebentar o seu cu, garota insolente!

Eu sorri, revelando os dentes avermelhados.

— Não acho que você tenha pau pra isso, seu verme! — Cuspi o sangue na sua cara.

A gargalhada veio com força. E naquele desiquilíbrio todo em que eu me encontrava, crente que havia acabado de assinar minha sentença de morte, a nova versão de Ester Rodrigues se solidificava.

Para minha surpresa, Miguel simplesmente me soltou e saiu. Desabei no chão, de quatro, recuperando o fôlego. O coração agitado alterava a velocidade do meu sangue. Como um cachorro de rua, devorei o que sobrou do lanche.

A maça reluziu, trazendo com ela o rosto de Caleb na minha memória não tão distante. Por um momento o pensamento intrusivo de que talvez ele não estivesse se importando comigo, me causou pânico.

— Você disse que me protegeria... — murmurei, me sentando com as costas apoiada na parede com a maçã na mão. — Você prometeu...

Dei uma abocanhada sonora. O sabor adocicado se misturava ao gosto metálico do sangue, uma combinação interessante. A fruta proibida, o pecado, o sangue derramado na cruz. Os pensamentos bombardeavam meu cérebro e aos poucos, fui me dando conta de que provavelmente, Miguel iria me vender.

Eu não tinha mais forças para chorar. Às vezes o desespero agia como a paralisia do sono. O monstro ali, diante de nós, se aproximando com o hálito fétido e quente, sua boca abrindo em um ângulo inumano, cheia de dentes pontiagudos, mas os músculos não se moviam, congelados, como o grito colado na garganta, ecoando apenas dentro de nós.

E o tempo passou. E eu cochilei. E as horas se estendiam. Minha bexiga enchia e eu esvaziava ali mesmo, temendo que eu tivesse uma dor de barriga. Cantarolei uma das minhas músicas preferidas, que eu ouvia escondido por ser considerada mundana. Sorri ao pensar naquilo.

— *How I wish... How I wish you were here... We're just two lost souls, swimming in a fish bowl, year after year...* (Como eu queria, como eu queria que você estivesse aqui, nós somos apenas duas almas perdidas, nadando em um aquário, ano após ano).

Tudo era silencioso demais, não conseguia ouvir carros, pássaros ou qualquer outro som que me desse uma mínima luz de onde eu poderia estar. Não que fosse adiantar muita coisa, até porque, eu mal conhecia a cidade, mas tinha a sensação de que meu cativeiro era longe de absolutamente tudo.

Sem noção de dia e noite, apenas sobrevivendo. Miguel me deu paz, se é eu poderia dizer isso. Aparecia com comida, água e besuntava minhas feridas com uma pomada fedida.

De bruços. De lado. Sentada. Em pé. Caminhando dentro da limitação das correntes. E nada acontecia. Pressionei minha língua com os dentes, tentando criar coragem para mordê-la até arrancar e eu sangrar lentamente nos braços da morte, mas eu era covarde demais.

A porta abriu mais uma vez, pelo timing, algo diferente estava acontecendo.

— Levante-se — Miguel ordenou, me erguendo pelo braço. Ele destrancou as correntes. — Se tentar qualquer gracinha, eu te mato.

Será que não seria a melhor opção? Não respondi, apenas obedeci. O desgraçado vendou meus olhos, me conduzindo com a mão agarrada nos meus cabelos. O cheiro de cigarro me atingiu depois de um tempo caminhando pelo piso gelado. Ouvi a televisão noticiando sobre um apagão que já durava três dias e então fui jogada em um banheiro.

— Lave-se bem, tem tudo o que precisa pra sair daqui cheirosa, de dentes escovados e maquiada. A roupa tá pendurada em um dos ganchos. — Os passos foram se afastando. — E dê um jeito nos seus pelos, em todos eles.

Miguel saiu, ouvi ele trancando a porta. Tirei a venda e me assustei com meu reflexo. Olhos fundos, lábios ressecados. O cabelo oleoso e com as pontas espigadas me fez penar que só teria jeito se eu raspasse.

Os hematomas já desbotados, ganhavam um tom esverdeado e o corte na minha bochecha ainda estava visível, porém, discreto. Não havia outra opção, entrei no chuveiro, tentando me apegar no prazer que um belo banho sempre nos proporcionava, mesmo sabendo que aquilo tinha prazo de validade. E era bem curto.

Não teve como não reparar que os produtos deixados ali eram de qualidade, marcas famosas e caras. Uma contradição tão cortante quanto

navalha na carne.

— É isso, tenho que estar impecável pra ser vendida...

Perdida naquela enxurrada de anseios, assustei quando ele esmurrou a porta.

— Não tenho o dia inteiro, anda! — Miguel gritou.

Desliguei o chuveiro, sequei os cabelos com o secador e me produzi. Eu até poderia ser traficada, mas ninguém roubaria a minha castidade que pertencia ao Caleb. Uma bela dentada na jugular, ou no pênis, evitaria algo assim.

Só faltava o batom, escolhi um bem vermelho.

— Eu gosto dessa versão — falei comigo mesma. — E eu vou lutar até o fim.

Dei duas batidas na porta e logo ela se abriu. Miguel me mediu da cabeça aos pés. Os sapatos não eram tão altos, mesmo assim, desconfortáveis. O vestido branco rodado trazia um ar de pureza.

Uma falsa pureza.

— Prenda os cabelos, daquele jeito que fica um birote no alto e deixa uns fios soltos — ele mandou. — Vende os olhos.

— Vai borrar a maquiagem — falei, levantando os cabelos e fazendo o coque frouxo.

— Feche os olhos. — Eu ri, fazendo ele mudar de cor. Se Miguel pudesse, ele me bateria de novo.

— Que diferença faz?

— Garota, você é muito abusada pra quem chegou na Abadia parecendo um cachorrinho assustado!

— As aparências podem enganar e conviver com o Diabo por um tempo razoável, modifica até o nosso DNA, Arcebispo.

Ele engoliu em seco, com o olhar preso em mim. Tive a impressão de ver um vislumbre de medo no seu semblante.

— Me siga. — Ele bufou alto, balançando a cabeça.

Não pude deixar de reparar que Miguel se vestia com elegância. Cruzamos uma sala bonita, minimalista, algo no estilo fazenda. Quando saímos, o ar abafado me atingiu. Um carro preto nos aguardava. Olhei para a casa por cima do ombro. Por fora parecia uma construção abandonada, um grande contraste com seu interior.

Camuflagem.

O filha da mãe abriu a porta de trás para eu entrar e assumiu o volante.

— Qual o meu valor no seu mercado ilícito? — perguntei.

— Ainda não sei, vai depender dos lances que darão. — Ele me olhou pelo retrovisor. — O que mais Caleb te disse sobre os leilões?

O encarei, tentando disfarçar que eu estava ruindo por dentro. Caleb fazia parte daquilo? Por isso Miguel não se espantou quando questionei.

Extorsão, tráfico, apesar de fazer parte, eu apenas... eu apenas estou presente e ajudo, mas nenhuma ideia é minha propriamente dito. Complexo?

Tráfico. Eu associei com tráfico de drogas. Não queria chorar, não podia chorar. Não ali, não diante daquele crápula. Soterrei a angústia goela abaixo, respirei fundo e sem desviar o olhar, respondi:

— Ele não se aprofundou muito, tínhamos coisas mais importantes pra conversar.

Talvez aquele fosse preço a pagar pela paixão inominável que eu sentia por ele, capaz de transformar quem eu era, em quem eu deveria ser.

Morrer seria mais fácil do que ser livre, mas eu ainda lutaria pela minha vida.

Capítulo 44

CALEB – TERRA SANTA

O delegado cumpriu sua parte do acordo, porém, Miguel não era burro por completo. Claro que o celular foi desligado assim que ele saiu da minha casa naquela fatídica noite. Contudo, agora eu tinha a polícia ao meu lado, nada foi em vão.

O momento pedia para que eu começasse a formar a minha rede, construir o meu sistema além dos muros da Igreja Católica.

Miguel levou três dias para anunciar a minha Ester. Eu sabia que era ela, todos os meus sentidos diziam que sim. O governador de Bogotá cedeu o seu código para mim quando Saul explicou a situação.

Claro que aquilo me custou alguns milhares de dólares além do favor que ele devia ao Bispo. Era sua moeda preferida, e também usada nos leilões. A nata da nata, homens poderosos, a maioria anônimos, típicas pessoas que se a gente cruzasse na rua, jamais diríamos que colecionavam bilhões em suas contas. Discretos.

Comprei um terno diferente de todos os outros que eu costumava usar e uma bela máscara de Diabo. Clichê talvez, porém, era a mais usual. Ninguém sabia a identidade do outro. Um baile de máscaras macabro, onde o que estava em jogo, era uma mulher virgem.

Aluguei o modelo de carro preferido do governador. Todos faziam aquilo. Ocultar suas reais identidades era de suma importância. Obviamente o leilão não aconteceria no porão da Abadia, Miguel locou um sítio luxuoso distante. Com certeza contava com o valor que receberia para pagar.

Ao invés da madrugada, ele optou por começar às nove da noite. Meu nome crescia na boca do povo, hospitais funcionavam à base de geradores, mas em poucos dias, misteriosamente, eles iriam parar e então, as luzes seriam religadas.

— Ei, como está hoje? — Me sentei na cadeira ao lado da cama hospitalar onde Maria estava.

— Eu tô bem, Caleb. — Ela segurou minhas mãos. — Mas muito preocupada com Ester, aquela menina... — Sua voz embargou.

— Maria, ela não é uma menina, Ester é uma mulher e é muito mais forte do que a gente imagina.

— Me sinto culpada, eu deveria protegê-la, os últimos dias com ela foram divertidos, assistíamos filmes todas as noites... eu aprendi a amar aquela loira desbotada. — Rimos ao mesmo tempo.

— Eu vou trazê-la de volta e o Miguel será o meu presente pra você, vamos amaciar a carne, marinar e depois, você que sempre dominou a arte culinária como uma deusa, vai cozinhar aquele filé de merda como ninguém. — Beijei suas mãos.

Maria me deu um sorriso largo.

— E o Zeus? Por que diabos Miguel conseguiu dominá-lo?

— Confiei nele... mas Zeus está bem, vem pra casa amanhã.

— Caleb? — Fixei meu olhar no dela. — Ele reconhece Ester como dona. — Maria sorriu. — Sua futura companheira fez o mesmo som que você faz com a boca e o Zeus obedeceu...

— Perfeito... perfeito... — Apertei mais suas mãos e soltei. — Eu preciso ir, logo estaremos todos em casa novamente. Temos um belo ritual pra organizar.

Maria piscou, levantei e beijei sua testa, saindo. Estava na hora de pegar o que era meu de volta. O sítio ficava um pouco distante e eu não queria me atrasar. Entrei no carro, olhei para o convite jogado no banco de passageiro.

Dentre todas as maçãs já ofertada, essa é a mais doce. O lance inicial está em duzentos mil dólares! Nos vemos no sítio Bela Fortuna, próxima quinta-feira, às 21 horas. Traje a rigor, o código de identificação composto por quatro números e máscaras são obrigatórios.

Coloquei o endereço no GPS e segui meu caminho. O inferno debaixo da Terra, cheio de labaredas e almas agonizando, não existia, cada um possuía o seu inferno particular, o cultivava, alimentava. Miguel em breve viveria o dele, seria uma longa estadia.

A garoa veio devagar, sorrateira, levantando o cheiro de petricor tão agradável, enquanto lambuzava o para-brisa, acionei o limpador. Durante o

trajeto, foquei toda minha energia em manter a calma, nada poderia sair errado, mas com uma certeza dentro do peito: eu não sairia dali sem minha Ester.

Quando cheguei, estranhei o número de carros. Havia poucos, apesar de ser cedo ainda. Reconheci o veículo do Arcebispo. Meu coração ameaçou sair do ritmo, respirei fundo, coloquei a máscara e desci, exibindo meu terno risca de giz odioso.

O típico coquetel de boas-vindas estava sendo oferecido à luz de velas, que decoravam o ambiente todo, deixando a atmosfera mais densa. Eu não queria beber, nem poderia. Escolhi uma máscara que cobria meu rosto todo. Tina, a moça sorridente, acompanhada do seu Ipad, começou a coletar os números.

— Governador, emagreceu, tá mais esbelto — ela comentou. Apenas meneei a cabeça. Tina era a única que sabia a identidade de cada um, uma maneira de chantagear a corja se fosse necessário.

Tentei farejar, mas a disputa de perfumes caros, testosterona e a porcaria da máscara, dificultava. Meu nervosismo também. Aos poucos as vozes foram cessando e o maldito apareceu.

— Boa noite cavalheiros, vamos nos dirigir para o salão ao lado, onde poderão se sentar e apreciar a maçã dessa noite tão especial.

Meus olhos faiscaram por trás do artefato. Segui o fluxo e me sentei na última fileira. Miguel tomou a frente.

— Bom, sejamos direto como sempre, esse tipo de evento não deve se alongar, quero que conheçam a nossa garota de hoje. — Ele esticou um dos braços, a chamando.

Eu queria matá-lo, arrancar seu coração ali mesmo e depois devorar cada um dos presentes. Ester estava linda, afinal, como poderia ser diferente? O vestido branco me travou, era como nos meus sonhos. Um burburinho indecente flutuava no ar pesado, perfurando meus tímpanos.

Malditos! Canalhas!

— Quinhentos mil! — Um deles levantou o braço.

— Opa, que bela oferta, alguém dá mais? Olhem bem para ela, intacta, com rostinho de menina bem jovem, mas seios de mulher, uma verdadeira perdição!

Meus músculos contraíram de ódio.

— Quinhentos e cinquenta mil!

— Seiscentos mil!

— Seiscentos mil! Seiscentos mil! Quem dá mais? Acho que essa joia rara vale um milhão, eu ouvi um milhão?

— Setecentos mil!

Por experiência própria, o valor máximo giraria em torno de oitocentos mil, mas para minha surpresa, chegou aos oitocentos e cinquenta mil.

— Eu ouvi novecentos mil? Novecentos mil?

Meus olhos estavam presos em Ester. Ninguém mais notaria o tremor discreto do seu corpo. O olhar vazio me causou mal-estar, Miguel tinha feito algo para ela, eu sentia. Eu sabia. Meu sangue esquentou, literalmente.

Minhas pernas quase criaram vida própria, queria ir até lá, tomá-la em meus braços e incendiar aquele lugar com todos dentro, permanecer do lado de fora, sentindo o cheiro de carne humana queimar, ouvindo os gritos enquanto ainda tivessem forças.

— Novecentos mil!

Filho da puta. Aquele cara estava obcecado por Ester.

— Novecentos e cinquenta mil? Alguém?

Ergui o braço, eu faria uma proposta impossível de cobrir.

— Cinco milhões — falei.

O silêncio pairou no ar como uma nuvem espessa. Sorri por trás da máscara ao ver os olhos esbugalhados do Miguel e não era pelo valor ofertado. Ester começou a tremer mais, me encarando, por um ínfimo momento, acreditei que ela tinha me reconhecido.

Levantei e com passos firmes, porém, despretensiosos, caminhei pelo estreito corredor formado entre os dois blocos de cadeiras.

— O senhor pode permanecer... — Miguel gaguejava. — Pode permanecer sentado...a transfe...

— Poxa, Arcebispo! — Arranquei a máscara. — Além de roubar a minha mulher, leiloá-la, ainda quer me dar ordens?

O caos se instaurou. Os canalhas se levantaram, agitados. Ester tentou correr até mim, mas Miguel a agarrou por trás. Minha tigresa gritou, tentando sair das garras do desgraçado, fiz sinal com as mãos para que ela mantivesse a calma.

— Eu juro que vou matar essa cadela! — Ele sacou a arma, apontando na sua cabeça.

— Bom, se matá-la, não recebe cinco milhões e nem terá a dívida perdoada, é uma escolha só sua. — Mantive o tom sereno, enquanto por dentro eu colapsava de ódio.

— Quem me garante? — Ele afundou um pouco mais a arma na lateral da cabeça dela. — Não dê mais um passo, Caleb! Eu vou atirar nessa vadia,

juro que...

Peguei o celular no bolso.

— Posso transferir metade agora, você a solta e transfiro a outra metade. — Ergui os braços com o aparelho em punho. — Você saiu ganhando, era o que queria, não era? Dinheiro e o perdão da dívida, tô te oferecendo isso.

— Assim? Fácil? — Miguel saiu da defensiva. — Caleb eu não sei onde eu estava com a cabeça... eu...

— Relaxa, tá tudo bem, Ester é o bem mais precioso que eu tenho...

— Mestre! Mestre! — Um dos participantes clamou. — Nós não sabíamos... podemos ir embora e...?

— Ainda não! — Fiz um único movimento com a mão e as portas se fecharam. — Fiquem mais um pouquinho, por favor. Vamos Miguel, solte ela. — Liguei a tela do celular. — Qual conta?

— Caleb...se isso for... olha...

— Qual conta? — perguntei pausadamente.

— A mesma de sempre! — Miguel deu um suspiro carregado de tensão e em seguida soltou minha Ester. Ela correu direto para os meus braços, fazendo toda minha algazarra interna acalmar.

— Eu tô aqui — cochichei. — Eu tô aqui, me desculpa. Me desculpa. — A abracei forte, ela grudou em mim, por pouco não se fundiu ao meu corpo. Queria parar o tempo. — Me espera, fica quietinha. — A coloquei sentada e fui até Miguel.

— Mestre, o que eu fiz foi abominável, por favor, eu imploro...

— Calma, não sou como Deus, quer dizer, sou melhor, aqui, cinco milhões de dólares.

Seus olhos brilharam. Saul abriu a porta, fazendo o semblante do Arcebispo murchar.

— Miguel, nosso fiel companheiro, você vem comigo agora.

— Por quê? — A voz hesitante saiu trêmula.

— Vai precisar ficar um tempo longe de Caleb, será necessário te manter debaixo dos nossos olhos, houve uma traição, teremos que rever o seu papel nisso tudo, encare como um trabalho de corregedoria. — Saul fez sinal de aspas com os dedos. — Sabe como funciona.

Miguel saiu resignado com o Bispo. Os homens trajando seus ternos caros estavam amontoados em um canto do salão.

— Acho que encerramos, cavalheiros. — Os reverenciei. Eles ameaçaram sair, mas ergui a mão. — Não, fiquem, não é justo saírem de mão abanando. Eu sou bom, vou recompensá-los por esse pequeno imprevisto.

A tensão pairava sobre eles. Fui até Ester e a joguei no meu ombro.

— Você demorou... — ela sussurrou.

— Passarei a vida me redimindo por isso, senhorita Rodrigues.

Saímos da grande sala e fechei a porta dupla.

— O que vai fazer?

— Bateu uma nostalgia, uma saudade da inquisição. — A coloquei no chão e apoiei as duas mãos na madeira maciça. — Tudo vai queimar, minha tigresa.

Capítulo 45

ESTER – TERRA SANTA

E como tudo que vinha acontecendo nos últimos dias, de uma maneira inexplicável, eu senti que Caleb estava ali, antes mesmo de ele se revelar. Quando aquele homem ofereceu a quantia pornográfica e se levantou, a certeza cravou na minha alma.

Presa em seus braços por vontade, fui atingida pela queda brusca da adrenalina. Meu corpo amoleceu, foi como ter entrado no meu lar após um dia exaustivo. Caleb me salvou, sem eu precisar clamar, ajoelhar ou oferecer algo em troca.

Tudo ainda fluía com uma certa lentidão, pendurada em seus ombros, meu coração cansado repousou. Inspirei seu cheiro, sorri ao sentir a reações químicas que a união de nossos corpos gerava.

Àquela altura, quando o meu padre ateou fogo, em um passe de mágica, eu diria, um sorriso vitorioso nasceu em meus lábios. Se Deus mantinha aqueles homens monstruosos impunes, o Diabo os condenava, ainda que fosse por uma rixa pessoal.

E eu me perdia na contradição tão maciça quanto concreto, afinal, ele fazia parte daquilo.

O fogo veio repentinamente, se alastrando rápido pela porta e paredes. As chamas crepitavam com fúria, consumindo o que estivesse na sua frente, com seu poder de destruição tão poético e assustador. Caleb me pegou no colo e saímos dali.

Encostei a cabeça no seu peito e fechei os olhos. E ali, em seus braços, eu tive a certeza de que jamais eu me senti tão segura quanto naquele momento. Próximo do carro, ele me colocou no chão e abriu a porta, me ajudando. Eu estava bem fisicamente, mas me permiti ser mimada, eu merecia, eu queria.

— Nunca mais seja uma mulher enxerida. — Caleb ficou ofegante, não era braveza, era uma força enorme para não chorar na minha frente. — Eu sei que você deve ter passado coisas bem piores nas últimas horas, mas...

Agarrei seu paletó o puxando para mim e beijei seus lábios. Caleb infiltrou as mãos pelos meus cabelos, seus gestos vieram mais delicados, cuidadosos. Porém, eu queria mais. Fui ousada, deixei que minha língua explorasse a boca dele com mais fervor, de um jeito assanhado, seguindo o verdadeiro ritmo dos meus sentimentos.

Um beijo com sabor de segurança, saudade e lágrimas.

O encaixe ficou mais perfeito, a sincronia se alinhou de um jeito perigoso, me colocando em ebulição, mas então, flashes do Miguel me tocando e gozando no meu rosto, me fizeram soltá-lo.

— Me desculpe... — Encolhi o corpo, encostando na porta do carro.

— O que aquele desgraçado fez com você? — Caleb perguntou com a boca manchada de vermelho. — Seu rosto... — Ele dedilhou a cicatriz por baixo da camada de base e pó. O toque se tornou quente, quase insuportável.

O silêncio fúnebre, a suspirada longa. Caleb mergulhou nas águas da raiva.

— Apenas me leve pra casa... sua casa... — Meu olhar se perdeu nas chamas que cresciam. Tão vivas, enérgicas. Caleb esfregou o rosto, sua raiva explodiu e a temperatura dentro do carro aumentou, ele prontamente regulou o ar. Eu transpirava, borrando um pouco minha maquiagem dos olhos, podia ver pelo reflexo do vidro preto. Eu já não me assustava mais. — Se acalme, por favor... eu só preciso de um banho e depois conversamos...

— Não tô bravo com você, não, não, nunca. — Caleb tentou me abraçar, mas recuou. — Aquela casa não é mais apenas minha... — ele falou baixo. Respirou fundo e acelerou.

— Me diga que Maria e Zeus... — Minha voz perdeu a força.

— Estão bem, estão bem.

Soltei o ar pela boca aliviada. Observei seu braço apoiado no console do meio, com delicadeza, entrelacei meus dedos nos dele. Caleb ergueu nossas mãos e beijou o dorso da minha com vontade.

Pensei em confrontá-lo, mas minha exaustão física e mental me impediram. Para que pressa? Eu não iria embora. Mentalizei uma pedra e a coloquei em cima do assunto por hora.

Acordei com um beijo suave na testa.

— Chegamos... — Sorri para ele e peguei sua mão estendida.

— É estranho chegar e não encontrar ninguém — lamentei quando entramos na grande sala. — Eu queria o Zeus... — Claro que eu também queria a Maria, mas Zeus passava vinte e quatro horas no meu calcanhar, literalmente.

Me joguei no sofá e ali eu rompi em um choro alto. Não se tratava apenas do inferno que vivi nas mãos de Miguel, era um choro referente aos últimos anos da minha vida. Da infância privada, da predileção por Raquel, das noitadas que nunca pude ir com os amigos, das músicas e programas proibidos, dos desejos soterrados, da falta de conhecimento do meu próprio corpo.

Caleb se ajoelhou aos meus pés e me deixou chorar. Tão barulhento como um exorcismo cinematográfico.

— Coloca pra fora, minha princesa... — Ele limpava minhas lágrimas com carinho. Seus olhos marejados me comoveram.

— O que aconteceu com a tigresa? Virou um gatinho assustado? — falei rindo e chorando.

— De vez em quando todos nós somos um gatinho assustado e não há problema nisso, você continua sendo a minha tigresa, mas também é minha princesa, em breve, rainha... você é tudo, Ester...

Eu soluçava, tremendo por inteira, contudo, perto dele, eu sabia que estava em uma fortaleza.

— Vou tomar um banho... — Toquei seu rosto com uma das mãos. — Daqui a pouco conversamos, meu príncipe obscuro... — Levantei. — Que bom que a energia voltou!

— Aqui nunca acabou. — Caleb piscou. Eu estava cansada demais para questionar. Subi as escadas arrastada e fui direto para o chuveiro.

Me esfreguei além do normal, como se a bucha áspera fosse remover a dor impregnada. Me sentia mais limpa depois de passar vinte minutos debaixo da água, em um habitat que eu já considerava meu. Vesti um dos pijamas novos e desci.

Caleb não estava na sala. Senti o medo aflorar.

— Padre? — chamei. Nada. — Caleb? — Dei alguns passos em direção da porta. Estava fechada, trancada. Pelas paredes de vidro vi o carro luxuoso ali. Fui para o corredor, ele apareceu, como se tivesse saído da parede. — Puta merda! — gritei.

— Desculpe, não quis assustá-la. — Caleb fechou a porta muito bem camuflada.

— O que você tem ai embaixo?

— Meu inferno. — O desgraçado me fez rir. — Tenho itens valiosos, armas, cômodos, um médico, a irmã do médico e tenho... — Ele deu um longo suspiro. — Tenho o Miguel preso em uma sala muito especial.

Levei as duas mãos na boca, digerindo a informação.

— Não quero ficar no mesmo lugar que ele... por favor... eu...

— Ei! — Seus braços me envolveram. — Ester, olha pra mim. — Caleb segurou meu queixo, mantendo meu corpo preso com uma das mãos espalmada nas minhas costas. — Onde ele está, é impossível sair, eu jamais te colocaria em risco de novo, confia em mim?

Como eu não confiaria? Aquele homem transformou quem eu era em quem eu deveria ser.

— Confio. O que vai fazer com ele?

— Miguel vai passar pelo inferno. O inferno de Miguel. — O sorriso ladino era tão lindo.

— Isso foi uma referência cruel. — Comprimi os lábios. — Divina Comédia... — Então me dei conta. — Meu Deus... Dante fala sobre Terra Santa ser o portal do inferno...

— Deus não, minha tigresa. — Caleb bufou de um jeito engraçado.

— É só uma expressão, seu bobo! — Abri a boca, desistindo de falar. Ele me olhou intrigado, tomei coragem. — Você também... aquele monstro me disse que você faz parte do que aconteceu... do leilão...

Os olhos de Caleb mudaram de cor. Seu corpo ficou quente.

— Não! — A resposta veio seca e ele se afastou, encostando na parede. — Eu nunca faço nada, eu espreito os corações apodrecidos por natureza, abertos, prontos pra cometerem atrocidades, me encare como a voz baixinha que ressoa dentro das pessoas.

— Você pode parar...

— Ester, se você parar de respirar, o que acontece? É uma pergunta retórica. Você morre, se eu parar de me alimentar da maldade humana, fomentar as almas pútridas... eu perco as forças... — Arregalei os olhos. — Só que esse tipo de gente, não fui eu quem criei... e mesmo que eu pare, que eu lute contra, que eu tampe o meu nariz até morrer, pessoas ruins vão continuar nascendo...

— Mas sem a sua influência talvez...

— Talvez o que? O mundo será melhor? Eu não estou em todo lugar e olha o que acontece ao redor. Não vou me sacrificar, porque é isso que Ele quer!

Meus pensamentos rodavam.

— Deus... — Parei, perdida nas informações. — Assim como Jesus, sabia que Judas o trairia, Deus sabia que você o enfrentaria e cairia... e mesmo assim, permitiu...

— Que bom que entendeu... mesmo Ele sabendo de tudo isso, eu sou Sua criação também... Já estive ao lado de líderes tenebrosos, há muitos anos, hoje me contento com empreendimento menores, digamos assim, eles não precisam de mim, é só olhar pro mundo, para as criações Dele...

— Estou com fome. — Foi a única resposta que consegui elaborar depois daquela avalanche de gnose.

— Vamos, eu vou preparar algo pra nós. — Seus olhos voltaram ao normal, ele me abraçou pelo ombro e fomos para a cozinha. — Já disse que esse pijama é muito bonito?

— Eu também gosto dele. — Sorri, inclinando minha cabeça no seu peito. — Dorme comigo essa noite?

— Você sabe o quanto isso é difícil pra mim... eu vou querer você toda.

— Bom, custei cinco milhões — brinquei com a minha própria desgraça, arrancando uma risada alta dele.

— Precisamos do seu batismo primeiro. — Caleb suspirou. — Mas eu durmo com você, eu faço qualquer coisa por você...

O chão sumiu, eu flutuava naquelas doces palavras.

Capítulo 46

CALEB – TERRA SANTA

Enquanto Ester tomava banho, Saul me trouxe Miguel de bandeja. O Arcebispo era o típico cara que se achava muito inteligente, mas o álcool, aliado ao desespero sobre suas dívidas, sempre o faziam meter os pés pelas mãos e no fundo, ele não era tão esperto quanto acreditava ser.

Miguel chegou sedado, quando acordasse, eu seria a primeira coisa que ele veria, entretanto, eu tinha algumas horas para cuidar da minha Ester.

— O que me diz de arepas? Não cozinho como a Maria, mas dá pro gasto! — Coloquei o avental. Ester me olhava de um jeito que nenhuma mulher jamais me olhou.

— Eu preciso te contar uma coisa... e eu tô com muito medo de falar...

Engoli em seco. Meu estômago retorceu ao pensar na possibilidade de Miguel tê-la estuprado por trás.

— De todas as pessoas na Terra, você e Maria são as únicas que não precisam ter medo de mim. — Apoiei as duas mãos no balcão. O lustre logo acima das nossas cabeça, formava uma sombra em seu rosto delicado.

Ester esfregava as mãos, se remexendo na banqueta. Os olhos marejaram.

— Ele me tocou... — Tensionei os dedos na borda arredonda. — E... primeiro eu preciso que você saiba que eu tô apaixonada por você... — Ester escolheu a pior hora para verbalizar algo que eu ansiava por ouvir. Meus olhos foram tomados pela vermelhidão. — Miguel mandou eu... Miguel disse que me faria gozar e ele fez — ela gritou, tomada pela histeria guardada. — Eu nunca imaginei que meu corpo iria reagir, eu não sabia... eu...

Tudo estava alto demais, quente demais. O ar não alcançava meus pulmões, as veias latejavam, pulsando na vibração do ódio, distribuindo a dose letal de veneno que eu tinha acabado de receber.

— O que mais ele fez? — Rangi os dentes, meu maxilar travou, inconscientemente exerci tanta pressão que fiquei com medo de quebrar a mandíbula.

— Me bateu em outras partes... — Ester levantou um pedaço do pijama, os hematomas já estavam pálidos, mas eram vários, me aproximei, suas coxas também exibiam marcas.

— Onde mais ele te bateu? — Ergui seu queixo, sentindo as lágrimas nos meus dedos. — Minha tigresa fechou os olhos, soluçando.

— Aquele nojento se masturbou... — Quando ela terminou de contar que o filho da puta tinha gozado naquele rosto perfeito, eu me afastei, saindo pela porta lateral da cozinha.

Precisava voltar a respirar sem doer, precisava acalmar a ira que se avolumava como um tsunami de sangue dentro de mim, ou eu derrubaria a casa sem querer. Apoiei as mãos nos joelhos, inspirando e expirando com calma. Meu grito de ódio ecoou pela mata ao redor.

— Diz que ainda gosta de mim... — Ester me seguiu, chorando. — Diz que eu sou sua e que nada mudou, eu imploro...

Virei o pescoço, a olhando por cima do ombro, ofegante. Ela se manteve distante, um pouco assustada, triste, eu não sabia distinguir. Hesitante, Ester deu alguns passos. Endireitei a coluna e me aproximei. Ainda estava difícil respirar.

— Sabe, Ester? Esse é o pior momento pra você me contar que está apaixonada por mim, você escolheu uma hora bem merda pra me falar isso, porque eu confesso que não foi bem assim que imaginei. — Ela começou a arfar.

— Me perdoa...

— Não! Pra mim você não precisa pedir a porra do perdão. — Me aproximei um pouco mais. — Sabe porque eu quero torturar o Miguel por longos dias, quem sabe, meses? Fazer aquele verme implorar pela própria morte? Não ache que é por paixão, não... definitivamente não é, eu já estou por aqui há tempo demais pra saber distinguir as coisas... — Seu choro ficou mais alto. — Eu vou destruir aquele merda, porque eu te amo, Ester! Eu te amo! E eu sei que vou te ver morrer, eu sei que será inevitável, e que esse é o meu inferno, ver a mulher que conseguiu dominar meu coração por completo, partir, mas eu prefiro estar ao seu lado quando der o último

suspiro e mergulhar em um sofrimento imensurável, do que passar a eternidade sem ter provado esse sentimento tão falado, tão enaltecido, tão poderoso. — Meu peito subia e descia, o suor escorria pelos meu rosto, enquanto aquela desgraçada maravilhosa chorava e sorria. — Então, nunca mais ouse dizer que não gosto de você, ou duvidar que seja minha, só minha...

Ester correu e se atirou no meu colo, abraçando minha cintura com as pernas compridas e lindas.

— Não tá com raiva de mim por causa do que aconteceu...?

— Não! Claro que não! — Agarrei ela com mais força. — Me escuta. — Segurei sua bunda, afastando um pouco os nossos troncos para poder vislumbrar seu rosto. — Não se culpe por nada, o que aconteceu foi uma reação biológica e apesar de difícil, infelizmente, muitas mulheres também já vivenciaram essa terrível experiência... a maioria não relata, por medo dos julgamentos, pela culpa infundada que vem com mais força, então não, não estou raiva de você, eu seria um babaca de merda se ficasse bravo com isso.

Ester riu e chorou ao mesmo tempo.

— Eu te amo! Eu te amo!

— Não fale só porque eu disse, eu não tenho pressa em conquistar o seu amor, Ester. — Ela desceu do meu colo, pegou minha mão e colocou em seu peito. Aquele coraçãozinho parecia que iria explodir.

— Eu vou odiar morrer sabendo que você ficará aqui, que talvez se apaixone de novo, ame de novo, mas eu quero ficar ao seu lado, quero que meu último suspiro seja nos seus braços, por mais egoísta que isso soe, espero que seus olhos vermelhos seja a última coisa que eu veja, pois foi no seu olhar que eu me encontrei...

— Eu também sou um egoísta, você é tão jovem, poderia viver tantas experiências...

— E eu posso, e eu vou, com você... me leve pra dançar, me leve pra praia, me leve pra comer um hambúrguer quando amanhecer... — Rimos ao mesmo tempo, com as nossas testas coladas. — Apenas me leve com você por onde for, pra onde for... me batiza logo, meu corpo precisa do seu... eu não aguento mais.

— Assim que a Maria voltar, nós vamos consumar a nossa união, mas enquanto isso, eu posso te mostrar uma outra maneira de sentir prazer, se estiver pronta pra isso... não acha que deveria conversar com alguém?

— Um psicólogo? É isso que tá sugerindo? — Travamos nossos olhares. Assenti.

— Não quero que os nossos momentos se tornem traumáticos, minha tigresa...

— Acho que isso seria impossível... — Ester selou meus lábios sem malícia. — Vamos comer? E vamos apenas dormir hoje? Abraçados?

— Vamos, as coisas serão no seu tempo.

Contornei seu nariz com o dedo. Sua beleza me tragava para um universo silencioso, aconchegante, mas nada comparado com o que a sua presença me proporcionava. Voltamos para dentro e não tocamos mais no assunto espinhoso, porém, eu ruminava em pensamentos.

E aquilo ia fermentando, enquanto eu traçava mentalmente o destino de Miguel. O jantar, apesar de tudo, foi leve, programamos várias viagens, uma noitada e cogitamos algumas datas para que Ester fizesse o ritual necessário.

Fui invadido por um sentimento que há anos eu não sentia. A alegria real, o prazer em coisas banais, mas tão importantes. Era isso que aquela mulher me trazia com tanta maestria e naturalidade. O som do seu riso, a maneira como ela enrugava o nariz, os olhos que quase sumiam quando Ester gargalhava.

Ela merecia o mundo e eu providenciaria isso.

Fomos para o meu quarto, eu fui tomar um banho e voltei trajando apenas a cueca samba-canção.

— Isso é golpe baixo, padre — ela provocou, deitada na cama, sem tirar os olhos felinos de mim.

— Eu gosto de jogar sujo, sabe disso. — Pisquei, recebendo seu sorriso mais aberto. Deitei ao seu lado, encaixado meu corpo no dela. Cada remexida que ela dava naquela bunda gostosa, eu respirava fundo. — Tá fazendo de propósito?

— Juro que não, só estou me ajeitando... — O tom risonho me fez desconfiar, mas logo ela sossegou.

Afundei o nariz nos seus cabelos, farejando minha princesa. Ester encolheu de leve, não demorou muito para que eu a ouvisse ressonando. Permaneci ali, grudado nela, absorvendo a sensação de plenitude, porém, eu não conseguia dormir.

Entre alguns cochilos e pensamentos sombrios, quando o relógio marcou três da manhã, levantei bem devagar da cama. Ester dormia pesado, estava exausta. Vesti uma camiseta, encostei a porta e tranquei por fora.

Com passos leves, desci as escadas e fui para o subsolo. O quartinho especial de Miguel ficava no final do corredor. Caminhei até lá com um

sorriso diabólico no rosto, as luzes presenciais piscavam, anunciando o prelúdio do show de horrores que estava prestes a começar.

Passei a digital e entrei. Sentado na cadeira giratória que lembrava as de dentista, rodopiei algumas vezes, assoviando. O relógio parecia parado, mas era apenas o tédio me consumindo. Uns quarenta minutos depois, o futuro homem morto foi despertando.

As pálpebras se agitaram. Os lábios secos desgrudaram com dificuldade. Me levantei, ficando em pé ao lado da cama de necropsia.

— O quê...? O quê...?

— Bu! Surpresa! — Mirei a luz do foco cirúrgico nos seus olhos, ele tentou cobrir a região, mas os braços amarrados o impediram.

— Não! Não! — Miguel se debatia exatamente como um porco prestes a ser abatido.

— Sim! Sim! Tiveste sede de sangue e eu de sangue te encho! Conhece essa? Dante Alighieri!

— Caleb! Caleb! — Ele tentou puxar os braços. — Minha cabeça tá latejando... meu Deus!

— Deus não! É o Diabo mesmo, bem-vindo ao seu inferno, Arcebispo!

Capítulo 47

CALEB – TERRA SANTA

— Eu devolvo o dinheiro — Miguel gritou, quase chorando. Fui para trás da maca metálica, saindo do seu campo de visão. Ele estrebuchava.

— Nem tudo é sobre dinheiro, apesar de eu amar os meus milhões. — Circundei seu corpo com passos vagarosos, pensativo. — O que acha que você merece por ter tocado na Ester? Agredido, gozado no rosto angelical dela?

— Mestre, vamos conversar, eu posso explicar, já disse, sou doen... — Acertei um soco na altura do osso zigomático, o fazendo grunhir.

— Não estou aberto a conversas, você atirou na Maria, quase matou meu cachorro e feriu Ester física e emocionalmente. — Sacodi a mão que latejava pelo impacto naquela cara sebosa. — Então, eu fiquei pensando, pensando e pensando, nada como o Berço de Judas pra você!

— Me mate... eu imploro, me mate, isso não...

— Mas já? — Abri os braços ao lado da maca, rindo. — Caralho, Miguel! Eu sei que você é um covarde de merda, mas porra, me surpreendeu agora, hein? Calma, eu vou esperar Maria voltar, você vai ficar comigo um bom tempo e olha só, já que curte um sadismo, essa semana vou contratar um dominador. — Seus olhos aumentaram de tamanho. — Sádico, bem sádico.

— Caleb! — ele berrou, se debatendo, exatamente como um animal prestes a morrer em um abatedouro.

— Calma, eu peço pra ele te fazer gozar também, mas primeiro você vai ter que dar o cu, chupar o pau dele, prometo escolher um cara bem bonitão, confie em mim, alguma vez já te decepcionei?

— Eu vou te matar, eu vou te matar, seu desgraçado filho da puta! — Miguel espumava, salivando.

— Hum, não vai não! Agora descansa, logo eu volto! — Dei dois tapas no seu rosto.

— Não me deixe aqui, você não pode fazer isso comigo, se eu não te apontar como o messias, acabou!

— Mas eu não vou te matar, porém, você vai morrer!

Virei as costas e saí, enquanto ele clamava pela minha misericórdia. Subi as escadas e tranquei a porta. Cibele ainda estava na cabana, junto com

Amélia, e Theo agora ocupava o quarto de hóspedes no térreo. Apesar do horário, liguei para Saul.

Ele não atendeu de primeira, caiu na caixa postal, mas logo retornou com a voz sonolenta.

— O que é tão urgente, Caleb?

— Preciso dar um jeito nas meninas, precisamos de uma casa noturna, porém, só vai pra lá quem quiser, as outras... bom, as outras teremos que eliminar. — Saul respirou profundamente. — Temos que arrumar um laranja e eu pensei na própria Amélia, maior lucro, sei lá, vai ajudá-la.

— É um nicho tão lucrativo — ele lamentou.

— Há outros, sei que o seu coração encontrará meios que não envolvam mulheres dessa forma.

— O Diabo se redimindo? — Saul soltou um riso curto.

— Não necessariamente, até porque, é contra minha natureza, encare como novos empreendimentos.

— Eu vou dar um jeito. Os hospitais estão colapsando, temos poucas horas.

— Relaxa, o dia amanhecerá com boas notícias.

Desligamos. Havia muitos detalhes que eu precisava resolver. Encerrar minha carreira como padre e me tornar apenas um novo tipo de líder religioso, continuar reerguendo Terra Santa, organizar o ritual de Ester, torturar Miguel e claro, encontrar Raquel.

O delegado iria me ajudar, Luís agora trabalhava para mim de certa forma. Voltei para o quarto, minha bela tigresa dormia na mesma posição, com os lábios entreabertos e um semblante sereno.

Reparei nas coxas marcadas, sentindo uma ojeriza maior pelo Arcebispo. Me sentei em uma das poltronas, onde a penumbra era maior, velando seu sono. Eu não fui completamente sincero com Ester. Em partes era verdade o que disse sobre espreitar, encontrar corações podres de portas abertas e me alojar ali, mas não contei a parte onde eu também plantava a semente e regava.

Ela não precisaria saber, ainda não, talvez nunca. Seus anos na Terra eram tão curtos, efêmeros, não seria justo eu deixá-la preocupada com bobeiras, com situações que jamais teriam fim. Acredito que no fundo, a minha princesa sabia, porém, decidiu ignorar, assim como muitos ignoravam a vertigem repentina, a dor na boca do estômago camuflada por um remédio qualquer, a sede excessiva, as manchas sem explicações na pele.

Quando se davam conta, o diagnóstico que arranca o chão de qualquer um, saltava na cara, e então se perguntavam: como? Fazendo vista grossa, deixando para depois, acreditando que era só o clima mais quente, quando na verdade, a doença enraizava lentamente, abraçando suas células com tanta força, que as multiplicava em uma velocidade absurda.

E um belo dia, o tumor fazia parte de você e você fazia parte dele. Impregnava. Em alguns casos, nem o bisturi mais afiado, conduzido por mãos habilidosas, conseguia removê-lo e quando conseguia, o parasita voltava, ainda que levasse anos. Não havia para onde correr.

Ester escolheu ignorar os detalhes, abrindo espaço para que eu fizesse morada naquele coração que possuía seu lado obscuro. Eu era o parasita e ela a hospedeira.

O meu amor era a única verdade absoluta e a única que bastava. Precisava tocar sua pele, levantei e fui até a cama, acariciei seu rosto com

leveza, ela se remexeu. Tirei a mão, Ester necessitava repousar, mas a danada abriu os olhos, me entregando um sorriso sincero.

— Sua presença é tão intensa que me despertou...

— Desculpe, volte a dormir, seu corpo precisa descansar...

— Terei o dia todo amanhã... hoje... — Ela coçou os olhos jocosos.

— Não terá, senhorita Rodrigues! Daqui a pouco eu preciso resolver muitas coisas e você vai pra onde quiser, gastar dinheiro, o que acha? — Ester riu alto. — Eu tô falando sério. No centro tem uma rua bem longa, cheia de lojas, restaurantes, manicures, SPAS, você escolhe, faça o que quiser, mas precisa dar uma saída, respirar ar puro!

Por mais que fosse impossível Miguel sair do subsolo, eu jamais arriscaria deixá-la sozinha no mesmo lugar que aquele porco. E desfilar com Ester ainda não seria apropriado.

— Eu não quero nada, só quero estar com você, não me deixe sozinha... — Minha tigresa ficou de joelhos, envolvendo meu pescoço com os braços. O olhar pidão fez meu peito encolher.

— Amélia vai com você, vocês podem visitar a Maria e o Zeus! — Abracei sua cintura, seu rosto iluminou.

— Promete voltar logo?

— Não vai nem dar tempo de sentir minha falta... — Pisquei.

— Padre? — Seu olhar mudou, estava misterioso, com uma pitada de luxúria. — Me toca...? — Pressionei sua cintura com mais força.

— Não acho que seja o momento depois de...

— Confie em mim, eu prometo que se eu me sentir desconfortável, vou falar, mas tem algo dentro de mim, uma certeza de que isso não vai

acontecer... Miguel roubou um pedaço de mim, mas não conseguiu levar minha melhor parte, você.

— Não vou apenas te tocar... — Beijei seus lábios devagar, sugando o inferior com força. Eu amava a maneira como Ester amolecia em meus braços.

Seu sabor invadiu minha boca, junto com a língua mais atrevida, mais esperta e faminta. Deslizei a minha pela dela e subi a blusa do pijama. O beijo foi interrompido para que eu a tirasse pela cabeça. Ester hesitou, mas ergueu os braços. Em todo aquele tempo, eu nunca a havia visto nua.

Os seios jovens e firmes eram lindos, um formato natural. Os mamilos marrons enrijecidos me fizeram abrir a boca automaticamente. Engoli um deles, roubando um suspiro mais alto dela. As mãos infiltravam nos meus cabelos, descontroladas, pressionando mais minha cabeça.

Suguei com força, puxando para mim, alternando entre eles, deixando um rastro de saliva, prendi entre meus dentes, voltando a chupar, enquanto massageava o outro. Com a mão ociosa, alcancei o elástico do shorts e com um pouco de dificuldade, fui descendo a peça minúscula de roupa.

— Padre, você disse que... — ela falou ofegante, quase sem ar.

— Confie em mim — respondi cheio de tesão, querendo possuí-la como um animal. Ester tinha cheiro de cio. — Deita ao contrário, apenas tombe para trás com as pernas pra fora do colchão.

Ela balançou a cabeça, notei um ínfimo receio, não tinha como ser diferente. A tigresa nunca ficou nua na frente de um homem, talvez nem na frente da própria mãe ou irmã. Naquela madrugada, eu a teria um pouco mais.

Deslizei o short pelas coxas, devagar. Sua respiração pesou, mantive meu olhar no seu semblante. O abdômen subia e descia, deixando os ossos das costelas mais evidentes, como se fossem rasgar a pele pálida. Tentei não focar nos hematomas.

— Tô nervosa...

— Quer que eu pare?

— Não... não quero... — Ester mirava o teto.

— Olha pra mim, minha princesa...

— Talvez eu esteja com vergonha...

— Então fecha os olhos... — Minha voz saiu rouca, carregada de desejo.

Ali estava uma das partes mais suculentas, contive a vontade de rasgar aquele pedaço de tecido, só para apreciar sua boceta que se revelava aos poucos. Beijei o púbis, ela gemeu. Seu cheiro era sublime. Terminei de tirar o short, admirando seu corpo nu.

Ester era uma poesia viva. Massageei as coxas, afastando um pouco mais suas pernas. Os poucos pelos brilhavam com discrição, estavam salpicados pela sua excitação. Dei uma lambida lenta, iniciando no períneo, afundando um pouco dentro dela, rodeando quatro vezes o grelinho rígido e finalizei com outro beijo no púbis.

Seu gemido veio em um suspiro longo, alto e terrivelmente excitante. Meu pau pulsava, louco para se enterrar na sua boceta.

— Isso é... talvez isso seja o paraíso... — Um riso nervoso ecoou pelo quarto.

— Não... mas é provável que isso sim...

Abri os grandes lábios e encaixei a boca um pouco mais acima, sugando o grelinho com cuidado. Sua boceta era um banquete e eu iria saborear sua

carne, apresentando para ela um outro nível de prazer.

Capítulo 48

ESTER – TERRA SANTA

Eu já não me pertencia mais. Eu era dele. Toda a maldita timidez abandonou meu corpo quando sua boca morna se encaixou entre as minhas pernas. Queda livre. Minha pele estava febril. Sua língua parecia desenhada para mim. Meu sangue latejava, assim como minha carne.

Como os católicos mais fervorosos podiam condenar aquele ato, chamá-lo de antinatural? E que se danasse se eles, por algum motivo, estivessem certos. Gemi mais alto, inquieta, torcendo para que aquilo nunca acabasse, mas Caleb não parava e eu já reconhecia quando meu corpo estava prestes a explodir.

— Não quero que pare, mas não quero sair desse momento... — Eu mal conseguia falar, puxando o ar pelo nariz com força.

Então, ele enfiou dois dedos em mim, me fazendo contorcer um pouco mais. A língua parecia sincronizada com o movimento, entrando e saindo. Meu coração acelerou, agarrei no lençol com força. O som úmido me constrangia um pouco, mas parecia deixá-lo mais faminto.

Meus gemidos foram ficando mais altos e contínuos.

— Aaaaaaaah, puta merda... puta que pariu... — soltei, ofegando.

Caleb se sentou nos calcanhares, me admirando, e eu me sentei na cama, ficamos de frente um para o outro. Os olhos vermelhos, fascinantes, deixaram o momento mais intenso, estavam presos em mim, o sorriso sacana ficou ainda mais perfeito por estar decorado pelos meus fluídos.

— Você é uma delícia, Ester...

— Essas pupilas de sangue não aparecem só quando tá bravo. — Fui sugada por elas, acredito que isso aconteceria sempre, era potente.

— Esperta você!

— Combinam com sua cueca. — Olhei para baixo, o volume chamou minha atenção. — Quer me ensinar?

— O que?

— A te tocar... — Ele tirou a camiseta, intensificando seu cheiro.

— Me toque onde quiser...

Contornei os músculos sólidos dos seus braços, sentindo as reações do meu corpo e observando as do dele. Sua pele era macia, firme e mais quente do que qualquer outra. Escorreguei as mãos até seu peito, guiada pelo ritmo do coração.

— Fica em pé — pedi. Caleb refletiu um pouco, mas levantou. Tracei os dois vincos em sua barriga com as pontas dos dedos. As ondulações dos gomos do abdômen eram perfeitas, magnéticas. Foi instintivo, beijei cada um deles.

Inspirei, era gostoso. Envolvi sua cintura, ficando um pouco mais na beirada da cama. Logo, desci as mãos pela sua bunda, até chegar nas coxas, apalpando os músculos rígidos, desenhados. Sua ereção estava na altura dos meus seios. Enfiei os dedos entre o elástico e a pele, puxando devagar.

Minhas bochechas queimaram. Eu não tinha parâmetro algum, mas parecia o tipo de pênis que alguns homens invejariam, outros desejariam, assim como muitas mulheres. Engoli em seco. A cabeça úmida refletia um brilho sutil.

— Não acho que seja o momento... — Ele fechou os olhos, vê-lo absorto no prazer me causava o mesmo.

— Conduza minha mão — pedi, mordendo o lábio inferior.

— Tem certeza? — Eu sabia que Caleb se preocupava com o que tinha acontecido, com o meu mental, mas não queria associar uma coisa com a outra, muito menos tornar qualquer ato entre nós, uma extensão do trauma.

Não funcionaria se eu não o amasse, se o meu corpo tivesse parado de reagir ao dele. Não permitiria que Miguel roubasse aquilo de mim, não queria adormecer minha sexualidade que mal havia despertado. Caleb me amava, vê-lo nu, tocá-lo, se tratava de uma amplificação do nosso sentimento.

— Talvez eu não tenha, mas ainda quero continuar....

Ele abriu os olhos, me encarando e, com cuidado, me ergueu pelos braços.

— Então, vamos fazer com você em pé...

Aquela iniciativa me fez amá-lo um pouco mais, evitando que possivelmente, sua ejaculação atingisse meu rosto. De fato não foi agradável pensar na possibilidade. Me senti confusa, porém, queria tentar, precisava.

Fixei meu olhar no dele, seus gestou delicados facilitavam tudo. Sua mão conduziu a minha para a base da sua ereção. Suspirei, era um misto de timidez, desejo e medo. Iniciamos em conjunto o movimento de sobe e desce, primeiro devagar, até ganhar um ritmo mais acelerado.

As pupilas de sangue pareciam mais vivas do que nunca, aqueles olhos travados nos meus, dissipavam qualquer lembrança ruim que pudesse existir dentro de mim. Ele gemia rouco, forte. A outra mão afundava nos meus cabelos com fúria, então Caleb me beijou. Os lábios um pouco secos, cheios de sede.

Era um beijo ansioso, com pausas para ele retomar o fôlego. Aquilo me enchia de vida, prazer e mais vontade ainda de me entregar. Caleb dilatava tudo em mim, então ele gemeu mais alto, enrijecendo o corpo, o jato viscoso e morno escorreu pelas nossas mãos.

Sorri, encostando a cabeça no seu peito salgado de suor. O coração estava mais agitado. Podia sentir a respiração quente e pesada no topo da minha cabeça. Nossos corpos se encaixavam com precisão, apesar da diferença de altura. De repente o fato de estarmos nus, expostos, pareceu tão certo, tão natural, arrisco dizer que necessário.

E eu me embriagava na sensação de pertencimento.

— Esse é o ritmo? — perguntei.

— Eu diria que é um ritmo padrão, mas você é a maestrina, pode conduzir a orquestra de outras maneiras... topa um banho comigo?

— Isso deve ser um saco pra você, ter que esperar e...

— Não, não é. Difícil sim, mas me ajuda a trabalhar o autocontrole. Sua castidade é importante e o meu tipo de castidade pré-ritual também...

Me afastei, queria ver seu rosto.

— Há quanto tempo está... casto desse jeito?

— Desde sempre... por isso eu te disse que ser a primeira podia ser algo muito relativo...

Dividir o banho com ele, nos conectou ainda mais. Purificados pela água, deixamos nosso silêncio conversar. Beijos inocentes. Beijos mais depravados que precisavam de pausas, afastamentos, antes que cruzássemos a linha ainda proibida.

Quando voltamos para a cama, o Sol já ameaçava nascer. Deitada em seu peito, enquanto ele penteava meus cabelos com os dedos, desejei que o tempo parasse.

— Eu preciso de um celular — falei um pouco sem graça.

— Vai me dizer que nunca teve um! — Ele se espantou, me fazendo rir.

— Claro que tive, eu trouxe comigo, mas sei lá onde foi parar, deve estar na casa paroquial, perdido em algum canto, nunca fui tão apegada nisso!

— Compre um daqui a pouco, é importante que tenha o seu, assim posso te rastrear. — Caleb usou um tom divertido, mas no fundo, desconfiei que falava sério.

— E minha irmã? — Ele limpou a garganta, foi tomado por uma inquietude.

— Vou pedir ajuda pro delegado, nós vamos encontrá-la. — Caleb se remexeu, se sentando encostado na cabeceira. — O que fará? Digo, sua imã jamais aceitaria nós dois.

— Não quero pensar nisso agora, você me ensinou que é uma coisa por vez. — No fundo aquele questionamento me baqueou, no meio de toda confusão, eu de fato não tinha parado para pensar naquela hipótese.



Caleb estacionou em frente a uma loja de celulares. Eu me sentia sonolenta demais. Ele escolheu o mais moderno, da famosa marca da maçã.

— Não precisa ser...

— Aprenda a aceitar o melhor, desejar o melhor, ambição não é uma palavra suja, minha princesa e o melhor, é o mínimo que você merece.

A vendedora nos olhou intrigada, sorriu e perguntou se precisávamos de um chip. Ele concordou, a moça pediu um momento.

— Você me chamou de princesa na frente de uma moradora, isso pode...

— Deixe a fofoca espalhar, eu quero que ventilem. Que o circo pegue fogo, como dizem. — Aquela piscadinha era uma afronta contra os meus sentidos.

Saímos da loja que ficava em uma esquina, tomamos um café do outro lado da rua. Os olhares curiosos pesavam em nós, chegava a ser incômodo. Não estávamos de mãos dadas, nem trocamos qualquer tipo de carinho, mas

em cidade pequena, um padre desfilando com uma moça, era a fofoca perfeita.

— Achei que Terra Santa ainda estava sem energia.

— Uma parte dela ainda está, será religada em breve. Farei a luz voltar, para então, trazer a escuridão sobre Terra Santa. — O olhei assustada. — É brincadeira! Daqui a pouco a Amélia virá encontrar com você.

Nossos cafés chegaram. Senti um arrepio repentino percorrer meu corpo.

Capítulo 49

CALEB – TERRA SANTA

Depois de provar o sabor de Ester, fiquei alucinado para resolver todas as pendências. A deixei na rua repleta de lojas com um dos meus cartões e fui para uma reunião com o Bispo, no hotel onde ele continuava hospedado.

Saul me esperava no bar. O piano preto de cauda trazia elegância ao local. Eu gostava da atmosfera mais escura, como os cassinos, onde perdíamos a noção do tempo. Sem sabermos se era dia ou noite.

— Acabei de sair com Ester e as pessoas me viram — falei puxando a cadeira.

— Bom, uma hora ou outra isso aconteceria. Miguel? — Ele deslizava o dedo pelo copo de whisky, limpando o suor do vidro.

— Já batemos um papo, vou começar mexendo com a sexualidade dele de uma maneira sádica, depois, o colocaremos no Berço de Judas pra dormir o sono dos injustos. — Fiz sinal para o garçom, o rapaz se aproximou, solícito. Pedi uma água com gás, não demorou para ele retornar com um copo fino e a garrafa de vidro gelada. — Essa parte da cidade já tem energia. — Acendi a tela do celular, abrindo o mapa. — Os geradores dos hospitais estão parando, um deles já entrou em pânico, as notícias estão começando a pipocar.

Olhei para a tela no alto do balcão. Saul prestava atenção em mim.

— Vá até o hospital, reze e deixe o milagre comigo, é tudo o que as pessoas precisam agora, milagres, isso vai fortalecer a fé delas... em você.

— Quem são as pessoas por trás disso? — questionei.

— Somos muitos, você não precisa se preocupar com pequenos detalhes, apenas governe, a Ordem cuida de tudo. Faça seu show!

— Como saberá a hora certa de religar?

— Isso vai ser televisionado, Caleb! Não vou tirar os olhos da TV.

Tomei metade da garrafa e saí. Fiz o que Saul falou. Quando cheguei ao hospital em questão, me deparei com o desespero. Era um sentimento bonito, roubava o raciocínio lógico, fazia as pessoas meterem os pés pelas mãos e principalmente, distorcerem o que estavam vendo.

— Padre! Padre! — Os repórteres se aglomeraram como urubus em volta da carniça. — Alguma palavra de conforto para os pacientes que dependem de aparelhos e cirurgias?

— O prefeito precisa ser exonerado! — Um homem gritou com o braço erguido. A multidão logo concordou com ele.

— Até agora ele não conseguiu fazer nada por Terra Santa, se não fosse o padre Caleb, a cidade não teria tido nenhum avanço depois do terremoto! — A senhora de cabelos brancos elevou sua voz e a maioria concordou, gritando em coro.

— Mas ele estava com uma mulher mais cedo! — Foi a vez de uma mulher apontar o dedo para mim, gerando um silêncio. — E aquele carro? — Seu dedo julgador mirou para o Phantom.

O burburinho foi tomando conta, queria sorrir, mas me mantive sério.

— Padre, qual a explicação? — O repórter se embrenhou para chegar um pouco mais perto de mim.

— Muitas, apesar de não serem necessárias. — Tomei o microfone de sua mão. — Por que a senhora se acha no direito de me julgar? Aliás, por que muitos de nós achamos que temos esse direito? Pois bem, vocês gostem ou não, aceitem ou não, nos evangelhos apócrifos, mais precisamente o de Felipe, 59:9, diz que Jesus amou Maria Madalena mais do que todos os discípulos e a beijava na boca com frequência! — Os diversos tipos de olhares tinham como foco apenas eu. — O carro foi um presente anônimo por tudo que eu tenho feito pelo povo de Terra Santa! Pois a quem tem, mais será dado e terá em grande quantidade, mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado! Mateus 25:29 — recitei. — Com certeza, aquele belo veículo veio de um dos nobres empresários da cidade.

De novo o silêncio. Olhares curiosos. Era tão fácil manipular a massa. Devolvi o microfone para o homem.

— Padre, o senhor tem alguma solução pra esse momento crítico que o Hospital Coração Imaculado enfrenta? São trinta e três bebês prematuros,

e...

— Fé! — O interrompi. — Eu vim aqui pra rezar e preciso de vocês! Mas, apenas os corações puros, sem julgamentos, unidos por um único propósito, que é salvar essas vidas — bradei. — Uma salva de “améns” ecoou. — Juntem suas mãos, elevem suas preces. — Senhor meu Deus... — Rezei em húngaro, entoado pelas rezas desconexas. Elevei minha voz, fechando os olhos e a manada me seguiu, gritando suas preces, uma competição ridícula de quem clamava mais alto.

Já fazia uns dez minutos, achei que Saul tivesse esquecido, mas então, o som do transformador surgiu, discreto. As luzes piscaram, apagaram, piscaram mais uma vez e o tiro foi certeiro. O povo entrou em estado de êxtase. Eu não podia abrir os olhos, permaneci quieto, como se estivesse conectado com Cristo em pensamentos.

— Padre!? — Alguém me chamou. — O senhor tá bem?

— Estou... — Fingi cansaço. — Eu vislumbrei uma luz tão forte que... sinto meus olhos arderem... — menti.

— Meu Deus, é um milagre!

Isso! Isso! Eu adorava o quanto as pessoas criavam suas narrativas, conduzindo as outras com facilidade, era uma forma de eu ganhar tempo, acalmar tudo dentro de mim e abrir os olhos.

Senti um impacto no meu corpo, quase me derrubando.

— Obrigada, obrigada, obrigada! Você salvou os nossos bebês! — Deduzi que era uma das mães abraçando minha cintura.

— Não fui eu, seria injusto levar esse mérito! — Afaguei seu braço.

— O senhor foi o caminho, o instrumento! — Eu já não sabia quem falava comigo, era um amontoado de vozes. Pouco importava.

— Padre! Vamos cuidar dos seus olhos, entra, vem!

— Não, não é necessário, eles estão melhores. — Os cocei. Respirei fundo e os abri devagar. — Viu só? Bem melhor! Apenas me sinto cansado, preciso ir...

Mais pessoas me cercavam, algumas de joelhos. Dei a mão para as mais próximas que espichavam seus braços, coléricas. Acenei para outras, tentando sair dali o mais rápido, mas estava difícil caminhar. Eu não podia perder a paciência. Aos poucos, consegui circular melhor, atravessando o corredor humano.

Havia desespero por me tocarem, encostarem na minha roupa que fosse. Como era irritante, entretanto, necessário. Quando enfim entrei no meu carro, respirei aliviado, louco por um banho. Precisava buscar Ester. No trajeto, liguei para o delegado.

— Caleb. — Ele atendeu sério, Luís parecia sentir medo ainda.

— Preciso encontrar outras duas pessoas, já deve imaginar que qualquer informação é sigilosa, não pode vazar.

— Claro, não é necessário me lembrar, senhor. — Sorri, aquele aparentemente seria um servo dos bons.

— Mais tarde te mando uma foto e alguns dados, tenho uma policial, ex-policial, que pode te auxiliar nisso, vou colocar vocês em contato.

Luís concordou.

Desliguei e fui ao encontro de Ester. Ela estava no ponto combinado, com apenas uma sacola em mãos. Balancei a cabeça, qual outra mulher, munida com cartão de crédito, com um limite pornográfico, não teria se esbaldado? Estacionei e nem deu tempo de eu sair para abrir a porta, minha tigresa entrou animada.

— Cadê Amélia?

— Acabou de sair... ela é legal, fomos ver a Maria, Zeus, tô feliz por estarem bem... Comprei três coisinhas pra mim e uma pra você!

Fui surpreendido como há tempos eu não era.

— Pra mim? — A olhei intrigado, seu sorriso aberto me deixava em êxtase.

— É, tipo, quem vai pagar é você, mas...

— Isso não importa, o gesto sim, nem sei quando foi a última vez que ganhei um presente.

— Então, fecha os olhos! — Fiz o que a minha Ester pediu. Ela me entregou o pacote, era um pouco pesado. — Pode abrir.

Nas minhas mãos, uma bela caixa de madeira preta, envernizada. Abri a tampa devagar e me deparei com a pedra avermelhada em formato de coração, repousando no forro almofadado.

— É zircônio?

— Silicato de zircônio, seria jacinto o nome segundo a moça mística da loja. A pedra que tem a cor vermelha da aurora, o vermelho da madrugada... o vermelho dos seus olhos...

— Isso é... isso é lindo. Obrigado!

— É só uma representação, uma maneira mais literal de dizer que o meu coração é seu. — Foi assim que aquela pedra passou a valer mais do que toda minha fortuna. Beijei seus lábios repetidas vezes.

— Vou precisar te dar uma pedra verde pra representar o meu? — brinquei, Ester sorriu, negando com a cabeça. — E pra você? O que comprou?

Ela comprimiu os lábios. Seus rosto ficou rosado. Devagar, Ester puxou um livro da sacola.

— Amor e luxúria. — Arqueei as sobrancelhas, Ester mostrou o outro. — Selvagem... — Peguei o terceiro. — Indecente obsessão... uau! Literatura erótica, interessante, tigresa. Não consigo imaginar sua cara na hora de pagar. — Eu ri alto ao pensar.

— Essa cara aqui, besta! — Ester circulou o próprio rosto com o dedo e me empurrou pelo ombro de leve.

— Leia tudo, em breve podemos colocar em prática. — Umedeci os lábios.

— A intenção é essa. — Ela deu uma piscada assanhada.

Depois de tantos e tantos anos vivendo na Terra, pressa era uma das últimas coisas que eu tinha, mas a minha necessidade daquele mulher, estava dolorosa demais.

Eu precisava devorar Ester.

Capítulo 50

CALEB – TERRA SANTA

A semana passou rápido. A ordem na cidade estava restabelecida. Moribundos salvos, bebês inúteis viveriam pelos próximos anos catastróficos, Maria e Zeus voltaram para o lar. Cibele e Amélia descobriram que formavam uma bela dupla.

Entrei nos aposentos onde Miguel passou a sobrevier. Theodoro finalizava os pontos no ânus do Arcebispo. Ele ergueu o olhar, preocupado.

— Isso aqui tá feio, Caleb — Theo lamentou.

— Bom, é um cu arrombado, literalmente, não deve ser bonito mesmo. — Rodeei a maca, Theodoro segurou o riso, mas ainda assim, o médico parecia um pouco abalado.

— Até quando vai seguir com isso?

— Eu mal comecei, uma vez conheci um cara que manteve seu inimigo preso por três anos, torturando de maneira sábia pra que o infeliz não morresse. Depois de um tempo, quando a filha dele descobriu o rapaz preso no celeiro, os dois criaram um vínculo, a moça passou a alimentar o cara, o fazendo de bichinho de estimação...

— Uma família perturbada então... — ele firmou assustado.

— Uns chamariam de família sensata. — Dei de ombros. — Miguel desmaiou?

— Não, tá sedado... ele precisa de uns dias Caleb...

— Theo, você é empático demais, isso te torna fraco, mas não vou contrariar as ordens médicas, não quero esse filho da puta morto, não agora. — Dei um sorriso e uma piscadela. — Daqui uma hora vamos almoçar, nosso almoço de despedida!

— É bom voltar pra casa, as meninas vão...?

— A maioria sim, você continua cuidando delas e do desgraçado aqui, sabe que será muito bem recompensado, estou com outro negócio em vista que vai nos enriquecer tanto quanto, e tudo o que mais vou precisar é de um cirurgião!

— Eu já imagino... — Theo passou a agulha em formato de C mais algumas vezes, espirrou algo na bunda de Miguel e com as mãos enluvadas erguidas, anunciou que havia terminado.

— Quanto tempo pra ele estar pronto pra liberar o rabo de novo?

— Caleb... — Ergui as sobrancelhas. — Dê umas três semanas, por favor! — Suspirei, chateado, mas, acatei. — Quem fez isso? — Theo me olhou desconfiado.

— Que nojo, Theodoro! Existem clubes diferenciados, se é que me entende!? Sádicos, dominadores, e eles topam qualquer coisa por grana, como todo mundo! — Aproximei um pouco mais do corpo adormecido de Miguel, puxei seus cabelos, virando o rosto. — Mas a boca tá funcionando. Enfim, vamos subir?

Theodoro apenas suspirou, se desfez das luvas, lavou as mãos e fomos para a superfície.

— Caleb? — Ele parou antes de eu abrir a porta que dava no corredor. — Você não tá pensando em manter Miguel como o cara que citou, está? — O olhei de cima, inflando as bochechas e soltei o ar.

— Por três anos não...

Eu não abriria meus planos por completo para o Theo, minha intenção era preparar Ester e entregar Miguel nas suas mãos. O oprimido quando passava a ser o opressor, rompia uma barreira, amenizava os danos causados. Plantei nela a ideia de revidar e quanto mais a vingança fosse comprimida, maior seria a violência e intensidade.

As três mulheres riam na cozinha. Amélia, Maria e Cibele aos poucos formavam uma amizade interessante.

— Estávamos discutindo um nome para o empreendimento de Amélia. — Ester desceu do banco com Zeus na sua cola e abraçou minha cintura.

— Se a ideia é ser algo mais elitizado, acompanhantes de luxo, o nome precisa ser discreto, dúbio.

— A toca do Diabo — Maria sugeriu, lambendo uma colher. — Lembra nome de bar fino, ou uma casa noturna com baladas intensas. — Seu olhar buscou o meu.

— Eu aprovo! — Ergui o braço. Amélia também pareceu entusiasmada.

E assim ficou definido. Cibele iria gerenciar o local, Amélia para todos os efeitos, seria a dona. Theodoro manteria sua clínica luxuosa na cidade, e nas madrugadas, prestaria alguns serviços para mim.

As buscas por Amanda e Raquel continuavam, porém, sem sucesso.

Meu nome seguia correndo na boca do povo. Uma parcela me condenava por ser visto ao lado de Ester com mais frequência, enquanto a maioria, acreditava que eu era um anjo enviado por Deus. Não estavam completamente errados.

Naquela noite, eu sabia que a Abadia iria lotar. Com a ajuda de Saul, organizei um roteiro e disparamos nas mídias que haveria um comunicado importante. Fomos para a sala de jantar, Maria levou o almoço das meninas e Ester fez questão de servir nossa mesa.

Foi um momento agradável, leve, depois dos últimos dias, mas era como costumavam dizer, a calmaria precedia o horror. Não era algo imediato, mas eu podia sentir tangendo nos meus ossos, que muita coisa ainda estava por vir. Meu celular vibrou, observei discretamente a notificação na tela.

“Talvez Raquel Rodrigues esteja em Juarez, no México”

Era uma mensagem de Luís.

“Mais detalhes?”

“Ainda não, são pistas, estou tentando confirmar a veracidade, me dê alguns dias”

Respondi com um “ok” e olhei para Ester, seus olhos de esmeraldas estavam em mim.

— Não me pareceu boas notícias — ela comentou baixo.

— Talvez eu esteja um pouco nervoso com o evento da noite...

— Não precisa, apenas vista seu melhor terno, use seu melhor perfume, Jesus andou com simplicidade, pregando o amor, mas não é isso que atrai, sabemos bem... — A encarei, era como o se o tempo passasse de forma diferente.

Ester ganhava uma maturidade precoce, o lado obscuro do seu coração, crescia. Sempre esteve ali, de portas abertas para mim e eu entrei, apenas não imaginei que faria morada naquele terreno fértil, porém, mal cultivado.

Enquanto Ester acreditava que eu poderia ter usado um tipo de poder para conquistá-la, aquela mulher sequer sonhava que foi unicamente ela quem se permitiu, ainda que inconsciente. Colocou seus demônios no sol para brincar, sabendo, bem lá no fundo, que eu não os exorcizaria, pelo contrário. Jogaria com eles, alimentando cada um.

— É mesmo? Por que acha isso? — Umedeci os lábios devagar.

— Ninguém quer olhar pro pobre, as pessoas só fingem que se importam — ela cochichou. — Mas quem reflete poder, elegância, beleza, sempre tá na vantagem, são seres magnéticos. — Aquilo estava me excitando. — Imagine dois advogados, um veste Armani, tem um carrão e o escritório é fino, decorado por um arquiteto famoso. O outro aluga uma sala comercial em um prédio feio, móveis de qualidade duvidosa, um carro popular e um terno garimpado em uma loja de departamento. Talvez, o segundo, seja melhor do que o primeiro, mas qual você escolheria se não conhecesse o currículo deles?

Soltei um riso nasalado, encantado.

— O primeiro, mas há uma ressalva, a população de forma geral, com certeza iria querer o que transmite mais credibilidade, mas se sentiriam intimidados, acreditando que o preço não caberia no bolso mofado deles, então, optariam pelo advogado pobretão.

— E é aí tá a sacada, meu príncipe obscuro, você vai surpreender a todos, o seu preço será baixo, mas o seu valor, será altíssimo, compreende?

Agarrei sua nuca e dei um beijo sonoro em Ester.

— Já marcaram a data? — Maria perguntou diante da demonstração pública de afeto.

— Já providenciou tudo que é necessário? — Devolvi. Ela abriu um belo sorriso, por uma fração de segundos, seus olhos escureceram. Maria assentiu. — Gosto de domingos, final do dia, que tal no próximo? — Olhei para Ester, seu rosto iluminou, concordando.

— Perfeito, padre!

— Um brinde! — Amélia ergueu a taça de vinho branco, todos fizeram o mesmo.

Me sentia feliz, pleno como há centenas de anos não me sentia, mas eu precisava de respostas sobre a irmã de Ester. A mensagem do delegado não saia da minha cabeça.

Capítulo 51

CALEB – TERRA SANTA

Como previsto, a Abadia estava lotada, havia pessoas do lado de fora. Muitas eram movidas pela curiosidade ou até mesmo a repulsa, mas a maioria marcava presença para me enaltecer. Ninguém tinha certeza da minha relação com Ester, até então, não passava de boatos.

Fomos vistos juntos em poucos lugares, porém, não dávamos indício de que havia um relacionamento amoroso. Injetei dinheiro nas principais empresas e comércios, trazendo seus respectivos donos para o meu lado. Era fácil e rápido tê-los como aliados, mal liam o contrato quando assinavam.

Dinheiro, poder, status. Uma tríade perfeita. Contudo, eu também joguei migalhas para os pobres. Precisava ter jogo de cintura, usar a máscara certa para cada tipo de classe.

Um asfalto ruim jogado na rua, casinhas populares que mais pareciam uma lata de sardinha quente, doadas após a tragédia, subempregos, água encanada e internet ruim. Para os miseráveis, era ouro.

Saul apareceu na sacristia, calmo.

— Vou anunciar sua entrada — ele disse. Concordei com a cabeça, respirando fundo. Fomos para o altar, Saul entrou primeiro e eu fiquei na lateral, longe dos olhares ansiosos.

O burburinho foi cessando. O Bispo agradeceu a presença de todos, noticiando que passaria a palavra para mim. Respirei fundo, para minha surpresa, quando sai das sombras, sorrindo, recebi uma salva de palmas.

Ester, Maria, Amélia, Cibele e Theo estavam na primeira fileira, aplaudindo com vontade. Respirei fundo.

— Boa noite a todos! — A resposta veio em coro. — Como o Bispo Saul disse, obrigado por virem até à Abadia em um dia e horário atípicos, mas é por um bem maior. Serei breve. — Tomei um gole de água e saí de trás do púlpito. — Há muitas definições sobre religião e eu considero todas válidas, se no mínimo desafiarem e então, a partir daí, refinarem a nossa compreensão. Geralmente, a religião oferece soluções para problemas realmente amplos, segrega, traz desacordos, gera violência e intolerância entre os praticantes, já notaram? — Abri os braços. Deixei que sussurrassem por um tempo. Ester piscou para mim. — Precisamos olhar pra fora dos templos, isso aqui — continuei com os braços abertos — é apenas um amontoado de tijolos, pedras, areia, mas... — ergui o dedo em

riste —, se manteve em pé por um motivo, que eu só fui entender quando me tornei o instrumento de algo maior.

— O senhor viu Deus, padre? — Alguém perguntou. Saul balançou a cabeça, me encorajando a dizer que sim.

— Me acho pequeno pra afirmar categoricamente, mas estive diante de uma luz que quase me cegou — falei convicto. — Então, eu ouvi a voz, tão clara quanto um céu sem nuvens, que a minha missão seria muito grande aqui e que tudo ficaria bem. — Fingi uma vontade ridícula de chorar. Cocei os olhos, me recompondo e suspirei. — Esqueçam os títulos, padre, pastor, o que quer que seja, nas minhas preces recentes tive uma revelação e segundo o anjo, outras ainda virão!

A multidão se agitou, muitos ali abriram a boca, exclamando um sonoro "ó".

— Isso é enganação! — Uma senhora robusta se levantou, apontando o dedo para mim. — Estamos no fim dos tempos, você é o dragão! A besta!

— Quão sagrada é uma igreja? — perguntei, fixando meu olhar nela. A mulher ficou me encarando, confusa. — Pergunte aos demônios! Acha mesmo que se eu fosse o Diabo. — Caminhei até o Saul, ele me entregou uma garrafa pequena de vidro com água benta. Virei o líquido, soltando um gemido de satisfação. — Eu não estaria em agonia profunda nesse momento? Ou, queimando por dentro? Quer que eu tire a minha roupa e peça pro Bispo jogar água benta em mim?

— Ele tem razão! — Um homem se levantou. — Demônios não conseguem entrar na igreja, o som dos sinos espantam essas criaturas do mal.

Eu quis rir, mas apenas juntei as mãos, agradecendo. Não demorou para que outras pessoas concordassem com ele. E de maneira sorrateira, o efeito

manada acontecia.

— Obrigado, meu senhor! — agradeci. — Chega de sofrimento, chega de agonia! Eu quero elevar o espírito de vocês, fazê-los entender a verdadeira maneira de viver, compreender o real sentido disso tudo... o que proponho hoje, é o início da nossa comunidade, algo que o meu pai me pediu enquanto de joelhos, eu clamava por ele.

Saul limpou a garganta, ele melhor do que ninguém sabia ao qual pai eu me referia.

— Esse homem operou um verdadeiro milagre! — Foi a vez de uma jovem se levantar. — Salvou os filhos de muitas aqui! — As outras mães vibraram, se colocando em pé.

A Abadia parecia um tribunal, eu estava preparado para ser odiado por uma parcela daquela gente, na verdade, isso já acontecia naturalmente. Sorri ao pensar naquilo. Era assim que as grandes mudanças começavam. Uma parte das pessoas torceria o nariz, ainda estavam presas aos dogmas, tinha ciência de que não se abandonava certas crenças do dia para a noite.

Assim como eu sabia que a rejeição de muitos, logo se transformaria em curiosidade e aos poucos, voltariam como lindos bezerrinhos de ouro. E claro, teriam os que não se converteriam de jeito nenhum. Eu só precisava da maioria, não seria tão difícil assim.

— Bispo! O senhor vai permitir isso?

Saul se colocou ao meu lado.

— Qual o seu nome, senhora?

— Rosa!

— Dona Rosa, eu tenho rezado muito, Caleb tem feito por Terra Santa o que as autoridades responsáveis não estão, se estivéssemos dependendo do

governo, a cidade ainda estaria estagnada, sabemos disso. As empresas não aguentariam e de conhecimento de todos que muitos aqui, precisam dos empregos gerados por elas. Esse homem evitou a falência da maioria dos empresários, consequentemente, a de vocês também. — Saul tinha uma oratória espetacular. — Até então, apesar de ser um gesto bonito, não passava de uma demonstração de amor ao próximo, Caleb enfrentou a diocese, conseguiu uma ponte com o Papa, solicitando recursos. — Os olhares voltaram a ficar fixos. — Mas o milagre naquele hospital... — Saul performou um ameaço de choro. Suspirou. — Eu vi de longe, através de uma tela, mesmo assim, algo tocou forte no meu peito, ali, diante dos meus olhos, por breves segundos, foi como se uma voz sussurrasse... e se for o messias? E se recursarmos esse novo modelo de comunidade e estivermos enxotando o próximo enviado? — O Bispo ergueu os braços para o céu.

— Blasfêmia! Blasfêmia! Ele mantém um caso com aquela serpente! — Ela apontou para Ester com fúria. — É amigo de uma prostituta! Blasfêmia! — Rosa gritava, porém, ninguém tomou seu partido. — Disse que o nosso Jesus beijava Maria Madalena na boca! Esse homem é o Satanás!

— Dona Rosa, sem ofensas, por favor — pedi, me fazendo de vítima. — A senhora não é obrigada a seguir as mudanças, nada aqui será imposto. Minha comunidade será baseada na liberdade, justiça, lealdade e irmandade. Pode ir, nada acontecerá com a senhora.

Ela ficou me encarando, atônita. Não esperava aquele tipo de resposta, depois de um tempo, se retirou, pisando fundo pelo chão da Abadia. Achei que um número maior de fiéis a acompanhariam, mas não, a igreja continuava cheia, apenas meia dúzia de gato pingado saiu junto com Rosa.

Eu e Saul fomos fomentando. Ele explicou que o prédio havia sido comprado por um fictício empresário, ninguém precisava saber que sempre

me pertenceu. Por fim, anunciou que teríamos reuniões ao longo das próximas semanas.

— Antes de irem para a casa de vocês, quero que conheçam minha futura esposa. — Ester me olhou assustada, fiz um gesto com a mão, a chamando. O burburinho se instalou de novo. Hesitante, ela subiu os degraus. — É, aconteceu, eu me apaixonei e foi recíproco. Como posso orientar famílias, sem viver essa benção no dia a dia? É uma hipocrisia. Além do mais, acredito que as mulheres se sentirão mais à vontade pra conversarem sobre determinados assuntos com outra mulher, não?

— Eu não esperava por isso... — Ester cochichou, suas mãos suavam.

— Nem eu... — cochichei de volta. — É só o começo, primeiro vão repelir, depois, seremos enaltecidos, tempo ao tempo, o plano tá caminhando bem... — Pressionei seus dedos com carinho, voltando minha atenção para o público. — Ah, e no jardim da Abadia, estou oferecendo um coquetel, boas bebidas e canapés, eu sei que muitos bebem e ao contrário do que dizem, não é pecado, mas tem alguns drinks sem álcool.

Festas. Bebidas e comida de graça, isso era uma isca perfeita. Para minha surpresa, muitos foram até lá. Talvez as pessoas estivessem cansadas das doutrinas, o fluxo de informação era muito mais intenso nos dias atuais, trazendo inúmeros questionamentos, principalmente dos mais jovens, o que facilitava meu trabalho.

Pessoas queriam me tocar, outras, munidas de suas taças, ainda me olhavam com desconfiança. Já foi mais difícil convencer uma população a seguir meus caminhos, mas a sociedade se corrompia a passos largos, sem freios.

Falharam como seres humanos, eram degradantes e podres, apenas usavam a religião para mascarar o lado obscuro que carregavam. Inalei com

força. Eu podia sentir o cheiro fétido de suas almas. O odor da morte pairando no ar, se sobrepondo ao aroma único da Dama-da-Noite.

Todos que ficaram, pertenceriam a mim. Pequenos demônios seriam cuspidos aos meus pés. Brincaria e alimentaria cada um, sem pressa.

Era o início do meu reinado mais uma vez.

Capítulo 52

ESTER – TERRA SANTA

Aquela semana foi agitada. Maria me levou em uma loja que atendia apenas com horário marcado. Ela parecia mais empolgada do que eu e Caleb juntos para o dia do ritual.

O lugar ficava escondido entre outras lojas enormes, discreto, o tipo de estabelecimento que passaria desapercebido por muitos. O batedor de porta era a cabeça de um dragão dourado que segurava a alça em sua boca.

Um mulher esguia abriu. Conclui que ela era albina.

— Essa é a Lili, Ester. — Seu olhar era afiado, poderoso. Um sorriso enigmático se formou lentamente nos lábios pintados de roxo.

— Prazer. — Estendi a mão, porém, ela não fez o mesmo.

— Ester, Lili não toca em ninguém, esqueci de avisar — Maria cochichou. — Essa mulher vai fazer o vestido perfeito pro grande dia. — A tal Lili suspirou, grata pelo elogio.

Fiquei imaginando como ela tiraria minhas medidas sem me tocar, porém, não questionei. A alfaiata pegou uma prancheta, seguindo uma linha mais rústica, e começou a rabiscar.

— Eu posso opinar? — perguntei com a boca colada no ouvido de Maria.

— Claro, porém, como deve ter notado, Lili não fala...

— É muda? — Os olhos azuis translúcidos caíram em mim. Me senti sem graça.

— Não, apenas não fala, é diferente. Agora diga o que tem em mente.

— Desejo algo esvoaçante, que valorize meus seios — aos poucos eu me sentia mais confortável para falar sobre o meu corpo —, talvez duas fendas sensuais nas pernas, quero um vestido simples, porém, elegante como Caleb, fino, quero que ele fique impactado. — Fechei os olhos ao imaginar.

— Consigo te ver nele — Maria falou com carinho. — E qual a cor? Preto ou vermelho?

Abri os olhos rápido, franzindo a sobrancelhas.

— Achei que seria branco... — Engoli em seco, um pouco surpresa.

— Linda Ester. — Os dedos finos e delicados de Maria ergueram meu queixo. — O vermelho vivo te deixará deslumbrante, ou pode mesclar as duas cores, vai ficar extremamente sexy pro seu homem. Uma Elfa das

trevas. — Ela se virou para Lili que continuava atenta na sua prancheta, o som do lápis rabiscando era relaxante. — Acha que uma coroa de flores das mesmas cores pra segurar o véu preto combina? Ou vai ficar cafona?

Lili apenas ergueu os olhos e sorriu, voltando sua atenção para o papel. Mergulhamos no silêncio. Seu lápis parecia mais frenético, até que ela virou o desenho. Abri a boca, perplexa.

— Meu Deus, é lindíssimo! É exatamente como imaginei! Mas, vai dar tempo? Digo, eu não estou duvidando, é que...

— Apenas confie, Ester. — Maria sorriu. — Lili, Caleb disse que vai enviar o valor na sua conta. — Ela juntou as mãos em agradecimento. — Passamos buscar no sábado pela manhã, pode ser? — A mulher concordou com a cabeça.

— Mas, e as minhas medidas? E se ficar justo, ou largo? Não vai dar tempo de ajustar e...

— Querida, eu já não pedi pra confiar em mim e nessa maga dos tecidos? — Maria piscou. — Vai cair como uma luva no seu corpo.

Assenti e saímos. Almoçamos em um bistrô, Maria preenchia o vazio que ficou no meu coração após a morte da minha mãe. Me questionei como dona Ruth seria longe das doutrinas da igreja. O que ela faria se em algum momento eu tivesse me rebelado contra tudo aquilo?

Seria como a mãe de Caleb? Me colocaria para fora de casa?

— Maria? — Ela me olhou com carinho. — Você é como ele? Digo... você é como eu? Ou...?

— Quer saber se sou humana? — Prendi a respiração, meneando a cabeça. Maria suspirou, mexendo o café servido de cortesia após a refeição.

— Se eu te falasse que sou fruto de um anjo e um humano, o que você diria?

— Nada... mas segundo o livro de Enoque, isso seria, você seria um Nefilim...? Gigantes... — Meus olhos abriram. Ela riu alto.

— Esquece esse livro, Ester! Há tantos erros de traduções e mesmo assim, as pessoas seguem convictas nas mentiras que constam ali, você precisa abandonar esse restinho de crença ou dúvida que ainda há ai dentro.

— Desculpe, eu passei a vida inteira ouvindo "é como diz no versículo tal", "segundo o salmo sei lá das quantas", "lembra do que Paulo disse?" — Revirei os olhos. — Mas então, você não...

— Ester, nenhum de nós tem poderes como pensa. — Maria tomou seu café, limpando os cantos da boca com a ponta dos dedos. — O único capaz de algumas coisas diferentes, é o Caleb mesmo.

— Há quanto tempo estão juntos?

— Conheci Caleb no final da Segunda Guerra, mais alguma pergunta? — Meu maxilar quase saiu do lugar.

— Vocês viram Jesus? — Maria começou a rir baixo, de repente a gargalhada explodiu. Olhares curiosos caíram sobre nós, enquanto ela ria, fazendo um barulho parecido com um porco.

— Para, não é pra tanto — falei baixo, um pouco sem graça. O tapa empolgado na mesa me assustou.

— Você é ótima! — Ela mal conseguia completar as frases. Encostei na cadeira, cruzando os braços, irritada. Aos poucos o show foi cessando. — Desculpa... — A risadinha ainda estava ali, querendo ganhar novas proporções. Os olhos lacrimejavam. — Ok... — Maria respirou fundo. — Não me olhe assim! — Bufei, continuando a encará-la. — Ester, já se

perguntou porque os judeus por exemplo, não reconhecem Jesus como messias?

— Eu já li sobre isso, mas quem disse que eles estão certos?

— E quem disse que os católicos, ou evangélicos, estão? — Dei de ombros, eu não sabia a resposta. — Não, querida, não vimos. Vou pagar a conta pra voltarmos pra casa.

Entramos no carro, a cidade parecia mais viva, agitada. Os rumores fervilhavam. Caleb passou a ser mais amado por muitos e odiado por tantos outros.

— O que vai acontecer com quem não aceitar a nova ordem?

— Quando a miséria chegar, a maioria vai se render e, os que continuarem querendo servir ao tirano, que morram de fome, caso o bondoso Deus não atenda suas súplicas — Maria debochou.

Assim que chegamos em casa, Zeus nos aguardava sentado na grama, enquanto Caleb tomava sol em uma das espreguiçadeiras.

— Achei que tinham fugido — ele brincou, abrindo espaço para eu me deitar ao seu lado. Zeus me acompanhou, se acomodando no chão, aos nossos pés.

— Eu nunca fugiria de você. — Beijei seu peito.

— Seu coração acelerou, o que foi?

— O que vai fazer com Miguel, padre?

— Já estou fazendo, sabe disso. Não gostaria de ver? — Caleb virou de lado, dobrou o cotovelo e apoiou a cabeça na mão.

— Não... — Me ajeitei, virando de barriga para cima. O sol me cegou, fechei os olhos. — Talvez eu seja trouxa. — Forcei um sorriso.

— Não é. Só não está preparada ainda. — Sua mão veio por cima do meu abdômen, acariciando. — A presença dele te incomoda? Posso levar aquele merda pra outro lugar se preferir.

Me incomodava em partes, mas também me trazia uma espécie de satisfação saber que o Arcebispo sofria um pouco por dia, definhando em um quarto no subsolo, enquanto Caleb despejava sua raiva em doses fracionadas, porém, dolorosas.

— Deixe ele aqui — falei. — Mantenha os inimigos por perto, não é assim?

— Ester? — Formei uma viseira com a mão, virando pescoço em sua direção. — Sabe que o ritual incluí um sacrifício, né?

Minha garganta travou.

— Eu achei que... que era brincadeira, sei lá, posso simplesmente não ver?

— Bom, você pode tentar matar de olhos fechados se preferir. — Caleb sorriu, por frações de segundos eu ainda me esquecia do quanto aquilo era natural para ele.

— O que eu preciso matar, Caleb? — perguntei em um fio.

— Surpresa, minha tigresa...

Capítulo 53

CALEB – TERRA SANTA

Cheguei em casa tarde da noite, a sexta-feira tinha sido intensa. Saul deu a ideia de começarmos a articular uma campanha eleitoral para que um dos nossos se tornasse o prefeito, facilitando minha vida.

Os próximos meses seriam intensos, muitas viagens rápidas para cuidar de negócios e toneladas de reuniões enfadonhas. Era uma delícia entrar na sala e me deparar com Ester no sofá lendo algum dos seus livros, com Zeus a guardando. Seu cheiro flutuando pelo ambiente e suas manias decorando cada cômodo.

Quando ela me viu, veio ao meu encontro, entrelaçou os braços em volta do meu pescoço e beijou minha boca com volúpia, esvaziando meus pensamentos, enquanto sua língua macia escorregava pela minha.

— Demorou...

— Tá corrido, se prepara que vamos conhecer muitos países em breve — anunciei.

— Vai me levar junto? — Ela pareceu animada.

— Tinha alguma dúvida? Claro que sim! — Segurei seu rosto entre as mãos, mirando a imensidão verde dos seus olhos. — Faltam poucas horas... — Ester mordeu o lábio inferior, sorrindo. — Preciso descer...

— Por que? Deixa ele, hoje não...

— Tigresa, eu fui um cara legal, arrumei até um, como posso dizer? Um namorado pra ele, o desgraçado tentou morder o pau do cara, machucou, ai eu fiquei pensando, uma pessoa sem dentes não faria isso! — Torci os lábios para baixo, Ester me encarava de um jeito enigmático, encaixando as informações.

— Você... você pagou pra alguém fazer sexo com o Miguel? Um outro homem? É isso?

— Digamos que você usou palavras mais bonitas, pode-se dizer que sim, procurei alguém que gostasse das mesmas coisas que ele, uma pegada mais sádica, se é que me entende. — Abri meu melhor sorriso para ela. Ester apenas balançou a cabeça, refletindo. — Eu já volto pra jantarmos.

Beijei sua testa. Ela permaneceu no mesmo lugar, como uma estátua. Um dia se acostumaria, eu não tinha dúvidas. Abri a porta escondida e desci, assoviando. Digital. Retina. Senha.

— Surpresa! Sentiu saudades? — Tampei o nariz, rodeando o corpo ferido e sujo. — Você tá apodrecendo em vida, acho que sua alma tá vazando — debochei, rindo.

— Acab... acaba com... isso...

Miguel estava mais magro. Os cortes em suas costas ainda não tinham cicatrizado, Theodoro me fez prometer que eu sempre esperaria até as feridas fecharem para presenteá-lo com outras. Fui até o armário metálico, como de vestiários, e troquei de roupa, me certificando de colocar o avental de Neoprene.

— Se comportou mal de novo, Miguel. — Fiz o som de negação com a boca. — Agora, vou precisar arrancar seus lindos dentes. — Observei a comida esparramada no chão. Não havia mais força pra se debater. — Greve de fome, é isso?

— Me mata...

— Vou ter que pedir pro Theo enfiar uma sonda em você? Se continuar assim, vamos te amarrar de outro jeito. — Eu estava entre a bancada e a maca de metal. Dedilhei os equipamentos cirúrgicos, escolhendo o alicate.

— O que você quer? — ele perguntou com dificuldade, a voz fraca, quase inaudível.

— Primeiro, quero que peça perdão pra Ester, mas ela tem o tempo dela, então, vou te manter vivo até isso acontecer, segundo, te ver sofrer renova minhas energias. — Abri e fechei o alicate várias vezes, o som metálico e frio ecoou pelo cômodo. — Abre a boquinha, ou vou pingar uma gota de ácido nos seus olhos...

— Não! Não! Não! — Miguel usou a pouca força para tentar estrebuchar. Apertei mais as fitas amarradas em seus punhos e tornozelos, o

deixando imóvel. Abri a gaveta do armário de rodinhas, precisaria do abridor de bocas, que parecia uma tesoura com as pontas separadas.

— Vai ser rápido, pena que não será indolor! — Enfiei o instrumento entre seus lábios secos, abrindo a mandíbula. Pincei o dente da frente com o alicate.

Seus olhos arregalados miraram o teto, estáticos, cheio de micro veias vermelhas ramificadas. Balancei até o sangue começar a brotar na sua gengiva. Seus urros me irritavam. Apertei o cabo com força e ploc!

— Acho que vou precisar de fones, você reclama demais! Sei que Theo sempre deixa um por aqui. — Vasculhei as gavetas e encontrei. Ao som de Sympathy for the Devil, continuei o meu singelo trabalho. — Sabia que uma vez, um garoto muito pobre, arrancou os próprios dentes? Todos! Só pra colocar debaixo do travesseiro? — Suspirei, fingindo me importar. — O idiota achou que a Fada do Dente deixaria um bom dinheiro ali pra ele comprar comida... por isso eu não gosto dessas lendas, deixa as pessoas burras, agora eu... — Pressionei de novo o alicate. — Eu só trabalho com a verdade. — Gargalhei.

Miguel havia desmaiado, deixando tudo mais chato.

Perdi a noção do tempo, quando voltei para cima, Ester não estava. Maria me esperava em uma das poltronas da sala.

— Ela dormiu no sofá, disse para que jantasse e fosse se deitar. — Maria balançou a taça devagar, tomando um gole do vinho branco gelado. — Quer que eu te sirva uma? — Recusei.

— Diga, eu sei que tem algo a dizer.

— Você disse pra Ester que ela precisará negar o messias dela?

Bufei, olhando para cima.

— Ainda não, mas não acho que isso será um problema. Ester sabe muito bem com quem, e onde tá se enfiando, além disso, cresceu na igreja, fez teologia, isso seria meio óbvio, não acha? — Me joguei no sofá, com um braço esticado no encosto, refletindo.

— Nem sempre enxergamos o óbvio, Caleb, sabe disso. — Ficamos em silêncio um tempo, até que ela continuou. — E a irmã dela? Alguma pista?

— Luís e Amélia estão investigando, é difícil, nem sempre essas pessoas são encontradas.

— É, eu sei. Não acha Ester tranquila demais sobre esse assunto? — Maria diminuiu o tom de voz.

— Quer dizer, fria? — Ela concordou. — Talvez. Pode ser conformismo também, ou apenas a maneira que encontrou de lidar com a situação.

— Pode ser! Estive pensando, dê uma festa chique pra quem tá firme com você, os faça se sentirem parte desse mundo luxuoso, sirva boa comida, bebidas, coloque as belas meninas no bar, precisa ser O evento, e você vai dizer que é uma comemoração pela sua nova vida, pela união com Ester, os que ficarem de fora, vão se comer vivos de inveja, os que ainda estão encima do muro, provavelmente virão pro nosso lado...

— Fique à vontade pra organizar. — Bati com as mãos nas coxas e levantei. — Vou pro meu quarto, o dia foi puxado, preciso lavar esse sangue e desmaiar. — Me aproximei da poltrona, beijei sua bochecha e subi.

Entrei no quarto com cuidado, Ester nunca mais voltou para o dela. Tirei a calça jeans surrada e a camiseta respingada de vermelho. A maior parte da sujeira tinha ficado no avental, nas minhas mãos e braços. Terminei de me despir, indo para o banheiro.

O primeiro jato da ducha veio mais frio, regulei para que esquentasse, seria mais fácil remover o sangue seco.

— Não gosto de jantar sozinha quando sei que está em casa. — Eu já havia sentido sua presença, cheiro. Ouvido os passos felinos.

— Eu sei, mas foi por um bem maior — respondi, esfregando a crosta com a bucha.

— Me fale o que eu terei que matar domingo, padre... — Ester se sentou no vaso sanitário com a tampa fechada, observando meu corpo.

— Um bode, é um ritual, uma entrega, a promessa da sua fidelidade... — Ela se manteve impassível, mas seu coração não. — Precisará renunciar algumas crenças pra que novas possam entrar...

— Um pacto... — Ester afirmou.

— Como nos casamentos, nada de diferente... — Molhei a cabeça, regulando mais a água, gostava do choque térmico. — Sacrifícios são necessários desde sempre, é um agrado. Até semanas atrás você venerava uma pessoa que foi sacrificada pela humanidade... só que não deu muito certo. — Soltei uma risada baixa. Ela entrou no seu modo pensativo de novo. — Não quer entrar comigo? — Abri o blindex. — Tá uma delícia, tigresa...

Ela levantou, se aproximando. Beijou meus lábios sem pressa e se afastou.

— Não... só verá meu corpo nu de novo no domingo...

Ester saiu. Ninguém notaria as sutis mudanças nela como eu. O jeito de andar mais sensual, o olhar afiado, a coluna mais ereta, o remexer do quadril, a maneira como jogava os cabelos.

Ela estava desabrochando, se descobrindo de fato, e aquilo, além de excitante, era sublime.

Capítulo 54

ESTER – TERRA SANTA

Eu estava em frente ao grande espelho que ficava no closet de Caleb. O vestido, conforme Maria garantiu, realmente me serviu com uma perfeição assustadora. Me sentia bela, poderosa, entretanto, parte de mim era tomada por uma pequena aflição, um medo bobo.

— Você é perfeita, Ester. — Maria surgiu atrás de mim. Zeus me encarava. — Será portadora da luz do intelecto, o que a teologia diz sobre Lilith? — Ela ergueu mais meu queixo.

— A primeira mulher, abandonou o paraíso pois se rebelou, só depois veio a Eva...

— Você tem a potência de Lilith, só está um pouco sonolenta ainda. — Sorrimos ao mesmo tempo. — Vamos descer, está tudo preparado, quando o gongo soar nove vezes, iremos até o local.

Não demorou para que o som inconfundível nos atingisse, vibrando de maneira misteriosa ao longe. Zeus latiu e pela primeira vez, o vi abanando o rabo.

Eu não sabia o que me esperava, não notei movimentação diferente, absolutamente nada. Na noite passada não dormi com Caleb, Maria disse que precisávamos ficar afastados até o momento. Descemos as escadas de braços dados, escoltadas por Zeus.

Já era noite, ela me conduziu pela cozinha dessa vez, passamos pela dispensa e saímos por outra porta camuflada. O vento fresco trouxe o cheiro da natureza selvagem com mais intensidade.

Seguimos por um caminho de pedregulhos, decorado por tochas. Aquilo me remeteu aos filmes medievais, algo bucólico e misterioso.

— É tipo uma floresta? — perguntei.

— É só a parte de trás do terreno, não fantasie demais, querida. — O sorriso de Maria tinha um poder calmante.

— Sem convidados?

— Sem convidados, é um momento apenas nosso a princípio e depois, é só entre vocês dois. Confie, querida.

Concordei com a cabeça. Meu coração começou a bater de forma bagunçada, quanto mais nos aproximávamos, mais a ansiedade me engolia. Avistei Caleb, em pé diante de uma pedra chapada em cima de outra redonda, formando uma mesa natural.

Ele trajava um manto preto, parecia um bruxo incrivelmente sexy. Os pés descalços afundavam na grama verde. Castiçais antigos suportavam velas pretas e vermelhas, como meu vestido. Do lado esquerdo, o pobre bode mascava sua última refeição, preso em uma corrente, próximo ao grande gongo.

Do lado direito, um belo sino dourado.

Quando ele se virou, perdi o ar. Os olhos vivos cintilavam um tom mais escuro de vermelho, combinando com a roupa que ele usava por baixo do manto.

— Ainda não criaram uma palavra capaz de definir a sua beleza, Ester. — Ele colocou apenas um joelho no chão, como os nobres cavalheiros faziam antigamente, estendendo sua mão para mim. Abri a boca, fui tomada por uma mescla de sentimentos que me deixaram eufórica. Talvez aquela fosse a sensação de estar com o organismo cheio de drogas.

Eu não conseguia falar, apenas segurei a mão suspensa no ar, e foi diferente de todas as outras vezes. A troca de energia veio intensa, minhas veias conduziam eletricidade ao invés de sangue.

Caleb tirou um anel do bolso, colocando em meu dedo.

— É um anel antigo, alguns museus brigariam por ele, esmeralda, trinta e três quilates, me lembra seus olhos, tigresa. — Meu eterno padre se levantou, me farejando. Havia algo a mais nele que eu não conseguia definir, um lado animalesco, primitivo, contracenando com o verdadeiro e inegável cavalheiro que era.

Poderia dizer que eu me perdia cada vez mais naquele emaranhado que se desdobrava diante de mim, mas a verdade é que eu me encontrava. Reencontrava, quem sabe. O lado que oprimiram desde que nasci, encubado em um casulo religioso, descobria o poder das asas.

A lagartinha assustada, que acreditou que seria para sempre insignificante, entendeu que ela era uma borboleta. Maria circundou a mesa, ficando de frente com a gente. Não vi quando ela colocou a túnica adornada. Na mesa um punhal com o cabo dourado, tive certeza de que era ouro puro.

Ela entoava palavras em outro idioma, segurando uma vela preta grossa. A cera escorria pelas suas mãos e aquilo não parecia incomodá-la. De repente Maria se calou, inspirando muito profundamente algumas vezes e abriu os olhos. Sombrios, brilhantes, tão fascinantes quanto os dele. Negros como a noite que caia sobre nós.

Eu estava hipnotizada. Ela tocou o sino nove vezes. Caleb segurou minha mão com força. Quente, macia, seu poder me encantava.

— Venham deuses do abismo e manifestem sua presença, abençoando sua nova filha e esta união — ele proferiu. Maria acendeu um incensário, parecia antigo também, assim como os castiçais e o cálice próximo ao punhal.

Aos poucos meus olhos identificavam os objetos. Uma garrafa cravejada de pedras brilhantes chamou minha atenção.

— Com o incenso sobre ti, Luz da Manhã, suas bençãos sobem sobre nós — Maria falou, defumando Caleb e eu, a garrafa, o cálice e a estátua de Baphomet. Em seguida direcionou o incenso para os pontos cardeais, fez a mudra da chama com a mão e fixou o olhar em Caleb. — Senhor, Imperador do fogo, inferno e Terra estão repletos de sua glória. *Hosanna in profundis!*

Ele pegou o punhal. Eu estava imersa, por dentro um tsunami de emoções desestabilizava toda a engrenagem que me mantinha viva, porém, aquilo me atraia de um jeito insano. Maria colocou o cálice no centro da

mesa. Caleb fez um corte na mão, deixando algumas gotas de sangue pingar dentro da taça.

Seus olhos caíram em mim, ela sorria. Demorei para entender que era a minha vez. Caleb pegou minha mão com delicadeza, beijou, acalmando o tremor que me assolava. Soltei um grito baixo quando a lâmina rasgou minha pele, mas foi lindo ver meu sangue pingando sobre o dele.

Maria abriu a garrafa, o cheiro inconfundível de vinho seco se misturou ao do incenso. Ela despejou um pouco no cálice.

— Contemple o cálice do êxtase, repleto com o elixir da vida, Ester, afim com as Bestas imaculadas, agora repita comigo: eu bebo e celebro a chama obscura interior.

— Eu bebo e celebro a chama obscura interior. — Tomei um gole. — Olhe para o seu príncipe das trevas, entregue o cálice e diga: Minha alegria é tua, eternamente. — As palavras saíram com facilidade. Caleb sorriu e bebeu um gole também. Mais uma vez o gongo foi tocado.

Meu homem se virou de frente para mim, segurando minhas duas mãos.

— Repita comigo, minha deusa. Eu renuncio o paraíso espiritual dos culpados e desesperados. — Hesitei, Caleb me olhou de cima, esperando. Suspirei fundo, quase esquecendo de como voltava a respirar. Fechei os olhos e repeti suas palavras. — Ó Deus da carne, ganhaste minha confiança, pois tu és o único que traz satisfação de todos os meus desejos, abundância e conquistas na terra dos vivos! Regozijarei em suas verdades, minha aliança é contigo. Profano Senhor do abismo, me inunde da sua iluminação, poder e luxúria.

Repeti cada palavra. O suor escorria de maneira incômoda.

— Em seu nome. — Maria se dirigiu ao Caleb, inclinando a cabeça como se ele fosse um rei. — Eu os recebo nesta noite das noites. A consumação se aproxima, mas forma-se aqui um elo irrompível, que a luxúria ardente e dedicada, nunca esteja satisfeita. Com o poder e essência desse amor, vocês atingiram essa bela união. Que cada fantasia encarnada seja realizada e que o profundo ardor da chama que os liga, nunca se apague.

Caleb tocou o gongo e desamarrou o bode. Por um breve instante achei que eu fosse desmaiar. Quando me dei conta, o punhal estava em minhas mãos.

— Ele será sacrificado por um bem maior, é um único corte na garganta, mas antes, mentalize tudo aquilo que um dia acreditou ser pecado, transfira toda essa crença limitante para o José. Ajoelhe-se, coloque suas mãos sobre a cabeça dele e faça isso de todo seu coração, depois, o prenda entre suas pernas, como se fosse montá-lo e sacrifique.

Cai de joelhos na frente do animal. Seus olhos tão escuros quanto a noite, exibiam meu reflexo. Minha mente se transformou em um túnel do tempo. Toda a raiva acumulada, frustrações, dedos apontados na escola, apesar de ter estudado em colégio católico, eu era uma das únicas que seguia a cartilha.

Desejos reprimidos, medos constantes, Raquel sempre no centro das atenções por ter se deixado contaminar por completa, roupas proibidas, festas perdidas, alienação forçada. Beijei sua cabeça.

— Obrigada, José. — Montei no bode. Inspirei e expirei três vezes. Caleb e Maria caminhavam ao nosso redor, proferindo palavras em húngaro. Talvez fosse como o beijo, instintivo. Seres humanos são assassinos por natureza.

Segurei o cabo do punhal com força. Minha respiração teimava em oscilar, porém, mesmo com dificuldade, assumi o controle do meu corpo. Me concentrei, travei sua cabeça para cima, presa em um dos meus braços, posicionei a lâmina na garganta peluda e, conduzida pelo frenesi das palavras que vagavam no ar, rasguei seu pescoço.

O animal bodejou e foi amolecendo debaixo de mim. Fiquei presa na cena, nos últimos suspiros, espasmos, enquanto a poça de sangue decorava a grama com lentidão. Os olhos de bola de gude travados em mim, me davam adeus.

Adeus ao passado. Boas-vindas ao futuro. Caleb me abraçou por trás, me envolvendo em seu manto. Maria pegou o cálice, ergueu a cabeça do bicho, deixando um pouco do líquido vermelho escorrer ali dentro.

— Parabéns, Ester. — Ela se aproximou, molhou os dedos no sangue e respingou em meu rosto. Ainda estava morno. — Vou levar José pra dentro e deixá-los consumar o ato. Zeus! — Um assovio diferente o fez acompanhá-la.

Não consegui agradecer, a adrenalina corria dentro de mim com tanta fúria que me paralisou. Maria conseguiu erguer o bode, me surpreendendo.

— Agora somos eu e você — Caleb sussurrou, me trazendo de volta. Virei de frente, seus olhos continuavam vermelhos.

— Então me faça sua de vez... vamos pro seu quarto?

— É nosso agora... porém, não será lá, minha princesa... — Ele apontou com a cabeça para a mesa.

— Aqui? Assim? Ao ar livre?

— Romântico, não acha? — Caleb abriu o maldito sorriso que me fazia concordar com absolutamente tudo que ele dissesse.

— Estou nas suas garras...

Capítulo 55

ESTER – TERRA SANTA

E eu estava. Deixei que Caleb me arrastasse para o inferno, no sentido literal, desde o primeiro momento em que pisei na Abadia. Lúcifer? Satanás? Anticristo? Não me importava, muitas vezes aquilo soava confuso, como a tríade cristã, que confesso, sempre me deixou perdida.

A única vez que questionei, tomei uma invertida da minha mãe.

Não é pra tentar entender o poder de Deus, apenas obedecer...

Caleb era o meu padre, seria para sempre o meu padre dos olhos vermelhos, o meu anjo.

— Pra sempre, Ester! — Ele me pegou no colo e me deitou sobre a pedra fria. Temi pelas velas tão próximas, apesar de ser uma pedra grande.

As chamas formavam um jogo de sombras sensual e ao mesmo tempo, sombrio. Aos poucos, o meu homem se desfazia das roupas. Tirou o manto, a blusa que parecia um túnica vermelha de linho e as calças, ficando só de cueca boxer.

As mãos percorreram uma das minhas pernas, exposta pela fenda generosa do vestido. Eu arfava, ansiedade, receio e desejo. Meu coração aumentava de tamanho quando seu semblante expressava todo o tesão que dominava aquele corpo esculpido por algum anjo das trevas.

Já não sabia se aquele som frêmito era o crepitar das velas e tochas, ou minha pele febril sedenta pela dele. Caleb afastou minhas pernas, preenchendo a mão entre elas por cima da calcinha úmida. Abaixou o decote do vestido e se perdeu em meus seios.

Fechei os olhos e abri a boca. Meus gemidos contracenaram com os sons da natureza. Grilos, pássaros entoando seus cantos melancólicos, o farfalhar das folhas e uma virgem explodindo de tesão.

Os dedos atrevidos se embrenharam pela renda da calcinha, mergulhando dentro de mim. Aprendi a gostar daquele som úmido. Meus mamilos perdidos em sua boca quente era uma das coisas mais deliciosas que eu já havia provado.

Aos poucos, descobria quais regiões do meu corpo eram mais sensíveis. De repente tudo parou. Caleb deu a volta na mesa, puxando meu vestido, o tirando por cima, me deixando apenas de calcinha.

— Perfeita... — Ele continuou rodeando a grande pedra, até que parou aos meus pés. O olhar predatório me fazia transbordar. Suas mãos

alcançaram as tiras laterais da lingerie, arrastando a pequena peça para baixo.

Exposta ao ar livre, tendo as estrelas como testemunha do que estava prestes a acontecer. A lua cheia pairava sobre nossos corpos. Caleb tirou a cueca, em seguida as minhas sapatilhas e beijou meus pés.

— Acho que estou com medo... — murmurei.

— É normal... — Sua boca escorregava pela minha perna, até que ele subiu na mesa, ficando de joelhos. Nossas peles em contato geravam uma combustão nas minhas células.

Era desesperador, tudo inflamava. Beijos molhados coroaram meus grandes lábios, os lábios sedentos passearam pelo meu abdômen que se contorcia, se distraíram mais um poucos nos meus seios e encontraram minha boca.

Sua ereção deslizava pela minha carne molhada. A brisa secava o sangue no meu rosto, causando leves repuxões. Abri mais as pernas em um gesto automático. O peso do seu corpo sobre o meu trazia alívio, queria morar ali, debaixo das suas asas negras.

Nossas línguas disputavam os espaços. Beijos ávidos, com sabor de luxúria. Nossos gemidos nos alimentavam naquela noite. As chamas tremularam, ficaram mais fortes e esguias.

— Vai devagar, por favor... — pedi ofegante.

— Eu já disse que jamais te machucaria... — Caleb avançou no meu pescoço, me fazendo encolher. Os dentes tinham a pressão exata. Envolvi mais suas costas, sentindo o relevo das cicatrizes mais profundas. — Olha nos meus olhos, minha Ester... — Era um pedido fácil, gostoso. — Eu vou te fazer minha... — ele rosnou. Com um único movimento, senti a glande

na minha entrada. Puxei o ar pela boca. — Relaxa... sou eu, o seu padre, seu protetor, seu homem...

— Fala que me ama, por favor...

— Eu te amo, minha princesa... — Seus olhos cintilaram, me fazendo sorrir. — Você tá tão molhada... me diz que quer isso mais do que tudo...

— Eu quero — falei com a mais absoluta certeza, apesar do medo chato que cismava em permanecer entre minha efusão de sentimentos. — Quero ser sua mais que tudo...

Caleb avançou devagar, abrindo espaço em um terreno imaculado, atravessando o caminho da minha perdição completa, usurpando o que sempre foi dele. Era uma sensação única, um incômodo, uma leve ardência, como quando esfolamos o joelho de forma superficial.

Cravei as unhas nas suas costas, comprimindo os lábios. Ele apoiou as mãos ao lado da minha cabeça e soltou um gemido rouco, alto, primitivo. Gritei abafado. Estávamos unidos, encaixados. Seu quadril movimentava devagar, um vai e vem cuidadoso.

As estrelas piscaram mais fortes, a lua se aproximou um pouco mais, invejando a minha entrega. O desconforto ainda se fazia presente, entretanto, eu sabia que aquilo seria passageiro. A última peça que faltava se encaixou, o alinhamento do meu eixo, trazendo de vez a nova Ester.

O ritmo aumentou. Olhares travados um no outro, gemidos variados, as velas celebrando o rompimento do véu. Corpos suados em perfeita sintonia, um reencontro dos nossos sonhos, talvez de outras vidas. Seu cheiro se misturava ao meu, formando um aroma depravado. Uma alquimia obscena, com doses de um amor proibido.

Eu era dele, uma serva do Diabo. Derramei meu sangue por Caleb e derramaria quantas vezes mais fossem necessárias. Voltamos a nos beijar com fúria, enquanto minha carne se moldava a ele.

O padre me virou de bruços com facilidade, beijos e mordidas foram espalhados pelas minhas costas e bunda. Caleb estava mais eufórico. A mão macia alisava minhas nádegas com força. Seu corpo cobriu o meu de novo e de novo fui penetrada.

— Empina mais essa bunda, sua gostosa... — Seus dedos agarraram meus cabelos, dando um tranco. — Você me deixa louco... me fala, Ester, se eu meter com mais força, vai aguentar? — Sua palavras potencializaram meu tesão, o tom sujo trouxe uma excitação diferente.

— Talvez eu possa te surpreender, padre... — falei entre um gemido e outro.

Caleb assumiu uma cadência intensa. Ergueu um pouco o tronco, segurou minha cintura e se enterrou com mais vontade. A névoa agridoce ainda permeava meus sentidos. Ao mesmo tempo que era uma delícia, era um pouco dolorido, contudo, eu me sentia mulher de verdade, mais bonita, mais sexy.

Baphomet me encarava, com seu braço esquerdo erguido, sentado em seu trono. Meu padre se mostrou viril, incansável e insaciável. Não era difícil entender os motivos. Sexo podia ser viciante. Eu sabia que quando terminasse, iria querer mais.

Pulei os muros da igreja e cai no colo do Diabo, de onde eu não queria mais sair.

Eu era dele. De alma e agora de corpo. Caleb roubou tudo pra si.

Capítulo 56

CALEB – TERRA SANTA

Posse.

Não havia homem no mundo que não se regozijasse ao possuir uma mulher pela primeira vez. No meu caso tinham vários adicionais naquele combo de promiscuidade.

Primeiro flertei com sua pureza, inocência, depois, fui atraído pelo lado obscuro do seu coração. A parte oculta, cheia de vontades condenáveis, povoado por mágoas e feridas emocionais inflamadas. Ali, dentro daquela boceta apertada, eu a possuí de outras maneiras.

Não se tratava apenas de algo carnal, transcendia. Criamos uma outra conexão, muito mais poderosa. Infectaria seus sentidos, abrindo espaço para que ela renascesse. A mulher lasciva que habitava aquele corpo, emergiria rápido, trazendo sua versão menos bondosa.

Seus demônios estavam expostos, todos jogados aos meus pés, prontos para serem fortalecidos.

Ela gemia gostoso. Ela remexia gostoso. Porém, eu sabia que aquilo era só o início. Quis sentar um tapa ardido na sua bunda, me controlei. Quis foder sua boceta gostosa com mais brutalidade, vê-la incomodada no dia seguinte, reclamando cada vez que fosse ao banheiro, entretanto, teríamos muito tempo ainda.

Afundei o nariz na sua nuca. Meu suor escorria, se misturando ao dela. Diminui um pouco o ritmo, estava prestes a gozar. Enfiei a mão entre seu corpo e a mesa de pedra, buscando o ponto de prazer. Ester afastou um pouco, facilitando.

— Isso, seja promíscua... — Mordi o lóbulo da sua orelha. — Quero que seja a máxima, uma dama de dia e uma puta quando o Sol se pôr... — sussurrei com um tom sujo. — Consegue?

— Ao seu lado consigo qualquer coisa... — ela respondeu confiante, me deixando mais excitado.

— Isso... agora geme pro seu padre, tigresa...

Massageei o grelinho rígido, enquanto estocava com mais força de novo. Ester agarrou nas bordas laterais da pedra, cada empinada de bunda, me deixava mais perto de gozar.

— Você gosta de ouvir safadezas... — afirmei. — Abre mais as pernas, me deixa terminar de te foder gostoso, acabar com a sua boceta...

Os gemidos ficaram mais alto. Aumentei o ritmo do toque. Ester me trazia um sentimento ímpar. Apesar da leve brutalidade, estávamos fazendo amor, consumando uma promessa. Queria que aquela noite fosse inesquecível para ela, ao mesmo tempo, desejava acabar com a minha tigresa na cama.

Ester me transportava para o lado mais bonito do inferno. Eu não iria mais aguentar, meu corpo foi tomado pela sensação do gozo proeminente. Voltei a assumir um ritmo mais frenético. Ela não tinha gozado ainda, a posição não era das melhores. Meus músculos retraíram, gemi mais alto, inclinei o pescoço para trás, enquanto a preenchia com minha porra.

Não me dei o direito de curtir o momento, virei Ester de barriga para cima de novo, deitei de lado ao seu lado e voltei a massagear seu clitóris, enquanto chupava os belos seios. Ela estava agitada, desabrochando cada vez mais.

Seus pés bateram em um dos castiçais. Suguei o mamilo enrijecido com força, o barulho ecoava pela mata ao nosso redor.

— Goza pra mim...

— Tô quase... — Ela mal conseguia falar. — As velas...

Olhei para o discreto fogo que se formava na grama, sem dar importância.

— Esquece isso... — Enfiei a língua na sua boca, a calando, circulando o clitóris com vigor.

Ester se perdeu no beijo, se debatendo de um jeito lindo e depravado. Estava prestes a gozar, enquanto o fogo crescia ao nosso lado. Suas costas formaram um arco, ela abriu as pernas em um ângulo interessante, se arreganhando inteira.

Ester não gemeu. Ester gritou, rugiu, uma leoa ganhando espaço. Deitei com as costas contra a pedra gelada, abrindo o braço para que ela se acomodasse no meu peito.

— O fogo... — Minha tigresa estava fraca.

— Não vai durar, a grama tá verde, confia em mim...

Seu coração batia rápido, podia ouvi-lo, mas também, senti-lo contra as minhas costelas. Melados, grudados e cansados.

— Pra onde Maria levou o bode? — Sorri diante sua pergunta.

— Tanta coisa pra me falar nesse momento e você tá preocupada com isso? — Ester sorriu, farejando meu peito. — Vamos servi-lo na festa, oras.

— Que festa? — As forças foram restabelecidas com o impacto da informação e ela se sentou, com as sobrancelhas juntas. A encarei.

— Você é linda!

— Para de ser baixo! Que festa? E quem que come carne de bode?

— Carne caprina, ué! Uma das mais ricas em proteínas, caso não saiba!

— Isso é perturbador, eu matei aquele bicho e...

— Por isso mesmo, antigamente era assim, nenhum sacrifício deve ser em vão, você tem essa mesma preocupação quando o bife acebolado e suculento tá no seu prato? — Ela abriu a boca para tentar me refutar, mas desistiu. — Não é diferente. Eu sei que iria dizer isso. — Sorri e pisquei. — Só é em massa, já esteve em um abatedouro? Não recomendo! As pessoas são hipócritas, tirando a galera vegana... bando de chatos!

— Eu odeio quando você faz isso! — ela resmungou.

— Isso o que? Te colocar pra pensar além? — Ergui o tronco, apoiando o peso em um dos cotovelos dobrados, com o sorriso que a perturbava da

melhor maneira possível. — O mundo é ridículo. Enquanto almoçam em uma churrascaria, condenam as religiões que sacrificam animais, compreende? O próprio cristianismo se fundamenta no derradeiro sacrifício de Cristo! Por favor, né?

Ester bufou, revirando os olhos.

— Me fala dessa festa, eu gostei disso. — Os dentes cravados no lábio inferior roubaram minha atenção. Ela parecia serena, mais dona de si. Contei sobre a ideia de Maria. Sua empolgação foi uma surpresa para mim, me motivando ainda mais.

— Bom, acho que você deveria ajudar Maria nisso, me fala, o que você gostaria que tivesse em uma festa sua?

— Uma linda fonte, muitas luzes piscando, DJ, bebidas azuis! — A animação em sua voz me fez sorrir. Com certeza eram seus desejos reprimidos. Se dependesse de mim, aquela mulher viveria cem anos em dois.

— Faça do seu jeito, mas ouça a voz da sabedoria, vulgo Maria. — Rimos juntos.

— E agora, padre? Somos casados? — Foi a minha vez de revirar os olhos. — Não faça isso, até dois meses atrás eu achava que entraria na igreja de branco e não que estaria matando um bode na floresta das trevas e tendo uma primeira vez com sangue na cara!

— É, quando você verbaliza assim, eu diria que foi de zero a mil em dois segundos — satirizei. — Vem, vamos entrar. — Pulei da mesa, vestindo apenas a calça. Dei a mão para ajudá-la descer.

O fogo na grama não tinha vingado, conforme previ, peguei o castiçal e as velas, colocando sobre a pedra.

— Seus olhos...eles... eles ainda estão vermelhos, não vão mais voltar ao normal?

— Bom, esse é normal pra mim, daqui a pouco eles voltam... foram muitas emoções.

Arrumei as alças do vestido dela, segurei sua mão e caminhamos devagar pelo caminho repleto de tochas. Conforme nos aproximávamos da casa, ouvi Maria dando uns gritos. Ester apertou meus dedos com força e parou. O barulho vinha da lateral.

— Caleb, será que o Miguel fugiu? — ela cochichou, ameaçando chorar. Passos se aproximavam, era uma péssima hora para eu estar desarmado.

— Já voltaram? — Maria surgiu das sombras, trajando um avental de Neoprene, ensanguentada, com Zeus na sua cola. O cutelo reluziu na mão direita. Ester deu um berro que acordaria qualquer vizinho, se tivéssemos algum.

— Mas que merda...?

— O que foi? Eu estava limpando o José, a sinfonia dos dois não ia me deixar dormir, fui adiantar o serviço! — Ela deu de ombros. Achei que Ester fosse desmaiar, ou que seu rosto entraria em combustão. — Para de ser boba, querida, sexo é vida!

Segurei o riso.

— Nós vamos pro quarto, pedi pra Ester te ajudar com a festa e acho que seria uma boa se unirem à Amélia para os detalhes da Toca do Diabo. Um coquetel de inauguração pode ser interessante, algo restrito, VIP.

— Excelente! — Maria limpou o suor da testa com o antebraço, deixando um rastro de sangue aguado. — Descansem, diabinhos. Ou não!

— Ela balançou as sobrancelhas com rapidez, deixando Ester vermelha de novo.

Desde que me livrei de Lourdes, minha vida sempre foi aprazível, mas a chegada da minha princesa, causou uma bagunça prazerosa, ela era o meu caos e ao mesmo tempo, a minha paz.

Seu único defeito era ser humana. E os humanos viviam pouco tempo. Subimos, Ester foi para o banheiro lavar o rosto, me sentei na cama, a observando. Aquele vestido era deslumbrante. Gostava dos seus gestos, da maneira como apoiava o peso com mais intensidade do lado direito.

— Vamos tomar um banho? — Minha tigresa pressionou a toalha contra sua bela face.

— Preciso te contar uma coisa... — Fiz o gesto de “vem cá” com as duas mãos. Ester ficou tensa, mesmo assim, se aproximou. Envolvi sua cintura.

— Eu vou surtar? — Suas mãos úmidas ergueram meu rosto.

— Talvez... — Suspirei. — Nós nos amamos há anos, muitos anos... — Eu achava uma graça a maneira como ela juntava as sobrancelhas quando ficava confusa. — Te reencontrar em cada vida sua, virou uma das minhas missões pessoais.

As batidas frenéticas do seu coração me deixaram alerta. O olhar se perdeu em um ponto qualquer, maquinando. Os lábios foram abrindo devagar, trêmulos.

— A primeira vez pode ser relativa... — ela falou e repetiu, tampando a boca com as duas mãos. — A sua primeira vez... — A puxei para o meu colo, de lado.

— A minha primeira vez foi com você, sem ser esse corpo...

— Isso é loucura! — Ester quis levantar, mas a segurei com mais força.

— Não é... digo, pra você talvez, mas não é...

— Como você sabe que eu sou eu? — Um riso exasperado escapou da sua boca. — Isso é... me diga que não há mais surpresas nesse nível... — Ela se levantou e foi até a janela inteiriça.

— Tenho uma ajuda celestial, nem todos os anjos que ficaram no andar de cima, me odeiam, só foram covardes demais pra me seguirem... — Ester me olhou ressabiada. — E eu reconheço fragmentos nas suas íris, nos filamentos delas, mesmo que sejam pretas, azuis, castanhas...

— Isso significa que armou tudo? — Ester levantou, não sabia se estava brava ou apenas em um surto.

— Não... eu disse que tenho a missão pessoal de te reencontrar, entretanto, isso não significa que todas as vezes ficamos juntos. Eu só te atraio pra perto de mim, torcendo pra que seu amor adormecido desperte, respeito o livre-arbítrio, e depois de pouco mais de duzentos anos, você veio por livre e espontânea vontade... dessa vez, eu não fiz nada... — Me deitei de bruços, a encarando. — Por que tá chorando?

— Não é justo eu não lembrar! — ela elevou o tom de voz, se virando.

— Você sempre reclama disso... — Sorri, batendo na cama. — Vem aqui, me deixa matar essa saudade, nosso tempo juntos é sempre tão minúsculo...

— Não fala isso! Por favor! — Ester caminhou apressada, se ajoelhando ao lado da cama. — Me torne imortal como você... — Eu odiava vê-la chorar, mas era impossível ignorar o fato de que mesmo com os olhos vermelhos e o semblante triste, a minha Ester continuava maravilhosa.

— Eu não posso... — lamentei.

— Eu te amo tanto, que chega a doer, Caleb. — Ela encostou a testa na minha.

— Eu te amo da mesma forma, minha tigresa... sobe aqui comigo... — Me virei de barriga para cima.

Ester se aninhou no meu peito. Não demorou para que cochilasse. O coração foi acalmando, ela remexeu um pouco, abriu os olhos jocosos, sorriu e logo os fechou de novo.

Como eu poderia acabar com a humanidade, se a minha princesa fazia parte dela?

Capítulo 57

ESTER – TERRA SANTA

Anestesiada.

Era essa a palavra. Pela entrega. Pelo sexo. Pela informação. Dormi pesado, porém, como algo proveniente do ocultismo, acordei três da manhã em ponto. Acordei não, despertei. O silêncio absoluto reinava naquele quarto. Caleb estava em um sono profundo, sereno. Belíssimo. Zeus abriu os olhos, mas continuou deitado ao lado da cama.

Eu me sentia diferente. Psicológico? Talvez. Porém, a primeira vez de uma mulher, quando acontecia de forma natural, por vontade, podia

transformá-la também. Levantei com cuidado e fui até a cozinha, sem saber ao certo o que eu queria ali.

Zeus, como sempre, me acompanhou. As luzes presencias iluminavam a escadaria. De modo automático, peguei um copo d'água. Eu não estava com sede, porém, beberiquei.

— Sem sono? — Levei um susto, mas não a ponto de gritar.

— Você nunca dorme? — Me virei na direção da sua voz.

— José deu trabalho. — Maria se sentou em um dos bancos que renteava a ilha exagerada. — O que te aflige, querida Ester? — Me sentei ao seu lado. A mão suave, com resquícios de sangue que a água não lavou, afagou meu braço.

— Você também me conhece há muitos anos? — perguntei sem rodeios. Ela não pareceu surpresa, apenas suspirou, confirmando com a cabeça.

— Mas ele nasceu, teve uma mãe, como pode...?

— São ciclos, Caleb lembra de todas as vidas, sua consciência e percepção não morrem, o corpo dele envelhece, porém não como o seu, os ferimentos o machucam, mas não como machucam você. Seu marido precisa fazer todas as passagens, só que em tempos diferentes, a carne uma hora vai morrer, ele não... confuso?

— Nem tanto... mas se me perguntar se é insano, direi que sim... — Ela riu. — Quantos anos...?

— Estamos jovens ainda, nossos corpos terrenos têm uns setenta anos.

A minha risada histérica saiu um pouco alta.

— Maria? Isso é um dos meus sonhos? Seja sincera comigo, por favor. — Segurei sua mão com força.

— Não, mas garanto que é o sonho de muitas mulheres. — A olhei sem entender. — Ester, seu homem te ama, te procura, te espera há centenas de anos e nunca, nunca, forçou o relacionamento de vocês, nas vidas em que você seguiu outro rumos, Caleb aceitou, mesmo sofrendo como nunca o vi sofrer...

Meus olhos arderam, os fechei com força, deixando as lágrimas rolarem. Ali, naquele espaço de tempo, parecia inconcebível eu ter rejeitado o meu marido em algum momento. Emoção e dor me sufocavam.

— Então, o meu amor é fraco? — Maria se transformou em um borrão.

— Claro que não, não faça isso com você, não se compare com a gente, não tem cabimento. O nosso tempo passa de maneira diferente, Ester.

— Quem eu já fui? — Abri mais os olhos, ansiosa pela resposta. Ela sorriu, um sorriso enigmático.

— Onde Caleb está, sempre há grandes marcos, logo, esteve presente em vários episódios famosos. Escapou de Jack, O estripador, foi perseguida na época da Inquisição, se tornou uma Valquíria na era Viking... a melhor escudeira...

Olhei para o suporte de facas em cima do mármore, puxei uma e encostei na própria garganta. Maria levantou, derrubando a banqueta, assustada.

— Se for um sonho, eu não vou morrer... — Eu queria cessar os pensamentos, ou quem sabe acordar, não conseguia mais raciocinar.

— Ester, para! — Ela projetou as mãos para frente. — Não é um sonho... se fizer isso, vai morrer, por favor!

— Solta a faca. — Era a voz poderosa dele, ecoando como um trovão abafado. Caleb contornou a ilha, me encarando com suas íris magenta. —

Ou vai em frente, já te perdi tantas vezes... — Voltei a chorar, ofegando. Ele cruzou os braços. Zeus começou a latir incansavelmente.

Pressionei um pouco mais a lâmina, a dor me fez soltar a arma branca.

— Desculpa... — Me levantei, perdida. — Eu não sei... eu...

Tudo entrou em câmera lenta, Caleb ficou turvo e de repente, mergulhei na escuridão absoluta.

Os pássaros cantavam de maneira irritante. Abri os olhos devagar, sentindo a retina queimar com a claridade. Eu estava na cama redonda impermeável que ficava em uma das pontas da piscina. O dossel amarrado me dava uma ampla visão.

Me sentei, tentando entender. O belo carro do Caleb reluzia ao sol.

— Maria? — chamei. — Caleb? — Nada. — Zeus? — Nem sinal.

Eu ainda vestia a roupa da noite anterior. O frio se fez presente no meu estômago. Me arrastei para fora do colchão e com passos hesitantes, fui até a casa. Entrei pela cozinha, a organização e limpeza sempre impecáveis, saltavam aos olhos.

— Alguém? — Continuei andando.

— Que bom que acordou. — Dei um grito. Caleb se encontrava sentado em uma das poltronas da sala e Maria na outra. Ambos seguravam um copo fino com o que julguei ser whisky.

Não houve sorrisos, olhares carinhosos, apenas frieza.

— Eu... olha...

— Ester, talvez tudo isso tenha sido um erro. — Ele se levantou, trazendo toda sua imponência dentro daquele terno de caimento perfeito. — Eu jamais te mataria, ou aplicaria qualquer tipo de punição, vou arriscar e contar com a sorte, confiar em você, apesar de ser uma atitude imbecil.

Nada daquilo fazia sentido. Me senti perdida.

— Caleb, do que você...?

— Pode voltar pro seu país, isso aqui é demais pra você, muita coisa ruim aconteceu, não quero uma mulher que ainda tenha dúvida de que tudo seja verdadeiro, ou que se comporte como uma criança assustada, não sou esse tipo de... pessoa...? Criatura? O que prefere?

— Não! Não! — Corri para os seus braços, mas não fui recebida. Caleb se afastou, sem conseguir me encarar. — Espera, me escuta, por favor! — Olhei para Maria, sua expressão não era das melhores. — Mas que merda! O que vocês queriam? Hã? — Empurrei seu peito com força. Ele se manteve impassível. — Que porra vocês queriam? — gritei, bagunçando os cabelos. — Eu renunciei a minha vida pelo amor que sinto por você, seu filho da puta, fui praticamente estuprada por um Arcebispo por sua culpa! — Enfiei o dedo com ódio na cara dele. — Matei a porcaria de um bode feio, neguei Cristo, me entreguei em cima de uma pedra gelada com a cara suja de sangue e quando eu surto pela primeira vez ao saber que os dois me conhecem há centenas de anos, sou rejeitada? Sou expulsa? Tá agindo como o seu Papai do Céu, Caleb? — O enfrentei, com um riso ardiloso no rosto. — Não vou embora! Eu sou a sua esposa agora, aprenda a lidar com os meus surtos, seu cretino!

Me preparei para um tapa, porém, os dois apenas me encaravam, como duas cascas ocas.

— Zeus! — chamei. Ele abanou o rabo e veio para o meu lado. — Eu vou tomar banho e tô com fome! — Estava me virando para sair, mas parei. — E nunca mais ouse me colocar pra dormir lá fora, somos casados, e enquanto a minha morte não nos separar, nós vamos dormir juntos no mesmo colchão, padre!

Subi as escadas com o meu melhor amigo logo atrás. Quando cheguei no último degrau, gritei lá de cima:

— Aceito jantar fora como pedido de desculpas, querido esposo!

Fui para o quarto e bati a porta. Estava com ódio, ao mesmo tempo, me sentia renovada. Tirei o belo vestido, admirando meu corpo nu. Aproximei um pouco mais do espelho. Minha pele exibia marcas de garras. Acariciei cada uma delas.

Nada mais me surpreenderia.

Capítulo 58

CALEB – TERRA SANTA

A flor desabrochou e virou uma planta carnívora. Hera do Diabo. Olhei para Maria, seu sorriso vitorioso me fez rir também.

— Você estava certa — assumi. — Ester sabe o que quer.

— Eu te disse. Só precisava de um susto. Agora, garanhão. — Ela se levantou. — Sobe e cuide da sua esposa, sexo depois da briga é sempre o melhor. — Maria piscou e saiu.

Fui para o quarto, abri a porta com força, me deparando com a nudez de Ester. Inefável. Ela se manteve indiferente, ignorando minha presença, me

atiçando ainda mais. Diminui a distância entre nós e a virei de frente comigo com brutalidade.

— Você que é uma cretina. — Segurei seu rosto com uma mão, pressionando as bochechas. — Nunca mais, tente tirar a sua vida, tá me entendendo? — Farejei o ar, o cheiro da noite passada impregnado na sua pele, junto com a excitação. Não havia vestígio de medo. Apenas luxúria, raiva e amadurecimento.

Ela puxou meu braço, os olhos mais ávidos, seguros.

— Nunca mais me expulse, padre!

Tomei Ester em meus braços. A urgência ardia. Suas mãos foram rápidas ao tirar meu paletó, mas se atrapalharam com os botões da camisa. Puxei por cima da cabeça, arrancando os sapatos e desafivelando o cinto. Com a boca colada na dela, o beijo veio com sabor de tempestade.

Atracados, unidos pelo amor e pela raiva, nos jogamos por cima da cama. Os lábios mornos grudaram no meu pescoço. Montada em cima de mim, Ester se remexia com confiança, deixando o tesão a guiar. O instinto. O ímpeto selvagem e natural do ser humano sedento por uma foda.

A deixei conduzir, sua ânsia por me ter mais uma vez, camuflava a inexperiência. Eu não me importava, meu corpo incendiava por ela, fosse como fosse. Se havia pudor, Ester não demonstrou. A boca curiosa e afoita traçou um caminho pelo meu peito, sua língua rodeou um dos meus mamilos e depois o outro, enquanto o quadril se movimentava, assanhado.

Aquela mulher parecia um animal no cio. Os gemidos sufocados, desesperados, eram uma sinfonia das mais belas, suspendendo qualquer acontecimento ao redor, que não fosse a fusão dos nossos corpos. Ela tirou minhas calças, levando a cueca junto.

Engatinhou e sentou em cima de mim de novo.

— Me ajuda... — O pedido veio sexy, disparando uma dose extra de tesão. Segurei a base do meu pau, encaixando na sua boceta.

— Senta... — Ester me torturou, o gesto veio lento. Ela fechou os olhos, parcialmente cobertos pelo cabelo bagunçado. A boca entreaberta me presenteando com um gemido baixo, sussurrado.

Seus seios eram hipnóticos. Segurei sua cintura, louco para puxá-la para baixo. Quando me enterrei por completo dentro dela, gemi mais alto. Os movimentos vieram tímidos, desengonçados. Isso não a parou, Ester buscava seu ritmo, era uma cena maravilhosa.

— Não sei se tô faze...

— Shiu... — Encostei o dedo em riste nos seus lábios. — No seu tempo... — Ganhei um sorriso trêmulo. E como se alguma coisa a tivesse possuído, ela foi se ajustando.

O vai e vem embalava os meus sentimentos. Desci as mãos pela sua bunda, abrindo um pouco, a sentindo melhor. Ester espalmou as dela no meu peito, assumindo um ritmo maior. O abdômen se curvava rápido, como uma dançarina do ventre.

Alcancei seu clitóris, arrancando o gemido escandaloso que eu tanto venerava. As sentadas foram ficando mais violentas, trazendo o som dos nossos quadris se chocando, que disputava com o barulho úmido daquela boceta deliciosa.

— Caleb... — A respiração pesou. — Caleb... — Aumentei o ritmo do meu dedo.

— Goza, tigresa! — Eu não conseguia falar direito, estava excitado para caralho, segurando até onde fosse possível. — Goza pro seu cretino... —

Cravei os dedos da outra mão na sua bunda.

— Não para... não para... — As unhas dela se enterraram no meu peito e Ester se derramou. E eu também.

Gemidos baixos e espaçados compunham aquele momento, junto com nossos músculos teimosos que se perdiam em sutis espasmos. Ela se jogou por cima de mim, suada e quente.

— Com raiva ainda? — perguntei, afastando os cabelos do seu rosto.

— Aham. — Ela se encolheu mais. — Não estamos nos prevenindo...

— É só um detalhe... — A acalmei, nunca tive filhos, nenhum chegou ao terceiro mês de gestação. — Desculpa ter jogado uma informação tão perturbadora na sua cabeça sem te preparar, se é que tem como preparar alguém pra isso — refleti.

— É isso. — Ela ergueu o pescoço. — Não tem. É mais fácil eu aceitar que coisas sinistras me cercam e será assim, como essas marcas... — Ester se sentou de novo e abriu os braços. — Nas costas tá pior.

— Acostume-se...

— Ah, que ótima solução! — Eu não queria rir, mas foi inevitável. — Vão achar que você me espanca!

— Ou que você é uma domadora de leões — provoquei. — Pensa pelo labo bom, sua vida nunca será um tédio, minha princesa das trevas!

— Vai se ferrar, padre! — Ela deitou do meu lado, bufando.

— Quer saber de uma coisa? — Me virei de lado, a encarando.

— Se me disser que fico linda brava, eu vou morder a sua cara, Caleb!

— Que agressividade excitante, delícia! — provoquei, mas não deixava de ser verdade. — Morde então! Morde! Vem, tigresa! — Rolei por cima

dela. — Morde o que você quiser, mas que você fica linda, aaaaah, isso fica. — Seu coração latejava de raiva, um som único, gostoso, enquanto seus olhos ganhavam outro brilho. O cheiro intensificou, cheiro de confiança, de menina virando mulherão.

Ela deu sua revirada de olhos característica, sorrindo em seguida. Já passava das duas da tarde. Eu precisava acertar detalhes com Amélia. Miguel ganharia umas férias, precisava do seu corpo restabelecido para ou torturar mais um pouco, ou colocá-lo no Berço de Judas.

— Eu conheço esse olhar, você precisa sair — ela afirmou.

— Preciso, mas volto pra jantarmos fora. — Beijei seus lábios. — Toma um banho, tigresa. E não surte mais. — Segurei seu rosto.

Passei uma água rápida no corpo, enquanto Ester curtia a preguiça. Escolhi outro terno que não estivesse amassado.

— Pra quando será a festa? — ela perguntou, observando todos meus movimentos.

— Pra quando vocês quiserem, o mais rápido de preferência, preciso atrair as pessoas.

— O que vai acontecer quando um sacerdote te reconhecer como o messias? — Seus olhos ficaram agitados, Ester se sentou, enrolada no lençol.

— Poder. Mais poder. Muito poder. — Me sentei na cama. — Pense que só quero libertar o povo de uma prisão invisível que eles mesmos criaram. Não é sobre bolas de fogo, cavaleiros e dragões. É sobre governar o mundo do meu jeito. É sobre provar pro meu Pai que eu sempre estive certo...

— Nunca foi sobre destruir a humanidade?

— Não, eles não precisam mais de mim pra isso. — Dei de ombros. — Sementes foram plantadas, agora estão geminando. Eu já quis muito isso, confesso, mas qual graça teria? Acabamos com todos e o que vai restar? Como eu viveria o resto da eternidade sabendo que nunca mais te encontraria?

— Então se trata de... amor?

— Se trata do *meu* amor. — Acariciei seu rosto. — Deus já perdeu a batalha faz tempo, eu só quero selecionar o joio do trigo, purificar o planeta e isso não vai acontecer daqui cem anos, já vem acontecendo...

— Você seria o Papa do mal? — Ester arrancava as gargalhadas mais sinceras de mim.

— Superior ao Papa, e adivinha, o próximo a reinar no Vaticano faz parte dos nossos, um bilhão e trezentas mil pessoas ouvindo a palavra certa... — Levantei, borrifei um pouco de perfume, beijei Ester e saí.

Entrei no carro e lá estava ele.

— O que você quer agora, Rafael?

— Só vim te parabenizar pelo casamento, Lucy, calma, sempre de cabeça quente. — Ele riu da piada infame. — Você não é um anjo tão malvado, acho bonito esse amor que sente pela Ester, como é?

Soltei um longo suspiro, mirando o horizonte.

— Acho que é como estar doente... ela é a flor que brota no meu jardim árido, embebida em lágrimas e sangue. Ester colore a tela do mundo real e ao mesmo tempo é o meu punhal... — Fiz uma pausa. — É entregar seu coração para a única pessoa capaz de te despedaçar, te quebrar em solidão...

— Assustador então. — Rafael me olhava com medo.

— E magnifico também. — Virei o pescoço, o fitando. — Cuidado, vai acabar como eu, expulso do paraíso — provoquei. — Tem aparecido muito.

— Qual paraíso, Lucy? Aquilo tá uma bagunça!

— Sabe que tenho espaço de sobra aqui. — Apontei para minha casa. — Maria ficaria feliz.

Rafael tamborilou os dedos na perna.

— Se cuida, irmão!

Do jeito que aparecia, ele sumia. Fui para a casa de Theodoro, Amélia estava lá, enquanto Cibele cuidava das meninas na cabana. Liguei para o Saul durante o trajeto.

— Parabéns, senhor Caleb — ele falou em um tom divertido.

— Obrigado, Bispo. Conversou com a Ordem?

— Estão preocupados com o sumiço de Miguel, descobri que ele foi eleito pra te apontar como o messias porque alguém lá dentro tem o rabo preso com o filha da mãe.

— Isso quer dizer que o desgraçado ganharia algo em troca... mas o que?

— É o que eu vou descobrir logo logo. Voarei para o Brasil e retorno em breve.

— Venha pra festa, Saul, será estrondosa.

Expliquei para ele a ideia de Maria. Saul gostou. Desligamos.

Suspirei, cansado. O mundo dos negócios era exaustivo. Pensei em Raquel, irmã de Ester. Juarez. Talvez eu devesse dar uma volta pelo México.

Talvez eu devesse deixar para lá e fingir que nada aconteceu. Quais as chances de ela estar viva ainda? E se estivesse, em quais condições? Aquela

organização era brutal.

Capítulo 59

CALEB – TERRA SANTA

Os últimos sete meses passaram em uma velocidade assustadora. A festa dos sonhos de Ester foi tomando uma proporção tão grande, que só aconteceria na data em que completaríamos nosso primeiro ano de casados.

Seguindo o novo raciocínio de Maria, ao invés de fazermos uma festa menor, passamos a organizar pequenos eventos fechados para os nossos adeptos mensalmente. Coquetéis finos, comida da melhor e músicas boas. José foi servido no primeiro, inclusive.

A Toca do Diabo ficou famosa entre os figurões. Amélia e Cibele trabalhavam bem juntas, os lucros superavam minhas expectativas mês a

mês. Comprei o Bellagio e injetei dinheiro no Royale, os dois maiores cassinos de Terra Santa.

A cidade estava menos polarizada, mas havia um grupo que não aceitava aquela mudança radical, composto em sua maioria por pessoas mais velhas, chamando Ester de serva do Diabo. Havia os neutros, que nos observavam de longe e os adeptos, entre eles, alguns fanáticos. Os mais chatos, entretanto, os que mais espalhavam nossos ideais.

A Abadia de Santa Luzia passou a ser chamada de Egrégora pelos que a frequentavam. Eu particularmente, achava mais bonito. Fizemos da antiga casa paroquial um refúgio para mulheres que sofriam violência doméstica, onde ajudávamos elas a se restabelecerem, enquanto seus agressores ficavam no porão.

Com cuidado, timing perfeito e atenção aos pormenores, os valentões eram dados como desaparecidos. Ninguém se importava com aquele tipo de gente, salvo os mais afortunados.

Cruzei o belo jardim, caminhando até a cozinha. Lembrei do início e um sorriso espontâneo brotou em meus lábios. Lá estava Ester, de avental, touca, lábios vermelhos vivos e uma roupa casual chic. Elegante, moderna. Continuava sendo a minha eterna tentação.

— Senhora Rodrigues, isso parece muito bom. — Inspirei o aroma da sopa que fervia em um dos grandes caldeirões.

— Quer provar, padre? — Se antes escorria pureza pelos seus poros, agora ela derramava devassidão.

— Sempre. — Beijei seus lábios e peguei uma colher. — Ofélia, vai devagar mulher — repreendi com um tom divertido.

— Já vão começar a formar fila, padre! Digo, Caleb! — Ela ergueu as mãos para os céus, se desculpando em seguida. Eu e Ester apenas rimos.

— Separou a sopa especial, princesa? — cochichei.

— Claro. Serão dois.

— Dois? — Franzi as sobrancelhas.

— Aham, Theo disse que entrou um pedido urgente na madrugada, gente poderosa. — Ester fez um bico engraçado, satirizando. — Ele falou pra você ligar, padre... ops, o doutor veio pessoalmente...

— O cheiro tá bom! — Theodoro espichou o pescoço. — Tem um minuto, Caleb? — Assenti, dei outro beijo na minha mulher e fomos para o jardim.

— Problemas?

— Não, digo, sobre o pedido da madrugada, fiz como você orientou, dobrei o valor, se é urgente, bandeira dois, a pessoa aceitou, grana não parece ser problema, a questão é que vamos precisar transportar e tá longe.

— Quanto tempo temos? Qual é a encomenda da vez?

— Coração, temos de quatro a seis horas, estourando... precisamos de um helicóptero, Caleb.

— Que inferno! Bom, diga que levamos, monta um combo. Coração, mais transporte aéreo, dois milhões de dólares. O hospital é por conta do paciente, afinal, a pessoa vai precisar molhar umas mãozinhas ali. — Fiz o sinal de dinheiro com os dedos.

— Acho que pode começar a pensar em adquirir um helicóptero...

— Ou mexer uns pauzinhos e colocar você como diretor de um dos hospitais da cidade. — Segurei seu ombro, dando um sorriso ladino. Os olhos de Theo brilharam.

— Quem sabe os dois. — Theodoro sorriu sem graça. — Um helicóptero não é nada pra você. — Ele piscou.

— Temos que ter cautela, ninguém se importa com morador de rua sumindo, porém, todo cuidado é pouco, pense nisso como um lote piloto, vamos ver como será! — Theo assentiu, um pouco apreensivo. — O outro pedido?

— Córneas, duzentos quilômetros daqui, tranquilo. — Ele me encarou, formulando a pergunta. — Miguel?

— Tá guardado, tenho lindos planos pro meu amigo. Digamos que ele não é mais intocável, Saul descobriu que o filho da puta tinha comprado alguns cardeais... — Diante da expressão confusa dele, prossegui. — Miguel sabia que me apontando como o messias, estaria correndo menos riscos, acreditamos que ele já tinha a intenção de me trair, tá no seu sangue, assim como sempre soube que a minha palavra pesaria mais na indicação ao Papado, o Arcebispo só não contava que o meu escolhido era Saul.

— O tiro saiu pela culatra. — Theo balançou a cabeça, rindo.

— Nunca escondi que sou uma pessoa traiçoeira. — Pisquei. O médico me olhou assustado, pediu licença e foi cuidar dos detalhes finais da encomenda.

Estava voltando para a cozinha quando meu celular tocou.

— Caleb, acho que encontrei a Amanda Diniz. — Pela voz de Luís, as notícias não eram boas.

— Prossiga. — Suspirei, erguendo o queixo.

— Bom, sem rodeios, encontramos o corpo em Tatacoa, no deserto...

— Então ela morreu faz pouco tempo? — Senti a garganta travar.

— Não sei, nessas regiões ocorrem uma mumificação natural, a pele vira uma espécie de pergaminho que protege os ossos, enquanto os órgãos entram em putrefação. Baixa umidade significa menos moscas, enfim, pode estar lá há anos...

Que merda...

— Alguma ideia de como a mataram?

— Ainda não, a necropsia pode ser mais demorada nesses casos, estou levantando se a garota tinha algum registro em dentistas, uma radiografia, ficha clínica, alguma coisa do tipo... ainda não falei com Amélia, prefiro ter a documentação antes.

— O que te leva a pensar que pode ser ela então?

— O colar de coração, tem uma foto da Amélia... pode ter sido colocado na menina, mas...

— Me mantenha informado. E Raquel?

— Nada, tudo na mesma...

— Obrigado, delegado.

Desliguei. A informação não caiu legal. Amélia não era uma pessoa fácil, entretanto, nunca saiu do meu lado, mesmo sendo quem era. Senti o cheiro da minha mulher, os passos vagarosos pelos pedregulhos.

— O que aconteceu? Quem era? — Contei a história. Seus olhos umedeceram. — Princesa... — Envolvi sua cintura. — Sabe que um dia, talvez, a gente possa receber uma notícia parecida com essa sobre a sua irmã, né?

— Eu sei... — Ele me abraçou forte. Apoiei o queixo no topo de sua cabeça e dei um beijo em seguida.



Se tinha algo que trabalhava mais rápido do que o relógio, eu desconhecia. As semanas passaram. No início, poucas pessoas nos recepcionavam nos aeroportos, éramos vaiados e ovacionados, porém, o cenário mudava aos poucos. Meu nome e o de Ester ganhava o mundo.

Entrevistas, Podcasts malditos, palestras e páginas de fãs surgiam nas redes. Página de haters também. Debates sobre o porquê padres não podiam casar, jovens entusiasmados criavam abaixo-assinados, outros tripudiavam. Seita. Bruxo. Diabo. Mago. Pregador. Teólogo. Anticristo. Sacerdote. Profeta. Empresário. Eu era tudo na boca do povo.

Desembarcamos no Brasil. O número de pessoas e repórteres me assustou. Ester também estava incrédula.

— Senhor Caleb, como nomeia a sua religião agora? — Um homem perguntou, apontando o microfone na minha boca.

— Não é uma religião. Religião é uma barbaridade. — Eu estava tentando sair da muvuca, queria evitar outra pergunta imbecil, mas não consegui.

— Mas o senhor era um padre, seguia uma religião, não é contraditório?

— Justamente. — Sorri. — Tenho muita propriedade pra afirmar que religião não faz bem. Segrega, traz discórdia... — Ele me interrompeu, ameaçando me confrontar, levantei a mão, o calando.

Saul conseguiu chegar até nós, atravessamos a multidão com dificuldade. Mantive Ester ao meu lado, agarrado em sua cintura.

— Maldita!

— Ester! Ester! Ester!

— Pecadora! Suja!

— Maravilhosa!

— Nos tire daqui... — pedi para Saul, irritado.

Dois seguranças do aeroporto vieram ajudar, dispersando aquele bando de gentalha. Chegamos no carro cansados, como se tivéssemos corrido uma maratona.

— Como se sente retornando ao Brasil, senhora Rodrigues? — Saul perguntou com humor.

— Com vontade de ir embora.

Gargalhamos.

Capítulo 60

ESTER – BRASIL

Relutei, mas Caleb me encorajou a estar presente naquele momento. Eu precisava registrar o desaparecimento de Raquel na delegacia, para não levantar suspeitas, decidimos que seria melhor fazer aquilo no Brasil, seu país de origem. Nosso país de origem.

Só assim eu conseguiria entrar na justiça depois de um tempo e vender a casa, porém, aquela não era minha preocupação. Combinamos que eu não citaria a foto na frente da Abadia. No fundo, ninguém iria se importar.

— Bom dia — cumprimentei um dos policiais, Caleb fez o mesmo.

— Bom dia, pois não? — O homem exalava preguiça.

— Preciso registrar um desaparecimento, por favor.

— Olha, se faz menos de vinte e qua...

— Não sabemos ao certo, ela é missionária, o último contato que tivéssemos tem uns três meses. — Meu marido mentiu. — Como a minha cunhada tá em Moçambique, era bem comum levar um tempo para suas cartas chegarem, mas já extrapolou.

— Cartas? — O policial debochou.

— Talvez o senhor não saiba que há muitas regiões que vivem na miséria e não possuem internet.

— Certo. — Ele suspirou, entediado. — Me acompanhem.

Fizemos a queixa, eu estava nervosa, entretanto, foi mais simples e mais rápido do que imaginei. Como eu já previa, ninguém dava muita importância para casos assim de anônimos. Os esforços da polícia era sempre proporcional ao saldo bancário da vítima.

Saímos da delegacia. Quando cheguei na calçada, respirei um pouco mais aliviada.

— Calma, tá feito — ele falou. — Eu posso ser um bom mentiroso.

— Que isso nunca se aplique a mim — adverti. Caleb abriu aquele sorriso maligno e obsceno. — Quero ir em casa...

— Tem certeza? — Não tinha, mas confirmei com a cabeça.

Entramos no carro que Saul nos emprestou, coloquei o endereço no GPS e seguimos. São Paulo continuava o mesmo caos de sempre, porém, mais abafada, cinzenta e fedorenta. Quando Caleb encostou na frente da minha antiga residência, me senti estranha.

Respirei fundo. Ele desceu, abrindo a porta para mim. Seu cavalheirismo de sempre me encantava cada dia mais. Enfiei a chave na fechadura e fui sugada para o passado.

As risadas, os hinos, os aromas. O sorriso de Ruth, a voz calma do meu pai. Raquel pintando algum desenho bíblico. O barulho das folhas de seda da Bíblia sendo viradas. As missas na televisão. Abri o portão.

O abandono carimbado no chão e paredes. Caleb seguia meus passos em silêncio. Destranquei a porta da sala. Um bafo quente e com cheiro de bolor nos atingiu. Meus olhos correram para a foto empoeirada dos meus pais. Tudo exatamente como deixei, exceto a camada generosa de pó.

— Você é muito parecida com sua mãe — ele comentou, observando o porta-retrato.

— Eu sempre me pergunto como ela seria se não fosse uma fanática...

— Eu também me questionava sobre isso...

— É como sentir falta de algo que nunca vivi como filha, parece loucura? — Forcei um sorriso, mas ele saiu fraco.

— Nem um pouco...

Subi as escadas junto com a Ester criança. A voz infantil de Raquel ecoou no meu ouvido.

Papai do Céu, muito eu quero lhe pedir, sua paz também sentir e em amor viver. Venha me guiar, no bom caminho eu quero andar, me proteja de todo mal. Amém.

Eu vivia na sombra dela. A irmã de Raquel, como se eu não tivesse meu próprio nome. A irmã de Raquel veio. A irmã de Raquel pode ajudar. Essa é a irmã da Raquel. A irmã de Raquel é uma gracinha.

A irmã de Raquel. A irmã de Raquel.

— Ruth, talvez devesse ponderar, é só uma festa junina eu não entendo...

— Euclides, nem se atreva. A nossa festa junina exalta Santo Antônio, daquele povo da rua de cima é pagã, coisa do Diabo!

Ruth se considerava a dona da verdade e decretava todos aqueles que não compartilhavam de sua fé, inimigos. Soltei uma risada aleatória ao imaginar seu cadáver se remexendo no túmulo. O mundo girou, girou e girou. Sua filha não tão preferida, estava casada com aquele que ela mais temia.

— O que é tão engraçado? — Caleb perguntou curioso.

— As ironias da vida. — Me aproximei um pouco mais dele, abraçando seu pescoço. — Me fode na cama dos meus pais... — pedi.

Eu me tornei viciada em sexo. Não era uma doença, eu não era uma ninfomaníaca, porém, minha terapeuta acreditava que eu segui o caminho da hipersexualização após o abuso sofrido por Miguel. Um diagnóstico ainda não confirmado, apenas conjecturas.

Tinha minhas dúvidas. Aquele tesão desenfreado era uma reação natural, nossa química gerava reações inexplicáveis. Caleb era a minha aderência, fazendo a vida se agarrar em mim com mais força, volúpia. Arrancou a porta chumbada onde eu precisava esconder todos os meus desejos, os trazendo à tona.

O beijo veio furioso. Compartilhávamos o mesmo ritmo obsceno. Minhas costas se chocaram contra a parede. Caleb avançou no meu pescoço, sugando a pele com selvageria, faminto. Aquele homem nunca recusava sexo.

Agarrei sua camisa, o puxando para o quarto. O Sol tentava entrar pelas frestas da janela de madeira, formando pequenos losangos no chão. Cristo

nos assistia do alto da sua cruz, em cima da cabeceira. Caímos na cama, ele por cima, arrancando minha calcinha.

— Já disse que eu amo quando usa vestidos? — Caleb beijou e lambeu entre meus seios, puxando o decote para baixo.

— Achei que preferisse quando estou nua — provoquei, gemendo.

Ouvi o cinto sendo aberto e o zíper correndo, então, fui preenchida de uma vez. A cama rangeu. Ele tirou e enfiou de novo, com mais força. Fez isso algumas vezes. Abri mais as pernas, grudei as mãos nas suas costas. Caleb começou a estocar sem dó.

Pó voando, a cama gemendo junto com a gente, as porradas da cabeceira na parede e o calor serpenteando. A boca sugando meus mamilos de forma alternada, um som estalado, afrodisíaco, compondo a sinfonia dos nossos quadris e da minha boceta molhada sendo invadida com vigor.

Então ele saiu de dentro de mim, se ajoelhou aos pés da cama e me puxou pelos tornozelos. Subi mais o vestido, pronta para mergulhar no paraíso. Sua língua veio macia, explorando a carne exposta, me levando de um ponto ao outro, dentro do nosso inferno particular, em segundos.

Afundei os dedos em seus cabelos. Os olhos de sangue me encaravam, derramando toda sua lascividade. Ele envolveu meu clitóris, rodeou, lambeu repetidas vezes, devagar, me fodendo com dois dedos ao mesmo tempo.

Puxei sua cabeça contra minha boceta, erguendo o quadril. E Caleb me chupou com a maestria de sempre, deixando a saliva se misturar com a minha excitação, gemendo dentro de mim, me fazendo vibrar.

Os músculos enrijeceram. Gemidos, gritos, falta de ar, excesso de ar. Eu me afogava naquela piscina de prazer. Agarrei seus cabelos com mais força

e gozei como a depravada que eu me tornei. Em um gesto rápido, ele me virou de bruços, subiu por cima de mim e voltou a me comer.

Meus fios presos em seus dedos, a garganta esticada e os tapas ardidos na minha bunda me deixavam mais louca de tesão. Olhei para a cruz de novo e sorri. Meu corpo era projetado para cima com violência. Achei que a cama não fosse aguentar.

Caleb gemeia rouco, como um leão rugindo. As estocadas ganharam mais brutalidade, e então, ele gozou.

— Puta merda...

Ficamos conectados um tempo. Seu corpo por cima do meu, o peso aconchegante me pressionando contra o colchão. Cheiro de sexo sujo misturado aos nossos perfumes. Meu coração trepidava.

Ele se levantou, um pouco zonzo, cansado e ofegante. Rolei na cama e me sentei, o admirando com um sorriso nos lábios.

— Estou pensando... não quero mais vender essa casa no futuro...

— Não? E o que pretende fazer? Alugar? — Caleb limpou o suor da testa com o antebraço.

— Não. — Levantei, sentindo a porra dele me lambuzar um pouco mais. Fui ao banheiro, tentar me limpar com o papel higiênico velho. Ele parou na porta, curioso. — Eu quero incendiar. Você não me deixaria na rua da amargura se um dia nos separarmos, deixaria?

— Não repita mais essa merda — Caleb esbravejou. — Eu e você somos eternos.

— Eu já disse que você fica lindo bravo, garoto dos olhos vampirescos?

— Baixa! — Arranquei uma risada dele. — Bom, tem certeza?

— Absoluta. — Abri a torneira, molhando o rosto e lavando as mãos. — Quero dizimar tudo isso aqui, apagar meu passado. Renasci quando te encontrei. Que o fogo varra toda a merda que tem nesse lugar.

— Não vai levar nada?

— Apenas a foto dos meus pais, contraditório?

— Não... com certeza existiram bons momentos, ainda que poucos, é normal... até eu tenho meia dúzia de memórias legais com a minha mãe. — Ele deu de ombros. — Quem vai bancar o incendiário?

— Você, que o Diabo queime tudo, meu amor!

Capítulo 61

CALEB – TERRA SANTA

— Miguel! — Abri os braços, rindo. — Trouxe alguém comigo hoje, ela se preparou muito pra esse momento, não estrague. Pode vir, minha tigresa, acho que ele não vai tentar fugir. — Gargalhei.

Achei que Ester fosse se impressionar mais com o estado em que Miguel se encontrava. Não pela magreza, nem pela falta dos dentes. Também não era sobre as fraldas, mas sim pela amputação dos pés. Os curativos exibiam manchas discretas de sangue.

— É, acho que agora eu me sinto mais segura... — Ela observou seu corpo. — Mas como o bom verme que esse nojento é, será que tem risco de

ele rastejar?

— Posso cuidar disso também, sem os braços vai ficar complicado.

— O que vocês querem? — Miguel perguntou com sua boca fofa.

— Só um pedido de desculpas, algo ridículo perto do que fez!

— Me mata logo, seu demônio! — ele gritou, sua saúde física estava restabelecida em partes. As escaras ocupavam cada vez mais espaço em sua pele acinzentada, porém, Miguel era forte.

— De novo? Faz quase oito meses que me pede isso, chega, troca o disco, meu caro! — Me aproximei. — Peça desculpas pra minha mulher. — Meus olhos acenderam.

Miguel começou a rir, veio baixo, até se transformar em uma gargalhada irritante, exibindo as gengivas opacas.

— Meu amor, esse traste odeia mulheres, não adianta querer extrair algo bom de quem é pútrido por dentro. Vamos acabar logo com isso.

Ester me excitava de um jeito insano. Maria entrou com a cadeira de rodas.

— Espera! Espera! O que vão fazer comigo? — O desespero o dominou.

— Atender seu desejo, ué! — Torci os lábios para baixo.

— Dá um tiro na minha testa, eu imploro, por favor, por favor, chega, Caleb! Chega! — Miguel se debateu tanto que a maca quase tombou. Segurei a tempo. Vesti um par de luvas e preparei uma injeção com sedativo.

— Não vai ter jeito, vamos botar pra dormir um pouco. Ninguém tá com pressa, certo? — Bati na seringa, enfiando no pescoço dele em seguida.

Com Miguel sedado, fomos para o mesmo lugar onde casamos. Zeus se juntou a nós. O Berço de Judas já estava pronto, posicionado embaixo de uma grande árvore. As correntes preparadas, presas em três galhos bojudos que aguentariam o peso.

— Maria, acho que isso pede um bom vinho. — Ester olhou para ela e depois para mim. — Vou buscar! — E saiu apressada. Eu apenas ri.

— É outra pessoa — Maria comentou, enquanto prendia as correntes na cinta de couro que ficaria em volta do tronco de Miguel.

— Não, é a verdadeira Ester, sabe disso.

As estrelas decoravam o céu azul escuro, quase preto. Ester voltou com uma sacola, trouxe toalha, vinho e petiscos, como se fossêmos assistir um filme. De certa forma, íamos. Um piquenique macabro. Ela arrumou tudo com primor na grama e nos sentamos.

Pacientes, esperamos Miguel despertar. Não iria demorar, apliquei uma quantidade suficiente, nada demais.

— Onde conseguiu um artefato tão antigo? — Ester perguntou, servindo as taças.

— Você ficaria chocada com o que podemos encontrar nas profundezas da internet — respondi. — As duas precisarão de força, Saul recomendou que eu não o matasse diretamente, não queremos brechas. Acham que conseguem? As roldanas vão ajudar.

— Claro! — elas responderam em coro.

Bastou pouco mais de trinta minutos e Miguel despertou. Confuso no início, desesperado em seguida. Gritos, choros. Fiquei com medo que o seu coração parasse.

— Desculpa! Desculpa! — ele esgoelava. — Desculpa, Ester!

— Vai aceitar, minha princesa? — Afastei uma mecha do seu cabelo, colocando atrás da orelha. Meus olhos mudaram de cor.

— Costumo ser rancorosa, padre... É pecado?

— Pra alguns sim, mas eu amo o pecado e mais ainda, amo essa inefável pecadora. — Beijei seus lábios. Maria e Ester levantaram, içando o corpo de Miguel com um pouco de dificuldade.

Zeus latia descontrolado.

— Caleb! Caleb! — O grito ecoou pela mata por bons segundos, quando o ânus dele encostou no bico da pirâmide.

— Tem gente que escapa, Arcebispo, vai depender da força das suas pernas... — falei, bebendo um gole do vinho branco. — Ah, esqueci, no seu caso, não tem tempo, você não tem a opção de sair daí, que pena — lamentei com ironia.

As duas se sentaram de novo. Ester entre minhas pernas e Maria ao nosso lado, enquanto Miguel seria empalado lentamente.

— Quanto tempo vocês acham? — Maria perguntou, vidrada na cena.

— Hum... umas duas horas...? — arrisquei.

— Não sei. — Ester parecia hipnotizada. — Mas depois que ele sofrer mais um pouco, acho que devemos soltar de uma vez.

— E acabar com a diversão antes? — Beijei seu pescoço. Ela se encolheu, sorrindo.

Miguel resistiu três horas. O sangue que escorria devagar, de repente virou uma cachoeirinha. Os gritos perderam a força e o filho da puta morreu nos mandando para o inferno.

Foi uma noite memorável.



Perto das cinco da manhã meu celular tocou. Era Luís. A notícia que no fundo não queríamos, se confirmou.

— Que merda...

— O que foi? — Ester afagou minhas costas, sonolenta.

— A filha da Amélia... era ela mesmo... — Sentei com as pernas para fora do colchão, esfregando o rosto.

— Temos que ir pra casa do Theo, não se dá uma notícia dessa por telefone. — Ester despertou, indo para o banheiro.

Vesti a primeira roupa que encontrei e ela também. O silêncio pesou dentro do carro. O coração de Ester batia rápido, tentei imaginar o que se passava pela sua cabeça. Algo me dizia que no fundo, a minha tigresa estava com os pensamentos voltados para a irmã.

Quando chegamos, não foi necessário anunciar. Amélia era da polícia, vivida. Vi aquela mulher forte desmoronar, cair de joelhos contra o chão. Um choro silencioso, amparado pelos braços do namorado. Não havia palavras suficientes para acalentar os pedaços do seu coração.

Uma mãe sempre mantinha um fio de esperança. Foi rompido, brutalmente cortado, restando apenas um abismo de dor, talvez culpa.

— Ela sofreu muito? — Theodoro ninava Amélia.

— O hioide estava quebrado — respondi baixo. O choro veio com força de novo. Ela sabia o que aquilo significava. Ela sabia que sim, Amanda sofreu.

Amélia se levantou com a nossa ajuda, transtornada.

— Quero vê-la e acabar logo com isso, enterrar minha filha em paz.

Tive vontade de falar que não achava uma boa ideia ela ver a Amanda como estava, porém, eu não era mãe. Busquei outras palavras.

— Tem certeza? Não prefere guardar a imagem da sua filha feliz?

Os olhos aquosos e um pouco inchados travaram em mim. Parecia em dúvida. Aflitos, tristes. Não houve resposta. Amélia pediu licença e subiu.

— Theo, vamos deixá-los sozinhos — Ester falou com carinho. — Quando precisarem, basta nos ligar. Ela precisa digerir.

— Claro... obrigado...

Voltamos para a casa. O clima pesou com razão. Até Zeus parecia entender que algo triste havia acontecido.

— Eu veria a minha irmã. — Ester girava um garfo em cima do mármore, entediada. Quem sabe, melancólica.

— E se ela estiver viva? — Me segurei para não despejar meu humor ácido naquele momento. Mas era impossível não imaginar uma serva de Deus, sendo minha cunhada.

— Raquel me renegaria — Ester respondeu convicta.

— Ou não.

— Padre, minha irmã é como Abraão, levaria o próprio filho ao sacrifício, se assim Deus mandasse.

Me calei. A manhã passou um pouco arrastada. Meu telefone não dava paz. O novo empreendimento decolava. Estávamos na sala, quando propus para que Ester fosse a minha assessora também.

Ela se mostrou animada. Eu precisava de alguém controlando agenda, cuidando das mídias.

— Talvez nem você sozinha dê conta, conforme for precisando, vamos contratando, de preferência, pessoas da Egrégora.

— Vai me pagar quanto? — A olhei surpreso. Ester gargalhou. — Podemos negociar, senhora Rodrigues. — Minha esposa se encaixou no meu colo, assanhada.

E o meu celular tocou. E era o Theo, levando minha foda embora.

— Amélia decidiu enterrar Amanda no final do dia...

— Estamos indo.

Capítulo 62

CALEB – TERRA SANTA

Era o grande dia. O dia da festa. Terra Santa estava em polvorosa. Adeptos das cidades vizinhas chegavam em seus carros de luxo. Era um fato, a maioria dos que nos apoiavam, possuíam uma condição financeira elevada. Tinha seu lado positivo, entretanto, eu precisava do povo também.

Ester trajava um Versace de tule preto e vermelho. Belíssima. Eu segui a regra dos homens: smoking. Quando chegamos na porta do salão de festas, fomos recebidos por flashes que disparavam de forma irritante.

— Isso pode ser bem cansativo às vezes — falei irritado.

— É o preço, meu amor. — Ester acenava como um miss, ela gostava dos holofotes. Sua beleza era aclamada nas mídias.

Cruzamos o tapete vermelho, fizemos poses para as fotos e entramos. Saul nos aguardava, elegante. Ao seu lado, Maria exibia seus belos traços maduros, embrulhada em um vestido feito pela Lili.

— Caleb. Ester. — Saul nos reverenciou. — Sei que é um dia especial, mas eu estava pensando. Você, mocinha, pode ser um belo chamariz pra atrair as mulheres. A católica fervorosa que quebrou as correntes.

— Eu acho que seria perfeito — Maria reforçou.

— Bom, podemos debater sobre isso depois. — Ester se empolgou. Seu olhar buscou minha aprovação que foi completamente concedida.

O lugar estava cheio. A fonte jorrava a água que mudava de cor conforme as luzes. Ester quis enfiar tanto neon que era perigoso alguém sair cego dali. Não demorou para que Amélia e Theodoro chegassem junto com Cibele e as meninas.

— Podemos fazer um extra aqui, chefe? — Uma delas perguntou rindo.

— Sejam discretas.

E naquela noite dancei com a minha mulher até os pés doerem. As batidas vibravam em cada parte do meu corpo. Ester era a estrela, sua alegria palpável resplandecia, completamente entregue ao ritmo. Bebemos além da conta, erguendo nossos shots e virando desenfreados.

Maria, Saul, Theo, Amélia, Cibele. Ali, rindo, dançando, se embriagando. Uma família diferente. Pessoas que me acompanhavam, munidos de sua lealdade apesar dos pesares. Senti um nó na garganta ao pensar que logo seríamos apenas eu e Maria de novo.

Afastei os pensamentos.

— Preciso sentar um pouco — falei com a boca colada no ouvido de Ester. — Divirta-se, tô de olho. — Ela beijou minha boca com vontade, um beijo nada discreto, arrancando alguns gritos dos que estavam em volta.

Theodoro e Saul me acompanharam até o sofá de veludo vermelho. Avistei Luís chegando com sua esposa. Ergui o braço, eles vieram até nós. O delegado se mostrava muito fiel, foi um bom negócio. Saiu das dívidas, a esposa estava mais bonita e suas filhas em um colégio melhor.

O carro foi trocado e a casa passava por reformas infindáveis.

— Que festão! — ele disse, estendendo a mão. O álcool me deixava mais sociável, o puxei para um abraço de cavalheiros.

A noite avançava como deveria ser. Gente bêbada, debates filosóficos com as pessoas, risadas, negócios, comida boa e muita música. Mas havia algo no ar. Uma névoa densa chamada véspera. Meu sangue agitou. Eu sentia em cada célula que uma bomba estava prestes a explodir.

Ester se jogou no meu colo. Bêbada, cansada e com as belas sandálias das mãos.

— É o dia mais feliz da minha vida — ela agarrou meu pescoço, dissipando momentaneamente aquela sensação.

— Achei que tivesse sido o dia do nosso casamento — provoquei.

— Besta! — Ela riu. Sua risada alcóolica era linda. — O segundo dia então. — Observei o previsível revirar de olhos. — Saindo daqui, vamos comer hambúrguer de rua, não vamos?

— Claro.

— O que foi? — Seu semblante mudou. Eu não queria estragar sua noite.

— Talvez eu só esteja velho demais, ou louco pra arrancar esse vestido. — Grudei a boca no seu pescoço, fingindo ser um cachorro, fazendo cócegas. E ela me presenteou com a gargalhada sincera.

Topei mais uma rodada na pista. Mais uma rodada de tequila. Mais uma rodada de beijos inapropriados na multidão. Mais uma rodada de risadas. Mais uma rodada de debates que eu mal sabia mais o que estava saindo da minha boca.

E tudo foi acalmando. As pessoas se retirando. A música ficando mais lenta e baixa. Os copos sendo recolhidos. E finalmente o dia clareou. Preso na missão de fazer aquela noite inesquecível, reuni ânimo sei lá de onde e encorajei os meus a irmos comer o maldito hambúrguer.

A alegria da minha tigresa me atingia com um impacto violento. Agia como uma droga potente no meu organismo. De alguma maneira, foi como se eu estivesse devolvendo parte do seu passado perdido, injetando uma dose de vida naquela mulher.

Me perdi no labirinto brilhante que seus olhos se tornaram, logo me encontrei nas sombras ocultas que eles também guardavam. Sorri. Sentados em uma mesa de concreto no meio da praça, a sensação espinhosa pairou de novo.

Meu lanche perdeu o sabor. Respirei fundo. Ninguém notou, nem mesmo Ester que falava pelos cotovelos com Amélia e Maria. Um vento gélido atípico varreu as folhas secas com força. A copa das árvores se curvaram para um lado e depois para o outro.

Meu sonho relampejou na mente. A moça loira de vestido branco respingado com sangue correndo. Ester. O estômago encolheu. Tudo silenciou, enquanto ela corria na minha frente, como uma projeção em 3D, como se eu estivesse sonhando acordado.

— Amor! — Sua voz me despertou. Todos me olhavam sérios, confusos.

— Caleb, você tá bem? — Maria perguntou por pura educação, seu olhar deixava claro que ela sabia que não.

— Cansado. E bêbado. — Tentei descontrair.

— Vamos pra casa, meu príncipe das sombras. — A mão macia pegou a minha. — Vamos Maria. Vocês se importam? — Ela se dirigiu aos outros.

— Vamos todos, já deu nosso tempo, hora de virar abóbora de novo — Amélia brincou.

Meus olhos pesaram. Dirigi bem devagar até em casa. Ester desmaiou no banco do passageiro. Troquei olhares com Maria pelo retrovisor. Ela colocou o dedo contra os lábios, pedindo silêncio.

Quando chegamos, peguei minha esposa no colo. Ester resmungou, mas nada a acordaria tão facilmente. A coloquei na cama, tirei sua roupa, a deixando de calcinha. Cobri seu corpo com o lençol, regulei o ar e desci.

Maria me esperava em uma das espreguiçadeiras em volta da piscina. Zeus ficou com sua nova dona, como sempre.

— O que aconteceu? — Relatei tudo o que eu senti. — Pode ser as emoções humanas falando mais alto. Quando tudo tá indo muito bem, eles costumam esperar por uma desgraça.

— Não sei... — Olhei para trás, me certificando de que Ester não estava por ali. — Não fui completamente sincero com ela. Deve ser o peso da culpa.

— Caleb! Não tem como Ester saber que você causou o acidente dos pais dela de propósito, sossega.

— Eu falei pra ela que não interferi pra que nossas vidas se cruzasse de novo, mas é mentira. O acidente foi o efeito borboleta, o efeito dominó.

Sabe o que isso significa? — Me sentei atordoado. — Que eu tô sendo como meu Pai!

— Meu querido, mas você sempre soube que vocês tem alguns pontos em comum... seria estranho se não tivessem...

— Tô com medo do sonho, Maria. Ester tá correndo de mim? Me abandonando? — Meus olhos encheram. — Ela vai me culpar por Raquel?

— Você não sabia da Raquel... para de surtar Caleb... — Maria quase gritou, se acalmando em seguida. — Você não tinha todas as informações... e eu volto a repetir, sinto sua mulher fria sobre esse assunto...

Soltei o ar pela boca com força.

— Eu te odeio Rafael! — Levantei, gritando, com os olhos voltados para o céu.

— Não grita! — Ela levantou também, segurando meu rosto com força. — Olha pra mim! Caleb! Shiu, shiu! Ester não vai te deixar. — Seus olhos tão negros quanto a noite penetraram na minha alma.

— Algo vai acontecer, Maria... eu sinto... — falei resignado.

— Se acontecer, você vê o que faz, agora descansa, meu menino... — O beijo suave na minha bochecha me trouxe um alívio repentino.

Abri a porta da sala e senti a presença de Rafael, porém, ele não se materializou.

— Não é bem-vindo!

— *Caim e Abel...*

— Some, Rafael! — Meu maxilar travou.

Capítulo 63

ESTER – TERRA SANTA

Europa. Oriente Médio. Ásia.

O último mês passamos mais no céu do que na terra. Eu não aguentava mais ver um avião, pisar em um avião, dormir na porcaria de um avião. Caleb havia comprado um jato particular e apesar de todo luxo, aquilo era claustrofóbico.

Entrevistas, entrevistas e mais entrevistas. Reuniões cansativas com grandes autoridades. Algumas anunciadas nas mídias, outras na clandestinidade.

E apesar de já ter entendido da forma mais literal possível que a igreja Católica possuía seus mistérios e toneladas de sujeiras, eu me senti impactada quando o Papa solicitou um almoço com Caleb e sua digníssima esposa, em uma das suas casas de verão em Castel Gandolfo nas Vilas Pontifícias.

Na ocasião, Caleb não precisou registrar o translado, não poderia existir evidências. Pousamos em uma fazenda na França, onde um carro escuro nos aguardava. Paz. Silêncio. Sem multidões nos enaltecendo ou odiando. Livre dos repórteres e seus flashes ofuscantes.

Foram seis horas até um ponto ermo da estrada, onde trocamos de carro. Aquilo começou o me deixar tensa.

— Relaxa, acalma o coração. É assim mesmo, minha Ester — ele cochichou no meu ouvido.

E mais sete horas se passaram. Meu corpo implorava por cama, mas não havia tempo, o relógio pesava, girando seus ponteiros pesados com leveza, rapidez. Envolta de um cansaço desumano, me vi em um belo jardim. A suntuosidade do lugar era inenarrável, uma volta ao século passado. Monárquico. Riqueza, muita riqueza compunham aquelas paredes, objetos e trajes.

Dinheiro suficiente para suprir boa parte da população que perecia em seus subempregos. Por baixo de tamanha beleza, uma face oculta, maligna. Éramos peças de um jogo, comandados pelos reis. Súditos embrulhados em suas mazelas, enquanto o ouro banhava uma ínfima parte da população.

Um teatro muito bem arquitetado e quem dirigia eram os poderosos. O palco vulgarmente chamado de mundo, estava repleto de pegadas de sangue. Joelhos imundos curvados em troca de um suposto paraíso inalcançável, enquanto o seu semelhante, a quem supostamente deveriam

amar como a si mesmos, provava o sabor amargo da fome corroendo as paredes de seus estômagos.

Caleb me salvou do laço espinhoso da hipocrisia. Me desliguei por bons minutos. As palavras em italiano pareciam distantes e eu entendia muito pouco o idioma. O azul anil pairando sobre nossas cabeças parecia um mar sereno, parado, como se a qualquer momento fosse desabar sobre nós.

— Temos um acordo de cavalheiros, senhor Caleb? — Finalmente falaram em espanhol. Os dois apertaram as mãos, me trazendo de volta ao palco sangrento.

— Com certeza, senhor.

Alguém trouxe chá, pães, frutas. Um brunch. Que horas eram? Eu não fazia ideia. Meus ponteiros pararam, ainda estava presa no tal acordo entre o Diabo e o Papa, mastigando aquilo, tentando digerir. Me mantive quieta, como se minha alma assistisse de longe aquela cena perturbadora.

Não podia negar, estar casada com o grande roteirista daquele filme maquiavélico, me trouxe alívio. Rasguei o véu da alienação, doeu, sangrou, me deparei com o mundo como ele é e não como a utopia fanática religiosa pregava.

Os ponteiros voltaram a girar, frenéticos. Carro, estrada, jatinho, cochilos, dor das costas, tédio, saudades do Zeus e finalmente um banho no meu banheiro, com meu homem esfregando as minhas costas, louco por uma foda.

— Qual era o acordo? — Deixei para questioná-lo em casa, havia um combinado entre nós, determinados assuntos, debatíamos apenas no nosso covil. — São sobre os tais arquivos secretos?

— Também, mas a preocupação é com o livro real da contabilidade... — Caleb me virou de frente. — Os arquivos secretos tão falados, estão acessíveis a estudiosos, é uma cortina de fumaça, um sensacionalismo pra despistar a verdade... criam-se teorias, narrativas, especulações, não tô dizendo que sejam mentiras, mas não é nada demais, apenas alimenta a galera que ama uma teoria da conspiração.

— É tudo sobre dinheiro... — conclui o óbvio.

— E poder, afinal, estão ligados, um não existe sem o outro, o homem descobriu que a desgraça alheia gera grandes lucros. Guerras, fome, pandemias... o mais forte, vence. E como manter o povo preso no sistema? Migalhas, promessas, emburrecendo a sociedade. O falso devaneio de que toda essa tecnologia é uma grande evolução.

— Obrigada por me resgatar dos idiotas. — Beijei seu peito molhado, conduzindo nossos corpos até a parede.

— Sempre... — Caleb colou as costas contra a superfície fria. Escorreguei os lábios pela pele em brasa, deslizando a língua por cada ondulação sólida de sua barriga, até me ajoelhar aos seus pés.

Lambi a virilha, envolvendo a base da sua ereção com uma das mãos. As veias salientes pulsavam, como se fossem rasgar a pele fina. Abocanhei a cabeça convidativa. O sabor salgado de sua excitação permeou minha boca.

Engoli devagar toda a extensão rígida, contornando seu pau com a língua, umedecendo. Desci mais um pouco, até sentir o incômodo no fundo da garganta e sincronizei os movimentos. Os dedos dele cravados na minha cabeça, enquanto seus gemidos despudorados e fortes se misturava ao som da ducha ligada.

Agarrei suas coxas, tateando os músculos contraídos. Ele não conseguia falar quando eu o chupava. Seu tesão apagava as palavras e esvaziava sua

mente, segundo o próprio Caleb. As reações do seu corpo corroboravam com aquela afirmação.

Fui presenteada com o líquido morno, viscoso e naquele momento, com uma nota adocicada. Deixei escorrer pela minha garganta, saboreando, sem derramar uma gota sequer.

— Você acaba comigo...

— E você adora...

Terminamos o banho e fomos para a cama. Queríamos nos devorar, mas nossos corpos exaustos não deixaram. Não havia forças. Todo o desgaste físico caiu sobre a gente e apagamos nos braços um do outro, nus, embalados pelo amor sombrio que nos unia.

Fomos acordados com Maria esmurrando a porta. Perdidos no tempo, zonzos de sono.

— Caleb, abre! — ela gritava abafado do outro lado. Zeus começou a latir, desesperado. Meu marido levantou, enfiando uma cueca samba canção aos tropeços.

— Meu Deus, o que foi?

— O delegado... — Levantei enrolada no lençol, meu coração parou e voltou a bater forte, frenético. Os olhos escuros de Maria caíram sobre mim. — Se troquem e desçam.

Ela saiu. Permaneci no mesmo lugar, em choque, apesar de não saber o que de fato estava acontecendo. Caleb colocou uma roupa casual.

— Ester! — Sua voz me puxou de volta. — Se troca. — Não gostei do tom. Raquel estava morta?

Coloquei o vestido branco solto que estava na cadeira e descemos. Luís nos aguardava em pé na sala, aquela expressão não era a de quem trazia

boas notícias. Apressei os passos. Zeus me acompanhou, ressabiado.

— Não faça rodeios. — Segurei os braços do delegado. — Fala, ela tá morta?

Ele suspirou, olhou para o Caleb e depois me encarou.

— Seria melhor se estivesse, me perdoa senhora Ester. — O soltei, assustada. — Em quase quinze anos na polícia, confesso que poucos casos me chocaram, e esse é um deles. — Caleb se aproximou. — Recebemos uma ligação anônima, eu recebi... antes que me perguntem, era número descartável, me deram a localização exata de onde Raquel está, fui até lá, precisava conferir e...

Luís puxou o ar pela boca, soltando em seguida. Ele queria chorar. Levou a mão até a boca, aturdido.

— Onde ela está? — Caleb o confrontou. — Por que não a trouxe?

— Eu não sei o que fazer com ela — ele gritou. — Eu travei, eu...

— Onde ela está? — gritei.

— Em um cativeiro, na divisa da cidade, é um mata fechada. — Com as mãos trêmulas, ele pegou o celular e enviou a localização para o Caleb.

— Eu vou com vocês — Maria anunciou.

Saímos apressados. Luís ficou. Meu coração também ficou. Eu era só uma casca. Ninguém abriu a boca. A tensão dominou o interior daquele carro, como uma pedra esmagando nossos peitos.

Capítulo 64

CALEB – TERRA SANTA

O prelúdio do que estava por vir me corroía. Acelerei o jipe até quase estourar o motor tão potente. Eu podia tocar na atmosfera nefasta que nos embalava com suas garras pontudas. O cheiro de morte impregnou minhas narinas.

O caminho era terrível, uma estradinha escondida entre tantas árvores. Estreita, cheia de solavancos e pedregulhos. Alguém estava respirando? Olhei para Ester, depois busquei Maria. Olhares perdidos em um vazio qualquer.

Cinco da tarde. O céu azul ganhava nuances cinzas. Nuvens com cor de sujeira cobriam a cor viva de outrora. Peguei a esquerda na bifurcação e logo avistei a casa em ruínas. Abri o porta-luvas tateando a Glock e enfiei a arma no cós da calça jeans.

Ester desceu, tentou correr, mas a segurei.

— Deixa eu entrar primeiro.

— Não! Não! Eu preciso ver a minha irmã, me solta!

— Ester. — Maria com seu tom maternal a abraçou. — Escute o seu marido, fique comigo.

— Eu não quero... — Mas Ester se agarrou na cintura dela.

Entrei. Cheiro de urina e fezes pairavam no ar. Baratas corriam pelo que restou das paredes sujas de sangue e lama. Um gemido baixo me guiou pelo corredor estreito fétido. Parei na porta do cômodo.

— Minha nossa... — Fechei os olhos e respirei fundo.

Seus olhos foram arrancados. No lugar de um dos seios, um banquete de carne podre reunia vermes e moscas. Nua, o corpo brutalmente ferido ainda se mexia. Entre suas pernas, uma ferida exposta, pulsante.

— Hã... hum... — Tampei o nariz e me aproximei. O braço fino, esquelético, deslizou devagar pelo chão imundo. Um pedido de ajuda. — Hã... — Ela abriu a boca devagar.

Não levaram apenas os olhos. A língua também. Não tive dúvidas, a desovaram ali acreditando que estava morta. As palavras de Luís fizeram sentido. O que restou daquela mulher, ainda que o corpo físico fosse salvo?

Senti o cheiro de Ester contrastando com a putrefação em vida. Não houve um grito de dor, desespero. Seus passos vagarosos se aproximaram. Maria parou na porta, levando o dorso da mão ao nariz.

— Precisamos de uma ambulância — falei, pegando o celular, torcendo para que tivesse sinal ali.

— Não. — Ester tirou o aparelho da minha mão. Olhei para Maria, confuso. — Raquel, sou eu. — A irmã largada no chão se agitou, a respiração fraca ficou mais pesada e de novo, ela tentou erguer o braço.

— Ester, precisamos chamar ajuda, ela vai morrer. — Levantei seu queixo, mirando o olhar que eu tanto amava.

— Sabe com que me casei, Raquel? — Ester falou sem tirar os olhos dos meus. — Sabe? Não, não foi com Cristo como você. — Soltei seu rosto um pouco confuso. — Olha só o que você ganhou por ser tão dedicada ao Senhor! — Ela abriu os braços, havia um sorriso sutil em seus lábios. — O seu Deus permitiu essa merda toda.

— Hã... huum...

— Cala a merda dessa boca imunda, deixa eu adivinhar, tá querendo recitar algum versículo? Salmo? Vai se foder, Raquel! Eu te amei, acreditei que precisava ser como você, te idolatrei por muitos anos, mas também te odiei com muita força — Ester gritou. — Enfiaram na minha cabeça que eu tinha que ser a sua imagem e semelhança, como se você fosse a porcaria de uma deusa! Mas, você? Você me dedurava, era igualzinha a Ruth, sua crença era a verdade absoluta. Me dedurava e se regozijava quando o castigo vinha, só porque eu tinha assistido o caralho de um filme onde dois adolescentes se beijavam! — A risada histérica ecoou pelas ruínas. Gotas pesadas começaram a cair do céu. — Quando papai e mamãe morreram, não pude expressar minha dor como queria, por sua causa! E me apeguei a você mais uma vez, como se fosse minha tábua da salvação.

— Ester...

— Deixa... — Maria entrou, segurando meu ombro com carinho. Minha mulher estava alterada de um jeito que eu nunca havia presenciado.

— Mas, sabe quem me salvou? O meu marido, Raquel! — Ester batia no peito com força, deixando a região vermelha. — Eu me casei com o Diabo, com o meu anjo das trevas! — Ester veio até mim e puxou a Glock. A ensinei a manusear vários tipos de armas. — Eu deveria tentar te salvar, maninha, mas ainda sou uma pessoa boa, você é fraca, não aguentaria viver com os traumas que o seu Deus jogou na sua cara.

— Ester... — intervi mais uma vez.

— Dê a Extrema-Unção padre!

— Ester, porra!

— Dê, padre! — Ela balançava aquela arma de um jeito perigoso. — Dê a Extrema-Unção, agora!

— Por esta Santa Unção e pela Sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na Sua misericórdia, alivie os teus sofrimentos. Amém.

Ela se aproximou, mirou no meio das órbitas vazias de Raquel e sem hesitar, com a Glock firme entre seus dedos, puxou o gatilho. O sangue respingou no vestido branco. Meu coração deu um solavanco. Ester soltou a arma e correu.

Fui atrás dela. A chuva aumentava. Minha mulher corria entre a mata, sua risada ecoava pelas folhas.

— Ester! Ester! — gritei. — Espera! Onde você vai? — Então ela parou, perto de um penhasco.

— O sonho, padre! O sonho! Vem! — Ela me chamou com a mão. Fui até lá. — Você estava aqui. O abismo olha de volta para você... Além do bem e do mal. Muito bem. E o que há além do bem e do mal, padre?

— O que há, Ester?

— Nós...

Às vezes eu não sabia definir se era a minha escuridão que invadia aquela mulher, ou o contrário. Foi árduo chegar na profundeza obscura do seu coração, mas uma vez ali, era impossível sair.

Meu espírito livre entrava em êxtase quando minha eterna amada reencarnava sombria, por vezes precisei me afastar quando ela chegou na Terra Santa, me sentia confuso. Como podia aquela moça assustada, indefesa, carregar algo nefasto em seu peito?

Suas íris não me enganavam. Dentro de mim, as vozes gritavam: é ela. Ao mesmo tempo, Ester conseguia anarquizar minhas certezas. O espelho de sua alma refletia pura iniquidade, o duelo entre o bem e o mal, travado dia após dia.

Não a transformei em alguém que muitos repudiariam. Não a tornei uma pessoa sem escrúpulos que por incontáveis vezes, planejou com exatidão a morte da própria mãe. Eu apenas sussurrei: acorda, minha princesa das trevas.

— Nós... — repeti.

Beijei sua boca. A chuva de verão nos reverenciou com gotas mais densas e abundantes. Seus demônios eram lindos, dançavam a Valsa da Morte ao nosso redor, celebrando o amor sublime e sombrio. A melodia fúnebre das águas caindo, afinavam as nossas verdades.

A penumbra ganhou espaço. Meu corpo vibrava. Ester ecoava como uma poesia sombria, gravando seus versos e estrofes em cada partícula que me mantinha vivo. Molhados, excitados. Mas não estávamos sozinhos.

Percorremos o caminho lamacento de volta, onde Maria nos aguardava dentro do carro. Os dias passaram, Ester não havia tocado no assunto até então.

Era um sábado, final de tarde. Iríamos receber Amélia e Theo para um jantar, algo banal, fortalecer os laços. Organizamos a mesa lá fora, a brisa fresca não poderia ser desperdiçada.

Bebida boa. Comida fina e assuntos aleatórios. Risadas, filosofias e como sempre, vez ou outra, surgia um papo sobre negócios.

— Eu me pergunto... — Theo bebeu mais um gole de cerveja, um pouco alterado, alegre demais. — O novo empreendimento, não tão novo assim, você entenderam. — Ele riu. — De onde surgiu a ideia, Caleb? De onde veio essa sementinha maligna pra você fomentar?

Suspirei, refletindo sobre aquilo. Maria me encarou, quase uma repreensão, seu olhar dizia claramente para eu não responder.

— Você ficaria surpreso, doutor... — Alisei a haste da taça e discretamente, mirei a autora da ideia: Ester.

Ela parecia alheia, rindo e gesticulando, enquanto Amélia prestava atenção em cada palavra que saia daqueles belos lábios que quase sempre, carregavam a cor vermelha.

Theo deu de ombros, no dia seguinte não se lembraria que me fez tal pergunta. A noite seguiu agradável.

— Isso aqui é bom demais, que carne é? — Amélia questionou com a boca cheia, devorando o filé. — Diferente...

— Digamos que é uma carne exótica, algumas pessoas pagariam milhares por um prato desse, talvez um novo negócio, sou viciado em empreender.

— Segredo? — Ela limpou a boca.

— Por enquanto sim. — Pisquei.

Se os órgãos valiam muito dinheiro, a carne humana também e eu odiava desperdiçar qualquer tipo de oportunidade que pudesse encher mais os meus cofres.

O mundo estava repleto de pessoas com gostos peculiares.

Brindamos a vida. Brindamos o amor.

Capítulo 65

ESTER – TERRA SANTA

O Diabo não se parece com nada do que nos é ensinado. Muitas vezes, ele é apenas o nosso reflexo no espelho. Alguns vendiam a alma para o Senhor das Trevas, outros, já nasciam com ela vendida.

Se me perguntassem em que ponto me perdi, ou me encontrei. Em qual ponto a chave virou? Eu não saberia responder. Mas em algum momento, acessei aquele lugar intangível na minha mente, onde geralmente não conseguíamos decifrar em palavras o que pensamos.

Era sombrio, funesto e me senti confortável ali. Equilibrando na linha tênue, mascarando a camada monstruosa, tentando me agarrar ao que

diziam ser certo. Tentando manter o jardim florido, enquanto aos poucos, as doutrinas atiradas contra a minha mente, o transformava em um cemitério abandonado.

Não importava se meu corpo fosse comido por chagas, se o sangue em minhas mãos, obstruísse minha passagem pelos ilusórios portões do paraíso. Onde não houvesse Caleb, não tinha como ser denominado assim. Ele era o meu paraíso.

A vida sangra. Sangue é vida. Quente, percorrendo nossas veias, explode no nosso útero, seguindo um ciclo. Vivo, essencial, necessário. Tirei meu coração das páginas da Bíblia e entreguei nas mãos do meu marido, que o segurou com força.

Cheguei na Abadia por causa de Raquel. Eu a buscava, como uma mulher cega busca seu amante que resolve as entraves do casamento no soco e empurrões. A sensação de precisar daquele ser humano, se apegar aos fragmentos bons, ignorando as agressões, as palavras que feriam mais do que punhaladas no peito.

E quem podia entender com clareza? E quem podia julgar? Mas julgavam. Madrugadas insones, permeadas pelos pensamentos sombrios. E se eu empurrasse Ruth escada abaixo enquanto ela rezava baixo com seu terço nas mãos, andando pelo corredor como uma alma penada?

Um travesseiro no rosto quando Euclides estivesse pernoitando em alguma cidade vizinha por causa do trabalho. Me equilibrei nessa linha tênue e, quando tropeçava, caia nas garras do fanatismo. Do medo.

Queria matar aquela versão da Ruth, clamei a Deus para que devolvesse a mãe que nunca tive, cheguei a pensar, com a ignorância de uma criança, em mandar uma carta para o Vaticano, pedindo um exorcismo.

Tirem Deus do corpo da minha mãe...

Eu me lembrava com perfeição, era uma manhã de sábado quando a professora da catequese falou sobre Caim e Abel. Naquele dia, não fiquei divagando, a história prendeu a minha atenção de um jeito peculiar. Anos depois, na faculdade, minha análise foi mais profunda.

Caim foi considerado o perverso, o primeiro assassino, quando o termo sequer existia, quando os Dez Mandamentos não existiam. Deus rejeitou o sacrifício de Caim, fez diferença entre os irmãos. Tomado pela ira, muito provavelmente sem conhecimento o suficiente para saber que a pedrada mataria o irmão. Como saberia? Eram os primeiros seres humanos, ninguém havia morrido na mão do outro até então.

O que conheciam sobre a morte? Apenas as caçadas. E como, naquela época, imaginariam que somos tão parecidos com muitos animais? Ele agiu na impulsividade. O descontrole era inerente ao ser humano e suas consequências, imprevisíveis.

E seguindo o evangelho, Deus sabia o que aconteceria. E mesmo assim, Ele permitiu.

Interpretações podiam ser bem pessoais.

Então, como acreditar fielmente em um livro que parecia ter sido escrito em códigos, brincando com o poder de interpretação de cada um?

Eu estava lendo as notícias sobre Saul, o novo Papa, quando Caleb entrou no meu escritório.

— Qual será o tema da sua festa de trinta anos, princesa? — Eu ainda sentia a paixão ardendo dentro de mim. Sua barba um pouco mais evidente, porém, aparada, exibia alguns pelos grisalhos, o deixando mais charmoso.

— Pensei em uma festa de Halloween. — Os olhos ofuscantes, escarlate, brilharam.

— E você já tem uma fantasia em mente, senhora Ortega?

— Ainda não, mas posso me fantasiar de Eva agora... — Ele riu, deu a volta na mesa e virou minha cadeira, se ajoelhando aos meus pés. — Leu meu discurso sobre Caim e Abel?

— Claro que li, perfeito. Saul estava certo, milhares de mulheres te idolatram. — As mãos atrevidas esfregaram minhas coxas. Caleb inspirou entre minhas pernas.

— Padre... — gemi, prendendo o lábio inferior com os dentes.

— Tigresa... — Ele puxou minha calcinha, desenrolando até os tornozelos, passando com cuidado pelos saltos finos.

Caleb me agarrou, me colocando sentada na mesa. Enquanto nossas bocas se devoravam, abri o cinto e depois o zíper de sua calça. As mãos fortes subiram a saia mais justa. Fui preenchida pelo seu tesão, contraí a boceta, envolvendo seu pau.

Os dedos cravados na minha cintura, enquanto os dentes brincavam com a minha língua, lábios. Uma foda rápida na pausa do almoço. Caleb não gozou, me deitou na mesa e chupou a minha boceta com a mesma vontade alucinante de sempre.

Os estalos, os gemidos, os pés do móvel riscando o chão. O grito agarrado nas paredes, embebido em prazer, quando gozei. Ele se enterrou em mim de novo, frenético. Sua mão veio de encontro ao meu pescoço, pressionando minha garganta.

Olhares travados. Corpos famintos. Gemidos em várias escalas. E meu eterno padre gozou.

Nos beijamos, ele subiu as calças com a cueca e me chamou para um banho. Penteei os cabelos com os dedos, arrumando a saia e vestindo a

calcinha de novo. A ducha foi rápida, Caleb tinha uma reunião. O nosso templo se espalhou pelo mundo. A Egrégora El Dragón ganhava novos membros todos os dias.

Fui para a cozinha, guiada pelo cheiro de pernil assado. Zeus lambeu o focinho, esperando seu pedaço sem temperos, como o bom menino que era. Terminei o almoço, dei um beijo no rosto da Maria e segui para o salão.

De cabelos renovados, caminhei pela rua repleta de lojas. O sabor da felicidade era viciante, refrescante. Pensei em Samanta e João. Nas poucas mensagens trocadas com ela por uma das minhas redes sociais, minha antiga colega parecia vibrar com a minha ascensão. Ele me seguia, vez ou outra, curtia uma foto, não passava daquilo e eu não me importava.

Como eu sempre costumava dizer, a faculdade acabava e junto com ela, as amizades evaporavam, nunca fiz questão em manter. Na atual circunstância, era melhor assim.

A estátua de ouro reluziu na praça principal, cada traço do meu marido esculpido com perfeição, captado com exatidão naquele monumento. Sorri. O meu messias.

Não houve bolas de fogo do céu, dilúvios, cavaleiros cruzando as ruas desertas, trazendo o terror em seus cavalos enormes.

Já vivíamos o fim dos tempos. Em cada brecha, o ser humano se comportava como um selvagem, nós éramos o próprio mal. Mexíamos onde não devíamos, brincávamos de deuses com a natureza. Incitação do ódio. Bullying. Emoções descontroladas sendo descarregadas em forma de tiros ou facadas.

E como sempre, culpar uma figura mítica era mais fácil, mais simples. Trazia alivio na consciência já corrompida.

Noivei com Cristo. Me apaixonei por um padre. Me casei com o Diabo.

Epílogo

Eu estava sentado em um dos sofás de veludo do bar. Entediado. Nova York era barulhenta, fedia merda e o mundo andava de mal a pior. Levantei, caminhando até a réplica da icônica Jukebox.

Saudades das originais, mas tudo se tornava cada vez mais digital. Passei o celular no leitor ao lado e selecionei minha música preferida. Sympathy For de Devil.

— Eu acho bom que esteja certo mais uma vez, Rafael — falei baixo, a meia dúzia de gato pingado não podia vê-lo. Não que fizesse diferença, estavam bêbados demais para notarem um rapaz conversando com as paredes.

— Alguma vez eu te decepcionei, irmão?

— Não, mas já me enfiou em cada merda — falei entredentes.

— Três, dois, um. — O anjo contou e a porta abriu.

— Socorro! Socorro! — A bela jovem de cabelos negros entrou desesperada. Short curto, botas de cano alto e uma camiseta justa na altura do umbigo.

Quase ninguém se comoveu. Às quatro e meia da manhã? Mais uma bêbada. Mais uma drogada. Quem se importaria?

Os olhos possuíam um tom de azul neutro, claro, quase desbotado.

— O que aconteceu? — Me virei e com passos largos fui até ela. A moça ofegava, ameaçando chorar. — Calma, tá segura comigo. O que aconteceu?

— Ele... um homem... começou a me seguir ali no beco! — O braço apontava para fora, as inúmeras pulseiras tilintavam em seu punho fino. — Acabei de sair do serviço, eu juro que não estava...

— Qual seu nome? — perguntei com um sorriso nos lábios.

— Hela...

— Uau, Hela é a deusa do submundo — brinquei, mas não deixava de ser verdade. Olhei para Rafael, o desgraçado sorria. Hela soltou um riso frouxo. — Senta, vou pegar uma bebida pra você.

— Não precisa, eu só quero pedir um carro e ir pra casa, graças a Deus o bar estava aberto.

— Deus não, moça. Aqui é a Toca do Diabo. — Ela riu, sem sequer imaginar que não se tratava apenas de um trocadilho idiota com o nome do bar. — Peça seu carro, enquanto isso, tome algo pra acalmar.

Hela concordou, me acompanhando. Dei a volta no balcão, os olhos opacos seguiram meus movimentos, surpresos.

— O bar é seu?

— Aham! Aliás, permita-me me apresentar, sou um homem de fortuna e requinte... — parafraseei a música que tocava. Hela relaxou, o sorriso formava duas lindas covinhas.

— Eu também gosto de Rolling Stones, senhor Diabo! — Garota esperta.

Reparei nos cílios longos, fiquei em dúvida se eram artificiais. Sobrancelhas bem feitas, unhas compridas, vermelhas e com as pontas lascadas. O rímel manchava com sutileza seus belos olhos. Nos lábios, resquícios de um batom escuro. Servi uma água tônica.

— Quer misturar um pouco de álcool pra relaxar?

— Não, por hoje chega... — Ela tomou um gole generoso. — Gosto desse sabor amargo e da sensação das bolhas estourando na boca. — Hela lambeu os lábios. — Obrigada. — Sua atenção voltou para o celular, parecia preocupada.

— Trabalha com o que, Hela?

— Agora é a hora que serei julgada... — O revirar de olhos encheu meu coração sombrio de saudades.

— Garota, eu sou o último a julgar alguém, vamos lá! — Peguei um copo e coloquei dois dedos de whisky bom. — Garçonete em alguma espelunca, aguentando homens asquerosos que pedem seu número incansavelmente!?

Hela colocou o celular com a tela virada para o balcão de madeira envernizado e deu um longo suspiro.

— Não, achei que mataria logo de cara, senhor... qual o seu nome?

— Hector! Hector Stone. — Estendi a mão, ela apertou com firmeza. Centenas de anos percorreram minha memória. Ester se fez viva na minha frente.

Mirei seus olhos, buscando pela certeza. Meu coração perdeu o compasso. Rafael estava certo, era ela. A minha amada. Sua vida como Ester foi a que mais me fez chorar quando seu corpo terreno desligou.

Um ano.

Um ano inteiro derramando lágrimas e sangue. A dor lancinante que ao invés de amenizar, latejava, viva, inflamada. Como era difícil controlar os instintos, a vontade avassaladora de agarrá-la e me encontrar de novo em seus braços.

Meu sangue agitado ferveu. A temperatura aumentou. Fechei os olhos e virei de costas.

— Tá tudo bem? — O toque veio suave no meu ombro. Precisava de mais, precisava de tudo.

— Claro, claro. Eu ando tendo umas dores de cabeça meio repentinas — menti, acalmando o terremoto dentro de mim. Respirei fundo e me virei de novo. — Continue, o que você faz?

— Eu faço... programa... — Hela não manteve o olhar em mim. A vergonha a comia viva. — Eu sou uma bagunça, tudo começou pra manter a porcaria do vício...

— Pó?

— Pó... — Seus ombros subiram e desceram. Eu tinha toneladas de pó para ela. Abri o meu melhor sorriso, me debruçando no balcão, sem desviar meu olhar do dela.

— Ei, psiu! — Ela ergueu os olhos azuis, um pouco hesitante. — Eu gosto de uma boa baguncinha, Hela.

O riso nasalado, sem graça, me trouxe um pouco de melancolia.

— Você ouviu que eu sou uma... hã... prostituta? — Ela coçou o nariz, tímida, mas o sorriso encantador estava prestes a decorar aqueles lábios que eram meus.

— Ouvi. E eu já disse, não julgo. — Hela tomou mais gole da tônica, pensativa. — Nada de carros pelo aplicativo? — Apontei para o aparelho com o queixo.

— Nada... que horas você fecha? Falta pouco para amanhecer, aí vou me sentir mais segura, só não quero atrapalhar...

— Eu não tenho horário, trabalhamos vinte e quatro horas, quando eu não estou, Medina me ajuda, minha funcionária de confiança, quase uma mãe... se quiser, posso te levar embora, mas no fundo, adoraria ter um pouco mais da sua presença por aqui. — Pisquei.

— Sei! — Seu coração bateu diferente. Minha Ester veio quebrada, apesar de lindíssima, a autoestima estava abaixo de zero. Virei meu whisky.

— Me concede uma dança? — Estendi a mão com a palma virada para cima, contornando o balcão. Hela me olhou desconfiada, mas estava louca para aceitar.

— De que século você veio, belo cavalheiro?

— Eu gritei, “quem matou os Kennedys?” quando afinal, fomos eu e você... — Continuei usando a música, camuflando as verdades em versos com meu tom mais divertido. Fomos até a Jukebox. — Pode escolher.

E quando Never Tear Us Apart começou a tocar, o choro entalado de anos subiu pela minha garganta, como um verme pegajoso, mas o mantive

preso. Abracei sua cintura, tocando a pele macia sem intenção.

Ela colocou os braços por cima dos meus ombros. Seu cheiro era doce, baunilha com cereja. Meu corpo gritava pelo dela e meu coração se derramava.

I was standing, you where there, two worlds collided, and they could never ever tear us apart... (Eu estava em pé, você estava lá, dois mundos colidiram e eles jamais poderão nos separar)

— Há muito tempo um homem não me trata bem assim... — Hela sussurrou no meu ouvido, encostando a cabeça no meu peito.

— São uns idiotas... — Afaguei seus cabelos. — Se pudesse fazer um pedido, qual seria? — perguntei. Ela suspirou. — Aproveita, você tá na Toca do Diabo, vai que ele te escuta...

— Acho que nem ele me quer por perto, Hector...

— Duvido muito. — Nossos corpos pararam, mas a música continuou. Minha amada ergueu a cabeça, me encarando. — Qual pedido faria? — Travamos nossos olhares.

— Me livrar do meu cafetão... ser amada de verdade... uma vida nova...

— Sabe, Hela? — Respirei fundo. — Tudo pode acontecer... — A vontade de dizer que ela já era amada de verdade, há séculos, fazia cócegas na minha língua.

A porta abriu em um repente. Perséfone entrou arrastando Medina. Hela deu um grito animada, agachando. Minha Pitbull correu até ela, quase a derrubando.

— Perséfone, para! — Fiz um barulho com a boca, a cachorra obedeceu, se sentando.

— Pode deixar, eu amo essas preguinhas lindas! — Hela sorria, como uma criança.

— Bom dia...? — Medina cumprimentou, divertida, carregando uma sacola com pães.

— Bom dia, eu sou a Hela! — Ela a abraçou. Medina demorou um pouco para retribuir, surpresa. Quando entendeu, piscou para mim, envolvendo Hela em seus braços.

— Assume pra mim? Vou levar essa linda donzela pra casa.

— Claro!

Saímos do bar. A manhã estava gelada, coloquei minha jaqueta de couro em volta dos ombros de Hela. Meu Impala ficava estacionado na rua paralela.

— Fiquei pensando, e se o Diabo ouviu meus pedidos e sei lá, quiser a minha alma?

— Eu acho que não é bem isso que ele quer e talvez, ele nem seja um cara tão mau. — Sorri para ela. — Onde mora?

— No Harlem... gosto das suas tatuagens. — Hela dedilhou meu braço fechado por desenhos controversos. — Pode me deixar em algum metro, não preci...

— Shiu! Quero ver onde mora, Hela, assim fica mais fácil quando eu for te buscar pra jantarmos um dia desses. — Abracei seu ombro. — Aceita?

— Aceito, Hector...

Entramos no Impala preto. As ruas ainda não estavam lotadas. O Sol surgia devagar no horizonte, laranja, como uma bola de fogo, prestes a nos engolir. Os painéis de led perdiam o brilho aos poucos.

Uma nova jornada iniciava. Eu, Hector Stone, iria salvar a minha garota de programa preferida das garras de um cafetão filho da puta.

O ronco do motor rasgou o silêncio da rua. O mundo entrou em harmonia mais uma vez. Minha Ester. Minha Hela.

E não se esqueçam, o Diabo muitas vezes é traiçoeiro, mas jamais duvide do amor dele.

FIM

Agradecimentos:

Obrigada por embarcarem comigo nas minhas histórias mais sombrias e duvidosas.

Obrigada ao meu marido e filho, esse é um agradecimento muito especial, pois são as duas pessoas que convivem de perto com a minha mente barulhenta e caótica, apoiando e entendendo os meus surtos. E claro, agradeço imensamente as minhas leitoras, sejam as mais antigas, as que chegaram há pouco tempo ou aquelas que acabaram de chegar. Espero que continuem por aqui e que quem sabe, eu me torne uma das suas autoras favoritas em breve.

Minhas outras obras:



Sobre a autora:



Vivo no interior paulista com a minha família. Sou formada em Administração de Empresas, apesar de nunca ter exercido a função na íntegra, trabalhei por doze anos como Compradora Sênior de uma grande empresa. A escrita sempre esteve presente na minha vida, assim como os livros, acredito que há uma ligação fortíssima entre escrever e ler. Sou uma "catperson", amo felinos, gateira com orgulho (e muitos pelos na roupa). Movida a café, cerveja, muita água, comida caseira, criar histórias e Coca-Cola. Passeio entre o clichê, comédia romântica, drama e Dark Romance, às vezes, todos esses misturados em um único livro, costumo dizer que a criatividade não tem limites e amo fazer misturas psicodélicas, como uma verdadeira "cientista maluca". Crio príncipes imperfeitos e vilões apaixonantes.

Redes Sociais:

Se você curtiu essa história duvidosa, vem me seguir nas redes sociais, adoro receber mensagens e surtos! Me segue também na Amazon? Por favor? Aliás, peço a gentileza que deixe sua avaliação, ela me ajuda muito, posso contar com você?

Instagram: @babi.llacerda

Twitter: @babillacerda

TikTok: @babi.lacerda

Página no Facebook: babillacerda